

UMA
(CONSTELAÇÃO
DE FENÔMENOS
VITAIS

ANTHONY MARRA



A^{NTHONY} M^{ARRA}

Uma constelação de fenômenos vitais

TRADUÇÃO DE FABIANA DE CARVALHO



Copyright © Anthony Marra, 2013

Edição publicada mediante acordo com Crown Publishers, um selo de Crown Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc.

TÍTULO ORIGINAL
A Constellation of Vital Phenomena

PREPARAÇÃO
Valéria Prest
Juliana Pitanga

REVISÃO
Suelen Lopes

DESIGN DA CAPA
Christopher Brand

FOTOGRAFIA DA CAPA
Christina Bording

ADAPTAÇÃO DA CAPA
Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-553-8

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3^o andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Para meus pais e minha irmã

E foi essa morte que a bardana esmagada, em meio do campo arado, me fez lembrar.

— Liev Tolstoi, *Khadji-Murát*

O PRIMEIRO E O SEGUNDO DIAS

CAPÍTULO 1

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Na manhã após os oficiais terem queimado sua casa e levado seu pai, Havaa acordou de sonhos com anêmonas-do-mar. Enquanto a garota se vestia, Akhmed, que não dormira nada, deu um passo para fora do quarto, olhando para o céu brilhante do outro lado da vidraça; o sol nascente nunca tinha feito com que se sentisse atrasado. Quando Havaa saiu do quarto, parecendo ter mais do que seus oito anos, ele pegou a mala da menina e ela o seguiu para fora pela porta da frente. Akhmed levou-a até o meio da rua antes de levantar os olhos para ver o que fora a casa dela até a noite anterior.

— Havaa, precisamos ir — disse ele, mas nenhum dos dois se moveu.

A neve afundava ao redor de suas botas enquanto eles olhavam fixamente para a enorme faixa de cinzas no chão do outro lado da rua. Algumas brasas cor de laranja chiavam nas poças de neve acinzentada, mas todo o resto estava carbonizado. Não mais do que sete anos antes, Akhmed ajudara Dokka a construir um cômodo para que a menina pudesse ter o próprio quarto. Ele havia desenhado a planta, serrado a madeira e a cortado em tábuas para transformá-las em um quarto; e quando Dokka prometeu que o ajudaria a construir um anexo caso ele tivesse um filho, Akhmed agradeceu ao amigo e foi para casa, com o nó na garganta evoluindo para um soluçar quando a porta se fechou atrás dele. Carregar aquela lenha por quarenta metros desde a floresta deixara as articulações de seus dedos com bolhas e as axilas encharcadas; no entanto, algumas horas de chamas tinham tomado o que ele levava meses para projetar, semanas para carregar, dias para construir; tudo a não ser rebites e pregos, tudo menos dobradiças e parafusos, tudo pelos ares. E também haviam sido levados os pequenos tesouros que tinham feito daquela casa o lar de Dokka. Havia o tabuleiro de xadrez esculpido à mão que ficava em uma mesa lateral redonda; quando movido, o atarracado rei branco cambaleava, como um homem sóbrio o bastante apenas para ficar em pé, e Dokka batizou sua majestade de Boris Yeltsin. Havia o vaso de porcelana adornado com arabescos persas, e ao lado deste um rádio com toca-

fitas e uma antena longa o suficiente para raspar no teto quando acomodada sobre uma lista telefônica, mas ainda assim curta para captar qualquer coisa além de estática. Havia o Alcorão de oitenta e cinco anos, a capa roxa retorcida e com caligrafia, que o avô de Dokka comprara em Meca. Havia essas coisas, porém as chamas as devoraram, e como o fogo não distingue a palavra de Deus da palavra do Escritório Soviético de Registro de Comunicações, tanto o Alcorão quanto a lista telefônica retornaram à Sua boca no mesmo sopro de fumaça.

Os dedos da menina envolviam o punho de Akhmed. Ele queria jogá-la sobre o ombro e correr para o norte até que a floresta engolisse a vila, mas, diante das madeiras enegrecidas, não conseguia reunir forças para trazer uma palavra de consolo aos lábios, para segurar a mão da garota, para mover seus pés na direção que queria.

— Esta é a minha casa. — A voz dela quebrou o silêncio de ambos, e ele ouviu aquilo como se fosse o único som em um corredor vazio.

— Não pense nela desse jeito — disse ele.

— De que jeito?

— Como se ainda fosse sua.

Akhmed enrolou o cachecol laranja ao redor do pescoço de Havaa e franziu a testa ao ver uma impressão digital de fuligem na bochecha da menina. Ele estava acordado na cama na noite anterior quando os agentes federais chegaram. Primeiro, o murmúrio de um motor a diesel, um ruído baixo que viria a temer mais do que tiros, e depois vozes falando em russo. Ele foi à sala de estar e puxou a cortina blecaute o máximo que se atreveu. Através do triângulo de vidro, faróis cortavam a noite. Quatro soldados, atarracados, bem alimentados, surgiram do caminhão. Um deles bebia vodca de uma garrafa e xingava a neve cada vez que tropeçava. O avô desse soldado dissera-lhe, na manhã em que o neto se apresentou ao centro de alistamento de Vladivostok, que teria perecido na então Stalingrado se não fosse pela bênção entorpecedora da vodca; o soldado, cujas bochechas eram marcadas devido a anos de aplicação de pasta de dente em sua acne de adolescente, acreditava que a guerra da Chechênia seria pior do que a de Stalingrado e racionava a vodca de acordo com essa lógica. De sua sala de estar, Akhmed queria gritar, bater um tambor, acender um sinal luminoso. Mas, do outro lado da rua, eles já tinham chegado à porta de Dokka e ele nem olhava para o telefone, que já estava sem linha havia dez anos. Bateram na porta uma, duas vezes, e por fim a derrubaram com um pontapé. Com a porta aberta, Akhmed

via as tochas se movendo pelas paredes. Então se passaram os dois minutos mais longos de sua vida até que os soldados reapareceram na entrada com Dokka. A fita adesiva colada em sua boca se enrugava com seus gritos mudos. Eles lhe cobriram a cabeça com um capuz preto. Onde estava Havaa? O suor brotou da testa de Akhmed. Sentia as mãos intoleravelmente pesadas. Quando os soldados agarraram Dokka pelos ombros e pelo cinto, arremessando-o na traseira do caminhão e batendo a porta, o alívio que recaiu sobre Akhmed foi rapidamente substituído por uma autoaversão, porque ele estava vivo, seguro em sua sala de estar, enquanto no caminhão do outro lado da rua, a menos de vinte metros, Dokka era um homem morto. Estampada sobre o para-choque do caminhão em tinta branca via-se a designação 02, e isso significava que o veículo pertencia ao Ministério do Interior, que não existiria registro da prisão, que Dokka nunca haveria sido oficialmente levado e que ele jamais voltaria.

— Onde está a menina? — perguntaram-se os soldados. — Ela não está aqui.

— E se ela estiver se escondendo embaixo das tábuas do assoalho?

— Ela não está.

— Dê uma olhada, só por garantia.

O soldado bêbado destampou um galão de gasolina e entrou aos tropeções na casa de Dokka; quando voltou à soleira, atirou um fósforo para trás e fechou a porta. As chamas começaram a subir pelas cortinas da frente. As vidraças se turvaram no peitoril. Onde estava Havaa? Quando o caminhão finalmente partiu, o fogo já havia se espalhado pelas paredes e pelo teto. Akhmed esperou até que as lanternas traseiras tivessem se reduzido ao tamanho de cerejas antes de atravessar a rua. Percorrendo um amplo círculo ao redor das chamas, entrou na floresta atrás da casa. Suas botas destruíam a vegetação rasteira congelada e ele poderia ter contado os pedaços de tocos de árvore à luz do fogo. Atrás da casa, escondido entre as árvores, o rosto da menina cintilava. Faixas de pele pálida apareciam abaixo de seus olhos, destacando a cinza em suas bochechas.

— Havaa — chamou ele.

Ela sentou-se em uma mala e não respondeu ao chamado. Ele a segurou como uma pilha de gravetos soltos em seus braços, carregou-a para a casa dele e com uma toalha úmida limpou a cinza de sua testa. Akhmed acomodou-a na cama, ao lado da esposa inválida, mas não sabia o que fazer em seguida. Poderia ter saído novamente e atirado bolas de neve na casa em

chamas, ou se deitado na cama para que a menina sentisse o calor de dois corpos adultos, ou realizado a ablução, um ritual de purificação com água limpa e orações, e se prostrado. No entanto, ele concluía a *isha'a* horas antes e, se cinco orações diárias não haviam protegido a casa de Dokka, uma sexta não apagaria as chamas. Em vez disso, foi até a janela da sala de estar, abriu as pesadas cortinas e viu a casa que ajudara a construir sendo consumida pelo fogo. E agora, de manhã, enquanto apertava o cachecol laranja ao redor do pescoço de Havaa, encontrou uma impressão digital em sua bochecha, e, como havia chance de ser de Dokka, deixou-a.

— Aonde vamos? — perguntou a menina.

Ela estava parada sobre as marcas congeladas deixadas pelos pneus na noite anterior. A neve se espalhara por todos os lados. Akhmed não tinha se preparado para isso. Ele não conseguia imaginar por que os agentes queriam Dokka, muito menos a menina. Havaa não passava da altura de sua barriga e não pesava mais do que um cesto de lenha, mas para Akhmed ela parecia uma imensa e opressora criatura a quem ele estava destinado a desapontar.

— Vamos ao hospital da cidade — respondeu ele, com o que esperava ser um tom assertivo de voz.

— Por quê?

— Porque o hospital é seguro. É para onde as pessoas vão quando precisam de ajuda. E conheço alguém lá, uma médica também — disse ele, embora tudo o que soubesse fosse o nome dela. — Ela ajudará.

— Como?

— Vou perguntar se você pode ficar com ela.

O que ele estava dizendo? Como a maioria de seus planos, esse parecia vigoroso em sua mente, mas caiu como uma ave que não consegue alçar voo quando lançada ao ar. A garota franziu a testa.

— Ele não vai voltar, vai? — perguntou Havaa.

Ela mantinha o foco na mala de couro azul que estava na rua entre eles. Oito meses antes, seu pai lhe pedira que preparasse a mala e a deixasse no armário, onde havia ficado até a noite anterior, quando ele a pressionou nas mãos de Havaa e a empurrou para fora, pela porta dos fundos, no momento em que os agentes invadiram a casa pela frente.

— Acho que não.

— Mas você não sabe?

A pergunta não era uma acusação, contudo Akhmed a interpretou dessa forma. Seria ele um médico tão incompetente a ponto de a menina hesitar em

confiar-lhe a vida do pai mesmo em uma especulação?

— Devemos ficar em segurança — foi sua resposta. — É mais seguro pensar que ele não vai voltar.

— Mas e se voltar?

O grande anseio embutido naquela pergunta tão simples estava além do que ele poderia imaginar. E se ela chorasse? Repentinamente isso pareceu uma aterrorizante possibilidade. Como a faria parar? Akhmed tinha que mantê-la calma, manter-se calmo; o pânico, ele sabia, era capaz de se espalhar entre duas pessoas mais rápido do que qualquer vírus. Brincou com o cachecol da menina. De alguma forma, o cachecol havia sobrevivido ao fogo permanecendo tão laranja quanto no dia em que fora tingido.

— Bem, se ele voltar, direi onde você está. É uma boa ideia?

— Meu pai é uma boa ideia.

— Sim, ele é — confirmou Akhmed, aliviado por terem concordado em alguma coisa.

Eles caminharam lentamente pela estrada da floresta de Eldár, a principal via pública da vila, e suas pegadas começavam onde as marcas dos pneus terminavam. De ambos os lados ele via as casas por seus sobrenomes, não pelos endereços. Um rosto apareceu e sumiu em uma janela sem esquadria.

— Aperte firme o seu véu — instruiu ele.

Com exceção dos anos que passara na escola de medicina, Akhmed sempre vivera em Eldár e não confiava mais no tradicional sistema de clãs *teips*, que sobrevivera a um século de comando czarista e depois a um século de comando soviético, acabara desaparecendo em uma guerra de independência nacional. Ressuscitada em 1999, após uma trégua totalmente sem lei para ser chamada de paz, a guerra desgastou o clã *teip* da vila a tal ponto que toda lealdade, com exceção daquela de um pai por um filho, tornara-se fraca o suficiente para ser quebrada. A exploração madeireira, única atividade estável da vila, foi interrompida assim que as primeiras bombas caíram, e, sem perspectivas viáveis, aqueles que não conseguiam emigrar sobreviviam fornecendo armas aos rebeldes ou informações aos agentes federais.

Ele passou o braço em torno do ombro de Havaa enquanto caminhavam. A menina sempre tinha sido forte e estoica, mas aquela resignação, aquela passividade, aquilo era outra coisa. Ela se arrastava, chutando a neve a cada passo, e em uma tentativa de animá-la Akhmed sussurrou uma piada sobre um imame cego e uma prostituta surda, uma piada que não era absolutamente apropriada para uma criança de oito anos, mas era a única da qual Akhmed

conseguia se lembrar. Ela não sorriu, porém ficou escutando. Ele fechou o zíper da jaqueta que ela usava sobre um moletom que em Manchester, na Inglaterra, havia aquecido os ombros de cinco irmãos antes que o sexto, um devotado filantropo de seis anos, o doasse para a campanha da Cruz Vermelha da escola, obrigando sua mãe a comprar-lhe um novo.

No fim da vila, onde a floresta estreitava a estrada, eles passaram por um retrato de um metro de altura pregado em um tronco de árvore. Dois anos antes, depois que quarenta e um habitantes da vila desapareceram em um único dia, Akhmed desenhou quarenta e um retratos em quarenta e uma chapas de compensado, tornou-as à prova d'água e pendurou-as por toda a vila. Aquele era o de uma mulher bonita e presunçosa, de quem fizera o parto da segunda filha. Apesar de persegui-la por anos, ela nunca lhe pagou pelo parto. Depois que a mulher foi levada, ele decidiu desenhar em seu retrato um único pelo ondulado saindo de sua narina esquerda. Akhmed sorriu ironicamente para o fantasma da mulher vaidosa e assim fez as pazes com ele. Ela parecia um gigante decapitado olhando do tronco. Logo, não era mais do que dois olhos, um nariz e uma boca desaparecendo entre as árvores.

A floresta crescia ao redor deles, altas bétulas esqueléticas, espirais acinzentadas de casca se soltando dos troncos. Eles caminhavam ao lado da estrada, onde a vegetação rasteira crescia entre as pedras. Ali, fora das marcas de esteiras de tanques, as chances de pisar em uma mina terrestre diminuía. Ainda assim, Akhmed procurava por elevações no gelo. E andava alguns metros à frente da menina, só para garantir. Ele se lembrou de outra piada, esta sobre um delegado apaixonado, mas decidiu não contar. Quando Havaa começou a ficar para trás, Akhmed caminhou com ela para dentro da floresta por cinco minutos até chegarem a um tronco derrubado que não era visível da estrada. Quando se sentaram, ela pediu a mala azul. Ele a entregou e Havaa a abriu, fazendo um inventário silencioso de seu conteúdo.

— O que tem aí? — perguntou ele.

— Meus suvenires — respondeu ela.

Mas Akhmed não entendeu o que ela quis dizer. Desembrulhou um naco de pão preto seco de um lenço branco, dividiu-o em dois pedaços desiguais e deu à menina o maior. Ela comeu depressa. A fome era uma sensação instalada há tanto tempo em seu estômago que ele o sentia como se fosse um órgão inflamado. Ele não se apressou, transformando o miolo em uma pequena bola com a língua e encostando-a na bochecha, como uma pastilha. Uma vez que o pão não encheria seu estômago, poderia ao menos encher sua

boca. Havaa terminara sua parte do seu pão antes que o homem desse a segunda mordida.

— Você não deveria ter pressa — disse ele. — Não existem papilas gustativas em seu estômago.

Ela parou para avaliar aquele argumento e então deu outra mordida.

— Não há fome em sua língua — resmungou entre as mordidas.

Com uma das mãos em forma de concha, ela recolhia as migalhas e as jogava de volta na boca.

— Eu odiava pão preto — disse ele.

Quando criança, Akhmed só comia pão preto se fosse besuntado com uma colherada de mel. Ao longo de um ano, sua mãe destruiu esse hábito cortando fatias maiores, até que seu café da manhã consistisse em um pequeno e triste oásis de mel em um deserto de pão preto.

— Posso ficar com o seu então?

— Eu disse que odiava, no passado — reforçou ele, e imaginou um pote repleto de mel em um balcão sem o menor sinal de uma tábua de pão.

Havaa se ajoelhou e examinou a parte inferior do tronco.

— Ula vai ficar bem sozinha? — perguntou ela.

Sua esposa não ficava bem sozinha, nem com ele, nem com ninguém. Akhmed acreditava que a mulher tinha, em termos técnicos, lúpus associado à demência precoce, mas na prática seus nervos estavam tão desequilibrados que seus cotovelos doíam quando ela falava e seu pé esquerdo era mais lúcido do que seu cérebro. Antes de sair naquela manhã, ele dissera a Ula que se ausentaria durante o dia. Quando ela o encarou com seu olhar entorpecido e desprovido de qualquer emoção, Akhmed sentiu-se como uma de suas muitas visões, segurou-lhe a mão e descreveu de cor a plácida pastagem de uma pintura a óleo de Zakharov, o jardim de ervas e o chalé, até que a mulher voltou a dormir. Quando acordasse novamente naquela manhã, ainda o veria sentado na cama ao seu lado? Talvez parte dele ainda estivesse lá, sentada na cama; talvez ele fosse algo com que ela havia sonhado.

— Ela é adulta — disse Akhmed, por fim, sem pensar muito. — Você não precisa se preocupar com adultos.

Atrás do tronco, Havaa não respondeu.

Ele sempre tentou tratá-la como uma criança e ela sempre concordou com isso, embora infância e inocência fossem criaturas fantásticas que tinham morrido havia muito tempo, ressuscitadas apenas em brincadeiras de faz de conta. Ela só estivera em uma escola nas ocasiões em que eles foram roubar

carteiras para usar como lenha, mas, às vezes, Akhmed imaginava que os dois compartilhavam algo que era essencialmente a mesma sabedoria, separada por anos e experiência. Não era verdade, é claro, porém ele precisava acreditar que Havaa havia vivido além de sua idade, que ela poderia enfrentar o que ninguém é capaz de enfrentar aos oito anos. A menina se levantou do tronco sem olhar para ele.

— O que é isso? — perguntou Akhmed.

Ela ergueu cuidadosamente algo amarelo na palma da mão.

— Um besouro congelado — respondeu a menina, e o colocou no bolso do casaco.

— Para o caso de você sentir fome mais tarde? — brincou ele.

Ela sorriu pela primeira vez no dia.

Eles seguiam pela estrada e o passo acelerado da menina compensava a parada que haviam feito. Respirando fundo, ele tentava distinguir o que era fumaça de combustível e o que era borracha queimada. A luz do dia garantia um pouco de segurança. Eles não seriam confundidos com cães selvagens.

Os dois ouviram os soldados antes de verem o posto de inspeção. Akhmed levantou a mão. O vento preenchia os espaços entre seus dedos. Antes usada para transportar madeira, a estrada da floresta de Eldár ligava a vila à cidade de Volchansk. Os vãos entre os troncos das árvores forneciam os únicos pontos de saída entre a vila e a cidade, e nos últimos meses os agentes federais tinham reduzido sua presença a um único posto de inspeção. Ele ficava a meio quilômetro, no fim de uma curva fechada.

— Vamos voltar para a floresta — decidiu Akhmed.

— Para comer de novo?

— Apenas para andar. Precisamos ficar quietos.

A garota concordou fazendo um gesto com a cabeça e levou o dedo indicador aos lábios. A floresta inteira tinha congelado e caído no chão. Galhos retorcidos atravessavam a neve e arranhavam a pele dos dois enquanto eles percorriam um longo arco ao redor do posto de inspeção. Visível a partir das árvores, o posto não passava de uma lona murcha do exército presa a um tronco de álamo em uma tentativa frustrada de exibir um ar de legitimidade. Alguns soldados estavam no local. Atravessar o chão de folhas congeladas em silêncio seria impossível, mas os soldados, oito homens que, juntos, podiam compartilhar mais doenças venéreas do que palavras chechenas, não pareciam mais alerta do que machões insanos, e os dois voltaram à estrada duzentos e cinquenta metros após o posto de inspeção. O

sol brilhava amarelo-gema entre as nuvens brancas. Quase meio-dia. As árvores pelas quais passavam se repetiam floresta adentro. Nenhuma era singular quando comparada à seguinte, todavia cada uma delas se mostrava única em algum pequeno aspecto: o número de galhos, a circunferência do tronco, a medida de folhas caídas ao redor de sua base. Nada além de pequenas particularidades, porém eram pequenas particularidades que transformavam dois olhos, um nariz e uma boca em um rosto.

As árvores se abriram em um campo amplo, dividido em dois pela estrada.

— Vamos andar mais rápido — disse Akhmed, e os passos da menina se apressaram atrás dele.

Eles estavam no meio do caminho, quase chegando ao outro lado quando se depararam com o traseiro decepado de um lobo. Mais adiante no campo, o sangue tingia a neve de um marrom-avermelhado. Nada havia se decomposto no frio. A cabeça e as patas dianteiras jaziam expostas no chão, ligadas ao traseiro do lobo por três metros de vísceras trituradas. O que sobrara da cara estava congelado com a expressão que o animal tinha quando morreu. A língua pendia da boca.

— Era um animal imprudente — disse Akhmed. Ele tentou olhar para o outro lado, mas havia lobo por toda parte. — Não prestou atenção nas minas terrestres.

— Nós somos mais cuidadosos — observou a garota.

— Sim, ficaremos na estrada. Não vamos caminhar pelo campo.

Ela estava perto de Akhmed. Seu ombro pressionava o corpo dele. Aquilo era o mais longe que Havaa já estivera de casa.

— Nem sempre foi assim — explicou ele. — Antes de você nascer havia lobos e pássaros e besouros e cabras e ursos e ovelhas e veados.

A neve pesada se estendia por uns cem metros até a floresta. Alguns caules secos subiam pelo gelo marrom, onde o lobo ficaria até a primavera. Com respirações pesadas eles davam forma ao ar. Nenhum profeta havia previsto aquele final. Nem o som de trombetas nem o bater de asas de serafins haviam anunciado aquele campo específico, com aquela menina específica, segurando especificamente sua mão.

— Eles estiveram aqui — disse Akhmed, olhando para o campo.

— Para onde os agentes federais os levam?

— Deveríamos continuar andando.

* * *

Mariposas brancas rodeavam uma lâmpada queimada.

A mão firme em seu ombro a acordou do sonho. Sonja estava deitada em uma cama de hospital na ala de traumatologia, ainda vestindo o uniforme médico. Antes de olhar para a mão que a tinha despertado, antes de levantar da marca que o corpo havia deixado na espuma fina do colchão, ela colocou a mão no bolso, mais por instinto do que por vontade, e sacudiu o frasco âmbar de pílulas como se seu conteúdo a tivesse seguido em seus sonhos e também precisasse despertar. As anfetaminas chacoalharam em resposta. Ela se sentou, consciente, afastando com piscadelas as asas das mariposas.

— Há alguém aqui que quer vê-la — anunciou por trás de Sonja a enfermeira Deshi, e começou a tirar os lençóis antes que a médica se levantasse.

— Quer me ver para quê? — perguntou ela, curvando-se para tocar os pés, aliviada por ainda encontrá-los ali.

— Agora ela pensa que eu sou secretária — disse a velha enfermeira, fazendo um aceno com a cabeça. — Logo vai beliscar meu traseiro, como aquele oncologista que botou para correr quatro secretárias em um ano. Uma profissão vergonhosa. Nunca conheci um oncologista que não fosse um hedonista.

— Deshi, quem está aqui para me ver?

A velha enfermeira levantou os olhos, perplexa.

— Um homem de Eldár.

— Sobre Natasha?

Deshi contraiu os lábios. Ela poderia ter dito *não* ou *não desta vez* ou *é hora de desistir*, mas em vez disso fez um gesto negativo com a cabeça.

O homem estava encostado na parede do corredor. Um *pes* azul-marinho muito pequeno com borlas de contas se apoiava na parte de trás de sua cabeça. Seu casaco estava pendurado nos ombros como se ainda estivesse em um cabide. Parada atrás dele, uma menina inspecionava o conteúdo de uma mala azul.

— Sonja Andreyevna Rabina? — perguntou ele.

Ela hesitou. Havia oito anos que não ouvia nem pronunciava seu nome completo em voz alta. O homem continuou:

— Meu nome é Akhmed.

Uma barba negra curta cobria suas bochechas. Creme de barbear era um luxo inacessível para muitos; ela não poderia dizer se o homem era apenas pobre ou um rebelde ultraconservador *wahhabi*.

— Você é um dos barbudos? — perguntou Sonja.

Ele colocou a mão no bigode, sem jeito.

— Não, não. De jeito nenhum. Apenas não tenho feito a barba.

— O que você quer?

Com um aceno de cabeça, ele apontou para a garota. Ela usava um cachecol laranja, um casaco cor-de-rosa grande demais e um moletom do Manchester United, provavelmente, imaginou Sonja, originário das doações de peças que o Manchester organizou após a transferência de Beckham para o Real Madrid. A menina tinha a pele pálida, o aspecto de cera de uma pera ainda não madura. Quando Sonja se aproximou, Havaa havia aberto a mala, colocado as mãos lá dentro e retirado um objeto, que segurava fora do campo de visão da médica.

— Ela precisa de um lugar para ficar — disse Akhmed.

— E eu preciso de uma passagem para o Mar Negro.

— Ela não tem para onde ir.

— E eu não tenho um bronzado há anos.

— Por favor — pediu ele.

— Isto é um hospital, não um orfanato.

— Não existem orfanatos.

Por força do hábito ela se virou para a janela, mas não viu nada através das vidraças cobertas por fita adesiva. A única iluminação vinha das lâmpadas fluorescentes no teto, cujo tom azul fazia com que todos parecessem hipotérmicos. Aquilo era uma mariposa rodeando a luz? Não, ela estava apenas vendo coisas novamente.

— O pai dela foi levado pelas forças de segurança na noite passada. Para Landfill, provavelmente.

— Sinto muito.

— Ele era um bom homem. Cultivava árvores na floresta de Eldár antes das guerras. Não tinha dedos. E era muito bom jogando xadrez.

— Ele é muito bom jogando xadrez — retrucou a menina, encarando Akhmed.

A gramática era o único lugar onde poderia manter seu pai vivo, e depois de corrigir a afirmação de Akhmed ela se apoiou na parede e, com respirações curtas e certas, repetiu *é é é*. Seu pai era o rosto de suas

manhãs e noites, ele era tudo, preenchendo de tal forma o mundo de Havaa que ela já não distinguia o pai do próprio ar.

Akhmed resumiu o arborista com breves lembranças, e Sonja o deixou ir mais longe do que normalmente faria porque ela também havia tentado ressuscitar alguém por recitação. Tentara recriar algo desenhando sua forma em cinzas e havia esperado que, compilando listas das comidas e músicas favoritas e dos hábitos irritantes de Natasha, a irmã poderia se materializar de modo espontâneo sob a pressão dessas particularidades.

— Sinto muito — repetiu ela.

— Os agentes não estavam procurando apenas por Dokka — disse ele em voz baixa, olhando para a menina.

— O que eles iriam querer com ela? — perguntou Sonja.

— O que eles querem com qualquer um?

A insistente importância que Akhmed conferia a si mesmo era familiar a Sonja; ela vira isso no rosto de muitos maridos, irmãos, pais e filhos, e estava feliz porque via isso ali, no rosto de um estranho, e não se sentia comovida.

— Por favor, deixe a menina ficar — pediu ele.

— Ela não pode.

Era a decisão certa, a responsável. Cuidar dos que estavam morrendo a sobrecarregava. Não se podia esperar que se dedicasse também aos vivos.

O homem olhou para os próprios pés com um ar de desapontamento que inexplicavelmente a fez lembrar-se de *b) substituição eletrofílica aromática*, a resposta da única questão da prova de química orgânica da faculdade que ela havia errado.

— Há quantos médicos aqui? — perguntou ele, aparentemente tentando uma nova abordagem.

— Uma.

— Para cuidar de um hospital inteiro?

Ela encolheu os ombros. O que ele esperava? Aqueles com mais especialização, economias pessoais e perspectivas de fugir já haviam feito isso.

— Deshi o administra. Eu apenas trabalho aqui.

— Eu era clínico geral. Não era cirurgião nem especialista, mas era licenciado. — Ele levou a mão à barba. Um farelo caiu. — A menina ficará com você e eu trabalharei aqui até que um lar seja encontrado para ela.

— Ninguém vai levá-la.

— Então continuarei trabalhando aqui. Eu me formei entre os dez

primeiros da turma na faculdade de medicina.

Esse hábito que ele tinha de transformar súplica em comando já a aborrecia. Ela retornara da Inglaterra com seu nome completo oito anos antes e ainda recebia o respeito que tanto a surpreendera quando chegou a Londres para estudar medicina. Não importava que fosse mulher nem de etnia russa; como a única cirurgiã em Volchansk, era reverenciada, honrada e estimada na guerra como nunca seria na paz. E aquele médico camponês, aquele homem tão magro cuja espinha dorsal ela poderia sentir se socasse sua barriga, esperava sua submissão? Mais do que se ressentir de seu tom de voz, ela se ressentia da precisão de sua avaliação. Como a última de uma equipe de quinhentos, estava soterrada sob o peso de cuidar. Vivia à base de anfetaminas e leite condensado, tinha alucinações frequentes, dificuldade em criar empatia com os pacientes e havia visto casos suficientes de transtornos de estresse traumático secundário para se reconhecer como um deles. No fim do corredor, pela porta entreaberta da sala de espera, ela viu a barra de um vestido preto, um tênis cinza que um dia fora branco e um *hijab* verde que, em vez de cobrir o longo cabelo preto, servia de tipoia para o braço quebrado de uma jovem feita de ossos de passarinho e deficiência de cálcio que acreditava ser aquele seu vigésimo segundo osso quebrado, quando, na verdade, era apenas o vigésimo primeiro.

— Os dez primeiros? — perguntou Sonja, com uma quantidade nada pequena de ceticismo.

Akhmed assentiu ansiosamente.

— Nonagésimo sexto percentil, para ser exato.

— Então, diga-me, o que você faria com um paciente que não reage?

— Bem, hum, vamos ver — gaguejou Akhmed. — Primeiro o mandaria preencher um questionário para eu ter noção de seu histórico médico e de quaisquer distúrbios ou doenças que possa haver na família.

— Você daria a um paciente inconsciente e sem reação um questionário?

— Ah, não. Não seja tola — disse ele, hesitando. — Eu daria o questionário para a mulher do paciente.

Sonja fechou os olhos na esperança de que, quando os abrisse, aquele médico idiota e sua protegida tivessem desaparecido. Não teve sorte.

— Você quer saber o que eu faria? — perguntou ela. — Eu checaria as vias aéreas, depois a respiração e o pulso e, então, estabilizaria a coluna cervical. Em nove de dez casos me concentraria em estancar o sangue. Cortaria também a roupa do paciente para inspecionar o corpo inteiro à

procura de ferimentos.

— Bem, sim — disse Akhmed. — Eu faria tudo isso enquanto a esposa do paciente estivesse preenchendo o questionário.

— Vamos tentar algo mais próximo do seu nível. O que é isto? — perguntou ela, levantando o dedão.

— Acredito que seja um dedão.

— Não — discordou ela. — É o primeiro dígito, composto por metacarpo, falange proximal e falange distal.

— É outra forma de dizer isso.

— E isto? — perguntou ela, apontando para o olho esquerdo. — O que você pode dizer sobre isto além do fato de ser meu olho, ser castanho e ser usado para enxergar?

Ele franziu a testa, incerto sobre o que poderia acrescentar.

— Pupila dilatada — respondeu, por fim.

— E eles se deram o trabalho de ensinar aos dez primeiros alunos do que as pupilas dilatadas podem ser um sintoma?

— Ferimentos na cabeça, uso de drogas ou excitação sexual.

— Ou, mais provavelmente, estão assim porque o corredor está mal iluminado. — Sonja deu um tapinha em uma pequena cicatriz na sua têmpora. Ninguém entendeu por quê. — E isto?

Ele sorriu.

— Não faço a menor ideia do que está se passando aí.

Ela mordeu o lábio e assentiu.

— Tudo bem — disse ela. — De qualquer maneira, precisamos de alguém para lavar lençóis sujos. Ela pode ficar se você trabalhar.

A menina estava em pé atrás de Akhmed. Na palma de sua mão um besouro amarelo repousava em uma piscina de gelo derretido. Sonja já se sentia arrependida de ter consentido.

— Qual é o seu nome? — perguntou em checheno.

— Havaa — respondeu Akhmed.

Ele empurrou suavemente a menina em direção a Sonja. Havaa se apoiou na mão de Akhmed, com medo de se aventurar além de seu alcance.

* * *

Um ano antes, quando Natasha desapareceu pela segunda e última vez, as

primeiras estadas de uma e duas noites de Sonja na ala de traumatologia estenderam-se por semanas. Cinco semanas após ter deslizado a chave pela fechadura de duas voltas pela última vez, ela desistiu da ideia de retornar um dia. As doze quadras até seu apartamento poderiam muito bem ser o Saara. À sua espera havia um silêncio mais terrível do que qualquer coisa que ela já ouvira à mesa de cirurgia. Anos antes daquilo, Sonja posara com a mão erguida como se estivesse empurrando um distante Big Ben, para que na fotografia que seu noivo tirou parecesse que estava segurando a torre do relógio. Ele a tirara no oitavo de seus dezessete dias de noivado. A foto estava colada em cima da mesa de seu quarto, mas nem mesmo resgatá-la era o suficiente para atraí-la até sua casa. Viver na traumatologia também não fazia muita diferença. Ela já havia passado dezessete de suas dezoito horas acordada na ala. Conhecia mais intimamente os corpos que abria, tratava e fechava do que os próprios cônjuges ou pais do paciente, e aquela intimidade chegava tão perto da criação quanto o sopro da primeira palavra de Deus.

Por isso, quando se ofereceu para deixar a menina ficar com ela, quis dizer ali no hospital; e Havaa já sabia disso quando seguiu Sonja até seu quarto.

— Aqui é onde vamos dormir, certo? — confirmou ela, colocando a mala da menina ao lado dos colchões empilhados. Havaa ainda segurava o besouro.

— Tem alguma coisa na sua mão? — perguntou Sonja, hesitante.

— Um besouro morto — respondeu a menina.

A médica suspirou, grata, ao menos, por saber que não estava imaginando aquilo.

— Por quê?

— Porque o encontrei na floresta e o trouxe comigo.

— Mais uma vez: por quê?

— Porque ele precisa ser enterrado de frente para Meca.

Ela fechou os olhos. Não podia começar com isso naquele momento. Mesmo quando criança odiava crianças, e isso não tinha mudado.

— Voltarei mais tarde — avisou Sonja, e retornou para o corredor.

Pelo menos Akhmed foi rápido na troca de roupa. No tempo que ela levou para mostrar o quarto à menina, ele vestiu um uniforme médico branco. Sonja o encontrou se ajeitando em frente ao espelho do corredor de entrada.

— Isto é um hospital, não um baile — disse ela.

— Nunca tinha vestido um uniforme médico antes. — Ele virou o rosto, porém o espelho capturou seu rubor.

— Como você conseguiu fazer residência sem vestir um uniforme médico?
Ele fechou os olhos e seu rubor aumentou.

— Meus professores não levavam muita fé em mim. Nunca fiz o que você chamaria, exatamente, de residência.

— Não era isso que eu queria ouvir logo depois de ter aceitado você aqui.

— Sinto-me privilegiado por trabalhar aqui. — As mangas da camisa marcavam seu bíceps pálido. — Sempre achei que isto fosse mais folgado.

— É um uniforme feminino.

— Você não tem nenhum masculino?

— Nenhum homem trabalha aqui.

— Então estou vestindo roupa de mulher.

— Você terá que usar um *hijab* também. — O rosto de Akhmed empalideceu. — Estou brincando — acrescentou ela. — Um lenço de cabeça é suficiente.

Ele assentiu, não convencido. Era evidente que havia contratado um bobo da corte, mas ter um bobo da corte que podia lavar lençóis, arrumar camas e lidar com parentes era melhor do que não ter um bobo da corte.

— Você já esteve aqui antes? — perguntou ela, sem intenção de fazer mais do que um breve *tour* pelo hospital.

— Sim.

— Quando?

— Nasci aqui.

Sonja o conduziu pelas alas fantasmas: cardiologia, clínica geral, endocrinologia. Uma camada de poeira e cinzas marcava seu caminho.

— Onde está tudo? — perguntou ele.

Os quartos estavam vazios. Colchões, lençóis, injeções, batas cirúrgicas descartáveis, esparadrapo cirúrgico, ataduras, termômetros e bolsas de soro tinham sido levados para o andar de baixo. Tudo o que sobrara estava preso ao chão e incorporado às paredes, ao lado de itens sem uso prático: retratos de família, prêmios profissionais e diplomas emoldurados de escolas de medicina da Sibéria, de Moscou e de Kiev.

— Levamos tudo para a ala de traumatologia e para a maternidade — contou Sonja. — Elas são tudo o que podemos manter em funcionamento.

— Traumatologia e maternidade — afirmou Akhmed.

— É engraçado, não é? Todos estão trepando ou morrendo.

— Não, não é nada engraçado. — Ele coçou a barba, enterrando os dedos até a primeira articulação. Seus dedos encontravam o caminho da barba em

momentos de dificuldade ou indecisão, vasculhando os pelos espessos e escuros, mas raramente alcançando a sabedoria. — Eles estão chegando e partindo, e isso está acontecendo aqui.

Os dois subiram uma escadaria banhada pela luz de emergência azul. No quarto andar, a médica levou-o pelo corredor até o lado oeste do edifício. Sem avisá-lo, abriu a porta do depósito. Ela sentiu algo alegre e malicioso quando ele deu um passo para trás, com medo de cair.

— O que aconteceu? — perguntou Akhmed.

O piso, arrebitado, acabava um metro depois da moldura da porta. Nada de paredes nem janelas, apenas a vista da cidade emoldurada pela brisa do inverno.

— Há alguns anos acolhemos rebeldes. Os agentes federais explodiram a parede em represália.

— Alguém se feriu?

— Maali. A irmã de Deshi.

— Só uma pessoa?

— Essa é a vantagem de se ter um quadro reduzido.

Na época em que ambos os lados mantiveram o cessar-fogo, ela foi até aquele vão de porta, olhou para toda a cidade e tentou identificar os edifícios por suas ruínas. Aquele cujos dez mil pedaços refletiam a luz do sol tinha sido um prédio comercial envidraçado onde novecentas e dezoito almas haviam trabalhado. Abaixo do minarete um corpulento imame orientara devotos na oração. Aquilo fora uma escola, uma biblioteca, a sede dos Jovens Pioneiros, uma cadeia, uma mercearia. Ali fora onde sua mãe a tinha alertado a nunca confiar em um homem que diz querer uma esposa inteligente; onde seu pai lhe ensinara a andar de bicicleta imitando o barulho do motor de um ônibus municipal se aproximando e prestes a atropelá-la se ela não pedalasse rápido o suficiente; onde ela havia resolvido sua primeira equação de álgebra para um professor da escola primária, um homem para quem os sucessos de Sonja eram um consolo sempre que ele se lamentava por não ter seguido os passos do irmão mais velho na profissão mais rentável de guarda penitenciário; onde ela gritara por socorro após testemunhar um homem apunhalando outro no gramado da universidade e descoberto depois que eles eram alunos ensaiando uma peça de Ésquilo. Parecia uma cidade feita de caixas de sapato e derrubada por uma criança desobediente. Ela poderia ficar ali por toda a tarde reconstruindo-a, repovoando-a, até que a alucinação se tornasse a mais verossímil realidade.

— Antes não dava para enxergar o rio daqui — comentou Sonja. — Este hospital é o prédio mais alto da cidade agora.

Houvera prédios altos e projetos para se erguerem outros maiores. Após a dissolução da União Soviética, as reservas de petróleo prometiam prosperidade à Chechênia com a chegada do século capitalista. Yeltsin dissera às repúblicas que agarrassem o máximo de soberania que pudessem, e, após dois mil anos de ocupação estrangeira, parecia que a república, finalmente, conquistaria a independência. Os avós de Sonja haviam se mudado para Volchansk em 1946, depois que Stalin acrescentou o trabalho de motoristas de caminhão e de costureiras à crescente lista de profissões que precisavam ser purgadas, no entanto ela se sentia tão alegremente patriota quanto seus colegas de classe chechenos que podiam traçar suas árvores genealógicas desde as origens. Aquela sensação de otimismo vibrante era evidente nos projetos que haviam sido solicitados a arquitetos em Riad, Melbourne e Minsk. As autoridades municipais tinham transformado as plantas em atrações, exibindo-as em outdoors e distribuindo-as como panfletos no comércio. Sonja nunca vira algo parecido. Os rascunhos sugeriam que o ápice do design já não consistia em transformar uma batelada de concreto armado no retângulo mais feio possível. Certa vez, ela segurou um panfleto contra o horizonte e, quando o sol avermelhado atravessou o papel, as torres se tornaram parte do seu contorno.

— Eles queriam mesmo a menina? — perguntou ela, voltando a atenção para Akhmed.

Aquilo não a surpreendia, contudo Sonja indagara de qualquer forma. Desaparecimentos caíam aleatoriamente como raios. Apenas aqueles que eram, de fato, culpados por serem cúmplices da insurreição — uma fração infinitesimal dos sequestrados — tinham o benefício de entender seu destino.

— Isso não faz sentido — disse Akhmed.

Se ele havia se referido à sala sem chão, à cidade destruída adiante ou à garota, Sonja não sabia. Ao longe, um tênue fluxo de projéteis luminosos riscava o céu, desaparecendo nas nuvens.

— O dia do pagamento deve estar chegando — disse Akhmed.

Ela concordou. Os agentes federais só recebiam se usassem determinada porcentagem de sua munição. Se os soldados se cansassem de atirar às cegas para o alto, podiam enterrar o que sobrasse e desenterrar horas mais tarde para reivindicar a recompensa dada a quem descobria esconderijos de armas dos rebeldes.

— Vamos — disse Sonja.

Eles passaram pela maternidade original, sem uso desde a morte de Maali, e desceram as escadarias até a nova maternidade. Deshi baixou as agulhas de tricô e olhou desconfiadamente para Akhmed enquanto cruzava a sala para ir ao encontro dos dois. Após doze relacionamentos ao longo de seus setenta e três anos — cada um deles começando com um gesto sublime e terminando com um desgosto ainda mais espetacular —, Deshi aprendera a não confiar em homens de qualquer tamanho ou idade, de recém-nascidos a bisavôs, sabendo que todos tinham dentro de si a intenção de ferir o coração de uma mulher decente.

— Ele vai se juntar a nós? — perguntou Deshi.

— Provisoriamente — respondeu Sonja.

— E a menina?

— Provisoriamente.

— Você é a enfermeira — disse Akhmed, com brevidade. — Nos conhecemos mais cedo.

— Ele fala na hora errada, sem ser consultado — observou Deshi.

— Só quis dizer olá.

— Continua falando sem que se tenha falado com ele. E tem um nariz feio.

— Estou bem aqui — disse Akhmed, fechando a cara.

— Ele nos diz que está bem aqui. Como se tivéssemos nos tornado cegas ou idiotas.

— O que estou fazendo de errado? — perguntou ele a Sonja. — Só estou aqui.

— Ele parece acreditar que sua presença pode, de alguma forma, mudar a feiura de seu nariz, mas ver este nariz, bem aqui na minha frente, me proporciona uma prova irrefutável.

— O que devo dizer? — Ele olhou com desespero para Sonja.

Ela sorriu e virou-se para Deshi.

— Está vendo o jeito como ele olha para mim? — indagou Deshi, com a voz trêmula de indignação. — Ele está tentando me seduzir.

— Não estou fazendo nada disso. Só estou aqui!

— Negar é o primeiro impulso de um traidor.

— Você está citando Stalin — disse Akhmed.

— Está vendo? Ele é pervertido e stalinista.

— Não seja ridícula.

— Deve ser oncologista.

— Há poucos ramos na medicina mais importantes do que a oncologia.
Deshi pareceu perplexa.

— Olha só! — gritou ela. — Um perverso, stalinista e oncologista? É demais. Não pode ser.

— Com todo o respeito, tenho trinta e nove anos e você tem idade suficiente para ser minha mãe. Não desejo ter nada além de uma relação profissional com você.

— Nenhum desejo? Primeiro ele me olha lascivamente, depois me insulta. Zombando de uma idosa como eu, ele não tem vergonha?

— Desculpe, está bem? Estou apenas tentando me entender com você.

Os lábios de Deshi formaram uma careta.

— Somente um homem fraco pede desculpas a uma mulher.

Os olhos de Akhmed estavam marejados quando Sonja interrompeu o diálogo.

Ele parecia mais chocado do que quando ela abriu a porta do depósito no quarto andar, e, em meio ao riso, a médica não conseguiu evitar sentir-se culpada por expor o homem a Deshi sem um alerta.

— Chega — disse ela. — Akhmed, esta é Deshi. Deshi, Akhmed. Vamos trabalhar.

— É um prazer — disse Deshi, e voltou à mesa ao lado da incubadora.

— O que há de errado com ela? — perguntou Akhmed quando a enfermeira estava a uma distância segura e não podia ouvir.

— E agora ele acha que há algo de errado com Deshi — disse Sonja. Um ar de terror surgiu em seu rosto. Sonja garantiu que a enfermeira estava brincando. — Uma vez ela se apaixonou por um oncologista. Não deu certo.

Uma mulher de cabelo escuro e oleoso estava deitada na primeira cama com uma criança sugando seu seio esquerdo. Ela puxou o lençol acima da cabeça do bebê quando os viu se aproximando.

— Está tudo bem — disse Sonja. — Ele também é médico.

— Mas é homem — replicou a mulher.

— Este hospital é um hospício — disse Akhmed, ao se virar.

A mulher fitou suas costas, não gostando da insinuação de que seu filho de três dias era maluco, e então baixou o lençol até o peito mostrando o rosto amassado da criança preso ao seu mamilo.

— O bebê está com fome — disse Sonja.

— Ele vai se acostumar com isso — disse a mulher, e fechou os olhos.

A mãe na cama seguinte dormia de lado, com o rosto meio afundado no

travesseiro. Uma incubadora em um carrinho de metal estava ao lado de sua cama. Lá dentro, havia uma criança abaixo do peso e superaquecida, parecendo mais um pássaro esmagado do que um ser humano.

— Má nutrição uterina? — perguntou Akhmed.

— Nenhuma nutrição uterina. Desde que a segunda guerra começou, só tivemos umas poucas mães saudáveis o bastante para conseguir dar à luz crianças saudáveis.

— E imagino que os pais não sejam civis?

— Não é nossa política fazer essas perguntas. — Ela foi até a porta. Chegando ao corredor, parou onde havia uma lâmpada apagada. — Está vendo alguma mariposa aqui?

— O quê?

— Nada.

Em cinco semanas ela encontraria uma mariposa se agitando na cantina e não acreditaria que era real até que as asas fossem esmagadas pela palma de sua mão.

— A traumatologia é logo no final do corredor — disse ela.

CAPÍTULO₂

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Poucos dias após a proposta do Acordo de Paz de Khasavyurt, Sonja terminou com seu noivo escocês, demitiu-se da residência no Hospital Universitário e pegou um voo em Londres com conexão para Varsóvia e, de lá, para Moscou e então Vladikavkaz. O banco traseiro do táxi pirata que ela pegou no aeroporto fora removido para dar espaço à bagagem, e sua única mala deslizava com as curvas da estrada, batendo repetidamente contra as costas do assento, como se para reiterar a lição de que, apesar das ilusões que tivera enquanto o peito de Brendan subia e descia contra o seu, sua vida era pequena o suficiente para caber em uma mala. Foda-se, pensou ela, o que estou fazendo aqui de novo?

Nuvens escuras de fumaça saíam de chaminés distantes, uma cadeia de montanhas gasosas, o gosto do ar pós-soviético como um trapo sujo em sua boca. Quando chegaram ao terminal de ônibus, ela esperou até que sua mala com rodinhas estivesse em segurança no chão antes de pagar ao motorista. A Samsonite, um último presente de Brendan, era praticamente um letreiro a neon propagandeando seu estrangeirismo enquanto ela a empurrava em meio a baús da era imperial de outros passageiros. A linha de ônibus estatal já não operava rotas para a Chechênia, mas depois de Sonja ter esperado por uma hora em uma fila com três pessoas, um funcionário a conduziu a um quiosque que vendia pornografia lésbica, cigarros ucranianos, cassetes do Air Supply e passagens de um ônibus privado que fazia uma viagem semanal da Ossétia do Norte à Chechênia. A próxima partida seria na manhã seguinte. Apesar de estar cansada da viagem, ela sabia que não dormiria. Então, permaneceu por toda a noite sentada em um banco de madeira, com um de seus cadarços amarrado ao redor da alça da mala para evitar que crianças ciganas a levassem embora rolando.

— Estou levando vocês aos seus túmulos — anunciou o motorista do ônibus enquanto caminhava pelo corredor para recolher os bilhetes às seis e

quinze da manhã. Ele se inclinou para trás como se equilibrasse um copo invisível na barriga redonda. — Se tiver a oportunidade, vou vender todos vocês para o primeiro bandido, sequestrador ou comerciante de escravos que aparecer na nossa frente. Não digam que não foram avisados. Eu não teria que dirigir *este* ônibus para *aquele* país se vocês não tivessem comprado *estas* passagens, e por isso vou passar por cima de cada buraco e saliência de terra para tornar o trajeto tão desgraçado para vocês quanto será para mim. E não, não faremos paradas para ir ao banheiro, e, sim, isso é porque sei a dor que um buraco provoca quando se está de bexiga cheia.

Ela cochilou por uma hora, com a cabeça encostada na janela. Cada solavanco no caminho era sentido através do vidro e registrado por sua têmpora. O tom agudo dos freios, seguido por instruções de um guarda da fronteira com a Rússia, amplificadas por um megafone, trouxe Sonja de volta à súbita consciência. Os soldados eram puro medo e suas barbas não passavam de penugens. Ordenaram que os passageiros descessem do ônibus e exigiram que cada um deles abrisse a bagagem em um campo a vinte metros da estrada enquanto eles, os soldados, aguardavam agachados, com os braços ao redor das pernas e os olhos bem apertados, como se fossem saltar para dentro de um lago. O pobre motorista oscilava de um lado para outro. Desde menino, quando vivia às margens do Terek, sonhava em ter o próprio barco turístico. Seis anos e nove meses antes, apenas uma semana antes da queda do Muro de Berlim, ele gastara todas as economias em um barco de passeio, nunca construído, e em um contrato, nunca cumprido, para transportar membros do partido ao longo do Terek. Agora, estava sentado no chão e descansava as costas nos pneus do ônibus, mas a terra era um oceano revolto e incerto e ele sofreria com enjoos por muitos anos.

O posto de inspeção deixou Sonja tensa, e, enquanto eles cruzavam a Ossétia do Norte, controlada pela Rússia, rumo à Chechênia, ela olhava pela janela junto à qual dormira. Na estrada consumida por crateras, o motorista cumpriu muito bem sua promessa. Eles passaram por campos desertos. Uma casa de fazenda derrubada. Um arado largado no fim de um sulco, quatro meses após a época de semeadura. Um poço de combustível em chamas. No horizonte, as montanhas tinham solidéus de neve. Foram necessárias dez horas para que percorressem os duzentos quilômetros até Volchansk. Havia mais postos de inspeção pela estrada do que postos de gasolina fechados por tapumes. Em cada um deles Sonja carregava a mala vinte metros para fora da estrada e a abria enquanto os soldados tapavam os ouvidos antecipadamente.

Ela falou com a idosa sentada ao seu lado, rolando cada palavra em sua boca como se fosse um caroço de azeitona antes de cuspi-lo, e a mulher era ótima ouvinte, tranquila e atenta enquanto Sonja lhe revelava o que tinha sido sua vida até dois dias antes. Enumerou as falhas de Brendan — suas cutículas salientes, seu hábito de cantar Rodgers e Hammerstein enquanto fazia xixi, sua relutância em corrigir os erros gramaticais que ela cometia; no entanto, mesmo quando tentou convencer a velha senhora de que Brendan teria sido um péssimo marido, Sonja sentiu falta do modo como ele escrevia suas iniciais na ponta do polegar dela com as cutículas endurecidas, da maneira como a descarga do banheiro acompanhava *the hiiiiiiillllls are aliiiiiiiive with the sound of muuuuusiiiiic*, dos erros gramaticais que ele cometia de propósito para ver se ela notaria, como se dessem uma marretada nas regras do inglês e remontassem as peças em uma linguagem que apenas os dois compreendiam. Era maravilhoso desabafar para um ouvido compreensivo. Uma hora se passou antes que a velha senhora puxasse um bloco de anotações da bolsa, rabiscasse algo e o passasse para Sonja. *Pensei que você fosse perceber*, ela escreveu. *Eu sou surda*.

O terminal de quatro andares de Volchansk tinha agora apenas um andar, na forma de uma pilha de escombros. O motorista do ônibus estendeu o chapéu para gorjetas quando eles desembarcaram.

— Vocês vão todos morrer nesta paisagem dos infernos — anunciou ele, alegremente. — Preferem que seus rublos fiquem com seus assassinos ímpios ou comigo, um motorista de ônibus honesto e piedoso, que enfrenta a morte toda semana para sustentar a família?

Muito contra a vontade, Sonja jogou uma hiperinflacionada nota de mil rublos no chapéu e desceu antes que ele pudesse xingá-la. No quarteirão seguinte, encontrou a velha senhora, que havia parado um Lada cor de limão. A mulher crescera em um pomar de limões e passara os primeiros dezessete anos de vida sem comer uma única refeição que não fosse feita com limão. Tinha comido salada de pepino com limão, feijão ao vinagrete com limão, coxas de frango com molho de limão, truta recheada com limão, *kebab* de cordeiro com limão, arroz com endro e limão, coxas de frango assadas com limão, coalhada de limão, pudim de limão, bolo de damasco e limão, biscoitos de marmelada e limão, e assim por diante. Ela ainda estava a quatro anos e um mês de seu septuagésimo sexto aniversário e do milagre de seu primeiro limão-galego.

A idosa fez um gesto para que Sonja pegasse o táxi e, quando esta se

recusou, sacou seu bloco de anotações e, logo abaixo do *Eu sou surda*, escreveu: *O toque de recolher começará em breve, e você é mais jovem e mais bonita do que eu.*

O que tinha sido uma *van* de entrega bloqueava a via a três quarteirões do prédio. Sonja desceu e o Lada cor de limão saiu em disparada antes que ela pudesse fechar a porta. O bloco de apartamentos do lado esquerdo havia perdido a parede externa, e ela observou os cômodos como se fosse um rato examinando uma casa de bonecas. Depois, virou-se para a rua onde faltavam partes do chão em intervalos regulares. A terra deveria ser plana, sem montanhas nem vales por cinquenta quilômetros, todavia ali estava ela, subindo um cânion, a terra molhada e espessa enquanto descia por asfalto e barro, escalando a alvenaria quebrada que caíra através de seis andares de ar e um de terra, equilibrando-se sobre canos de esgoto, xingando e chutando a Samsonite até se lembrar de que o manual de instruções dizia de modo claro que a mala era adequada apenas para superfícies pavimentadas, e ela estava no fundo de uma cratera quando se deu conta disso — *Estou no fundo de uma porra de cratera!* —, e o impacto foi como um golpe que a fez curvar-se, seguido de imediato por um direto no queixo dado pela pergunta — *O que estou fazendo no fundo de uma porra de cratera?* —, cuja resposta era tão imaterial quanto a palavra em seus lábios, três sílabas nomeavam a razão de seu retorno — *Natasha* —, sua irmã, ativa, bela e infinitamente confortável em situações sociais, com quem havia falado pela última vez por telefone no dia em que a primeira guerra começou, um ano, nove meses e três semanas antes, a quem tinha visto pela última vez no dia em que partiu para Londres, quatro anos, oito meses e uma semana antes, a quem invejara pela última vez cinco anos e dois meses antes, na véspera de receber a notícia sobre a bolsa de estudos em Londres, e a quem havia amado pela última vez em algum ponto indeterminado no passado antes de terem crescido e se tornado as pessoas que deveriam ser. Ela não sairia da cama pela irmã, mas tinha escalado uma cratera por ela. Não atravessaria uma sala, porém cruzara um continente.

Seu prédio ficava depois da padaria onde, quando criança, ganhara bolinhos de chá por varrer farinha do chão e reembalar em sacos de papel marrom. As janelas do bloco de apartamentos tinham sido estouradas e uma linha de buracos de bala deixava a luz escapar pelo batente da porta, porém ela ainda se mantinha de pé. A porta da frente estava diante da soleira como um tapete de boas-vindas. Sonja subiu até o terceiro andar. A respiração não

enchia seu peito.

Seu apartamento estava trancado e ela bateu na porta e esperou, mas não escutou nenhum som de passos ou de assoalhos rangendo. Depois que um quarto conjunto de quatro batidas levou a um quarto silêncio, ela tirou a chave reserva de seu *nécessaire* e abriu a porta. Sonja não chamou ninguém, o pensamento de sua própria voz não ouvida parecia inacreditavelmente triste. Do outro lado da sala, esquadrias sem janelas mostravam quadrados de crepúsculo. Metade de uma vela queimada estava na mesa de jantar, presa pela cera derretida a um copinho. Nos últimos dois dias, ela dormira cinco horas, e um esgotamento doloroso reverberava por seu corpo fazendo a pele formigar. Sonja acendeu a vela, e o pequeno brilho tremulou pelas paredes brancas como ovos. Nenhuma conta, nenhum envelope, nenhuma carta ficara ali, nada leve o suficiente para o vento carregar pelas esquadrias sem janelas, nada em que um adeus pudesse ser escrito. A mobília era como ela lembrava: o divã encostado na parede direita da sala, ainda manchado no ponto onde Natasha derramara um pote inteiro de borsche, o aparelho de televisão com transmissão em preto e branco em cima de um banquinho de ordenha, a mesa de madeira da cozinha nivelada por três caixas de fósforos. Aquela fora sua casa. Aquela fora sua vida. Aquele fora seu divã. Ela estava voltando para ele, escondendo o rosto nas almofadas e chorando no tecido que, depois de tantos anos, ainda conservava o cheiro da sopa de beterraba.

Na manhã seguinte, ela foi até as portas dos apartamentos adjacentes. Não conseguia se lembrar dos nomes dos vizinhos e, a julgar por suas batidas sem resposta, eles haviam fugido das casas assim como de sua memória. No quarto dia, passos vieram do corredor. Sonja encontrou uma mulher corcunda vestindo uma capa de chuva verde, embora o sol estivesse brilhando. A mulher carregava uma dúzia de sacolas plásticas de compras, umas dentro das outras e presas por tiras.

— Quem é você? — perguntou a mulher, com desconfiança suficiente para transformar a questão em uma acusação.

Laina ainda não havia chegado à meia-idade quando Sonja aceitou a bolsa de estudos em Londres. Ela trabalhava no setor de cosméticos na principal loja de departamentos e tinha uma pele linda, da qual uma mulher de trinta anos teria inveja, pele que seu supervisor citava corretamente como a propaganda mais eficaz da seção de cosméticos, tratada por todos os hidratantes e emulsões estocados nas cabines de vidro, pele que Sonja e sua mãe, e até mesmo sua irmã, haviam admirado e que agora parecia a pele de

um pêssgo deixado vários dias ao sol.

— Sou Sonja.

As pontas dos dedos de Laina examinaram-na, segurando-lhe os pulsos, apurando os ouvidos.

— Sonja Andreyevna — disse a mulher, finalmente convencida da forma corpórea de Sonja. — Você morou aqui.

— Ouvi a senhora no corredor — disse Sonja, minutos depois, enquanto tomavam chá no apartamento de Laina. — Pensei que fosse outra pessoa.

— Você não deveria abrir a porta quando ouve estranhos. Nunca é uma boa ideia.

— Desta vez foi.

— Esta é uma em um milhão.

— Então sou muito, muito sortuda.

— Não, você é muito, muito burra.

— Por que a senhora está vestindo uma capa de chuva? Não há nenhuma nuvem em quilômetros.

Laina foi até as esquadrias sem janelas, através das quais dava para ver o que restara da cidade, uma visão que se estendia dezesseis quarteirões mais longe do que dois anos antes.

— Não confio em Deus. Quem sabe o que ele está planejando lá em cima.

O mercado fora gradualmente repovoado com vendedores, barracas de chapas metálicas e idosas, como Laina, para quem a guerra não impedia desfrutar de uma boa pechincha. Ela havia acabado de trocar um frasco de óleo de motor por sandálias que traziam as marcas enegrecidas de quarenta dedos. Laina tivera um marido, já falecido, em quem pôde confiar, sabendo que não a trairia em um bordel. Tivera um filho, que desapareceu, a quem tinha ameaçado casar com Sonja, caso ele se comportasse mal. O astronauta Yuri Gagarin ria no mostrador do relógio pendurado sobre o fogão, e Sonja estudou-o enquanto acumulava fôlego para soltar a pergunta que por um ano e meio estivera presa em sua garganta. Quando o ponteiro das horas caiu na palma da mão estendida do cosmonauta, ela inspirou e perguntou:

— A senhora sabe onde Natasha está?

Laina mordeu o lábio e fez um aceno negativo com a cabeça.

— Não sei onde ninguém está.

Ninguém poderia responder à pergunta. Dias se transformaram em semanas e Sonja abordava os poucos inquilinos remanescentes quando estes saíam para trabalhar, conseguir comida, lutar ou procurar um abrigo melhor,

mas nunca recebeu mais do que um aceno de cabeça, um encolher de ombros, um pedido de desculpas. Não havia nenhum sinal de arrombamento, e a cama arrumada no quarto de Natasha sugeria uma partida deliberada. Na última gaveta da cômoda, Sonja encontrou o suéter cor de vinho que tinha dado à irmã em seu aniversário de dezoito anos, aquele que Natasha odiava e chamava de suéter de *babushka*, e nunca havia usado, nem mesmo uma única vez em um dia frio para agradar Sonja. Foi tudo o que Natasha deixou para trás. Ela segurou o suéter passando os braços da roupa sobre os ombros como se fosse um abraço.

O Hospital N°6 contratou-a sem pedir ficha de inscrição nem currículo. Quando ela forneceu uma lista de referências em Londres, Deshi dobrou o papel, jogou-o sobre a mesa e disse a Sonja que o Dr. Cesta de Lixo entraria respeitosamente em contato com cada um dos nomes da lista. Os ex-professores de Sonja tinham fugido para o oeste do país, para a zona rural, para clínicas particulares em locais onde podiam salvar vidas sem colocar as próprias em risco. Livre de burocracia hierárquica e de memória institucional, ela passou de residente a cirurgiã-chefe em dois meses. Minas terrestres não obedeciam ao Acordo de Paz de Khasavyurt e, depois de um ano, sua experiência em cirurgias no setor de traumatologia era maior do que a dos professores com quem havia estudado. Sonja trabalhava com gratidão na dor de seus pacientes. Nos gritos, ouvia seu nome como se a irmã desaparecida fosse ela, era lembrada em suas falas desconexas naquele lugar onde amputava membros e estancava hemorragias, onde o treinamento era tão necessário e escasso que os pacientes a viam pairando sobre o leito como o último profeta da vida, a quem rogavam, elogiavam e se dirigiam em oração.

Os dias eram corridos, sem pausas para reflexões que não fossem lembranças de estudos de casos e das aulas de anatomia. À noite, ela ia para casa como que levada por uma correnteza. Quando se lembrava, escovava os dentes com bicarbonato de sódio e recitava as orações que sua mãe lhe ensinara. Sua língua se atrapalhava com aquelas palavras difíceis e antigas e, embora ninguém a estivesse ouvindo, encontrava um pouco de paz naquela obsoleta linguagem de súplica. Após fazer o sinal da cruz, deitava-se no divã e esguichava do frasco que tinha trazido de Londres uma poça fria de hidratante para mãos. Invariavelmente, colocava uma grande quantidade e suas mãos ficavam lisas e brilhantes à luz da vela enquanto ela pedia por outro par com o qual compartilhar o excesso.

As semanas se transformaram em meses, que eram virados no calendário

da Cruz Vermelha pendurado atrás do balcão da recepção da sala de espera; o calendário era de 1993 e seria reutilizado até 2006, e durante aqueles treze anos seu aniversário sempre cairia numa segunda-feira. Ela marcava os dias, ainda assim o tempo não seguia em frente, em vez disso passava do dia para noite, do hospital para o apartamento, dos gritos para o silêncio, da claustrofobia para a solidão, e tudo isso ia e voltava, como uma moeda saltando de um lado para outro. A felicidade aparecia em momentos de amabilidade imprevisível. O homem cego que tocou acordeão para ela enquanto Sonja fixava uma tala na perna quebrada de seu cão-guia. O menino que lhe narrou seus sonhos enquanto se recuperava de meningite.

Então, em uma noite quando se preparava para dormir, Sonja ouviu uma batida na porta. Pensou um pouco e resolveu ignorar o conselho de Laina enquanto a maçaneta escorregava sob sua mão oleosa. Quando abriu a porta, quis gritar. Natasha estava bem ali, na sua frente, perto o suficiente para tocá-la. Ela gritou de verdade, abraçou Natasha e, mais tarde, no divã, segurou as mãos da irmã e as esfregou até que as suas ficassem secas.

CAPÍTULO₃

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Apesar de um primeiro dia reconhecidamente inexpressivo, Akhmed deixou o Hospital N°6 com grandes expectativas e um gingado no andar. É verdade, Sonja era uma mulher fria e dominadora, cujo olhar penetrante poderia fazer flores murcharem e mulheres abortarem, e Deshi era, sem dúvida, uma lunática; ainda assim, embora não houvesse um pinga de compaixão entre elas e o único destino pior do que ter aquelas duas como cuidadoras fosse tê-las como colegas, havia sido um bom dia. Havaa estava segura. Sua formação médica fora colocada em prática e, pela primeira vez em meses, Ula não era sua única paciente.

Ele foi a primeira pessoa de Eldár admitida em uma faculdade de medicina, uma instituição tão distante e elitizada que sua matrícula foi comemorada como uma conquista de toda a vila. Fizeram banquetes em sua homenagem, arrecadações para pagar por seus livros didáticos. Em 1986, Akhmed tornou-se o maior herói da história da vila desde que, cento e quarenta e um anos antes, um barbeiro local aparou a barba do grande imame Shamil. Falavam que ele se mudaria para Volchansk ou até mesmo — eles abaixavam a voz em um sussurro — Grozny. Qualquer lugar mais distante era demais para sonhar. Cumprira as expectativas que a vila tinha depositado nele? Na verdade, não. Apesar de dizer a Sonja que havia se formado na faculdade de medicina entre os dez primeiros alunos, ele, na realidade, se graduara entre os dez piores, no quarto percentil, para ser preciso, e atribuía sua incapacidade de encontrar emprego ao preconceito do Departamento Soviético de Medicina e não ao fato de ter faltado um ano inteiro ao curso de patologia para assistir às aulas no ateliê de artes. Por fim, a vila ofereceu-lhe uma casa abandonada na periferia, assombrada, diziam, pelo fantasma de um pedófilo. Ele a transformou em uma clínica. Embora os moradores tivessem superado o medo do fantasma pedófilo — ainda assim, muitos não deixavam os filhos entrarem ali — e mesmo que suas vidas tivessem melhorado inegavelmente pela existência de uma clínica, Akhmed sempre sentiu que os

decepcionara ou, pelo menos, que desapontara a si mesmo por voltar para a vila que havia comemorado sua fuga. Contudo, depois de se candidatar a vinte e três cargos diferentes em hospitais e não ser chamado para nenhuma entrevista, ele era agora, finalmente, um médico no Hospital Nº6. E não só um médico, mas o terceiro na hierarquia! Por esse raciocínio, era uma honra maior do que jamais poderia ter imaginado. Ele caminhou pela estrada mais confiante do que estivera naquela manhã e ficou pensando o que os presunçosos recrutadores dos comitês de seleção teriam a dizer sobre isso. Provavelmente, nada. Provavelmente, deviam estar todos mortos. Nesse sentido, a guerra era um equalizador, a primeira verdadeira meritocracia chechena. Akhmed considerava-se um médico incompetente, mas um homem decente, que compensava as limitações profissionais com empatia pelo paciente, com compreensão da dor. Passando pelo campo onde a carcaça congelada do lobo estava exposta ao luar, ele pensou em Marx. Talvez ali fosse aonde a história chegara à sua etapa final. Uma civilização sem classes, sem propriedade, sem Estado nem lei. Talvez esse fosse o fim.

Os últimos cinquenta metros através da vila eram os mais perigosos dos fatigantes onze quilômetros. Seus passos, se ouvidos, poderiam ser tão letais quanto minas terrestres. Ele diminuiu a velocidade ao se aproximar da única casa sem cortinas com blecaute. As luzes de lâmpadas mantidas por gerador brilhavam através das janelas. Ramzan, sentado lá dentro, beliscando sem apetite uma reluzente fatia de carne, não parecia um informante nem colaborador, não se mostrava mais ameaçador do que um homem com uma forte indigestão. Na janela seguinte, Khassan, o pai de Ramzan, lia à mesa. Khassan não falava com o filho havia dois anos, desde que Ramzan se tornara informante, e, embora Akhmed nunca tivesse culpado o velho pelos crimes do filho, as lâmpadas elétricas banhavam ambos na mesma luz.

O brilho da residência de Khassan e Ramzan já tinha se tornado uma luz fraca quando Akhmed chegou à sua casa. O batente da porta estava intacto; a porta continuava de pé. Ao abri-la, ficou tenso, à espera de um aperto forte no ombro, uma coronhada na testa. Nada disso aconteceu. Ele acendeu uma lamparina de querosene e entrou no quarto. Ula estava deitada na cama. Ela rolou de lado para o brilho amarelo.

— Onde você estava? — indagou a mulher. Sem inflexão, as três palavras sugeriam acusação, e ele esperou que seu silêncio fosse extinguir a pergunta, como muitas vezes acontecia. — Onde você estava? — repetiu Ula. Sua cabeça mal marcava o travesseiro.

— Fui ver Dokka — respondeu ele. — Ajudei-o a tosquiar as ovelhas.

Ela deu um sorriso largo o suficiente para deixar parte dos dentes à mostra. Doze anos antes aqueles incisivos eram amados pelo dentista da cidade, um jovem que projetava seus pensamentos mais lascivos nas bocas abertas das moças; mas o dentista morreu virgem quando um morteiro errou o alvo, o atingiu em seu consultório e o levou ao paraíso em uma nuvem cinza.

— Dokka é tão impaciente — murmurou ela. — Se ele esperasse mais um mês, o rebanho daria mais lã.

— Sim — concordou o marido. — Dokka sempre foi impaciente.

Ele se sentou na cama e colocou a lamparina ao lado da comadre e da tigela de caldo. Ambas estavam pela metade. Pegadas molhadas o seguiam até a cama. Akhmed desamarrou as botas geladas, massageou os pés e deitou-se ao lado de Ula. Houve um tempo em que sua mulher teria que se virar para lhe dar espaço, porém ela era menor agora.

— Como está a família dele?

— Eles estão bem.

Akhmed se virou para o lado e deslizou a mão esquerda para debaixo da camisola de Ula para aquecer os dedos em sua barriga.

— Eles deveriam vir comer com a gente um dia desses — disse a mulher.

— Vão trazer milho e pepinos — sussurrou o marido para os minúsculos pelos translúcidos no lóbulo da orelha de Ula. — O carvão de pedra irá arder no *mangal* e vamos grelhar *shashlyk*, e comer durante a tarde, com o sol brilhando. O cordeiro já está marinando no balde branco de plástico de Dokka com tomates, cebolas, limões fatiados e vinagre. Vamos convidar os pais de Dokka e eles virão, e talvez Dokka traga seu tabuleiro de xadrez, não aquele com as peças finas de madeira, mas o de plástico que Havaa lhe deu de aniversário, aquele que ele disse que adorou, embora todos achassem que um enxadrista de seu nível nunca fosse jogar em um tabuleiro de plástico. Mas ele jogou. Você se lembra? Ele ensinou Havaa a jogar nele e deixou-a ganhar em seu aniversário de seis anos. Vamos convidá-los para comer qualquer dia.

— Estou com fome — disse ela. — Não quero esperar tanto tempo.

Ele pressionou os lábios na testa da esposa e os deixou ali até que o beijo se tornasse uma conversa entre a pele compartilhada de ambos. Como a doença de sua mulher podia, ao mesmo tempo, causar-lhe repulsa e prendê-lo a ela? Seu amor, sua piedade e sua aversão, cada um desses sentimentos a reclamava, cada um deles a preenchia e era expulso por ela, e mesmo naquele

momento, enquanto lhe deixava na testa uma impressão do tamanho de um selo, tinha medo de que, assim que se afastasse, sua repugnância suplantasse a marca de seus lábios.

— Estou com fome — repetiu Ula.

Relutantemente, ele se inclinou para trás. Deixando a lamparina ao lado da cama, atravessou a escuridão até a cozinha. Depois de uma década sem eletricidade, seus pés conheciam o caminho. Oito passos para a sala de estar, um giro de noventa graus, seis passos até o limiar da cozinha, dois até o fogão. Ele colocou lenha sobre as cinzas da noite anterior, esguichou gasolina na madeira branca e riscou um fósforo. Preparou uma panela de arroz e uma porção de leite em pó enquanto a luz das chamas envolvia suas pernas. Durante o tempo em que esperou o arroz cozinhar, puxou um banquinho até o fogão de ferro e inclinou-se em direção à luz. Ele queria dizer algo consolador para Dokka, e, quando suas palavras queimassem na câmara do fogão, esperava que o sentimento subisse pelo tubo da chaminé, fosse transportado pelo vento ou por asas até os ouvidos de Dokka; contudo, mesmo que este pudesse ouvi-lo, Akhmed não saberia o que dizer, e não disse nada.

Quando o arroz ficou úmido, ele o colocou em uma tigela de cerâmica e deixou a colher inclinada na borda enquanto carregava a tigela e a caneca de leite em pó por dois passos, seis passos e um giro de noventa graus na escuridão. Era assim que uma criança se sentia no útero? Ele realizara dezenas de partos, mas não conseguia imaginar esses primeiros momentos. Um corte na bolsa amniótica, e, de repente, cores, formas, frieza, um mundo de alucinações.

A lamparina projetava um círculo no chão, no qual Akhmed pisou com hesitação para ir até Ula. Sentou-se ao lado da mulher e serviu-lhe o arroz em pequenas colheradas na boca. A habilidade de Sonja e a experiência de Deshi não tinham importância, nenhuma das duas poderia cuidar de Ula como ele.

— Alguém procurou por mim hoje? — perguntou Akhmed. Ela fez um aceno negativo com a cabeça. — Você tem certeza? Nenhuma batida na porta? Nada?

— Acho que não. Eu estava dormindo.

— Mas você se lembraria se Ramzan chamasse da porta?

— Ah, sim. Ramzan. Ele é um homem tão bom. Sempre pediu minha opinião — disse ela, e tomou um gole da caneca azul. — Acho que o leite derramou.

Ele lavou os pratos, despiu-se e deslizou para debaixo dos lençóis. Os dedos de Ula se arrastaram pelas cobertas até os de Akhmed.

— As coisas estão piorando, não estão?

— Não — disse ele. — Nada está piorando.

— Não me resta muito mais tempo, não é?

Esses momentos eram os mais difíceis de suportar, quando a trilha sinuosa de perguntas de Ula levava à objetividade e ele não podia dizer o que estava perdido para ela. Será que Ula achava que o marido tinha passado o dia tosquiando ovelhas que haviam sido vendidas, abatidas e consumidas muito tempo atrás? Será que ela já se esquecera de Havaa dormindo ao seu lado, o corpo esbelto da menina como uma lasca de calor no quarto escuro ou será que a garota fazia parte do próprio sonho, consumido em chamas pela luz da manhã? Um pensamento também perturbador: e se sua mulher participasse conscientemente dessas ilusões para acalmá-lo?

— A nenhum de nós resta — respondeu Akhmed, e apertou-lhe a mão.

Quando as respirações de Ula a levaram ao sono, ele afastou suavemente seus dedos da mão já relaxada da mulher e pôs-se a pensar no dia seguinte. Como seria tratar um paciente de novo? Ele seria capaz? Seis meses haviam se passado desde que atendera pacientes pela última vez na clínica, porém ele se lembrava de sua relutância ao serem conduzidos para a sala de exames, quando percebiam que seus corpos os tinham traído uma vez pela doença e, de novo, ao forçá-los a confiar em um médico incompetente. Às vezes, Akhmed se perguntava se sua autodepreciação se manifestava para prejudicar os pacientes, como se alguma parte sombria de seu coração quisesse que os doentes sofressem pelos fracassos dele. E, agora, confrontar-se com Sonja, uma cirurgiã cuja fama chegara até mesmo a Eldár. Ela havia perguntado o que ele faria com um paciente que não reagia, e ele, em um momento de estupidez, entendeu que aquilo significava *calado* ou *relutante em falar* e tinha pensado no padeiro mudo da vila, que se comunicava apenas por meio de bilhetes — o que se mostrara problemático no inverno anterior, quando o homem sofreu um ataque de impotência e ficou envergonhado demais para escrever, até mesmo para Akhmed. O médico conseguira resolver o problema — com astúcia, acreditava — dando ao paciente mudo um questionário com uma centena de potenciais sintomas, dos quais o sujeito assinalou apenas um, e dessa forma Akhmed salvou os testículos, o casamento e o orgulho do padeiro. Mas Sonja não sabia disso; ele ficara muito nervoso e com vergonha de explicar. Ela olhou fixamente para ele, sabendo que um impostor daqueles

nunca poderia ter feito parte do grupo dos dez melhores. A médica não perguntou como Akhmed chegara ao seu nome, por que fora até ela especificamente. Sua intenção não era esconder-lhe a verdade; no entanto, como Sonja não perguntou, ele não viu nenhum motivo para lhe falar sobre o peito suturado com fio dental.

* * *

Sonja tinha montado um quarto no escritório do ex-diretor de geriatria, um homem que ela nunca vira, mas cujos gostos conjuravam uma imagem tão definida — óculos com armação *browline*, um guarda-roupa de estilo predominantemente informal, mãos delicadas e feições finas, esculpidas — que ela poderia ter identificado seu corpo entre os mortos. O departamento de gerontologia fora fechado na primeira guerra devido à escassez de recursos e ao consenso de que prolongar a vida de idosos era um empreendimento para tempos de paz. No entanto, o diretor, um solteirão que dedicava parte considerável de seu salário mensal à decoração do escritório, ocupava a sala mais extravagantemente mobiliada do hospital; então, é claro, Sonja correria para ficar com ela. Havia um tapete tadjique vermelho-vivo no chão. Na extremidade da mesa, ficava um vaso antigo ornamentado com um padrão persa sob o qual ela encontrara a fotografia de uma mulher com o Mar Negro ao fundo, sorrindo de modo curioso, sem data nem identificação, um fantasma da vida do diretor que sobreviveu a ele. Ali, o diretor passara a vida amando uma mulher que não via desde que tinha vinte e um anos, quando seu pai a casou com um ucraniano por medo de um escândalo desastroso; a mulher era sua meia-irmã, e o amor que sentia por ela causou-lhe tanta perturbação que ele só conseguia expressá-lo através do amor pelos confusos e incoerentes idosos. A mesa foi encostada na parede e sobre ela repousava uma última folha de pagamento, ainda aguardando a assinatura do diretor. Seis colchões em três pilhas formavam a cama de Sonja, onde, depois de Akhmed ir embora, ela encontrou a menina vestida com luvas de látex.

— O que você fez? — perguntou ela. Era uma visão impressionante. A garota grampeara luvas de látex cor de creme em seu moletom e nas calças, cobrira os pés com elas e até usava uma na cabeça, como um moicano de cinco dedos. — Repito, o que você fez?

— Está vendo? — perguntou Havaa, levantando-se.

Vendo? Vendo o quê? Ela não achava que precisava de mais um motivo para rejeitar crianças, mas este era outro: elas falam por enigmas.

— Vejo um imenso desperdício de material médico e gostaria muito de não estar vendo isso.

— O que eu sou? — indagou a menina.

— Um estorvo?

— Não, uma anêmona-do-mar.

Havaa girou. Parecia esperar que as luvas se inflassem e se esticassem como tentáculos, porém aquelas luvas mal se abriam quando Sonja metia os dedos nelas, e apenas se agitavam molemente contra o peito, as costas e pernas da garota. Todo o cenário parecia tão triste que Sonja não conseguiu reunir a raiva que aquele desperdício merecia.

— Anêmonas-do-mar não falam. Agora troque de roupa. — A médica fez um aceno com a cabeça na direção da mala azul, ainda de pé ao lado do colchão onde havia sido deixada seis horas antes.

— Não. Esta é minha mala “apenas no caso de”.

— Apenas no caso de quê?

— No caso de haver uma emergência. Então, terei as coisas que são importantes para mim.

— Mas houve uma emergência — destacou Sonja. Ela suspirou. A mente daquela criança era tão impenetrável quanto um pedaço de queijo duro. — É por isso que você está aqui.

— Pode haver outra.

— Vamos fazer um trato — disse Sonja, esfregando os olhos. — Se você tirar esta coisa ridícula, não vai dormir no estacionamento.

Havaa, que na noite anterior vira o sequestro do pai, temia muitas coisas, contudo aquela médica rabugenta e exausta não estava entre elas. Olhou para baixo, para as luvas de látex caídas; seu pai teria achado seu desempenho encantador, a teria tomado nos braços e a chamado de sua anêmona-do-mar. Sua aprovação trazia magia ao dia mais sem graça, podia cobri-la da autoconfiança e segurança que de outra forma lhe faltariam; e sem isso, sem ele, ela se sentia pequena e indefesa, e a ideia de dormir em um estacionamento de repente pareceu muito real.

— Vou me trocar — disse ela a Sonja, afundando os ombros para indicar a derrota. — Desde que não tenha que desfazer a mala.

— Insisto que não a desfaça — assinalou Sonja, virando-se quando a menina começou a se despir. — Meu maior desejo é que você e sua mala

tenham desaparecido no mar pela manhã. O que há de tão importante dentro dela que você não pode desfazê-la?

— Minhas roupas e suvenires.

— Suvenires? Onde você esteve?

— Em lugar nenhum. — Aquela era a primeira noite que ela passava longe da vila. — Os suvenires são de pessoas que já se hospedaram na minha casa.

Quando a menina terminou de se trocar, Sonja disse:

— Você tem uma marca de dedo sujo em sua bochecha. Não, não nesta bochecha, na outra. Não, aí é a sua testa. — Sonja lambeu o polegar e esfregou a marca de fuligem da bochecha da menina. — Seu rosto está imundo. É importante manter-se limpa em um hospital.

— Não é limpo esfregar o rosto de outra pessoa com cuspe — disse Havaa desafiadoramente, e Sonja sorriu.

Talvez a menina não fosse tão burra quanto ela havia imaginado.

Elas comeram no refeitório no fim da ala de traumatologia, onde Sonja exibia a mais sofisticada peça tecnológica do hospital, uma máquina de gelo industrial que consumia muito da potência do gerador, mas garantia água filtrada. A menina estava mais impressionada com seu reflexo distorcido na parte de trás da colher.

— É dezembro. O mundo inteiro é uma máquina de gelo.

— Agora você está sendo prática — disse Sonja.

A menina fez uma careta diante da colher.

— Dedos podem voltar a crescer? — perguntou ela, largando a colher.

— Não. Por que a pergunta?

Havaa pensou nos dedos perdidos de seu pai.

— Não sei.

— Como você sabe o que é uma anêmona-do-mar, afinal? O mar mais próximo fica a alguns países de distância.

— Meu pai me contou. Ele é arborista. Sabe tudo sobre árvores. Eu ainda sou uma minimalista.

— Você sabe o que é isso?

Havaa assentiu, já esperando por aquela pergunta.

— É uma maneira mais agradável de dizer que você não tem nada.

— Seu pai lhe disse isso?

Mais uma vez ela acenou com a cabeça, olhando para seu reflexo deformado na colher. Seu pai era tão inteligente quanto o dicionário que repousava sobre sua mesa. Todas as palavras que ela sabia tinham vindo dele.

Não podiam tomar o que ele havia lhe ensinado, e isso fez com que as palavras grandes e importantes que Dokka a obrigara a decorar, recitar e definir soassem pela primeira vez grandes e importantes.

— Ele me falou sobre minimalistas e arboristas e biólogos marinhos e cientistas e cientistas sociais e economistas e comunistas e obstrucionistas e terroristas e jihadistas. Eu falei a ele sobre “anemonistas” do mar.

— Parece que você conhece um monte de palavras grandes.

— É importante conhecer palavras grandes — disse a menina, repetindo a máxima de seu pai. — Ninguém pode tirar o que está dentro da sua cabeça depois que já está lá.

— Você soa como um solipsista.

— Não quero aprender palavras novas com você.

Sonja mergulhou os pratos em uma bacia de água morna. Atrás dela, a menina estava calada.

— Então seu pai é arborista — disse a médica enquanto esfregava as colheres com uma esponja cinza.

Não era uma pergunta nem uma afirmação, mas uma ponte no silêncio. Havaa não respondeu.

De volta ao escritório de geriatria, ela deu à menina uma boneca Barbie de cabelo louro que estava nos achados e perdidos. Pertencera à filha de um católico devoto, de Varsóvia, que acreditava que os fabricantes de brinquedos das lojas de departamentos estavam conspirando para transformar sua menina de dez anos em uma idólatra e por isso encaixotou todas as bonecas da garota, exceto as natalinas, e, imbuído do espírito de caridade cristã, enviou-as para um país pagão, onde não poderiam fazer mal às almas de crianças que já estavam além da salvação. De vestido de baile e tiara, a boneca parecia surpreendentemente elegante graças à cinturinha fina. A menina inspecionou a Barbie, desconfiada dessa visão da humanidade.

— Por que ela está sorrindo? — perguntou.

— Provavelmente, ela encontrou essa tiara no chão e planeja vendê-la para comprar uma passagem de avião para Londres.

— Ou talvez tenha matado um russo.

Sonja riu.

— É claro, talvez. Ela poderia ser uma *shahidka*, uma daquelas mulheres-bomba chechenas que matam soldados russos.

— Sim, é uma Viúva Negra — concordou a menina, satisfeita com a interpretação. — Ela entrou sorrateiramente em um teatro de Moscou e fez

todos de reféns. É por isso que está usando vestido e joias.

— Mas onde estão os reféns? Não vejo nenhum. Por que mais ela poderia estar sorrindo?

Havaa se concentrou nos dentes artificialmente brancos da boneca.

— Talvez esteja morrendo de fome e tenha acabado de comer um doce.

— Que tal um biscoito? — perguntou Sonja, no momento em que teve a ideia.

— Ela provavelmente sorriria se comesse um biscoito.

— Você sorriria?

A sombra da cabeça da menina ainda balançava na parede quando Sonja encontrou na gaveta superior esquerda da mesa uma barrinha de cereal sabor chocolate indicada para corredores de maratona, um novo item entre as gotas de ajuda humanitária. Havaa mastigou a borracha espessa e fez uma careta.

— O que é isto?

— É um biscoito.

Ela balançou a cabeça com os olhos arregalados pela traição.

— Isto *não* é um biscoito.

— É tipo um biscoito. Sabor biscoito.

— Como pode uma coisa ser sabor biscoito e não ser um biscoito?

— Os cientistas e médicos podem fazer um tipo de comida ter o gosto de outra.

— Você consegue fazer isso?

Bem que ela gostaria.

— Não sou esse tipo de médica.

Havaa deu outra mordida e, em seguida, embrulhou o resto e colocou debaixo do travesseiro.

— Não é tão ruim — disse Sonja, irritada com o paladar sensível da menina.

— Estou guardando.

— Por quê?

— Por garantia.

A garota se agitou entre os cobertores, mas ainda assim dormiu primeiro. Sonja contraiu as pálpebras e pressionou a cabeça no travesseiro, porém não conseguiu se forçar a esquecer. Só sabia dormir sozinha. Desde que voltara de Londres, oito anos antes, seus romances casuais nunca tinham sido sérios o suficiente para que dormisse uma noite fora. Ela suspirou. Quando Deshi acordou naquela manhã, a médica nunca poderia ter imaginado que o dia

acabaria assim, com ela tentando adormecer ao lado daquela coisinha estranha. Apesar disso, estava feliz pela ajuda de Akhmed. Precisava de outro par de mãos e não importava quão desastrado e incerto este pudesse ser. Não que fosse admitir isso para ele. Era necessário torná-lo menos sensível, ensinar que salvar uma vida e cuidar de uma vida são processos diferentes, e que para se ter sucesso no primeiro é necessário livrar-se do *páthos* do segundo.

O puxão dos lençóis revelou as formas da menina, a marca do seu corpo no colchão, aquele leve calor emitido por sua pele. Sonja não a queria ali, não podia imaginar o que a garota sabia ou tinha visto, ao que era cega ou o que ignorava e o que a fizera ficar sob a mira dos agentes federais. Em algum lugar, havia um coronel jogado na cama, querendo encontrar Havaa tanto quanto Sonja queria se livrar dela, e ela trocaria feliz a menina por Natasha, ou por seus pais, ou por uma passagem de avião para Londres, ou por uma noite de sono decente. Havaa perdera o pai, ela perdera a irmã e, apesar da experiência em comum poder levar a uma comiseração compartilhada, Sonja se sentia traída. Mariposas voaram em sua visão periférica enquanto ela flutuou pelo corredor naquela tarde, esperando que o homem trouxesse notícias. Sua irmã tinha levado a Samsonite quando desapareceu em dezembro do ano anterior. Não havia nenhum bilhete nem explicação, nem mesmo sob o divã, onde Sonja, rastejando, passou um cabo de vassoura na vã esperança de que a brisa tivesse escondido ali o adeus de Natasha. Era como se sua irmã tivesse aberto a porta do depósito do quarto andar e caído para fora da Terra. Puf. Sumido. Mas não havia relatos de prisões, registros de passagem pelas fronteiras, nada de corpo, e a ausência de provas era o suficiente para permitir que Sonja continuasse esperando que o próximo paciente a passar pela sala de espera, através das portas giratórias da ala de traumatologia, fosse Natasha. Todavia, tinha que haver uma cota. Um limite para o número de milagres que alguém tem o privilégio de receber durante a vida. Quantas vezes uma pessoa amada poderia reaparecer?

A luz noturna cobria a menina com uma película verde. Aquelas bochechas suaves, limpas com cuspe, não davam nenhuma indicação dos sonhos amontoados em sua cabeça. Caso atingisse a vida adulta, Havaa chegaria lá com duzentos e seis ossos. Dois milhões e meio de glândulas sudoríparas. Noventa e seis mil quilômetros de vasos sanguíneos. Quarenta e seis cromossomos. Sete metros de intestino delgado. Seiscentos e seis músculos. Cem bilhões de neurônios. Dois rins. Um fígado. Um coração. Uma centena

de trilhões de células que morreram e foram substituídas repetidamente. Mas, não importava em quantas formas desmembrasse e quantificasse o corpo deitado ao seu lado, ela não poderia dizer quantos anos a menina teria de esperar até se casar, se é que o faria um dia, ou quantos filhos teria, caso tivesse algum, e entre a criação daquele corpo e seu fim estava o mistério que a garota passaria a vida solucionando. Por enquanto, ela dormia.

CAPÍTULO₄

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Uma sombra apareceu no horizonte branco, vestindo um casaco azul-marinho familiar. Duas manhãs antes, Akhmed teria acenado e ido cumprimentar o amigo. Caminharia até a sombra desfeita do rosto de Khassan e depois continuaria em frente, levantando a voz, sem medo nem hesitação — caso isso fosse duas manhãs atrás. Mas essas eram reflexões tardias enquanto ele corria para a floresta e se escondia atrás de um tronco cinza que tinha apenas a metade de sua largura. Akhmed agachou-se na base do tronco, engoliu em seco o ar do alvorecer e esperou que Khassan, um atirador de elite na Segunda Guerra Mundial, não o tivesse visto fugir. Apoiou o queixo nas mãos. Era assim que viveria agora? Escapando para a floresta ao menor ruído?

Três batidas soaram no tronco da bétula.

— Tem alguém em casa? — perguntou o velho.

Akhmed levantou-se e virou-se pesarosamente. Suas pegadas levavam direito ao tronco da árvore. Ainda que estivesse olhando pelo lado contrário de um binóculo, Khassan conseguiria rastreá-lo até ali.

— Está frio para sair tão cedo — disse Akhmed.

Ele não conseguia levantar o olhar acima dos ombros de Khassan enquanto caminhavam de volta para a estrada. O corpo do velho ainda preenchia o sobretudo, e ele segurava um peso de dois quilos em cada mão. Aos setenta e nove anos — um total de vinte anos além da expectativa de vida do homem russo comum, como sempre ressaltava —, Khassan mantinha o regime de exercícios que havia começado no exército meio século antes. Cinquenta agachamentos, abdominais e flexões, além de uma corrida de cinco quilômetros que tinha desacelerado e transformado em passeio ao longo das décadas.

— Meu saco congelou na Polônia, na Alemanha nazista e no Cazaquistão. Ele congelou em nove fusos horários diferentes. Mas agora? — Khassan suspirou e olhou com tristeza para a virilha. — Agora estou velho demais

para precisar dele, então por que deveria me importar se congelar?

Tanto na infância quanto na vida adulta, Akhmed tinha sido cativado pelas histórias da odisseia de dezesseis anos de Khassan. Para um homem que jamais fora a Grozny, as viagens de Khassan eram como lendas. Em 1941, o Exército Vermelho deu-lhe cinco balas e uma ordem para encontrar uma arma entre os mortos. Com um rifle arrancado de dedos congelados em Stalingrado, ele abriu a tiros um caminho através da Ucrânia, Polônia e Alemanha. Extraiu duas balas de sua coxa esquerda, perdeu três amigos para a hipotermia, matou vinte e sete nazistas a tiros, quatro a facadas e três com as mãos, serviu sob cinco generais, libertou dois campos de concentração, ouviu as vozes de inúmeros anjos ao som de um morteiro que explodiu, além de ter defecado em um vaso sanitário do Palácio do Reichstag — um momento que celebraria para sempre a conclusão vitoriosa da guerra. Depois de anos de serviço, voltou para uma Chechênia sem chechenos. Enquanto lutava, matava e cagava pela União Soviética, a população chechena inteira tinha sido deportada para a Sibéria e para o Cazaquistão por ter sido acusada por Stalin de colaboração étnica com o inimigo fascista. Seu comandante, um homem cuja vida Khassan salvara duas vezes, passaria os trinta e oito anos seguintes trabalhando como cabineiro de trem em Liski, onde a visão de trilhos atravessando o sol no horizonte servia como um lembrete diário da infame manhã na qual enviara Khassan, o único grande soldado para o qual já tinha tido o prazer de dar ordens, ao Cazaquistão em um trem repleto de médicos russos, prisioneiros de guerra alemães, soldados do exército polônês e judeus. Os pais de Khassan não haviam sobrevivido ao reassentamento e, em 1956, quando — três anos após a morte de Stalin — Kruchev permitiu a repatriação chechena, Khassan desenterrou seus restos e os levou para casa em sua mala marrom.

— Pelo que você me contou — disse Akhmed —, não foi por falta de uso que ele ficou frio.

Khassan sorriu.

— Graças a Deus, as fronteiras estão fechadas. Senão, quem sabe quantas senhoritas alemãs poderiam me perseguir atrás de dotes?

Uma luz violeta riscava as nuvens. Akhmed procurou algo para dizer, uma frase lançada rapidamente para tirá-los do buraco do desaparecimento de Dokka.

— Como está o livro?

Khassan estremeceu. Não foi a pergunta certa.

— Estou desistindo disso — respondeu ele.

— Não está fluindo?

— A história se escreve por si mesma. Não precisa da minha ajuda.

— Mas é o trabalho da sua vida.

— O trabalho da vida de alguém poderia ser esfregar vasos sanitários. Um trabalho não é significativo apenas porque a pessoa o faz durante toda a vida.

Por quatro décadas, Khassan havia elaborado e reformulado seu levantamento histórico das terras chechenas em seis volumes de três mil e trezentas páginas. Akhmed era criança quando viu as páginas pela primeira vez. Depois que o câncer enterrara sua mãe, ele e o pai tinham recebido convites semanais para jantar com Khassan na casa de três cômodos construída pelo pai deste em uma época em que os homens deviam cultivar o próprio milho, criar as próprias ovelhas e construir suas próprias casas. Um rascunho parcial, guardado em oito caixas debaixo da mesa de Khassan, era escrito na caprichada letra cursiva de uma carta de condolências. Akhmed o encontrou em uma tarde enquanto seu pai e o autor estavam sentados do lado de fora, fofocando como senhoras casadas sob o sol de junho. Todas as tardes, enquanto Khassan lecionava na universidade da cidade, Akhmed ia sorrateiramente até a sala e roubava uma única página. Ele a lia à noite, depois de terminar o dever de casa, e a trocava na tarde seguinte pela próxima. Khassan começava a história antes do aparecimento do homem na Terra, quando a flora e a fauna da Chechênia existiam no igualitarismo sem classes. Em um relato de vinte páginas da geologia caucasiana, ele provava que rochas e solo aderiam aos mesmos padrões do materialismo dialético proposto por Marx. Uma explicação de sete páginas de seleção natural comparava *kulaks* a uma espécie que não conseguira se adaptar às mudanças ambientais. O menino leu setenta e três páginas no total, alcançando somente o período Neolítico antes de Khassan perceber que algumas folhas estavam desaparecendo: as três que Akhmed havia perdido, as duas que transformou em aviões de papel e uma que trazia a descrição da floresta de Eldár antes de o homem inventar a motosserra, pois era bonita demais para ele devolver. Acreditando que o culpado era um informante da polícia secreta, Khassan queimou as páginas em seu fogão à lenha.

— Mas você precisa terminá-lo — pediu Akhmed, sem ter certeza de que Khassan falava sério.

O Khassan obcecado por um livro de história que, mesmo se publicado, ninguém leria era o único Khassan que Akhmed conhecia. Se ele renunciasse

às próprias pernas, não soaria mais ridículo.

— Você está certo — disse o velho.

Seus lábios entreabertos revelaram uma fileira de dentes cor de óleo de cozinha. O dentista da cidade tinha sido tão apaixonado pelos dentes de suas jovens pacientes que Akhmed não conseguia olhar dentro da boca de um velho por mais do que alguns momentos sem sentir uma onda de revolta e traição; ele nunca dissera a Khassan para usar fio dental.

— E eu sinto muito, Akhmed. Por Dokka.

— Ele foi levado para Landfill?

Os ombros de Khassan se encolheram. Ambos sabiam a resposta, porém isso não tornava mais fácil admiti-la.

— Não sei. Não sei de nada.

— Você pode pedir a Ramzan... — Pedir-lhe o quê? Ramzan não tinha respostas, a cegueira em que caminhava era uma sombra mais escura do que a deles. — Você pode pedir-lhe que deixe a menina em paz? Ela se foi.

— Ramzan não ouviu minha voz neste um ano, onze meses e três dias desde que começou a informar. contei todos os dias de silêncio. É uma tolice, eu sei, mas o silêncio é a única autoridade que me resta.

Eles não se encararam, olhando para a floresta que se estendia em ambos os lados da estrada, desconfortáveis e envergonhados.

— Sou um pária. O pai de um informante — continuou Khassan. — Você e meu filho são as únicas pessoas na vila dispostas a falar comigo, e eu não posso falar com ele. Em um ano, onze meses e três dias, as únicas conversas que tive foram com você. Você ainda fala comigo. Por quê?

Akhmed focava as árvores. Não sabia. Não sabia que, quando voltasse para casa naquela manhã, Khassan escreveria o que se lembrasse de sua conversa em um código que o filho não seria capaz de decifrar, nem que, mais tarde, Khassan leria aquilo mudo, sem falar uma única palavra em voz alta, e mesmo no papel o diálogo entre eles ergueria aquele cobertor de silêncio como estacas de uma barraca. O que ele sabia era que Khassan era seu amigo, um homem decente, e que aquilo era tão raro quanto nevar em maio.

— Você fugiu de mim agora mesmo — disse Khassan, antes que Akhmed pudesse responder. — Eu entendo. Meu filho é fraco e cruel. Tudo bem. Sabe, estive pensando na Festa do Sacrifício recentemente. Nos campos de reassentamento, celebrávamos em segredo, abatendo um cão selvagem no lugar de um cordeiro. Eu me pergunto se as palmas das mãos de Abraão suavam enquanto ele levava o filho até o cume. Ele lhe disse que estavam

fazendo uma caminhada? Será que levou água? Acho que ele deve ter olhado para a faca até seu próprio reflexo se tornar parte da lâmina. Acredito que o alívio deve ter substituído o horror quando desembainhou a faca e reconheceu seu rosto. Deve ter sabido que o que estava prestes a fazer era de tal importância que já havia se tornado quem ele era, e então ele ofereceu tanto o filho quanto a si mesmo ao gume do punhal.

Curvado, Khassan apertou as mãos nuas contra a neve. Afundou-as até os antebraços e as deixou lá, uma cena que um estranho poderia interpretar como uma demonstração de resistência, mas que era, Akhmed sabia bem, um ritual particular de contrição. O rosto de Khassan estava abalado de um jeito que Akhmed não conseguia olhá-lo, muito menos entendê-lo, menos ainda consolá-lo.

— É melhor andar em ambos os lados da estrada para que minhas pegadas não possam ser seguidas — disse Akhmed. — Ficarei fora o dia todo. Certifique-se de que ninguém fique sabendo para onde estou indo. Faça isso, por favor.

A cabeça de Khassan balançou. Ele pegou dois punhados de neve e os pressionou contra os olhos. Filetes d'água derretidos circundavam seus punhos.

— Não é difícil crer na disposição de Abraão de sacrificar o filho. Seu filho era um inocente. É muito mais difícil quando você sabe o que seu filho faria com você se sobrevivesse. Quando você sabe o que aconteceria se um anjo tirasse a faca de sua mão.

* * *

Falange distal, falange proximal, metatarso, cuneiforme medial, navicular, tálus, calcâneo. Akhmed recitou os ossos que compõem o dedão do pé e seguiu em latim subindo até o tornozelo enquanto caminhava para o hospital. Antes de sair naquela manhã, ele arrancara meia dúzia de diagramas de seu velho livro de anatomia e os estudara enquanto andava, dando olhadelas frequentes para verificar se havia minas terrestres. Ele estaria pronto para mais questionários de Sonja. O sol já estava alto no céu quando entrou no hospital, e o guarda, cujo braço esquerdo acabava no cotovelo, o deteve.

— Aqui? — perguntou Akhmed, irritado. — Andei quase até a Turquia evitando postos de inspeção.

O punho da manga esquerda do guarda era costurado ao ombro. A barba delgada descendo do queixo parecia a cauda de um esquilo que hibernava em sua boca.

— Você precisa tirar os cacos de vidro de suas botas — instruiu o guarda.

— Não se preocupe — disse Akhmed. — Eu sou o médico.

— Não, Sonja é a médica — corrigiu o guarda de um braço só. — Você é o idiota com cacos de vidro nas solas das botas. Agora, sente-se neste banco, pegue aquele alicate e tire o vidro se quiser entrar no hospital.

Ninguém conseguia andar pela cidade sem acumular um monte de cacos de vidro nas solas dos sapatos, e o guarda, que lutara arduamente por dezoito meses com os rebeldes, testemunhara todos os tipos de horrores e participara deles, tinha medo de Sonja e do que ela faria se visse que cacos de vidro haviam sido levados para dentro do hospital. Ele observou Akhmed retirar quatorze fragmentos e depositá-los em um cinzeiro.

Akhmed suspirou, cabisbaixo. Seu primeiro dia como médico do hospital não estava começando bem.

— Diga-me — perguntou ele, apontando para o braço ausente do guarda.

— Eles pagam metade do salário para você?

O guarda, de trinta e um anos, nunca tinha recebido um cheque de pagamento, e não teria sabido o que fazer com um, caso recebesse; três anos depois, quando o hospital voltou a emitir contracheques, começando com um colossal pelos nove anos de salários atrasados, o guarda emoldurou o seu e o pendurou na parede, sem nunca depositá-lo. Pelo resto da vida, ele não confiaria nos números que as pessoas colocam no papel.

— Eles deveriam me pagar mais do que pagam a você — disse o guarda, sorrindo. — Até eu posso fazer mais do que dar um questionário a um paciente que não reage.

O rubor de Akhmed ainda não havia desaparecido quando ele abriu as portas duplas. A cabeça de Havaa bateu em sua barriga como uma bala de canhão.

— Você voltou! — exclamou ela, sem fôlego depois de correr para atravessar toda a sala.

Ele passou os dedos pelo cabelo castanho-amendoado, a mesma tonalidade encontrada na parte de trás da sua mão. Akhmed tinha ficado tão preocupado com a nomenclatura latina que se esquecera da menina, e, enquanto os braços de Havaa formavam um torniquete em volta de sua cintura, a pressão abrandava sua respiração. Ela não havia se esquecido dele nem por um

instante.

— É claro que voltei. Aonde mais eu iria?

— Ele... — começou ela, e Akhmed apertou o ombro da garota do modo mais consolador que podia.

— Vamos ficar aqui por mais um tempo, certo?

— Imaginei — disse a menina.

Ela afrouxou o abraço e deu um passo para trás enquanto o entusiasmo do momento anterior se esvaía de seu rosto. A mala azul se encontrava ao lado da cadeira dobrável onde ela estivera sentada.

— Planejando ir a algum lugar?

— Para o caso de estarmos indo para casa — respondeu a garota.

Akhmed apertou seu ombro mais uma vez, contudo o gesto era pequeno e fútil, e reafirmava o desamparo que ela parecia impingir-lhe.

— Como foi sua noite? — perguntou ele, na esperança de animá-la. — Sonja se transformou em morcego depois que o sol se pôs?

Ela fez um aceno negativo com a cabeça.

— Tem certeza?

— Tenho — disse Havaa, baixando a voz para um sussurro. — Ela só ficou chata. Não parava de falar sobre sua máquina de gelo. E me chamou de solipsista.

Akhmed seguiu-a por toda a sala de espera até o lugar onde ficavam as cadeiras dobráveis manchadas de tinta e sentou-se ao seu lado. Ela ergueu a mala azul, acomodou-a no colo e pôs os braços ao seu redor.

— Você quer que eu a carregue de volta para o seu quarto? — ofereceu ele.

Havaa fez um movimento lento e desanimado com a cabeça, levantou a mala pela lateral e a abraçou.

— Sabe o que você deveria fazer? — perguntou Akhmed, virando-se para Havaa. — Você deveria ensinar ao guarda do andar de baixo a fazer malabarismo.

— Mas ele só tem um braço.

— Mesmo assim, ele quer aprender. Ele tem vergonha por causa do braço e por isso vai recusar no começo. Você precisa ser persistente.

— Sei ser persistente — garantiu ela.

— É?

— Meu pai diz que a persistência é uma maneira educada de ser chata.

— Você é boa nisso, não é?

Com um leve sorriso, ela reconheceu sua considerável competência. Mas o sorriso pelo qual ele tinha batalhado murchou quando as portas da traumatologia se abriram e Sonja entrou. Cada passo produzia um chacoalhar de seu uniforme branco surrado. Dava para ver veias cor-de-rosa em seus olhos.

— Você está atrasado — disse Sonja, com rispidez, completamente alheia ao trabalho importante que acontecia entre eles ali, nas cadeiras da sala de espera.

Ele ergueu as sobrancelhas para Havaa e depois seguiu Sonja até um corredor oculto por cortinas com o penetrante cheiro de amônia. Ela se virou na direção do refeitório, onde, no canto, a notória máquina de gelo trabalhava. Lençóis e toalhas pendiam de varais e instrumentos prateados se agitavam em panelas de água fervente. Fita adesiva cobria as vidraças, e as luzes de emergência acima da cabeça lançavam um brilho azul-opaco nas paredes. Mesmo em condições de guerra, ele esperava que o Hospital N°6 fosse mais glamouroso do que aquilo.

— Correu tudo bem com Havaa na noite passada? — perguntou Akhmed. Sonja não se virou para ele.

— Digamos que ela é uma hóspede inexperiente — respondeu a médica, e verificou se os lençóis pendurados estavam úmidos.

Entregou a Akhmed a parte de cima de um uniforme médico que se encontrava na ponta mais distante do varal. Ainda úmido.

— E o que eu usei ontem? — perguntou ele. — Deixei-o em um armário no corredor.

— Não, eles precisam estar limpos. E, tão importante quanto, têm que estar brancos.

— Por que brancos?

Ela se encostou na parede e enfiou as mãos nos bolsos fundos das calças de seu uniforme. Akhmed se concentrou em seu rosto como se estivesse se preparando para desenhar um retrato de Sonja — os ângulos, as medidas e as proporções de suas feições —, tudo para não ter que encontrar seus olhos.

— Nossa aparência é tão importante quanto qualquer coisa que fazemos. Os pacientes precisam acreditar que não funcionamos de forma diferente de um hospital em Omsk — disse ela, e, com os cotovelos abaixados, pegou um cigarro no bolso.

— Então a percepção de profissionalismo é mais importante do que ser profissional? — Era uma ideia que ele poderia ter guardado para si.

Ela ergueu o queixo e soprou uma coluna de fumaça para o teto.

— Somos três pessoas mantendo um hospital que requer uma equipe de quinhentas. Precisamos parecer profissionais perfeitos porque essa é a única maneira de levarmos alguém a pensar que somos.

— Então, neste exato momento, já que você está fumando um cigarro e eu não, sou o mais profissional de nós dois?

Sua risada soava mais agradável agora, pois não era dele que ela ria, e Akhmed observou com satisfação Sonja mergulhar a brasa em uma poça que pingava do varal e atirar a guimba no lixo.

— Você está evoluindo rápido.

— Sobre isso, estive pensando que, já que este é o meu primeiro dia, seria melhor se eu não começasse a trabalhar imediatamente com os pacientes de maneira individual.

— Essa talvez seja a melhor ideia que você já teve — observou ela, e entregou-lhe o restante do uniforme.

Quando ele começou a se despir, Sonja esperou olhando para outro lado.

Os pacientes foram encaminhados para a traumatologia — um jovem com tosse tuberculosa profunda, uma idosa, cujo cabelo pegara fogo, dois adolescentes que tiveram metade do rosto desfigurado depois de se espancarem ao negociar a propriedade de um suposto pé de galo da sorte — e Akhmed, grato, não atendeu nenhum deles. Podia ser uma sensação boa voltar a ter um estetoscópio, mas outra bem melhor era estar no refeitório, onde nenhuma calamidade maior do que uma palavra áspera de Deshi se abatia sobre ele. Akhmed seguiu-a durante toda a manhã, acenando educadamente com a cabeça enquanto a enfermeira culpava os russos por vários males mundanos, e alguns — vulcões, o inverno, a artrite nos seus quadris — caíam na jurisdição de Deus.

— Se pudéssemos, colocaríamos a culpa da constipação nos russos — disse Akhmed.

— Já faço isso. Fibras são tão raras.

Ela pegou uma calça marrom da pilha no chão e esvaziou os bolsos em cima do balcão. Papéis dobrados, trocados, chaves, cartões de plástico e fiapos caíram, dispersando-se. Ela jogou tudo, menos a carteira de identidade e os trocados, no lixo.

— Algo bom nesta calça? — perguntou ele. Era a décima quarta calça que Deshi colocava em cima do balcão naquela manhã, a décima quarta na qual ela havia procurado por dinheiro, cigarros, tudo aquilo que o morto não tinha

pensado em usar antes de seguir seu caminho. — Talvez uma passagem de avião?

— Uma passagem de avião. — Ela acenou com a mão para afastar o ar que carregava uma pergunta tão absurda. — Para onde ele iria, de qualquer maneira?

— Não sei. Grozny.

— Grozny? — Ela ficou boquiaberta.

Todos os sábados de 1976 a 1978, Deshi havia se encontrado com o sétimo de seus doze grandes amores, um geólogo de petróleo, na suíte do Grozny Intourist Hotel, até que, em uma noite de sábado, o surpreendeu no quarto com outra enfermeira; ela nunca perdoaria a cidade por abrigar aquele homem.

— Ele está falando sério?

— Nunca estive em Grozny — disse Akhmed.

— Se ele pudesse ir a qualquer lugar, escolheria Grozny?

— Nunca estive lá — respondeu ele, suavemente.

Na década e meia desde que deixara a escola de medicina, Akhmed tinha esquecido quão grande era o mundo que se estendia além de sua vila, quão provinciana e banal era sua vidinha quando comparada a quase qualquer coisa. Deshi, que, a julgar por seu tom de desaprovação, não ficaria impressionada com nada menos do que uma volta ao mundo, foi rápida em lembrá-lo disso.

— Inacreditável — suspirou a enfermeira, e virou-lhe as costas.

Ela olhou para a identidade com a intenção de ver se a calça pertencia a um conhecido e, em seguida, atirou-a em uma caixa de sapatos com dezenas de outras. Foi um gesto simples, não mais do que um toque de seus dedos, realizado sem maldade nem desprezo, mas com total desinteresse, e que cortou Akhmed como uma barbatana através da água. Em sua indiferença, ele viu a verdade de um mundo no qual não queria acreditar, aquele em que um ser humano pode ser descartado tão facilmente quanto um fiapo de tecido. Deshi, porém, não estava mais prestando atenção nele.

— Grozny — murmurou ela. — Médico idiota e mesquinho. Provavelmente, prescreveria bagas de *kalina* para pneumonia. E aquela gárgula agachada no lugar do seu nariz. Comprido o suficiente para manter as pontas dos dedos dos pés secos em um banho de chuva.

Deshi virou as pernas da calça do avesso e as estendeu sobre o balcão; uma bolsinha apareceu na costura interna, logo abaixo do joelho, onde fora presa

com linha preta. Ela passou uma lâmina de barbear por toda a costura e removeu algumas notas amassadas e uma folha de papel dobrada. O estômago de Akhmed se revirou quando a enfermeira estendeu a mão com o bilhete na direção da lata de lixo.

— Espere — disse ele.

Akhmed sabia o que estava escrito ali, sabia que o tempo para qualquer pedido final já havia se esgotado, ainda assim perguntou:

— O que diz o bilhete?

Deshi franziu a testa.

— *Outubro de 90, Estrada 25, Shali* — leu ela. — *Devolvam-me para o enterro.* Tarde demais, meu amigo. Você deveria ter costurado o recado na parte de fora da calça.

— Onde está o corpo?

— Já nas nuvens. É um sacrilégio, eu sei, mas eles queimam quase todos os corpos que não são reivindicados. Não se consegue um saco para cadáver hoje em dia. Os agentes os requisitam para fazer saunas de campo enquanto estão em patrulhamento. A coisa mais estranha que já vi, trezentos soldados, nus como no dia em que nasceram, encolhidos em sacos plásticos pretos que retêm o vapor de água fria derramada sobre pedras em brasa. Só mesmo um russo poderia encontrar prazer dentro de um saco para cadáver.

Quando ela redobrou o bilhete e o jogou na lata de lixo, ele quis se esticar para resgatar o retângulo em queda antes que este pousasse e se perdesse entre as últimas palavras de duas dezenas de outros que morreram longe de suas vilas, que foram lançados por estranhos em fornos, que foram enterrados na cobertura de nuvens e não voltariam para casa até a próxima nevada. O endereço do próprio Akhmed estava escrito em um pedaço de papel dobrado e costurado na perna esquerda de suas calças, onde a cada passo entrava em atrito com sua perna, aguardando a alma decente que um dia o levaria, caso ele morresse longe de casa.

— Qual é o nome dele? — perguntou Akhmed.

Aquele homem tinha uma irmã em Shali que lhe teria dado sua agência de viagens — agora não era mais do que um nome que havia tido prestígio —, seus sogros e nove décimos de sua alma imortal para ter em mãos aquele bilhete que fora jogado no fundo da lata de lixo, ainda que apenas para guardar o último desejo do irmão, a quem lamentava ter dado tão pouco em vida.

Na caixa de sapatos, havia oito camadas de carteiras de identidade. Ela

segurou um daqueles documentos contra a luz e o guardou de volta.

— Ele é um destes — respondeu ela.

* * *

Enquanto Sonja permaneceu por toda a tarde em cirurgia, Akhmed ficou no refeitório, dobrando lençóis que logo encheram as cestas de vime da lavanderia. No começo ele protestou, reclamando que aquele serviço era de empregada doméstica, até Sonja lembrá-lo de que era o único serviço que ele tinha qualificação para executar. Ao dobrá-los Akhmed imaginou sua mulher deitada em um lençol mais cinza, a cabeça apoiada no favorito de seus dois travesseiros, o de espuma espessa, que lhe incomodava o pescoço nas noites em que eles o compartilhavam ao adormecer. Se tivesse energia, ela poderia pegar um dos seus livros de arte da pilha ao lado da cama. Aquelas capas duras encadernadas com tecido continham mundos de estátuas de mármore, xilogravuras populares, folhas flutuantes de lírios, generais mortos há muito tempo e paisagens plácidas onde aristocratas com chapéus engraçados se exibiam. À noite, ele narrava as cenas para ela como se soubesse do que estava falando, inventava biografias para cada retrato, intrigas para cada olhar de um quadro. Desde que começara a faltar no primeiro ano de patologia para assistir às aulas de desenho de natureza-morta, ele manteve um interesse permanente na arte e, para um homem que nunca tinha ido a Grozny, acumulava uma respeitável coleção de livros sobre o tema. Toda manhã, reordenava a pilha para que o primeiro livro que sua mulher alcançasse fosse novo para ela.

Akhmed dobrou o lençol e colocou-a ao lado dos outros. Quanto tempo fazia desde que havia trocado os lençóis de Ula pela última vez? Dez dias, pelo menos. Ela raramente rolava do seu lado da cama, e quando ele a levava para o divã da sala de estar e tirava as roupas de cama do colchão, encontrava sua silhueta amarelada de suor no tecido. Aquele escurecido almiscarado era tão singular e irrevogavelmente característico de Ula que ele hesitava em lavá-lo. Mas, então, repreendendo-se por ser sentimental, enchia a bacia com água e sabão, mergulhava seu contorno e a via desaparecer. Ele a estava perdendo aos poucos. Podiam ser alguns apáticos fios castanhos de cabelo largados no travesseiro, ou as meias-luas de unhas roídas jogados atrás da cabeceira da cama, ou uma forma escura se dissolvendo em sabão. Como

uma rede de pesca que não é mais do que buracos costurados juntos, eles estavam unidos por algo que não estava mais lá. As refeições não mais preparadas nem consumidas, os cartões de receitas, com não mais do que quatro ou cinco ingredientes, empilhados acima do fogão. As caminhadas que não faziam mais, as matas no verão, a vegetação rasteira não mais dividida por suas canelas. As brigas não começadas; nenhuma aposta, nada que um deles quisesse ou pudesse perder. O amor que não era mais feito, desejado, imaginado ou lamentado. A doença tinha devolvido a Ula uma inocência que ele não estava disposto a macular, e o calor de sua carne o encasulando era um fragmento de suas vidas desalojado da memória de ambos.

Começou no final da primavera de 2002, no dia em que ela dormiu durante o café da manhã, um ano após o ataque das forças paramilitares aliadas dos russos que custou a vida de quarenta e um habitantes da vila.

— Sinto-me doente — murmurou ela, e ele levou seu chá até a cama.

Se ele soubesse que aquela xícara seria a primeira das centenas que levaria à sua cabeceira, teria preparado uma bebida mais amarga. Akhmed mediu seu pulso, temperatura e pressão arterial: tudo normal. Os olhos estavam claros, a pele, corada. Quando lhe perguntavam, ela não conseguia fazer uma descrição coerente de sua dor. Era como uma bola de gude solta se revirando em seu interior, migrando do tornozelo para o joelho, chegando até o quadril e descendo novamente. Em alguns dias, os dedos dos pés concentravam toda a dor. Ou os das mãos. Ou os cotovelos. Ou os rins. Por fim, ela se estabilizou em algum lugar entre o peito e o estômago, só escapando para as pernas às segundas-feiras. A dor é um sintoma e não uma causa, até ele sabia disso, e a única conclusão razoável era de que a doença estava presa à mente de Ula. No entanto, mesmo sem acreditar que sua esposa estivesse fisicamente doente, ele não podia negar a realidade de seu sofrimento. Um ano antes, o ataque aniquilara um terço da vila. Anjos desceram. Profetas falaram. A verdade era apenas uma entre muitas alucinações.

Nas primeiras semanas ele resistiu a levá-la ao Hospital N°6. Embora tivesse se formado entre os dez piores de sua classe, Akhmed ainda era um médico licenciado, e um médico decente, mesmo que nem sempre soubesse o que estava fazendo. O que as pessoas diriam se soubessem que ele não era capaz de diagnosticar a doença da própria esposa? Já era raro seus pacientes pagarem as contas; se a notícia de sua inépcia se espalhasse, o casal morreria de fome. No entanto, um mês se passou sem declínio nem recuperação, e esse estado estático, esse purgatório não progressivo, finalmente o convenceu de

que a doença de sua mulher estava além de suas habilidades. Tentou levá-la ao hospital. Por três vezes se aventuraram até Volchansk na caminhonete vermelha de Ramzan, porém cordões do exército bloqueavam todas as estradas para a cidade. Ele idealizou e, em seu caderno, desenhou maneiras de transportá-la: uma liteira, um túnel, uma pipa grande o suficiente para levantar sua cama. Após a quarta tentativa, quando um cartucho de bala estourou o pneu de Ramzan a dez metros de casa, desistiu. O que os médicos do hospital diriam, afinal? Com tantas lesões reais para cuidar, dispensariam Ula e sua doença fantasma. O pensamento de vê-la sendo forçada a defender sua dor o fez cerrar os punhos.

Por oito meses e meio, ele cuidou da esposa com devoção paternal. Todas as manhãs, contudo, quando pousava a xícara na mesa de cabeceira, imaginava se a privação física poderia reviver sua mente doente; e assim, dez dias antes de Dokka perder os dedos, Akhmed deixou a xícara de chá de Ula na cozinha. Ao longo do dia ela chamou seu nome em gritos mais confusos e desesperados a cada iteração, até que o nome já não era mais o seu, mas uma palavra de angústia absoluta. Incapaz de suportar o chamado de seu nome, ele ficou com a esposa e a filha de Dokka por três noites. Na quarta manhã, retornou e a encontrou no chão do quarto. Inícios de escaras avermelhavam suas escápulas. Naquele momento, o marido compreendeu que passaria o resto da vida expiando os três dias anteriores, e que o resto da vida não seria tempo suficiente. Ele a levantou do chão e a acomodou sob os lençóis. Levou-lhe um copo d'água da cozinha e, em seguida, mais cinco.

— Você nunca terá que se levantar de novo — prometeu à mulher.

Ele pousou a cabeça no peito dela e seu coração tamborilava contra sua têmpora.

— Akhmed — disse ela. — Akhmed. — Seu nome se transformara numa canção de ninar.

Ele nunca mais tentou coagir Ula a ser saudável. Aquilo teria um fim. Tudo sempre acabava. No entanto, quando esvaziava o penico no quintal ou escovava os dentes de Ula apesar de seus protestos, o brilho tênue de ressentimento ainda ardia. Ela se fora, mas ainda estava ali, o fantasma da esposa que a guerra lhe amputara, e, incapaz de pranteá-la ou amá-la, ele se condoía e se ressentia dela. E assim, no dia anterior, quando se ofereceu para trabalhar no hospital até que encontrasse outras acomodações para Havaa, Akhmed esperava que Sonja concordasse, tanto por ele quanto pela menina. Naquela manhã, ao deixar Ula sozinha com quatro copos d'água e uma tigela

de arroz morno no criado-mudo, ele fechou o trinco duplo da porta e encarou o frio do amanhecer com a confiança de que o futuro de Havaa significava mais do que o de sua esposa, e marchou onze quilômetros por um compromisso que só a vida de uma criança poderia justificar.

Depois de dobrar o último lençol ele se abaixou sob os varais e abriu o armário. Suas calças estavam dobradas na prateleira de baixo. Ao longo da costura interna da perna esquerda, notou uma saliência familiar. Se fosse morrer longe de casa, esperava que uma alma mais gentil do que a de Deshi o encontrasse.

* * *

— Amanhã vamos a Grozny — avisou Sonja enquanto cruzava a porta do refeitório, parando no balcão para inspecionar os bisturis que ele havia fervido.

— Deshi disse isso a você? — perguntou ele, incapaz de disfarçar o pânico que crescia por trás de seus olhos. — Eu só estava brincando. É claro que eu usaria a passagem de avião para ir a outro lugar. Tbilisi ou até mesmo Istambul.

— Você ferveu estes aqui por dez minutos?

— Você está brincando, certo?

Ela fez um gesto em direção a ele com a lâmina de bisturi, um pouco casualmente demais para a tranquilidade de Akhmed.

— Cerca de dez minutos em água fervente? Nunca falei mais sério.

— Não, sobre Grozny.

— Você ferveu ou não ferveu isto aqui por dez minutos?

— Sim, mas iremos a Grozny?

A médica franziu a testa, parecendo acreditar que *ele* é que estava sendo repetitivo.

— Você não deve fazer mais perguntas — disse ela. — Um ponto de interrogação em sua boca é uma arma perigosa.

— Então, vamos?

Sonja suspirou com resignação.

— Sim.

— Por quê?

Ela tirou um isqueiro do bolso.

— Você fuma?

— Sou um excelente fumante. — Fazia sete semanas desde seu último cigarro, e dois meses mais desde o anterior, e tecnicamente tinham sido *papirosi*, cigarros russos, enrolados com um tubo de papelão sem filtro e recheados com um tabaco grosseiro que lhe causou um profundo enjoo pelo resto do dia.

Talvez inspirada pela prévia demonstração de profissionalismo de Akhmed, ela esperou até que chegassem ao estacionamento para acender o cigarro. Ali, entregou-lhe o maço. Ele conhecia o alfabeto latino, no entanto não o usava havia alguns anos.

— Duh...

— Dunhill — completou ela.

Ele escolheu um em uma das duas fileiras e o inclinou até o isqueiro de Sonja. A primeira tragada deslizou em seus pulmões sem a dureza rascante de seus últimos dois cigarros, e Akhmed olhou para a brasa queimando devagar, admirando a qualidade do tabaco e da chama, agradavelmente surpreso por não se sentir mal.

— Onde você conseguiu isto? — perguntou Akhmed.

— Grozny.

— Vamos até lá para conseguir cigarros?

Ela sorriu e disse:

— Não posso acreditar que você usaria aquela passagem de avião para ir lá.

— Nunca estive em Grozny.

— Trata-se de outra coisa.

— Afinal, por que iremos?

Mais abaixo na rua, a lateral de um edifício ruína e soterrara todos os carros em um estacionamento. Akhmed estava com trinta e nove anos e tivera a esperança de ter um carro nessa idade.

— Vou uma vez por mês para buscar suprimentos — disse Sonja. — Não apenas cigarros. Praticamente tudo no hospital vem por meio de um homem que conheço em Grozny, com conexões no exterior. Ligo também para um amigo que vive em Londres e me atualiza sobre o que está acontecendo no mundo.

— O que está acontecendo lá fora? — perguntou Akhmed.

Àquela altura, o resto do mundo não passava de um boato, uma miragem que começava nas fronteiras. Trinta e dois anos antes, no ar rançoso de sua

escola primária — construída em um quarteirão demarcado por uma estação de tratamento de esgoto e um bordel para lenhadores —, a professora de geografia esperava que ele acreditasse que o mundo tinha a mesma forma que uma bola de futebol. Akhmed fora o primeiro de seus colegas a aceitar isso, não porque sabia alguma coisa sobre a gravidade, mas porque o ar estava mais repugnante do que o habitual naquela tarde e ele queria ir embora. Pelo resto de sua carreira, a professora de geografia se orgulharia de ter sido a primeira a reconhecer a aptidão de Akhmed para ciências.

— No mês passado, ele me disse que George Bush havia sido reeleito — contou Sonja.

— Quem é esse?

— O presidente americano — disse Sonja, desviando o olhar.

— Pensei que o presidente fosse Ronald McDonald.

— Você deve estar brincando.

Tinha acontecido de novo: condescendência densa o suficiente para espalhar com uma faca de manteiga. Sua mãe havia sido a única outra mulher a falar com ele assim, e apenas quando Akhmed era criança — e só quando não queria comer pepinos.

— Não foi Ronald McDonald que disse a Gorbachev para derrubar o muro?

— Você quer dizer Ronald Reagan.

— Nomes em inglês soam todos iguais.

— Isso foi há quinze anos.

— E daí? Brejnev foi secretário-geral por dezoito anos.

— Não é assim que funciona por lá — explicou ela. — Eles têm eleições a cada poucos anos. Se o presidente não ganhar, outra pessoa se tornará presidente.

— Isso é ridículo.

O vento levantou a cinza do cigarro e a espalhou pelo estacionamento vazio.

— E só se pode ser presidente por dez anos — acrescentou Sonja.

— E depois? A pessoa se torna primeiro-ministro por um tempo e depois concorre à presidência novamente?

— Acho que ela apenas se afasta.

— Você quer dizer que Ronald simplesmente se afastou depois de dez anos? — perguntou Akhmed.

Ela só podia estar brincando.

— Ele simplesmente se afastou e George Bush tornou-se presidente.

— E, então, George Bush matou Ronald Reagan para impedi-lo de tomar o poder?

— Não — disse ela. — Acho que eles eram amigos.

— Amigos? — perguntou ele. — Isso me faz pensar em como perdemos a Guerra Fria.

— Bem pensado.

— Então, George Bush tem sido o presidente desde Ronald Reagan?

— Houve outro cara lá. Clinton.

— O mulherengo. Lembro-me dele — disse Akhmed, satisfeito. — E aí George Bush tornou-se presidente novamente?

— Não, o George Bush que é presidente agora é filho do primeiro George Bush.

— Ah, então é por isso que eles não matam o presidente anterior. São todos aparentados. Como os Romanov.

— Algo assim — disse ela, distraidamente.

— Então, quem é Ronald McDonald?

— Sabe, Akhmed — disse ela, olhando para ele pela primeira vez em vários minutos —, estou começando a gostar de você.

— Não sou idiota.

— Você usou essa palavra, não eu.

Uma explosão ecoou vinda do leste, uma longa onda cruzando o céu.

— Uma mina terrestre — disse Sonja, como se não fosse mais do que uma tosse. — Deveríamos entrar.

Ele largou o cigarro sem terminá-lo, a primeira vez que tinha feito isso em seis anos, e teve o cuidado de evitar os cacos de vidro enquanto a seguia de volta até a entrada.

— Costure os bolsos de suas calças antes de vir amanhã — aconselhou ela.

— Vamos passar por uma dezena de postos de inspeção antes de chegarmos a Grozny, e com essa barba você parece um fundamentalista. Não quero que os soldados plantem alguma coisa em suas roupas.

Akhmed olhou para as nuvens antes de segui-la corredor adentro. Não importaria nem se ele tivesse encontrado uma passagem aérea. Fazia dez anos e meio que ele não via aviões comerciais no céu.

* * *

O homem arrastado para a sala de espera não era a primeira vítima de minas terrestres que Akhmed via, nem era o primeiro que tinha visto acompanhado por uma mulher de fala incompreensível, nem mesmo o primeiro que tinha visto ser arrastado em uma lona em uma trilha formada por uma mancha escarlate; ele não era o primeiro homem que Akhmed via se contorcendo como um macarrão solitário em uma panela de água fervente, não era o primeiro que ele via com a metade da canela suspensa apenas pelo tendão. Mas quando Akhmed o viu foi como ver o primeiro homem pela primeira vez: não conseguia pensar, não conseguia agir, só conseguia ficar em estado de choque enquanto o ar onde deveria estar a perna do homem enchia o chão e a sala e a sua boca aberta. A mulher, que puxava a borda da lona, falava uma língua de gritos e suspiros e o olhava como se ele pudesse entendê-la. Que volume seu peito produzia. O sangue tornava impossível distinguir a cor real de seu vestido. Quando finalmente se lembrou de como usar os pés, Akhmed passou direto pela mulher e pelo homem que se contorcia e foi para a cadeira do canto, onde cobriu a cabeça de Havaa com um jaleco branco.

O pulso do homem era um esforço irregular contra o dedo de Akhmed. A mulher fazia uma pergunta após a outra. Seu vestido mostrava as curvas de suas pernas. A respiração dela estava em sua bochecha esquerda. Uma artéria se rompera. O rosto do homem estava amarelado. Sonja encontrava-se ali. Amarrava um torniquete de borracha abaixo do joelho do paciente. Ela o rolara para uma maca e o levava para o corredor. A maca estava se transformando em centro cirúrgico e Deshi media a pressão arterial do homem.

— Seis por quatro — gritava ela.

O medidor de pressão foi atado ao braço do jovem. A lâmpada balançava acima da maca com rodas. A ferida estava embebida em solução salina.

Com movimentos rápidos e bem ensaiados, Sonja aplicou glicose e poliglicano intravenosos nos braços do paciente. Puxou uma serra cirúrgica do armário e desinfetou a lâmina enquanto Deshi gritava as leituras da pressão arterial. Quando alcançou sete por cinco, injetou lidocaína logo acima do torniquete. Deshi antecipou os pedidos da médica, e os afastadores que tinha fervido estavam ao seu alcance antes que Sonja pedisse. Ela trabalhou sem olhar para o rosto do paciente nem ouvir seus gritos, como se ele não fosse nada além de sua mais grave ferida. O sangue alcançou seus cotovelos, mas seu uniforme permaneceu branco. O homem, e ele era um homem, era tão fácil se esquecer disso com todas as suas entranhas para fora, havia se

formado na faculdade de arquitetura e estava procurando emprego quando as primeiras bombas caíram. Quando a mina terrestre arrancou sua perna, ele já tinha passado nove anos buscando o primeiro trabalho em arquitetura. Outros seis anos e nove meses se passariam antes que conseguisse o primeiro, aos trinta e oito anos de idade. Com apenas vinte por cento da cidade ainda de pé, ele nunca ficaria desocupado novamente.

— Venha aqui — chamou Sonja.

Akhmed olhou para trás, evocando um fantasma mais competente na parede bege-Brejnev.

— Akhmed, venha aqui — repetiu ela.

Ele deu um passo à frente, mexendo os dedos dos pés dentro das botas. Um passo e depois o seguinte, com imensa gratidão por poder dar cada um deles. A pele tinha sido puxada para trás em direção ao joelho. O músculo da panturrilha, cortado. O osso não era mais largo do que a perna de uma cadeira.

Ela fez um gesto com o bisturi.

— Para uma amputação abaixo do joelho, você tem que ter em mente que cotos próximos à articulação do joelho apresentam adaptação difícil à prótese. Cotos longos também não têm adaptação fácil e podem causar problemas de circulação. Primeiro, você precisa fazer uma incisão do tipo boca de peixe acima do ponto de amputação. É necessário ter um retalho posterior longo o suficiente para cobrir e forrar o coto e garantir um fechamento sem tensão quando suturado.

Ela descreveu como isolar os compartimentos musculares anterior, lateral e posterior na dissecação. Mostrou-lhe como havia ligado as veias tibial, fibular e safena, e salientou que a pressão arterial sempre subia após a artéria fibular ter as pontas atadas. Ela seccionou transversalmente o nervo sural acima da linha de amputação e deixou que se retraísse até a camada de tecido mole para reduzir a sensação de membro fantasma. Com um bisturi limpo, cortou o denso periósteo. Sonja dava as instruções no tom entediado e monótono de um carpinteiro ensinando uma criança a medir e cortar madeira, e Akhmed a ouvia sem escutar. Todas as palavras em latim e o jargão cirúrgico não conseguiam atenuar o desamparo que sentia enquanto a observava terminar o que a mina terrestre tinha começado.

— Amputações de pernas são algo normal aqui — disse ela, e entregou-lhe a serra.

Ele a segurou, esperando que a médica a pedisse de volta. Sonja olhou para

ele e fez um aceno afirmativo com a cabeça. Não, ela não poderia estar pensando naquilo para valer. Não esperava que ele fizesse *aquilo*, não é? Mal confiava nele para dobrar lençóis corretamente.

— Você deve se acostumar com este procedimento o mais rápido possível.

Ele olhou da lâmina para o osso. O osso exibia um tom desconcertante de cinza-avermelhado; ele esperava que fosse branco. Akhmed tinha seis anos quando se deu conta pela primeira vez que a coxa de galinha da qual sorvia gordura era, em princípio, um osso igual ao que lhe permitia andar, correr e vencer as partidas de futebol depois da escola. Ele ficou sem comer carne por dois anos, tão grande e implacável era o medo de que outro carnívoro consumisse sua própria perna em represália.

— Não sou qualificado para isso — gaguejou ele.

— O negócio é o seguinte — disse ela, calmamente. Sonja pegou sua mão. Aquele aperto reunia mais de sua compaixão do que os últimos dois dias juntos, e então ela se foi, substituída pelo seu pragmatismo difícil, e os dedos dela envolveram os dele ao redor da alça de espuma. — Isto é o que fazemos. Isto é o que significa para você trabalhar aqui.

As mãos dele tremiam e ela as estabilizava. A última cirurgia de perna que ele realizara havia sido após o ataque dos aliados dos russos, em um menino chamado Akim. Akhmed dera o seu melhor, de verdade, mas não podia ser criticado pela falta de materiais médicos e de experiência, pela carência de sangue no corpo do garoto e por sua abundância encharcando o chão, pela bala, que ele não tinha disparado, nem pela guerra, que ele não deflagrara; se alguém tivesse se preocupado em pedir sua opinião, teria dito alegremente que a guerra era, em geral, algo ruim, a ser evitado, e teria alertado contra ela porque, se soubesse que não somente uma, mas duas guerras estavam vindo, Akhmed teria abandonado a faculdade de medicina em seu primeiro ano, que se danasse sua reputação, e mudado para a de artes; se soubesse que uma cirurgiã russa dominadora e de coração frio um dia lhe mandaria cortar fora a perna daquele pobre homem, ele teria estudado pintura de naturezas-mortas, pinturas a óleo de paisagens, escultura e cerâmica, teria sacrificado sua breve vida de celebridade dentro da vila apenas para salvar-se da perna daquele homem.

— Há apenas uma amputação agora, mas e da próxima vez? — indagou Sonja. — Poderia haver cinco, dez.

Ele soltou o ar. O suor colava a máscara cirúrgica em suas bochechas. Sonja empurrou a mão de Akhmed para a frente. A lâmina rangeu no osso. A

vibração de cada impulso corria a lâmina, através do cabo, até sua mão e para dentro de seus ossos. O nome do osso era *tíbia* e ele era conectado à *fíbula* e à *patela*. Ele tinha estudado os nomes naquela manhã, porém o que ele sabia não empurraria a serra.

— Pressione com mais força — instruiu ela, firmando o osso para ele. — Esta não é uma operação delicada.

No meio, a lâmina inesperadamente ficou vermelha com a medula. Ele parou de serrar.

— O que há de errado? — perguntou Sonja.

Embora ele pudesse ter respondido à pergunta de várias maneiras, fez um aceno negativo com a cabeça e continuou serrando.

— Não sabia que a medula óssea humana era vermelha. Pensei que fosse dourada. Como a de uma vaca.

— A medula de um osso vivo é preenchida por glóbulos vermelhos do sangue. Se jogássemos um pouco de sal e pimenta neste osso e o levássemos para assar no forno, a medula ficaria dourada em aproximadamente quinze minutos — disse ela.

Akhmed estava com medo de vomitar.

— Bom trabalho — disse a médica, quando ele cortou a tíbia. — Só falta mais um osso.

Akhmed posicionou a lâmina na fíbula e seus movimentos rápidos e firmes com a serra lançavam no ar um fino pó branco de osso que voava em sua direção, atraído por sua respiração, acabando por se dissolver em sua máscara cirúrgica úmida. Os olhos escuros de Sonja observavam-no de esguelha, e Akhmed empurrou mais rápido e com mais força a serra, querendo que a médica visse nele mais do que a sua incompetência, desejando ser capaz de terminar antes que desmaiasse. Uma dezena de cortes depois, o pé caiu em cima da mesa. Ele segurou o que restava pelo tornozelo e, sem fazer pausa nem consideração, virou-o de cabeça para baixo, e sangue e medula cobriram seus dedos enquanto contava seis cacos de vidro brilhando no que restava da sola do homem.

— Deixe isto de lado — ordenou a médica. — Vamos colocar no plástico e entregar à família para que enterre.

Sonja mostrou-lhe como arredondar o osso amputado e cobri-lo com músculo. Ela puxou o retalho posterior sobre o coto revestido pelo músculo, aparando o excesso de pele e suturando com fio cirúrgico preto.

Quando terminaram, ele tirou as luvas de látex e massageou a ferida cor-

de-rosa em sua mão direita, onde a pele entre o polegar e o indicador tinha inchado pela pressão da alça. Sonja percebeu, sorriu e, quando ela levantou a mão direita, Akhmed quis estar de volta na cama com Ula, onde poderia puxar as cobertas sobre a cabeça de ambos e na umidade de seus hálitos rançosos abraçaria a única pessoa que acreditava que ele era inteligente, capaz e forte.

Calos cobriam a palma da mão de Sonja.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Khassan Geshilov concluiu o primeiro rascunho de sua história chechena no único dia de janeiro de 1963 em que não nevou. O manuscrito tinha três mil trezentas e duas páginas. Quando ele o apresentou à editora municipal em Volchansk, disseram-lhe para enviá-lo para a editora estadual em Grozny; e quando ele o apresentou à editora estadual em Grozny, foi orientado a mandá-lo para a editora nacional em Moscou; e quando ele o apresentou lá, instruíram-no a encaminhar *três* cópias datilografadas. Lágrimas escaparam do canto de seus olhos quando ele observou seus pobres dedos surrados. Mas Khassan comprou selos, papel, fitas de máquinas de escrever e cigarros que uma atividade tão monumentalmente monótona requeria e, dezoito meses depois, recebeu um telefonema do editor-chefe do Departamento de História, Kirill Ivanovich Kaputzh.

— Estamos lançando uma série nova e emocionante chamada “Pré-histórias das Repúblicas Soviéticas Autônomas” e gostaríamos de publicar seu livro como o nosso título principal — disse Kirill Ivanovich.

Mesmo surpreso e emocionado, Khassan perguntou o que a editora queria dizer com pré-história; o livro que havia escrito terminava em 1962.

— Pré-história — explicou Kirill Ivanovich — é a fase anterior à presença cultural e política do Estado russo.

— Mas para a Chechênia isso significa 1547.

— Exatamente.

— Mas isso é apenas o primeiro capítulo do meu livro.

— Você deve estar delirando de entusiasmo, Cidadão Geshilov. Esse é o seu livro inteiro.

— Não, essas são as primeiras duzentas e vinte e oito páginas. Há mais cerca de três mil — insistiu Khassan.

Ele nunca tinha imaginado que a alegria de ter o livro publicado e o desespero de tê-lo mal publicado poderiam ser amarrados juntos como extremidades opostas de um cadarço.

— Sim, em sua alegria e espanto você ficou confuso. Vá e comemore sua conquista, Cidadão Geshilov. Aceite os meus parabéns e os votos de felicidade. Nem todo mundo tem a oportunidade de publicar um livro de duzentas e vinte e oito páginas.

E assim *Origens da civilização chechena: da Pré-História à queda do império mongol* foi lançado no ano seguinte, com pouco alarde. A única resenha, escrita para o jornal da universidade por um de seus alunos, considerou a obra “mais interessante do que os livros de referência em geral”. Ninguém queria ler livros sobre a pré-história da Rússia, e era precisamente por isso que Moscou ansiava tanto por publicá-los. Quando Khassan reformulou as três mil páginas restantes em um volume complementar com uma versão manca do original — queimando um rascunho parcial depois que páginas começaram a desaparecer —, Kruchev havia sido deposto; em resposta a sombrias alterações na política, Kirill Ivanovich Kaputzh, recuando mais em direção à segurança do passado, decidiu publicar apenas pesquisas geológicas pré-humanas. Foram dias inebriantes para os colegas de Khassan que trabalhavam com geociências.

Então Brejnev agarrou a roda do poder e conduziu o país com o coração exploratório de um motorista de ônibus municipal. A cada ano, a editora se aprofundava no pântano da história humana, primeiro permitindo histórias dos sumérios, depois dos antigos egípcios e, em 1972, ano em que Ramzan nasceu, a publicação de livros sobre a idade helênica. Sentindo que a fronteira de 1547 podia ser atravessada em uma década, Khassan revisou seu volume com o título *Civilização e cultura chechenas sob o patronato russo*. Escreveu em tom de apaziguamento, apresentando justificativas, abordando com sutileza fatos desagradáveis, contudo nunca perdoando os quatro séculos de depredação russa, acreditando o tempo todo que poderia deixar três mil páginas com informações nas entrelinhas passarem por censores tão sensíveis a insinuações que expurgariam nuvens de chuva de um boletim do tempo no Dia do Trabalho. Em um berço na altura de seu joelho, Ramzan, usando um gorro tradicional muçulmano chamado *chéchia*, e enrolado em mantas, cochilava enquanto Khassan escrevia. Ele jamais se sentiria tão próximo do filho quanto naquela época, quando o ruído do sono de Ramzan acompanhava o arranhar de seu lápis e, com uma mão sobre a página e outra no berço, ele era o fio que conectava esse legado dividido; muito mais tarde, Khassan se lembraria desses meses quando ele e seu menino eram capazes de permanecer o dia inteiro na mesma sala e se comunicarem através do

silêncio.

Em 1974, Kirill Ivanovich aceitou provisoriamente o livro para publicação, com a condição de que duas mil páginas fossem cortadas; porém, antes que isso acontecesse, ele foi demitido e preso por um tempo por ser muito conservador em suas publicações, muito franco em suas opiniões e muito polonês; oito meses depois, em regime de trabalhos forçados a cerca de quatrocentos quilômetros ao leste da Polônia, Kirill Ivanovich tropeçaria nos artefatos de um antigo assentamento enquanto cavava as fundações para uma latrina na prisão e se lembraria de seu assistente, um rapaz por quem naquela época nutria as angústias do amor, que nem o tempo nem o cativo haviam enfraquecido; um jovem a quem Kirill Ivanovich escutava lendo trechos da história da civilização antiga de Khassan Geshilov, passagens que Kirill Ivanovich mantinha intactas em sua memória, como jarros para conter e preservar a bela voz de seu assistente. O sucessor de Kirill Ivanovich, um editor cujo nariz aquilino apontava para as tendências políticas vigentes, decidiu que o livro precisava de uma revisão mais radical para se adequar ao tédio da época. E assim iniciou-se uma década de reformulações do texto que espelhavam o declínio do reinado de Brejnev. O novo editor salientou que não havia necessidade de o livro ser mais conciso — se fosse para mudar alguma coisa, deveria ser mais longo, disse ele, então os revisores deixariam de considerar suas falhas por conta da ambição —, e Khassan estofou outra vez os parágrafos que tinha desbastado sob a orientação de Kirill Ivanovich. Escreveu textos sobre técnicas de debulha do século XIX, a história da meteorologia chechena. O novo editor respondia com mudanças tão vagas e incoerentes que eram necessárias semanas para adivinhar uma interpretação politicamente segura. “Reescreva o capítulo doze como se você não fosse uma pessoa, mas um povo”, dizia uma carta. “Se você escreve sobre a pátria, suas palavras vão enfrentar os céus”, indicava outra.

Ele já não escrevia mais na companhia do filho. Ramzan tinha aprendido a falar, embora Khassan desejasse que isso não tivesse acontecido. O menino usava a voz como um martelo de borracha; *pode?* era a única pergunta que saía de sua boca, nunca *o quê?* ou *como?* nem *por quê?* Ramzan não era esperto, afetuoso, criativo nem mesmo excessivamente obediente, cruel ou chato, e Khassan construiu sua aversão sobre o vazio do que seu filho não era. Nas fontes históricas havia reis e príncipes cuja aversão à prole tomava formas mais sádicas do que a indiferença de Khassan; comparado a Ivan o Terrível, ele era um paradigma de boa paternidade. Embora você não possa

escolher seu filho, assim como não pode escolher seu pai, pode escolher como vai tratá-lo, e Khassan escolheu tratá-lo como se ele não estivesse ali. Escolheu ficar escrevendo quando deveria ter falado, falar quando deveria ter escutado. Escolheu ler livros quando deveria ter prestado atenção no filho, prestado atenção quando deveria ter se aproximado do garoto. Um dia, quando Ramzan tinha oito anos, ele entrou no escritório de Khassan e pediu ao pai que lhe ensinasse a andar de bicicleta.

— Você vai cair — disse Khassan, sem desviar os olhos da página.

O momento o assombraria mais tarde. E se ele tivesse levantado o olhar?

Brejnev parecia estar em seu leito de morte dez anos antes de efetivamente morrer, mas em 10 de novembro de 1982 o avô amado pelo país fumou seu último cigarro Novost de filtro branco. Foi enterrado vestindo seu uniforme de marechal com as duzentas medalhas — todas elas, desde a de Herói da União Soviética até o Prêmio Lenin de Literatura — que acumulara ao longo de dezoito anos no cargo de secretário-geral. Assistindo aos tristes procedimentos fúnebres com sua família (todos eles procuraram Galina Brejneva entre os enlutados para ver se ela causaria escândalo até no funeral do pai), Khassan aceitou, por fim, a inutilidade de seu esforço. Ele viajara mais longe do que Heródoto, porém não tinha escrito *Histórias*, testemunhara mais combates do que Tucídides, contudo não havia escrito *História da Guerra do Peloponeso*. Seu filho se sentou de um lado, sua esposa, de outro, e eles assistiram às homenagens prestadas a um homem cuja morna mediocridade resumia a época. Durante anos, ele relegara a história ao passado, onde se mantinha ofuscada pelo tempo, segura e sempre recuando, porém a história se encontrava bem ali, naquele momento, na tela da televisão, onde os políticos carecas e cheios de joias prestavam suas condolências antes de determinar a forma do império, onde o rosto plano e embalsamado do amado avô estava translúcido sob os holofotes, e onde acabaram por ter um vislumbre da filha do falecido, com seu vestido escandalosamente cor-de-rosa.

Iuri Andropov substituiu Brejnev e morreu apenas quinze meses depois, e Konstantin Chernenko, que ficou no lugar de Andropov, faleceu treze meses mais tarde. Novamente, Khassan assistiu aos funerais com sua família; funerais de Estado eram as únicas ocasiões em que se reuniam. Ele não tinha como saber que aquele seria o último funeral televisionado de um secretário-geral; no entanto, tempos depois, ao se lembrar do sombrio desfile, imaginaria que todo o Estado soviético fora enterrado no caixão de

Chernenko. Gorbachev, ao menos, dava a impressão de que conseguiria ficar mais de um ano no poder, e, logo após a ascensão deste ao cargo de secretário-geral, Khassan recebeu um telefonema de um novo editor reformista, que havia deposto o editor anterior. O reformista encontrara o manuscrito original de Khassan, concluído em 1963, e o considerou um documento mais preciso e de leitura mais fácil do que qualquer uma de suas revisões posteriores.

— Tudo o que resta a fazer é aperfeiçoar e atualizar — disse o homem. — Agora é o momento. Alguns anos atrás, você teria sido enviado para a Sibéria. Hoje será louvado.

Nem mesmo o fervor renovado de suas revisões era capaz de acompanhar o dilúvio de informações que deixaram de ser secretas e foram liberadas por órgãos estaduais. Por um quarto de século, seu livro não fora publicado porque era muito preciso. Agora, não seria publicado porque não era — nem poderia ser — preciso o suficiente. Um projeto de três mil páginas levou anos para ser escrito. Ele não tinha como analisar e incorporar revelações que todos os dias mudavam a forma como um historiador soviético era autorizado a interpretar seu material. Ainda assim, terminou um rascunho com o qual estava razoavelmente satisfeito no final do verão de 1989. Alguns meses mais tarde, quando o Muro de Berlim caiu, nem mesmo uma agência de notícias tão incompetente quanto a Pravda falhou ao especular sobre as consequências. O editor reformista amou o novo projeto e queria agendar a publicação para o ano seguinte, mas Khassan se opôs. As manchetes da manhã tornavam o trabalho do dia anterior obsoleto; publicar o livro naquele momento seria como construir noventa por cento de um telhado. A proteção dos estados-tampão diminuía à medida que as repúblicas tentavam se separar umas das outras. Toda a Europa central desprezara a liderança comunista, e agora os estados bálticos, os do Mar Negro e até a Moldávia discutiam a secessão. Pela primeira vez em dois milênios, a Chechênia tinha uma chance de soberania. Tudo estava mudando. Isso precisava entrar no livro.

Tudo mudou de fato, mais rápido do que seus dedos conseguiam datilografar. Aquilo com o que ele sonhara tão cautelosamente foi retirado de seus sonhos e transformado em realidade na tela da televisão. Naquelas horas memoráveis de 26 de dezembro de 1991, enquanto observava a bandeira vermelha da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas — o império que se estendia por onze fusos horários, do Mar do Japão à costa do Báltico, englobando mais de cem etnias e duzentos idiomas; a coletividade cuja

segurança exigira o sacrifício de milhões, cuja estupidez eslava levava à deportação de toda a pátria de Khassan, aquela miragem utópica inventada por jovens cruéis que davam mais atenção aos seus bigodes do que à moralidade; todo aquele horrendo sistema que lhe dizia o que podia ser, fazer, pensar, falar, amar, desejar, odiar e no que acreditar, o sistema comandado por Lenin, Zinoviev, Stalin, Beria, Malenkov, Molotov, Kruchev, Kosygin, Mikoyan, Podgorny, Brejnev, Andropov, Chernenko e Gorbachev, todos os quais ele odiava, exceto Gorbachev, com um desprezo que autor nenhum descreveria, um desprezo geneticamente codificado em seu sangue, herdado de seus antepassados de cabelos negros e peles escuras —, enquanto observava aquela bandeira descendo do mastro do Kremlin pela última vez, totalmente caída, graças a um céu sem vento, como se até o clima quisesse transmitir ao comunismo essa desgraça final. Ele colocou os braços ao redor da mulher e do filho e os abraçou enquanto o Estado que lhe havia negado sua vida morria em silêncio.

* * *

Nos anos seguintes, ele perdeu o editor, depois o emprego na universidade e, em seguida, a esposa, que em uma manhã de terça-feira faleceu tão docilmente quanto viveu; ele só percebeu onze horas após seu último suspiro. As motosserras ficaram em silêncio e a floresta voltou a crescer, veio uma guerra e depois outra, e Khassan tinha o filho e o livro, e a perspectiva de encontrar realização em qualquer um deles parecia tão improvável quanto a de sobreviver à década. Mas ele ainda os tinha e, em um momento em que toda a crença se dissolvia, a posse era mais importante do que o que era possuído. As coisas em sua vida que mais entristeciam-no eram aquelas com as quais viveria por mais tempo, e agora que tudo estava desmoronando elas se tornaram os pilares que o sustentavam; se ele tivesse uma dor de dente de trinta e dois anos em vez de um filho de trinta e dois anos, teria apreciado ambos da mesma forma. Isso, no entanto, também teve seu prazo. A tarde excepcionalmente quente de um ano, onze meses e três dias antes, quando Dokka e Ramzan voltaram de Landfill — Dokka sem nenhum dos dez dedos, Ramzan apenas sem seu *pes* — foi o último dia em que Khassan falou com o filho.

Primeiro, Ramzan fingiu indiferença, então gritou e, em seguida, implorou

pela conversa do pai. Como Ramzan poderia saber que sentiria falta da desaprovação monossilábica de Khassan? Como poderia saber que vivia pela reação às suas expectativas, que precisava delas para conhecer exatamente a pessoa que não conseguira se tornar?

— Estou fazendo isso por você tanto quanto por mim — disse Ramzan com a lógica desesperada dos não convictos. — Temos um gerador, luz elétrica, comida na mesa. É um crime ter insulina? Ter água potável?

Mas Khassan, um apologista de carreira, era fluente na retórica de justificação e acostumado a ignorar o filho. No quinto mês, a raiva de Ramzan se extinguiu e uma forte depressão caiu sobre ele. Seus passos preenchiavam a noite. Logo, analgésicos e pílulas para dormir se juntaram a agulhas hipodérmicas, bolas de algodão, compressas com álcool e insulina trazidas do fornecedor militar. As pílulas ovais verdes deixavam Ramzan em coma por dezesseis horas, e nesses períodos, quando a casa expirava e o assoalho ficava em silêncio, Khassan entrava no quarto do filho.

Em incursões anteriores, ele havia explorado gavetas, armários e prateleiras. Na gaveta superior esquerda da escrivaninha, encontrara o *kinzhal* com lâmina de trinta centímetros que dera a Ramzan em seu décimo sexto aniversário, uma faca que seu pai tinha lhe dado, e o avô ao seu pai. Dentro das páginas de um livro de álgebra, uma lista exibia os nomes daqueles cujo desaparecimento ocorrera com a ajuda de Ramzan. A lista continha três nomes quando ele a descobriu, dobrada com capricho entre as páginas 146 e 147, mais profundamente no livro do que seu filho jamais se aventurara na escola. Da última vez que verificou, algumas semanas antes de Dokka ser adicionado, doze nomes estavam relacionados. Mas, na maioria das manhãs, como naquela, a segunda manhã após o desaparecimento de Dokka, Khassan não tinha necessidade nem desejo de mais incriminação. Em vez disso, sentou-se na cama, segurou a mão de Ramzan e falou com ele.

— Vi Akhmed hoje de manhã e ele fugiu de mim — disse Khassan. — Correu para a floresta e se escondeu atrás de uma árvore porque eu sou seu pai.

Nesses momentos, quando o filho estava recolhido sob a superfície de um sono mantido quimicamente, quando suas palavras eram extintas como faíscas liberadas em um vácuo, Khassan falava com total liberdade. Contava histórias de sua juventude, pedia clemência para certos moradores e uma vez sugeriu que Ramzan bebesse chá de hortelã para a tosse. O que mais ele poderia fazer quando a honra o obrigava a afastar-se do filho, quando o

repúdio era seu último vestígio de autoridade paterna? As conversas unilaterais eram longas caminhadas por pontes que levavam a lugar nenhum, todavia Khassan não conhecia outra maneira de transpor o fosso; ele usufruía dos despojos da colaboração que condenava, repudiava o filho pela falta de compaixão, que nunca tinha lhe ensinado.

— Deixe Akhmed em paz — sussurrou. — Deixe a menina. Esqueça os seus nomes. Eles se foram.

Na escrivania ele encontrou o *kinzhal* embainhado informalmente em uma camiseta. A três passos de distância, o pomo de adão de Ramzan se movimentava como uma boia na maré. Bastaria um corte. Ele dissera tanto a Akhmed horas antes. Poderia ter dado um passo, depois o seguinte e o terceiro. Poderia ter alojado a extremidade do cabo contra seu peitoral e caído para a frente, levando assim a gravidade como sua cúmplice. Teria havido sangue, mas ele teria estômago para isso; um checheno, ele sabia, possuía mais sangue no corpo do que um russo, porém muito menos do que um alemão. Ele poderia, como poderia outras vezes; contudo, tirou uma maçã verde do bolso e, em vez disso, a cortou. O miolo se abriu em dois blocos de polpa branca, e com a camiseta ele limpou o suco da lâmina e desejou ter coragem para fazer o suco de sangue. Que pai fantasia matar o filho? Até mesmo assassinos, estupradores e políticos merecem os pais que separam amor de repúdio, porém Khassan não conseguia lidar com aquilo; como corante mergulhado em água, o que sentia por Ramzan era uma opacidade única e inseparável. Desconfortável com apenas três passos entre o *kinzhal* e o pescoço, Khassan carregou a maçã para fora. Sentou-se sobre os degraus dos fundos e assoviou três vezes.

Ele examinou o quintal enquanto esperava os cães saírem da floresta. As lápides de ardósia e a cerca de pedra do jardim de ervas não eram mais do que depressões e elevações na neve. O jardim fora sugestão de sua esposa, uma das poucas que ele acatou em seus vinte e três anos de casamento. Sharik, na época um filhote, seguiu seu faro ao redor do jardim como se empurrasse uma bola invisível, e Khassan plantou as sementes em linhas marcadas com arames tortos de cabides. As refeições que sua esposa preparou ao longo de anos não demoraram a ganhar um novo sabor, como se tivessem sido feitas por outra mulher, e Khassan pensou nessa outra mulher quando fez amor com a esposa cinco vezes naquela primavera. Agora ela estava enterrada na extremidade do jardim, ao lado da mala marrom contendo os ossos dos pais dele, homenageada por uma ligeira depressão na neve e um

cocô de cachorro congelado.

Selvagens e com pelos emaranhados, magros pela privação, os cães correram em direção aos degraus dos fundos. Tinham pertencido aos vizinhos, que desapareceram com a ajuda de seu filho, e mesmo nesse estado, Khassan os conhecia pelos nomes. Os animais trotaram através do buraco que ele cortara na cerca e reuniram-se à sua frente em um semicírculo apertado, empurrando-se uns aos outros e mordendo as lascas finas de maçã que caíam da lâmina do *kinzhal*. Ele estendeu as mãos e os cães lambeiram o suco de seus dedos. Assim como eles, Khassan não era bem-vindo nas casas dos vizinhos e evitado na rua. Assim como eles, era um pária. Acariciou o focinho de um vira-lata marrom, afagando-o dali até as orelhas e, antes que se desse conta do que acontecia, estava abraçando-o como não fazia com um ser humano havia anos. O vira-lata — que fora presente de décimo aniversário de casamento de um marido para a esposa, que esperava algo menor, inanimado e em uma caixa — lambeu a gordura do seu cabelo.

— Você acha que sou maravilhoso, não é? Acha que sou o homem mais bondoso, corajoso e generoso que já pisou neste mundo — disse ele, e o cão continuou lambendo seu cabelo. — Isso é porque você é um cachorro burro.

Khassan foi até a cozinha, voltou com a carne de dois frangos e um pernil de cordeiro, e colocou tudo na neve, com o cabelo pegajoso de saliva, o rei e benfeitor de suas bocas abertas. Ele jamais se esqueceria do rosto de Ramzan na manhã após sua quinta viagem ao fornecedor militar, quando este abriu a geladeira e não encontrou nada além de potes de tempero se aquecendo sob a luz de trinta watts. Ramzan surgiu furioso no quintal, onde os cães estavam no chão, os estômagos inchados em direção ao céu, incapazes de rolar, muito menos de ficar de pé, menos ainda de correr, e Khassan encontrava-se ali entre eles, com o próprio umbigo virado para as nuvens, transformando a grama morta em confete, com uma displicência tão adorável e peculiar conhecida apenas por homens velhos que cochilaram com cães selvagens. Ramzan gritou com ele, pegando um osso de coxa totalmente roído, puxando a cartilagem das mandíbulas frouxas de um cão de caça cego, e uma felicidade distante voltou a Khassan como uma palavra que ele podia definir, mas da qual não se lembrava. A partir daquele dia, um ano e meio antes, sua desaprovação tinha se expandido do silêncio à sabotagem. Se Ramzan usava a comida para justificar os desaparecimentos, Khassan se certificava de que ela fosse toda para os cães. O afeto canino e a exasperação do filho se tornaram suas únicas fontes de prazer. Em resposta, Ramzan começou a

esconder comida em casa, no entanto logo percebeu que mesmo a carne industrializada estragava. Então, comprou um luxuoso cadeado para geladeira, inventado para gordos ocidentais sem autocontrole; toda manhã, separava o suficiente para Khassan comer naquele dia e trancava. Khassan, porém, dava suas três refeições para os cães e passava fome, e quando o pai perdeu bastante peso, Ramzan abandonou a tática. A partir de então, o filho passou a levar para casa apenas alimentos aos quais cães são alérgicos: chocolate, passas e nozes. Mas seus dentes começaram a doer, seu cocô começou a se parecer com luxuosas barras de chocolate suíço, e, com um olhar para o frasco de insulina, Khassan lembrou-lhe de que um diabético não poderia viver de doces. Foram dias maravilhosos; como gostava de aterrorizar o filho. Por fim, seu menino se rendeu. Não era possível ser mais esperto do que o pai. Durante todo o ano anterior eles haviam se comunicado pelos olhares de uma trégua marcada pelo ressentimento. Khassan alimentava os cães como sua família, e sempre deixava o suficiente para Ramzan, embora não mais do que aquilo que um aldeão comum poderia esperar ter para sobreviver naqueles dias difíceis.

Khassan levantou-se e sorriu para os seis cães, focinhos no chão, rabos abanando languidamente. Um não tinha pelo, outro era cego. De vez em quando, um dos cães corria em direção à cerca, perseguindo roedores invisíveis; na etérea insanidade que havia caído sobre a terra, até os cachorros tinham alucinações. Um cão pastor branco estava na parte de trás. Ele atirou-lhe o melhor corte.

— Sharik — disse ele, mas o cão não reconheceu seu nome.

Havia três anos, antes da traição de seu filho garantir-lhes comida de sobra, ele deixara o cão partir. Suas unhas tinham dançado freneticamente no assoalho, e Khassan teve que chutá-lo duas vezes antes de ele correr porta afora. Durante três dias, o cão rondara a cerca, com a cabeça pendurada, esperando Khassan chamá-lo de volta. Khassan não deixou a casa até Sharik desaparecer na floresta. Quando Ramzan chegou com as primeiras caixas de papelão com comida, Khassan tentou atrair o cão para casa, porém a confiança que existia entre eles estava morta. Apenas cuidando do bando, Khassan poderia cuidar daquele cão. Esse foi o presente que Sharik lhe deu, e Khassan lhe agradecia todas as manhãs com os melhores cortes.

Os cães o seguiram pela lateral da casa, através de ervas daninhas que o inverno não conseguia matar, até as marcas de pneu sulcadas na estrada. Subiram atrás dele, confiando em Khassan como as pessoas não faziam, e

quando ele abria as mãos e mexia os dedos, sentia focinhos frios e molhados e o calor de suas línguas.

— Já lhe contei a história do sapateiro e de seu filho? — perguntou ao vira-lata marrom. — Sim, você já ouviu. Sharik a conta melhor.

Ele caminhou para o espaço vago na quadra onde antes ficava a casa de Dokka. Os cães não o seguiam até o carvão congelado. Ele encontrou o canto onde ficava a estante de Dokka, e lá se abaixou, pegou um punhado de cinzas e colocou no bolso do casaco. A poeira escura se dissolveu na palma de sua mão.

— Um bando de cães selvagens durões — disse ele para a matilha, que o esperava à beira dos escombros congelados. — Mas medrosos demais para me seguir... — Segui-lo para onde? Onde ele estava?

Do outro lado da rua, as janelas com cortinas eram dois olhos negros no rosto da casa de Akhmed. Se Akhmed tinha saído de madrugada, e ele disse que ficaria fora o dia todo, quem estava cuidando de Ula? As revelações mais dolorosas eram as mais silenciosas, aqueles momentos em que o mapa abria o caminho sinuoso que o levava até ali. Uma mulher doente ficaria sozinha todo o dia; ele não havia imaginado isso.

— Eu poderia visitá-la, para ver se está bem, se precisa de alguma coisa — disse ele, olhando para os cães, esperando por aprovação. Era tudo parte do mesmo princípio. — Se estou tomando conta de um bando de cães, o mínimo que posso fazer é cuidar dela. Não use esse tom comigo. Não estou invadindo. Tenho a chave bem aqui. Ele mostrou a chave reserva que Akhmed tinha lhe dado com um sorriso, nove anos antes, no dia em que o banco que possuía quatro quintos da casa do médico fora destruído por um bombardeio. Os cães inclinaram as cabeças, não convencidos. — Não, não fui convidado, mas isso não vem ao caso. Têm certeza de que querem discutir etiqueta? Tenho muito a dizer sobre cheirar o traseiro como forma de cumprimento.

Depois de dois passos em direção à casa uma preocupação crescente o dominou. E se os cães achassem que ele os estava trocando por companhia humana? Bem, ele estava, no entanto tinha que lhes mostrar isso com suavidade. Eram almas sensíveis, ainda que ocasionalmente escavassem o chão e comessem corpos recém-enterrados. Ele se apoiou em um dos joelhos e abriu os braços. Todos, exceto Sharik, lamberam o aroma de aveia de seu hálito, e ele disse aos cães quanto os amava, quanto precisava deles e que jamais os deixaria. Em seguida, o cão sem pelo cheirou sua bunda.

Seu público canino altamente crítico observava enquanto ele batia na porta da frente.

— Estão vendo? — perguntou ele. — Não tenho escolha a não ser usar a chave.

Khassan abriu a porta e atravessou o espesso ar de mofo até o quarto. Um par de pernas finas, não mais do que vincos no lençol, se mexeram debaixo das cobertas. Durante três minutos ele a observou da soleira, uma segunda parte de seu dia gasta assistindo a uma segunda mente perturbada em repouso, e, então, ela se virou. Ele olhou em seus olhos, que, sem pressa, lhe devolveram o olhar.

— Você envelheceu, Akhmed — disse ela, e Khassan não pôde conter o sorriso.

Como uma criança, aquela ali.

— Não sou Akhmed — respondeu.

Akhmed tinha oito dias de vida quando eles se conheceram na sala de estar dos pais de Akhmed em 1965. Khassan segurou o bebê nos braços e foi tomado por um alívio mais profundo do que qualquer outro que jamais viria a sentir. Os olhos de Akhmed aos oito dias de idade continham o reflexo de dez mil vidas possíveis. Khassan não era um homem emotivo nem supersticioso, e nada parecido aconteceu novamente, mas ele havia encontrado, superpostos nos olhos semicerrados do bebê, incontáveis rostos carentes, nenhum deles reconhecível.

— Sinto muito — murmurou Ula. — Minha cabeça não está boa.

Ele sentou-se na cama ao lado do osso do quadril da mulher.

— Não se desculpe. Passei a manhã conversando com cães.

— Se você não é Akhmed, então por que está aqui?

— Queria ver se você precisava de alguma coisa. Se queria alguém para conversar. Akhmed vai demorar um pouco para voltar.

— Ele não vai voltar? — foi o que ela pareceu perguntar, contudo ele não tinha certeza.

A mulher usava apenas dois tons de voz, e no fio que se estendia entre eles as perguntas e as respostas apresentavam vibrações idênticas.

— Não por um breve período — respondeu.

Três copos d'água cheios e uma tigela de arroz temperado estavam na mesa de cabeceira.

Sentindo a incerteza dele, Ula perguntou outra vez:

— Por que você está aqui?

— Sinto falta de falar com pessoas — disse Khassan. Quando admitiu isso em voz alta, teve vontade de rir. Era simples assim. Ele era solitário àquele ponto. Tinha ido até uma mulher inválida para oferecer-lhe a ajuda da qual ele precisava. — Sinto falta de poder falar. Por quase dois anos Akhmed tem sido a única pessoa com quem tenho conversado.

— Você disse que passou a manhã conversando com cães.

Ele sorriu e fez um aceno positivo com a cabeça.

— Não achei que você fosse se lembrar disso. Akhmed deve ser a única pessoa com quem você tem falado por esse tempo também.

— Quem?

— Você sabe o meu nome? — indagou Khassan.

Apesar do esforço, ela não conseguiu responder.

— Tudo bem — continuou ele. — Isso é bom.

— Conte-me uma história — pediu Ula.

— Uma história?

— Havia as histórias das pinturas. Todas reais — explicou ela.

Ele franziu a testa. Não sabia a história de nenhum quadro.

— Só sei uma história — afirmou ele. — Posso dizer que isso aconteceu, mas não garanto que seja verdade. Você conheceu a mãe de Akhmed? — Ele interpretou seu olhar fixo como um não. — Fico feliz que tenha consciência disso, porque seria impossível você tê-la conhecido. O câncer a levou quando Akhmed tinha sete anos. Seu nome era Mirza.

Ela assentiu com a cabeça, porque isso era o esperado.

— Se eu lhe contar essa história, promete que vai esquecê-la?

— Não posso prometer nada — respondeu Ula, de forma distante.

Khassan segurou-lhe o punho, sentiu sua pulsação lenta. *Uma mente muito fraca para dizer a hora do dia ainda consegue levar o sangue certo para os lugares certos*, pensou. Ele nunca tinha contado a ninguém sobre ela.

— Vou lhe falar sobre Mirza.

Ele contou a Ula que ouviu a respeito da deportação em massa quase dois anos depois de ela ter ocorrido, só após ele mesmo ter sido deportado para o Cazaquistão. Em 23 de fevereiro de 1944, no Dia do Exército Vermelho, enquanto Khassan estava atirando em nazistas no leste da Polônia, o Ministério do Interior da União Soviética reuniu chechenos nas praças de suas cidades e os obrigou a subir em caminhões Studebaker cedidos pelos Estados Unidos para ações durante a Segunda Guerra Mundial. As pessoas que resistiram ou as que o Ministério considerou inadequadas para o

transporte foram baleadas. Comprimidos em um vagão de carvão, os pais e a irmã de Khassan dormiram em sacos de milho e comeram farinha de milho seco enquanto os trens fumegavam lentamente para o Leste. Soldados locais cortaram seus cabelos e os polvilharam com pó antipiolho quando chegaram à estepe cazaque. Khassan nunca soube o que aconteceu com sua irmã, apenas que fora vista entrando no vagão de carvão em Grozny, porém não tinha sido vista saindo dele. Seus pais dormiam em uma cama de colchão de palha seca em um porão-dormitório de uma *kolkhozniki*, uma propriedade rural. Para matar a fome, faziam uma farinha da palha do colchão e fritavam camadas finas cobertas de pó, o que os deixava febris, mas saciados. Quando a palha acabava, dormiam no chão de pedra e faziam sopa de grãos catados em estrume de cavalo. Quando Khassan chegou ao Cazaquistão no outono de 1945, as condições eram melhores, no entanto seus pais já haviam morrido, e ele compilou a história de seu último ano de vida com base nas lembranças de seus vizinhos e amigos e de Mirza.

Ela era uma criança na época em que Khassan partiu para a guerra, e, em 1947, quando a encontrou filtrando água com gaze, ele não a reconheceu como a garota que, aos oito anos, enfrentara acusações criminais por desenhar um bigode de carvão acima dos lábios e imitar passos de ganso ao redor do curral, ordenando aos animais que se tornassem construtores mais ativos do comunismo.

— Me dê um pouco — disse ele, sedento após a longa jornada.

— Vá se foder — respondeu ela, simplesmente.

Foi a primeira conversa que tiveram. Ela viria a ser o amor de sua vida, porém Khassan não tinha como saber disso quando se virou e pisou tão profundamente no esterco que sujou o nó de seus cadarços. Ele não poderia saber disso quando arrancou o balde dos dedos de Mirza e lavou sua bota naquela água limpa.

Um ano depois, o professor primário morreu e Khassan o substituiu. Ele não tinha qualificação nem experiência, mas, após a guerra, brigas de crianças pareciam paz e ele estava feliz. Entre seus alunos estava a irmã mais nova de Mirza, uma menina de raciocínio rápido — com unhas tão roídas que ela não conseguia tirar uma moeda de um *kopek* de um balcão — e que uma vez colocou uma tachinha na cadeira do filho gordinho do oficial comunista para ver se ele explodiria. Embora tenha salvado da tachinha o filho do comissário e, conseqüentemente, a irmã de Mirza, de uma bala, Khassan reconheceu a linha de imprudência correndo no sangue de sua família

pedindo para ser cortada pela raiz.

No Dia do Trabalho de 1950, o professor organizou um desfile de crianças. Adultos se enfileiraram na estrada delimitada por pedras para saudar seus filhos e evitar a pena de dez anos de trabalhos forçados pelo não comparecimento. Vinte e três das noventa e seis crianças que marcharam naquele dia não viveriam para ver sua Chechênia natal. O filho do oficial seria um deles, porque a ala do cólera, sem respeito por classes políticas, era o mais próximo de uma sociedade igualitária que a maioria deles jamais teria. A irmã caçula de Mirza estava entre as quatro que erguiam um estrado com o busto de gesso de Stalin. Mirza o encarava do outro lado da rua, com as mãos ao lado do corpo, o único par que não se uniu em aplausos. Seu desprezo o atravessou como luz pelo vapor. Na tarde seguinte, ela o confrontou na escola com um olhar que teria cortado pescoços mais fracos.

— Você é um covarde — disse, e com aquela palavra escreveu uma denúncia, uma biografia e uma profecia. Foi a segunda conversa deles.

Em 1956, três anos após a morte de Stalin, a etnia chechena foi reabilitada pelo traço de caneta de um burocrata distante. Na noite do dia em que chegaram os primeiros trens para transportá-los para casa, Khassan seguiu a estrada de pedras claras até o cemitério, levando consigo uma pá e a mala marrom que seus pais haviam arrumado pela última vez doze anos antes. A terra estava dura e seca, e foram necessárias várias horas para chegar até eles. O dedo indicador de sua mãe apontou para ele através da terra. A mortalha lhe substituíra a pele. Eles eram mais leves do que esperava, com os músculos rígidos pela dessecação. Ele cruzou seus braços, puxou as pernas até que os tendões estalassem; foi tão respeitoso quanto era possível. Khassan os acomodou carinhosamente dentro do forro desbotado da mala. Seus ossos jaziam curvados e prostrados. Ele não fez abluções, e o marrom da terra e da decomposição encardiu suas mãos, contudo Deus o perdoaria por essas blasfêmias menores. Seus pais tinham lhe proporcionado uma vida tão boa quanto puderam. Khassan desejava ter podido lhes dar uma morte melhor. Então, decidiu que escreveria a história de seus pais, de seu povo, desse pedaço de humanidade que o mundo parecia determinado a esquecer. Fincada no monte de terra, a pá era uma lápide delgada. Ele não estava sozinho. Centenas de outros haviam ido ao cemitério para desenterrar e levar de volta seus mortos, e a poeira avermelhava a noite.

Quando chegou à sua cabana, uma pequena choupana dentro de um perímetro demarcado por pedras claras, ele queria lavar as mãos. Mas não o

fez. Em vez disso, dobrou as camisas que ganhara nos jogos de cartas com guardas do Exército Vermelho, a ceroula longa que havia retirado de um cadáver e o casaco de pelo de marmota que uma viúva cazaque trocara pela promessa de que o nome de seu falecido marido permaneceria em sua língua durante nove anos de orações noturnas. A mala marrom estava na porta. Ele não tinha herdado outra, nada onde guardar as roupas que se encontravam tão bem dobradas no chão. Por onze anos, Khassan sonhou em deixar para trás suas roupas dobradas por qualquer etnia soviética que viesse a cair em desgraça, deixando tudo para trás, exceto os restos mortais dos pais, e na manhã seguinte, quando um apito de locomotiva passou queimando através de seu sono, ele acordou para esse sonho.

Os vagões de gado estavam lotados quando Khassan chegou aos trilhos. Os refugiados observavam incertos enquanto os trens deslizavam em direção à grama pálida da estepe, tornando-se o único instrumento de medida. Equilibrando-se sobre um dormente, por baixo de uma nuvem de fumaça que subia como um enxame de gafanhotos voltando à boca de Deus, ele encontrou Mirza.

— Você ainda está aqui — disse ela.

— Estou — respondeu ele.

Ela levantou a mala marrom.

— Está leve — observou Mirza.

— São meus pais — disse Khassan.

Foi a sua terceira conversa.

Os refugiados acamparam ao longo dos trilhos, com medo de perder o transporte seguinte, mas Khassan, confiando no céu para informar sobre o barulho dos trens que se aproximavam, entrou na vila vazia ao lado de Mirza. Trilhas de roupas, móveis e louça estendiam-se diante das portas abertas de cabanas e barracas. O comissário e sua comitiva foram os primeiros a fugir, e a sede do Partido, o edifício de arquitetura mais luxuosa em muitos quilômetros, estava abandonada. Eles passaram por salas de reuniões forradas com os comunicados anunciando a repatriação e entraram no escritório do comissário. Três cadeiras estofadas cercavam uma mesa de café, onde uma caneta-tinteiro de ouro chamava a atenção em seu reservatório. Atrás deles, pairando sobre a moldura da porta, o busto de gesso de Stalin os observava friamente. Khassan o levantou daquele local — dois tapas na testa de Stalin ecoaram na cavidade do crânio — e o envolveu em uma cortina cor de vinho. O rosto de Mirza estava irreconhecível em sua aprovação.

Khassan levou o busto até a estepe e quando o atirou no chão as ervas altas ondularam em torno do rosto do ditador morto. Mirza afundou seu calcanhar na têmpora de Stalin — e o que ele poderia fazer, com ela olhando-o daquela maneira, a não ser se tornar seu cúmplice? Khassan esmagou o grande bigode marrom, e ela se uniu a ele, arrancando o olho esquerdo; seus pés se envolveram nessa quarta conversa até que suas botas ficaram brancas com o pó do gesso, e eles tinham efetivamente cometido a traição pela qual haviam sido condenados doze anos antes. Gritaram e berraram até suas vozes ficarem roucas e seus pulmões doerem, e o vento levava a poeira, e tudo era festa. Por fim, Khassan abriu a cortina cor de vinho na grama. Ela estendeu a mão até sua bochecha e ele a tocou no ombro. Na barriga de Mirza, à esquerda do umbigo, um sinal de nascença oval se espalhava como um tinteiro derramado. Ele colocou a boca sobre a marca.

Ula fechara os olhos, mas no silêncio ele sentiu o alívio da confissão como se estivesse sendo carregado por uma corrente depois de parar de espernear. Era uma sensação maravilhosa ser ouvido e esquecido. Khassan queria mais. Queria apagar o passado que levava a vida registrando. Mais tarde, em seu escritório, reuniu seus rascunhos, anotações, edições revisadas, tudo, colocou em um lençol e levou para a floresta. Seriam necessárias muitas viagens, muitos lençóis amarrados, porém Khassan apagaria cada palavra que já havia escrito. Os cães o acompanhavam e, atrás deles, seguia a memória da acusação de Mirza, agora mais grave, fortalecida pelo testemunho de quatro décadas vividas como um apologista soviético. E depois de o fogo ter lido suas páginas e de os cães terem se deleitado com o calor e de as cinzas terem acinzentado a neve, o que escreveria? Não a história de uma nação que destruía história e nacionalidade. Algo menor. Uma carta para Havaa. Suas lembranças de Dokka. Começaria com sua recordação favorita de Dokka, em seguida voltaria para quando o conheceu e terminaria com o nascimento de Havaa. Seria a primeira coisa verdadeira que já tinha escrito.

CAPÍTULO₆

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Naquele momento, Havaa odiava o hospital. Odiava os produtos químicos que deixavam o ar cortante e queimavam sua garganta como a água sanitária que sua mãe usava para lavar lençóis, quando havia água sanitária, lençóis e sua mãe. Odiava os pacientes, que estavam feridos, que estavam fraturados, que levavam tanto, tanto tempo para morrer. Odiava Deshi. A enfermeira era velha, a enfermeira era chata, e se ela fosse a face da vida, não era de se admirar que muitos pacientes escolhessem a morte. Havaa franziu a testa para o estúpido linóleo amarelo; o que Akhmed estava fazendo? Ela o odiava também. Ele tinha jogado um jaleco sobre sua cabeça e a deixado sentada na sala de espera enquanto o homem transportado na lona enchia o ar de gritos e o chão de sangue. Através do fino tecido do jaleco, a menina observava as sombras frenéticas se mexendo no chão, esforçando-se para tapar tudo o que estava vazando daquele homem infeliz. Quando terminaram, eles desapareceram no fim do corredor e deixaram-na lá como um cabideiro.

E agora Akhmed fora para casa, deixara-a de novo. Ele voltaria amanhã? Sim, tinha que voltar. Ela não podia cogitar outras possibilidades. Sim, Akhmed voltaria amanhã; ele voltaria amanhã e iria para Grozny, um lugar sobre o qual sempre falaram em ir *juntos*, mas para o qual ele viajaria com Sonja, de quem, sem dúvida, gostava mais do que dela, porque a médica era mais velha e tinha peitos, e eles provavelmente fariam algo que apenas os dois achariam divertido, como inventar uma maneira de arranhar um membro fantasma, e amanhã, quando ele voltasse, Havaa o odiaria, porém até lá sentiria sua falta.

Um membro fantasma. Ela ainda não tinha ensinado o guarda de um braço só a fazer malabarismos, como prometera a Akhmed, e odiava o fato de estar querendo impressionar Akhmed mesmo quando ele não estava com ela. Havaa encontrou o guarda na entrada do hospital, dormindo no banco. Ele usava o uniforme verde-oliva desbotado dos rebeldes. Ela pressionou o dedo indicador em sua barriga o mais fundo que conseguiu, o que não foi muito,

porque não havia muita barriga naquele homem, que acordou com um grunhido.

— O que você quer?

— Fazer malabarismos.

Ele fechou os olhos.

— Você não precisa da minha permissão. Vá em frente. Faça malabarismos.

— Não, estou aqui para ensinar você a fazer malabarismos.

— Você deve estar brincando. — Ele não abriu os olhos novamente.

— Você não é uma aberração de um braço só da qual todo mundo sente pena — disse Havaa, da forma mais consoladora que podia.

Quando, seis meses antes, Akhmed lhe ensinara a fazer malabarismos, ele havia usado pequenos retângulos de gaze que se agitavam e viravam na brisa como um cardume de peixes brancos famintos. Os dois tinham parado no meio da rua, e as rajadas do vento que sopravam contra eles era o que mais se assemelhava ao trânsito; as tiras de gaze deslizavam e Akhmed gargalhava enquanto a menina as perseguia. Havaa levava toda a tarde para aprender a manipular uma das tiras. No dia seguinte, passaram a fazer aquilo dentro de casa. *O malabarismo está mais na sua mente do que na sua mão*, Akhmed lhe disse, e no ambiente sem vento, Havaa aprendeu em minutos.

— O malabarismo está mais na sua mente do que na sua mão — ensinou ela ao guarda de um braço só.

— Eu morri durante o sono, não foi? Isto aqui é o inferno, não é?

— Você começa jogando um lenço no ar — explicou a menina, e demonstrou com um exagerado floreio.

O guarda de um braço só começou a rezar.

— Livrai-me, Alá, desta fossa de maldade.

— Você precisa ter certeza de que cruza o lenço, como se o estivesse prendendo ao ombro de um parceiro invisível. Como um parceiro fantasma; isso deve ser familiar a você!

— Jesus Cristo, ouça meu apelo — entoou o guarda de um braço só, para o caso de o deus infiel ser mais receptivo.

— Depois, você repete esse movimento com a outra mão.

— Ela acha que eu tenho outra mão.

— Vê como consigo fazer isto? — disse Havaa, com três lenços no ar.

— Minha mão fantasma está dando um tapa na sua cara.

— Não consigo sentir — disse a menina, orgulhosa.

— Nem eu — observou ele, desalentado.

— Você parece um pouco mal-humorado. Talvez seja bom tirar outro cochilo.

Quando deixou aquele homem, ela odiava Akhmed ainda mais; se não podia contar a ele, era como se simplesmente não tivesse ensinado ao guarda de um braço só a fazer malabarismos. Ele a havia abandonado, assim como seu pai e sua mãe, e ela enfaixou essa ferida com o mais inflexível ressentimento silencioso que conseguiu reunir; desse modo, aquilo ficaria escondido, bem isolado, e ninguém poderia ver como em apenas três horas Havaa aprendera a sentir falta de Akhmed com o mesmo incrível anseio que reservava aos próprios pais. Ela deveria ter sabido que ele a esqueceria tão depressa quanto sua mãe esquecera.

Ela não odiava Sonja, não tanto quanto odiava Akhmed. Sim, Sonja era rude e se irritava com facilidade, uma pessoa sem humor, incapaz de encontrar em uma hora a diversão que Akhmed poderia evocar em um minuto. Mas estava tudo bem, porque Sonja era diferente. Ela era a chefe daquele lugar, mandava em todos por ali, e até mesmo Akhmed ficava pálido quando ela falava. Sonja não era apenas uma médica, ela era a líder de todo o hospital. As mulheres não deveriam ser médicas; elas não possuíam capacidade para o trabalho, instrução, tempo e comprometimento, não quando tinham casas para limpar, filhos para cuidar, jantares a preparar e maridos para agradar. Sonja, no entanto, era mais esquisita, mais maravilhosamente desconcertante do que o guarda de um braço só; em vez de órgãos, a médica tinha, de algum modo, expectativas amputadas. Ela *não tinha* marido, nem filhos, nem uma casa para limpar e tomar conta. *Tinha* capacidade para o trabalho, instrução, tempo, comprometimento e todo o resto necessário para administrar um hospital. Portanto, mesmo que fosse rude e se irritasse com facilidade, Havaa poderia perdoá-la por essas deficiências, que eram falhas apenas por serem o oposto do que uma mulher deveria ser. A carapaça grossa e inflexível escondia o desafio que era a vida da médica. Havaa gostava disso.

E assim ela vagou pelo corredor, imaginando como poderia ser se vivesse como Sonja. Talvez pudesse ser arborista, como o pai. Não achava que mulheres fossem autorizadas a ser cientistas, mas se Sonja podia ser cirurgiã e chefe do hospital, por que ela não poderia ser arborista? Ou uma “anemonista” do mar? Havaa desacelerou para espreitar a sala onde o homem sem perna dormia. O sangue tinha secado escuro em suas bandagens. O coto

apontava na borda do lençol branco, como um tronco podre através da cobertura de neve. Ele dormia. Em algum lugar naquela letargia nebulosa induzida por heroína, ele já estava projetando em sonhos o monumento aos mortos de guerra que faria, vinte e três anos depois, em aço e concreto. Ele era a única pessoa no hospital naquele exato momento que Havaa não odiava.

— Achei que tinha dito a ela que encontrasse alguma coisa para fazer — disse Deshi, entrando no quarto com sua carranca habitual.

— Eu estava.

— “Eu estava”, ela diz. Estava o quê?

— Pensando — disparou Havaa, como uma pedra lançada em direção ao rosto sem graça da enfermeira.

— Encontre algo mais útil para fazer — disse Deshi.

Ela tricotava enquanto se encostava na parede. O novelo rolava lentamente em seu bolso.

— Sonja lhe dá ordens falando desse jeito?

— Por que ela diria isso?

— Porque Sonja dirige o hospital.

— Inacreditável — suspirou Deshi.— Trabalho aqui antes mesmo de Sonja ser um chute na barriga da mãe dela; eu já estava aposentada quando a contratei e ela leva o crédito por fazer este lugar funcionar. Tiram tudo de você, até mesmo o respeito de uma órfã com muitas perguntas na boca.

— Por que o hospital é administrado por mulheres? O que aconteceu com todos os homens?

— Eles fugiram.

— Mas eles são os corajosos.

— Não, eles são os que ferem seu coração e a deixam por uma mulher mais jovem.

— Então você está dizendo que às vezes as mulheres são mais corajosas. E são melhores do que médicos homens.

— Estou dizendo que, se você quiser manter um homem, é melhor esconder os sapatos dele todas as noites para que ele não possa deixá-la.

— Não entendo.

Deshi fez um aceno de cabeça. Seu conselho romântico valia o resgate de um estrangeiro e ali estava ela, dando-o de graça para uma menina que não conseguia apreciar a sabedoria que ela ganhara a duras penas.

— Basta ficar longe de oncologistas, certo? — disse ela, e levou Havaa para a sala de espera. — Se você se lembrar disso, se poupará do pior. Agora,

por que não leva o seu caderno lá para fora e desenha algo?

— Como o quê?

— Não sei. Onde você mais gostaria de estar agora?

— Na minha casa — respondeu ela. Havaa achava que a palavra significava apenas as quatro paredes e o teto que a cercavam, mas ela se ampliou, ganhou outros itens, Akhmed, a vila, seus pais, a floresta, tudo o que não estava ali. — Há uma semana.

— E eu gostaria de estar aqui há quarenta anos, quando me ofereceram o emprego. Sacudiria meu dedo bem na cara do enfermeiro-chefe e diria: não, não, você não vai me enganar, e sairia por aquelas portas.

— É uma burrice. Há mapas que mostram como chegar aonde você quer ir, mas não existem mapas que mostrem como chegar ao momento em que você quer estar.

— Por que você não desenha esse mapa?

— Só se você me deixar brincar no quarto andar.

— Criança, se houvesse esse mapa, ainda haveria um quarto andar. Comece a desenhar.

O longo corredor com cortinas cheirando a substâncias químicas engoliu os passos de Deshi, e Havaa ficou sozinha novamente. Com o caderno inclinado nas pernas, a menina pensou no pai. Ela não o odiava. Pensando naquilo, conscientizando-se daquilo, sentindo aquilo estalar através dos ossos do braço, dos ossos dos dedos, sentindo os braços envolvendo seu peito, os dedos apertando seus ombros, aquele tremor dentro de si que era apenas a batida de seu coração. Todas as noites ele lhe contava histórias sobre uma raça alienígena verde em cujo rosto existia um único orifício através do qual eles viam, comiam, cheiravam, ouviam, pensavam e falavam. A cada noite ele narrava um novo capítulo, e tantas noites haviam se passado e tantos capítulos tinham sido contados que os dois se referiam a eles como *capítulos* em vez de *histórias*, porque histórias têm fim e a deles não tinha. De acordo com seu pai, os alienígenas verdes haviam destruído seu planeta em uma guerra civil interestelar e migrado para a Lua para recomeçar. Todas as noites, enquanto a civilização ruía ao seu redor, ele falava de uma nova civilização que estava sendo construída na superfície lunar. Ela esperava que seu pai estivesse lá, entre eles, lá em cima na Lua.

Sonja atravessou a porta, fedendo a fumaça de cigarro, com as pálpebras inchadas e os dedos trêmulos.

— Você está aqui — disse a médica, surpresa.

— Sim — concordou Havaa. — Estou aqui. Esta é a sala de espera.

Sonja olhou para o chão, para as cadeiras, confusa sobre aquilo e depois assentiu.

— Você está certa. Esta é a sala de espera — disse ela, e sentou-se na cadeira dobrável ao lado Havaa.

— Como foi o seu dia? — perguntou a menina.

Sonja encolheu os ombros, acendeu o isqueiro e olhou vagamente para a parede.

— Foi ok. E o seu?

— Foi ok.

Sonja suspirou, fechou os olhos, e tirou faíscas do isqueiro em um ritmo lento e sem sentido.

— Os agentes federais vão me levar também?

Fazer a pergunta era reconhecer que isso poderia ocorrer e, na experiência de Havaa, qualquer horror que pudesse acontecer acabava acontecendo. É melhor vestir a armadura do irreal. É melhor voltar-se para dentro, esconder-se nas águas escuras entre as anêmonas-do-mar, no fundo, onde os tubarões não podem ver você.

As mãos de Sonja encontraram as dela entre as cadeiras.

— Os agentes federais vão me levar até meu pai? — indagou, sabendo que a pergunta não tinha a resposta que queria ouvir. Seu pai era sua porta para o mundo; o único orifício pelo qual ela via, ouvia e sentia. Sem ele, ela não sabia o que via, nem o que ouvia, nem o que sentia; tudo o que sentia era que ele tinha ido embora.

— Vamos para a cama — disse Sonja. Ainda segurando a mão de Havaa, a médica se levantou. — Fechamos nossos olhos e lá estão eles, bem onde os deixamos, em sua própria sala de espera, esperando por nós.

CAPÍTULO 7

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Por dezoito dias, Natasha dormiu como se a terra dos sonhos escondida sob suas pálpebras fosse seu verdadeiro lar, ao qual ela era repatriada durante quinze horas por dia. O que, então, Sonja poderia fazer? Natasha estava ali, segura, viva e real o suficiente para começar a se ressentir. Sob a luz branca e insípida da manhã, ela entrava no quarto da irmã com uma xícara de chá quente na mão e inspecionava seu corpo como faria com um cadáver, ou com um paciente em coma, ou com alguém a quem tinha, certa vez, havia muito tempo, invejado. Seu olhar se arrastava pelas curvas do quadril de Natasha, o ângulo ímpar dos cotovelos que ela conseguia entortar e dobrar à vontade, as beiradas roídas das unhas, as pernas, ainda longas e ágeis, e os pequenos pelos castanhos em seus braços, que, quando surgiram na puberdade, Sonja usara como prova para convencer a irmã de que ela estava se transformando em um garoto. A pele de Natasha dizia o que ela não contaria. As cicatrizes do uso frequente de heroína se estendiam pelos dedos dos pés. Uma grande marca feita com queimaduras de cigarro estava desenhada em seu ombro esquerdo. Se Sonja encontrasse essas cicatrizes em um paciente no hospital não sentiria pena, mas, no quarto de Natasha, esse sentimento a tomou completamente. Por dezoito dias ela foi acordar Natasha e voltou, temerosa dos sonhos dos quais a irmã ressuscitaria, não deixando nenhum alarme mais alto do que uma xícara de chá esfriando na mesa de cabeceira.

Natasha, todavia, não estava bem. Na décima oitava noite, de pé diante da tábua de cortar, picando duas cebolas e uma batata, Sonja abordou o assunto.

— Acho que você deve conversar com um psiquiatra ou com outra pessoa.

Considerando o olhar que a irmã lhe deu, ela poderia ter anunciado que as duas comeriam a tábua no jantar.

— Eu só acho que seria bom para você conversar com alguém. Sobre o que aconteceu na Itália. Sobre como é estar em casa — explicou Sonja.

— Conversar não serve para nada.

— Pode servir para uma coisa ou duas. — Sonja pontuou a frase com um corte.

— Nem mesmo todas as palavras do mundo unirão essas metades de cebola novamente.

— A mente humana é um pouco mais complexa do que uma cebola.

Natasha segurou o cabelo enquanto acendia um cigarro na chapa quente que seu pai, doze anos antes, comprara de segunda mão de uma mulher que nunca encontraria uma chama que cozinhasse um ovo tão bem.

— Alguns de nós seríamos sortudos se tivéssemos algo tão grande quanto uma cebola entre as orelhas — retrucou Natasha.

Sonja podia ver a irmã se afastando dela, do assunto, do que quer que tivesse acontecido na Itália.

— Pense na mente como um músculo ou um osso, em vez disso — disse ela, olhando para baixo, para se dirigir à plateia mais respeitosa composta por batatas cortadas. — Traumas emocionais e mentais não se curam mais do que um osso quebrado que é deixado fora do lugar.

Natasha acenou para a tábua de cortar.

— Se você convencer estas batatas e cebolas a pularem naquela frigideira, eu falo com um psiquiatra.

Apesar de sua monumental provocação, a resistência de Natasha era um bom sinal, não era? A obstinação era um pilar que a sustentava quando ela não se apoiava firmemente nas costas de Sonja. E, ao mesmo tempo em que podia ansiar por um pouco de civilidade para lubrificar as engrenagens enferrujadas de seu relacionamento, ela suportava de bom grado as respostas rudes e os olhares de descrença e desaprovação de Natasha por saber que esta não perdera a capacidade de deixá-la maluca. Sua irmã era um caranguejo eremita, fumante contumaz e sarcástico que emergia de sua concha na segurança da presença de Sonja. Quando Natasha acreditava que estava sozinha, nos dias em que Sonja batia à porta da frente e ficava para espioná-la, ela procurava carapaças mais grossas. Era horrível observar Natasha pelo buraco da fechadura enquanto ela dividia seu quarto em compartimentos menores de abrigo. Mudava de lugar a mesa, a cama e a escrivaninha, como uma criança organizando os móveis em um castelo de faz de conta, até mesmo circundando a estrutura com um fosso de copos d'água. Do outro lado do buraco da fechadura, Sonja rezava para que aquilo mantivesse os dragões afastados; seu coração, como se fosse desenhado em um pedaço de papel em seu peito, era amassado todas as vezes. Quando ela voltava, à noite, a

fortaleza estava desmontada e os móveis haviam retornado aos seus retângulos brancos na parede. Ela nunca mencionava o que via, mantendo aquilo como um lembrete para ser gentil e paciente enquanto preparava o jantar. Sussurrava palavras doces para as batatas e cebolas, mas as pequenas filhas da puta eram tão teimosas quanto sua irmã, a grande filha da puta.

Natasha abrandou quando Sonja destacou que, comparada com suas exortações extenuantes, uma conversa com um psiquiatra seria tão agradável quanto um piquenique de verão. A irmã admitiu ter conversado com uma psiquiatra no abrigo de mulheres em Roma — a que tinha providenciado o suprimento de seis meses de Ribavirina, que Sonja encontrara no banheiro e que costumava ser usado para tratar hepatite, o que Natasha se recusou a admitir que tivesse, algo que Sonja considerou uma completa mentira.

— Ela falava russo com aquele sotaque italiano ridículo — contou Natasha. — Sempre tive medo de que ela comesse a cantar uma ópera.

— Nunca faço promessas aos meus pacientes, mas prometo a você que, seja lá quem for que eu encontre, não falará uma palavra de italiano.

E ela tentou. Ao vasculhar seus contatos, descobriu que todos os psiquiatras na cidade estavam mortos, exilados ou desaparecidos. Nas equipes de funcionários do hospital não havia um único profissional de saúde mental. Certa tarde, ela se irritou no estacionamento do hospital e quis socar as nuvens; em vez disso, porém, descarregou em um objeto mais próximo, o capô de um Volga 83 tão decrepito que Sonja sentiu a emoção doentia de bater em um animal ferido para reiterar sua dor. Como chegara àquele ponto? Ela era fluente em quatro idiomas e, apesar disso, seus punhos contra o capô enferrujado foram a total articulação de sua derrota. Nos meses que antecederam a repatriação, seu coração havia se fortalecido em torno da ausência da irmã, permitindo que ela amasse Natasha na memória como nunca poderia amá-la na realidade. O fato era que seu exílio havia provocado o de Natasha. O fato era que ela deixara a Chechênia primeiro. O fato era que ela escapara à guerra que Natasha enfrentara sozinha. Fazia todo o sentido que sua irmã tentasse a mesma transação com a única moeda que possuía: seu corpo. Mas agora ela estava em casa e precisava de cuidados médicos que Sonja não era capaz de prestar. Ser má irmã era uma coisa; ser má médica era o pecado mais grave. Deshi a encontrou no estacionamento, tirando aos socos a ferrugem no capô do Volga. Suas lágrimas ficaram marrons quando ela as enxugou com os nós dos dedos.

— Você quer falar sobre isto? — perguntou Deshi.

— Vá para o inferno — respondeu ela.

No jantar Natasha recebeu a notícia com uma afetação típica.

— Está tudo bem — disse ela. — Os médicos da mente são uma decadência inadequada para um país como o nosso. Eles são os bidês da profissão médica.

— Você poderia falar comigo — ofereceu Sonja, com rosnado suficiente na voz para garantir que Natasha recusasse a oferta. E ela fez isso.

Sete anos e três semanas depois, quando Natasha desapareceu pela segunda vez, Sonja rodearia aquele momento, circulando todos os ângulos, sem nunca pousar: e se ela tivesse tentado mais, sido mais gentil, mais suave?

Quando o barulho da rua preencheu a lacuna na conversa, Sonja desistiu. Se o mundo estava determinado a afogá-la, pararia de nadar. Passou a ficar mais horas no trabalho, depois ampliou seu trajeto. No mercado, fornecedores vendiam tudo o que podia ser carregado e levado para longe: rações de emergência, sacos de grãos, bobinas de tecido sem cortes, lã crua, tábuas de assoalho, utensílios de cozinha industrial, munições abandonadas do Exército Vermelho, semáforos, máquinas de refinação de petróleo. Ela percorria todo o caminho até o Hospital N°6 passando por bancas de sapatos usados que tinham trilhado mais quilômetros do que a média de um jato de combate do governo, por quadras com mais crateras do que a escápula esquerda de sua irmã, por andaimes exosqueléticos e por trabalhadores içando carrinhos de mão de alvenaria.

E quando dezoito dias se transformaram em vinte, quarenta, sessenta, a ala de traumatologia se tornou a capital da república reconstruída. Todos os dias chegavam pacientes com ataques cardíacos e pedras nos rins, as emergências menos graves dos tempos de paz. Quando um homem entrou mancando com uma lesão de futebol, ela beijou sua bochecha; aquele homem e sua mulher criariam a placa homenageando a equipe do hospital nos anos de guerra, que seria colocada na calçada onze anos depois em uma pequena fanfarra oficial. A guerra estava encerrada; ninguém sabia que seria apenas a primeira. Ainda assim, a escassez de suprimentos médicos continuou sendo um problema constante.

Ela contatou o irmão de um homem com um bigode feito de pernas de aranha morta cuja vida salvara quando uma mina terrestre alojou oito rolimãs, quatro parafusos e três moedas de dez *kopeks* em sua perna esquerda. O irmão se reuniu com ela no banco de trás de uma Mercedes que rodava em círculos fechados sobre uma placa de asfalto do tamanho de uma quadra de

tênis em frente à sua garagem em Volchansk, o único trecho ininterrupto de estrada digna de um automóvel ocidental tão luxuoso. Ele prendia um Marlboro entre as unhas bem cuidadas. Sonja não precisou olhar além dos nós de seus dedos para comprovar seu acesso às rotas de contrabando que serpenteavam pelas montanhas do sul.

— Você salvou a vida de Alu — disse o irmão, colocando o cigarro entre os lábios delicados, hidratados todas as noites com pomada de aloé. — Por isso lhe devo um favor. Um pequeno, porque, dos meus seis irmãos, Alu é o de que gosto menos.

Sonja entregou-lhe uma lista limitada de suprimentos médicos fáceis de obter: compressas absorventes, ataduras adesivas, pomada antisséptica, máscaras para respiração de emergência, luvas de látex, rolos de gaze, termômetros, tesouras, bisturis, aspirina, antibióticos, serras cirúrgicas e analgésicos.

— É material básico. Qualquer distribuidor médico terá. Você pode encontrar a maioria em um kit comum de primeiros socorros. Mas preciso de bastante quantidade.

— Alu falou muito bem de você — lamentou o irmão. — Eu deveria saber que você seria uma chateação. Mais alguma coisa?

— Achei que só tinha direito a um favor.

— Deixe-me contar uma história — disse o irmão, segurando o cigarro como a batuta de um maestro. — Quando eu era criança, tive uma tartaruga de estimação, a quem dei o nome de Alu, porque os dois compartilhavam certa, como posso explicar, idiotice bestial. Certa ocasião, fui a Grozny com meu pai e cinco dos meus irmãos para o funeral do tio do meu pai, e partimos tão rápido que não tive tempo de deixar comida para a tartaruga Alu. Meu irmão, Alu, o Idiota, estava com febre e ficou em casa com a minha mãe. Em um momento de grande esforço para aquele pequeno intelecto, sem dúvida, devia sair vapor de suas orelhas, Alu, o Idiota, lembrou-se de alimentar minha tartaruga. Ele pegou larvas e grilos, provavelmente experimentando-os antes de dar para o meu amado crustáceo. Desde então, Alu, o Idiota, cresceu até se tornar uma hemorroida do tamanho de Gibraltar, mas, quando ele era criança, usou a única boa ideia que esta vida lhe deu para alimentar a minha tartaruga, e, por causa disso, você tem direito a um segundo favor.

— Tartarugas não são crustáceos — disse Sonja.

— Desculpe-me, meio crustáceos.

— Elas são répteis puros.

O irmão ficou boquiaberto com ela.

— Você deveria ouvir a si mesma. Parece ridícula.

— A tartaruga é cem por cento réptil — retrucou a médica. — Imagino que até Alu saiba disso.

— Não me insulte. Todo mundo sabe que a tartaruga é crustáceo pelo lado materno.

— Explique isso para mim — disse ela, mexendo-se no banco enquanto o carro girava em círculos.

— Um lagarto fode um caranguejo e nove meses depois surge uma tartaruga. Isso se chama evolução.

— Espero que seu professor de biologia tenha sido enviado para o *gulag* — disse Sonja.

Ela chamou a atenção do motorista pelo espelho retrovisor. O motorista tinha crescido em uma vila na montanha onde mais pessoas acreditavam em *trolls* do que em automóveis. A primeira guerra o havia catapultado do lombo de uma mula para o interior de um Mercedes e, ao fazer uma retrospectiva, ele via a guerra como o único golpe de sorte em uma vida que de outra forma seria repleta de decepções.

— Não posso acreditar que você esteja autorizada a operar pessoas com tal entendimento incompleto da natureza — disse o irmão.

— Algum outro animal se origina dessa maneira?

O irmão franziu os lábios e respondeu:

— A baleia.

— Deixe-me adivinhar. Um peixe fode um hipopótamo?

— Quase, um elefante — disse ele, rindo.

— É claro — observou Sonja. — Como eu poderia me esquecer das manadas de elefantes que vagam no mar aberto.

— Eu nunca desonraria minha mãe, mas alguém menos nobre poderia sugerir que Alu é metade macaco. Então, devo incluir Darwin como seu segundo favor?

Ela escreveu vários títulos na lista e passou-lhe de volta.

— Meu Deus — disse ele. — Você é pior do que eu jamais poderia imaginar. Não admira que você e Alu tenham se dado notoriamente bem. *Modos de investigação psicológica moderna. Transtorno de estresse pós-traumático: causas, sintomas e tratamento. De vítima a sobrevivente: superando o estupro.* É isso que você quer? Eu estava pensando em cocaína e uma prostituta ou algo assim.

— Eu pareço alguém que precisa de uma prostituta?

O irmão era todo sorrisos.

— Nunca conheci alguém que precisasse mais — respondeu.

— Você pode consegui-los ou não?

— Vamos ver. Armas, drogas, urânio, prostitutas, reféns, sem problemas. Mas nunca me pediram para encontrar livros nem suprimentos médicos. Serão um desafio.

O Mercedes fazia círculos vertiginosos. Ela queria sair daquela geringonça giratória e nauseante. O que havia de errado com Alu, afinal? Comparado àquele homem ridículo, que falava como se vivesse em uma lâmpada de gênio, Alu era um cidadão exemplar. Mas o que ela poderia fazer? Aqueles que têm as balas têm também as ataduras.

— Você pode consegui-los ou não?

— Não me insulte — retrucou ele. — Consigo roubar até as pintas de um leopardo-das-neves.

— Então, muito obrigada.

— É só isso? Nada mais? Depois que você deixar este carro nunca me verá de novo.

Ela poderia pedir outras coisas? Transporte para a Geórgia? Uma passagem de avião de Tbilisi para Londres? Um carimbo de visto no passaporte que ainda carregava, no cinto de dinheiro ao redor de sua cintura, toda vez que saía de casa?

— Sim — garantiu Sonja. O ar zumbia. As nuvens amarelas observavam com indiferença. — Vou ficar com um de seus cigarros.

Ela pegou o cigarro e fumou enquanto caminhava até o bazar, onde, dias depois, em uma viagem em busca de tecidos, tropeçou em uma máquina de gelo industrial no estande de um traficante de armas *wahhabi*. Era uma grande peça cinza com interior de plástico da cor de caldo de batata e ventilação na extremidade traseira no estilo grega. A tampa de aço manteve seu reflexo desfocado dentro do logotipo do Soviet Intourist Hotel. Três meios-irmãos, agora com dezesseis, onze e oito anos, tinham sido concebidos naquela tampa de aço, nenhum deles sabendo ainda da existência dos outros. Um comerciante com unhas manchadas de nicotina, óculos de armação fina e a longa barba de um *wahhabi* descreveu a máquina.

— Gorbachev, Brejnev e os Bee Gees tiveram suas bebidas resfriadas com o gelo produzido por esta máquina magnífica. É uma celebridade entre as máquinas de gelo, invejada e admirada entre sua espécie. Todas as bandejas

de gelo na Chechênia têm fotografias da máquina de gelo do Intourist Hotel presas nas paredes de seus congeladores, e a todas elas é dito que, se trabalharem duro e acreditarem com sinceridade na ideologia do gelo, poderão um dia chegar ao seu nível. E você pode dizer: “Mas, mulá Abdul, eu não preciso de uma máquina de gelo industrial que pode fornecer vinte metros cúbicos de gelo por hora, quando necessário.” Ao que eu respondo: “E que tal água limpa? Veja, pura e impecável H₂O congelada a precisamente zero grau, a temperatura em que o termômetro calibrado deste colosso magnífico é regulado com todo o cuidado. A água contendo minerais, sedimentos, bactérias e parasitas congela a temperaturas ligeiramente mais baixas e, portanto, permanece líquida e é drenada para fora. A água congelada deixada para trás é tão pura quanto as virgens no Paraíso, com quem espero me familiarizar em breve, se Deus me julgar adequado.”

Sonja assentiu, não sem se impressionar. Sobre a mesa de cartas ao lado do *freezer* havia armas de todos os tamanhos e calibres, cintos de munição de bronze, tubos sépticos transformados em lançadores caseiros de granadas de mão, minas terrestres e gravações em VHS da série *SOS Malibu*.

— O que está procurando? — prosseguiu o comerciante. — Granadas de fragmentação? Balas ocas? Se me der alguns dias, eu poderia encontrar um colete C-4 que serviria direitinho em você.

Ela lembrou-se do comerciante como o professor de química que tinha dado tapas em seu traseiro três vezes em três meses e esperava que ela — uma estudante universitária do primeiro ano na época — lhe agradecesse por salvá-la da abelha invisível que vivia em seu escritório. Naquela época, ele era um homem diferente, que chegava à sala de aula todas as manhãs com o rosto barbeado e uma jaqueta de veludo fedorenta, porém Sonja reconheceu suas delicadas mãos matadoras de abelhas, que agora envolviam a coronha de um rifle.

— Talvez fosse melhor se eu falasse com seu marido — disse ele. — Gostaria de ter uma palavra sobre como ele permite que você se vista.

— Vá se foder, seu homenzinho nojento — retrucou Sonja, em inglês.

— Ela fala em línguas também — murmurou o comerciante para si mesmo. — Outro sinal do fim dos tempos. Ouça-me, mulher. Isto é coisa séria. Se você se vestir com os cabelos e o rosto descobertos para o diabo ver, os russos vão voltar, não se engane, e vocês mulheres serão as responsáveis.

Se ele não tivesse o conteúdo de um pequeno arsenal ao alcance das mãos, ela poderia ter dado um chute direto em seu agora religioso saco. Em vez

disso, fez um aceno com a cabeça e virou-se para o estande de tecidos.

Sonja voltou para casa com peças de tecido verde e roxo e as desdobrou no chão de seu quarto. Quando adolescente, recusou a oferta de sua mãe de ensiná-la a costurar as próprias roupas; mesmo naquela idade, tomou tal habilidade doméstica como um insulto às suas ambições. Agora, olhos baixos, observando fixamente como se um par de calças pudesse se materializar do pano com a força de sua concentração, ela se sentia como Sonja, a Idiota. Apenas uma ideia lhe veio à mente. Tirou suas medidas com uma régua, desenhou-as sobre o pano e cortou contornos de suas pernas com uma tesoura de unha. Durante a meia hora seguinte, costurou os dois recortes com o mesmo ponto que usava para suturar feridas. Quando terminou, examinou sua criação. Os pontos se mantiveram firmes quando ela puxou a costura, e seu dedo mindinho cabia certinho nas casas dos botões. Imaginou bolsos, talvez até passadores de cinto. Se isso funcionasse, poderia desenhar uma jaqueta e uma blusa. Talvez pudesse até lançar uma linha de roupas — *haute couture du guerre-zone*, com toda a renda em benefício do hospital — e exportar roupas feitas à mão para as butikues das avenidas arborizadas de Londres, onde compartilhara o segredo do Ocidente de consumir arte caritativa do Terceiro Mundo e *cheeseburgers* como bálsamo para a consciência.

Somente ao experimentar as calças ela percebeu seu erro. Sonja havia traçado as medidas exatas de suas pernas, sem deixar nenhum espaço de manobra, e assim lutou com as calças, caindo sobre o colchão e levantando os pés em direção ao teto, na vã esperança de que a gravidade pudesse apiedar-se dela. Um esforço exaustivo. Fazia anos que ela não se contorcia tanto assim sem ao menos a perspectiva de um orgasmo. Quando finalmente conseguiu puxar as calças acima dos quadris, viu o sorriso de cem watts de Natasha na porta.

— Há quanto tempo você está assistindo a isso? — perguntou.

— Longe de ser o suficiente.

— Você está sempre dormindo, porra! Você está sempre dormindo quando estou fazendo o jantar, ou varrendo o chão, ou procurando baterias de carro, ou chorando, ou fazendo qualquer coisa madura e útil, mas então você sempre, de alguma forma, acorda para me ver fazendo papel de boba. Você tem clarividência? Se tiver, pode ver o que estou pensando; e se não, estou pensando em um gesto muito rude.

— Tente se levantar — sugeriu Natasha, muito alegre.

Sonja preferia ter amputado as pernas com a tesoura de unha a humilhar-se ainda mais, porém o que ela poderia fazer? Recusar? Admitir o fracasso? Não. Posicionou as mãos na beirada da cama. Impulsionou o corpo para frente. Agitando os braços, com as pernas rígidas, ela teria deixado o lascivo professor de química estapear abelhas invisíveis em seu traseiro durante toda a tarde por um par de calças que lhe servissem. No ápice de sua subida, quando viu Natasha, seus olhos explodiram em brasas. Era muito receber um agradecimento? Ser apreciada? Ter a garantia de que todos os bolinhos na Inglaterra valiam menos do que todas as batatas e cebolas com sua própria irmã? *Sim, aparentemente, é pedir muito*, Sonja disse a si mesma, *ou, pelo menos, pedir muito de você, minha amiga comedora de batata, você que acredita que é a única pessoa no mundo a entender a perda, e que até isso não está disposta a dividir comigo.*

Mas sua encarada rompeu o equilíbrio. As tábuas de madeira das pernas de suas calças arremessaram-na para a frente e, debatendo os braços, estendeu a mão para Natasha. Não havia mais ninguém para ajudá-la.

E Natasha a segurou. O impacto ziguezagueou pela coluna de Sonja, soltando a espiral de tensão entre cada vértebra. Como tinham decaído até aquele ponto? Como haviam se tornado tão amarguradas que o fato de Natasha impedi-la de cair de cara parecia um ato de tremendo amor fraternal? Lágrimas se espremeram por entre os olhos fechados de Sonja. Um plugue foi retirado do centro do chão através do qual a tensão era drenada.

— Essas são as calças mais feias que já vi — comentou Natasha, ainda segurando a irmã. Foi a primeira vez que se abraçaram desde seu retorno. Dois anos e três meses se passariam antes que isso acontecesse de novo. — Elas parecem pintadas sobre as pernas.

— Não consigo sentir meus dedos — gritou Sonja. — Acho que meu sangue não está circulando abaixo dos joelhos.

— Você deveria usá-las como torniquetes no hospital.

— Não quero estar aqui, Natasha. Estou tão infeliz. Quero estar de novo em Londres.

— Está tudo bem. São apenas calças. Veja o que vamos fazer.

Segurando a cintura, Natasha baixou as calças até o meio em um único movimento confiante. Sonja puxou as extremidades sobre os calcanhares e estendeu as coxas doloridas. Pegou o pedaço de tecido marcado com a silhueta de suas pernas e inclinou a cabeça para ver Natasha através do recorte.

— Acho que este é o meu joelho.
— É um joelho adorável.
— O que devo fazer com isto?
— Acho que você nunca pediu minha opinião antes.
— Não vou fazer disso um hábito.
— Você poderia.
— Diga-me o que fazer.
Natasha olhou para o tecido.
— Eu poderia usar calças novas também.
Sonja sorriu e deu a Natasha a tesourinha de unhas.

* * *

Apesar do momento de reconciliação, elas logo voltaram à política de se evitarem educadamente. Quando, após o trabalho, Sonja queria companhia menos complexa, visitava Laina no apartamento ao lado. A vizinha nunca parecia particularmente satisfeita por ver Sonja, porém ela nunca dava a impressão de estar contente com qualquer coisa naqueles dias, e Sonja não considerava aquilo algo pessoal. A velha recebia visitas diárias de fantasmas, anjos, profetas e monstros e, algumas noites, Sonja se perguntava se ela mesma era, para a velha, uma alucinação corriqueira.

— Vi uma máquina de gelo no mercado outro dia — contou ela. Laina não olhou por cima do cachecol que estava tricotando, temerosa de levantar os olhos com tantas visões preenchendo o ar. — Ela uma vez refrescou os copos dos Bee Gees ou, pelo menos, foi o que disse o vendedor do *freezer*. Nunca vire as costas para ele, Laina. Não há nenhuma abelha.

— *You can tell by the way I use my walk, I'm a woman's man* — disse Laina, reproduzindo um verso da canção “Stayin’ Alive”, dos Bee Gees, sem levantar os olhos da ponta das agulhas.

— Você conhece essa música? — perguntou Sonja.

— É claro. As pessoas costumavam recitá-la na guerra. Eu não sabia que era uma música. Durante muito tempo pensei que fosse do Alcorão.

Sonja sorriu, feliz porque ainda podia ser surpreendida, e comentou:

— Nunca soube que os Bee Gees eram tão profundos.

— Vi seis carruagens no céu hoje. Gostaria ter visto uma máquina de gelo. Durante a hora seguinte, Laina descreveu abundantes fenômenos

sobrenaturais. O anjo Gabriel voara em um galinheiro sem galo em Zebir-Yurt e, na manhã seguinte, um fazendeiro encontrou oito ovos concebidos imaculadamente. Um menino em Grozny derrotou seu avô, um mestre de xadrez de terceira classe, que ocupava a posição 1.680 no ranking mundial, após um jogo que durou trinta e nove dias e noites, que ambos passaram sem dormir, e que deixou o avô tão desnorteado, orgulhoso e exausto que morreu de pronto. Um bando de cadáveres demoníacos se levantou da terra na fronteira do Daguestão para sequestrar três caminhões de carga da Cruz Vermelha, mantendo os motoristas amarrados, com os olhos vendados e magicamente suspensos a três metros do chão.

— Stalin foi ressuscitado — disse Laina.

— Eu sei — respondeu Sonja. — Ele é o primeiro-ministro da Rússia.

Em seu caminho para o trabalho, uma semana depois, quando o Mercedes preto a encontrou, ela estava certa de que entrara em um dos delírios de Laina. O Mercedes freou bruscamente, desenhando uma cortina de poeira ao longo da rua. Os pneus — antes tão delicados que só podiam rodar em círculos no espaço de uma quadra de tênis — tinham sido substituídos pelos de um jipe blindado, levantando o chassi em meio metro. Placas suecas, ela observou, ainda estavam afixadas. A janela se abriu e aquelas lindas unhas acenaram para ela.

— Pensei que não o veria de novo — disse Sonja, fechando a porta.

— E eu vivo dizendo que nunca verei Alu novamente, e ele continua sendo meu irmão. Você me intriga. Viveu em Londres por muitos anos, se a minha informação estiver correta, o que sempre acontece. Caso você tivesse ficado, seria elegível para cidadania agora. Nem eu consigo ter meu nome em um daqueles belos passaportes marrom-avermelhados. E ainda assim você voltou.

— Tenho família aqui — explicou ela, pouco à vontade.

— Escondo o papel higiênico quando minha família me visita para que eles não fiquem por muito tempo.

— Você poderia me levar de volta a Londres?

— Você poderia pedir. Mas, então, com quem eu teria que falar? Ninguém com sua inteligência retornaria de Londres, o que significa que ou você é um daqueles gênios idiotas, não tão geniais, ou algo totalmente diferente. As únicas pessoas que retornam são aquelas como eu, as que sabem quanto dinheiro se pode ganhar.

Pela janela, os limites da cidade davam lugar a campos marrons arados por

esteiras de tanques. Eles estavam a caminho de Grozny.

— Não estou aqui para ganhar dinheiro.

— É por isso que você é tão intrigante.

Eles chegaram à garagem em Grozny duas horas depois. Dois homens de expressão séria e segurando fuzis Kalashnikov encontraram-nos na porta, um deles ainda a três semanas de matar o outro em uma discussão que começaria com instruções sobre um caminho a tomar, e Sonja esperou febrilmente que o amor do contrabandista por Alu, a Tartaruga, ainda superasse sua aversão a Alu, o Mais Azarado Irmão Caçula da História. Três caminhões estavam na extremidade da pista de concreto. O irmão levou-a até o primeiro caminhão, cuja trava arrebitada à bala estava presa por um reluzente cabo parcialmente quebrado. Ele levantou a porta e acendeu uma lanterna em direção ao interior do reboque. Um kit de primeiros socorros da Cruz Vermelha surgiu no círculo de luz amarelada. O círculo caminhou para iluminar caixas de papelão rasgadas e centenas, não, milhares de kits de primeiros socorros.

— Isto foi roubado — constatou ela.

— É claro que foi, e não sem um pouco de dor de cabeça. Mas, como você disse, quase tudo o que pediu pode ser encontrado em um kit de primeiros socorros.

— O que aconteceu com os motoristas?

— Por que você se importa?

Sonja sentia que ele a estava testando, pronto para neutralizar a menor margem de indignação moral com uma palestra sobre o relativismo na guerra ou, talvez, com outro exemplo de seu desprezo por Alu. Ela destravou o kit de primeiros socorros e examinou o conteúdo. Quatro compressas absorventes, oito ataduras adesivas, um tubo de pomada antisséptica, uma máscara de respiração de emergência, duas luvas de látex, um rolo de gaze, um termômetro, um pacote de aspirinas e uma tesoura. Ela fechou a tampa, travou os fechos e não tinha nada para dar àquele homem a não ser gratidão. Por ela, os motoristas podiam ser amarrados e espancados, pois agora tinha a pomada para desinfetar seus cortes, a gaze para enfaixar suas feridas e até mesmo tesouras para cortar quaisquer linhas mágicas que os mantivessem a três metros do chão.

— E a morfina?

— Quase esqueci. — Ele puxou uma mochila preta de náilon do banco da frente, apoiou-a no para-choque e abriu o zíper. Um tijolo de pó branco embrulhado em plástico estava no fundo. — A morfina é muito cara — disse

ele, entregando-lhe o pacote.

— O que é isto?

— Heroína.

A palavra sozinha pesava dez quilos. Aquele pó havia sido cozido e injetado entre os dedos dos pés de Natasha duas vezes por dia durante oito meses. Meu Deus. E, pela primeira vez em tantos dias, ela respirou aliviada por saber que Natasha estava segura em casa, embarricada atrás de um fosso de copos d'água, a salvo das presas de dragões.

— É pura?

— Não tem açúcar suficiente nem para adoçar uma xícara de chá.

— Pedi morfina.

— E mesmo se você tivesse me feito o favor de lobotomizar Alu enquanto ele estava sob seus cuidados, eu não lhe conseguiria morfina. A heroína é muito mais barata.

— Quero algo mais, então.

— Eu também. Há apenas algumas alas abertas em seu hospital, certo? Se você me alugar um espaço não utilizado, podemos continuar com este arranjo.

— Para quê?

— Meus produtos.

— Sem armas, drogas, nem pessoas.

— É claro que não — garantiu ele. — Eu os guardo em casa. São principalmente tesouros nacionais saqueados de museus municipais e que podem ser vendidos no exterior.

— Tudo bem. Quero uma máquina de gelo. O hospital está sem uma há vários meses. Um homem de barba no mercado está vendendo uma boa do Intourist Hotel. Sinta-se livre para ser rude com ele. E onde estão os livros que pedi?

— Você escolheu a profissão errada — disse ele, apreciando a teimosia de Sonja. — Você é uma trapaceira nata, me tiraria dos negócios. Tive dificuldade em encontrá-los, mas devem chegar em breve. Um primo em terceiro grau que mora no Ocidente está fazendo a encomenda na Amazon.

— O que é isso?

— Não tenho a menor ideia. Esse garoto pode fazer seus livros surgirem do éter. Ele também vai me botar para fora dos negócios. — O homem fez um aceno de cabeça. — O mundo inteiro está conspirando para me tirar dos negócios.

— E outra coisa...

— Agora você está realmente começando a me irritar. Se continuar assim, vou ter que trazer meu irmão comigo na próxima vez.

— Quero roupas novas.

E ele riu e riu e riu.

* * *

Duas semanas depois, Sonja retornou do hospital vestindo um suéter de caxemira marrom, botas de couro bege e um par de *jeans* um número menor que exibia curvas nas quais o professor de química teria encontrado um enxame inteiro de abelhas se assentando, caso seus olhos ainda funcionassem. O peso dos livros de psicologia estirava as alças da mochila contra seus ombros. Sua mão esquerda, segurando um copo de gelo, estava dormente.

No *hall*, ela parou diante da porta de Laina, querendo deixar o gelo para a vizinha. O murmúrio de vozes do lado de dentro a deteve. Sonja se agachou até o buraco da fechadura. As alucinações de Laina estavam lhe respondendo?

— Havia doze carruagens no céu hoje? São duas a mais do que ontem.

A voz de Natasha se deleitava sob um sol que nunca brilhava quando se dirigia a Sonja. Foi bom ouvir o carinho de Natasha, mesmo não sendo para ela.

— Doze — disse Laina. — Acho que eles estão aprontando alguma coisa.

— Como o quê?

— Quem sabe? Tentando roubar a Lua para vender. Protegendo os céus de aviões do governo. Talvez tentando descobrir como fazer para descer seus cavalos das nuvens.

A voz de Natasha se suavizou:

— No inverno da guerra, antes de ir para a Itália, quando o bombardeio estava no auge, eu tinha medo de que o prédio fosse atingido. Então, eu morava no Parque Municipal. Lembro que o Profeta do Parque Municipal disse uma vez que tudo o que não é a escuridão ou a morte é uma visão. Lembro que ele disse que somos todos alucinações de Deus.

— Lembro que uma vez, no meu aniversário, quando eu era criança, fui à cozinha e vi uma enorme caixa de madeira em cima da mesa — disse Laina.

— Fiquei muito feliz. Não consegui imaginar que presente maravilhoso estaria dentro da tal caixa grande de madeira.

— O que era?

— Um caixão. Minha tia estava lá dentro.

Sonja mordeu o nó do dedo. Quando crianças, ela e Natasha fingiam ter uma terceira irmã, uma menina de cabelos pretos chamada Lidiya. Como Alu, a irmã fantasma nunca estava por perto, e, em sua ausência, tinham provocado, repreendido, desprezado, culpado e odiado Lidiya, para que pudessem se amar de modo mais simples.

— Tenho medo de sair do apartamento — dizia Natasha. — Tenho medo da cidade. Há tanto ar livre agora. Tenho medo de quase todas as pessoas. Não sei por quê. Todo mundo me assusta, exceto você. Até mesmo Sonja pode ser assustadora. Às vezes, se me deixo pensar na Itália, meu corpo é desligado. É como se eu não estivesse mais no comando, meu cérebro se desliga, e tenho que me trancar no quarto e fazer uma barricada com os móveis. Sinto-me tão idiota. Sou uma idiota.

— Você vê as carruagens?

— Não, ainda não. Mas vejo uma carteira.

— Uma carteira?

— Sim, havia um homem, e quando ele estava se vestindo sua carteira caiu das calças, e ele tinha uma foto dos filhos em uma daquelas capinhas de plástico para cartões de crédito. Foi nesse dia em que desisti.

— É bom falar sobre essas coisas. Isso manterá as carruagens e carteiras do mundo honestas. Elas vão saber que as vemos e não temos medo de parecer loucas.

— Sim, eu gosto de falar com você.

— Estamos sobrevivendo.

Sonja se levantou e caminhou para o apartamento, com medo do que poderia ouvir em seguida. Na mesa da cozinha, examinou o copo de gelo. Os cubos estavam arredondados dissolvendo-se em seus próprios restos, e entendeu, tardiamente, que era assim que um ente querido desaparecia. Apesar do choque de entrar em um apartamento vazio, a ausência não é imediata, é mais um desbotamento do tempo presente que você compartilhou, um derretimento em direção ao passado, não um apagamento, mas uma conversão na forma, da presença à memória, de sólido para líquido, e a pessoa que você tocou um dia agora corre sobre sua pele, agora escorre por suas costas, e você pode se banhar, pode afundar, pode se afogar na memória,

mas seus dedos não podem segurá-la. Ela levantou o copo até os lábios. A água estava limpa.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Cinco horas depois de sua primeira amputação bem-sucedida, as mãos de Akhmed pararam de tremer. A estrada congelada o encarava, mais ameaçadora agora do que quando ele vira, de perto, o que ela podia fazer. Ele havia serrado direto a perna do pobre homem. Não fora capaz de segurar a serra até que os dedos de Sonja estivessem ao redor dos seus. Até que ela tivesse empurrado sua mão para a frente. O homem que ele tinha imaginado ser morreu no momento em que ela posicionou a lâmina contra o osso e empurrou sua mão para a frente. Ele era mais um instrumento para Sonja manipular. O rosto dela havia endurecido como um mármore, determinado a ser indiferente tanto ao seu sofrimento quanto ao do outro homem. Como se ela não soubesse que a perna pertencia a alguém. Como se não soubesse que a mão que segurava, também. Empurrando a lâmina para a frente, ela observou Akhmed como se ele fosse o paciente. E ele fora. Com os dentes da serra presos ao osso, ela havia feito uma segunda cirurgia, menos sangrenta, mas não menos brutal, extirpando de seu coração o impulso de correr, de se encolher, de deixar o homem sangrar até a morte em vez de enfrentar o horror de salvá-lo. A amputação deixara os dois pacientes mais leves.

Atento a qualquer mínima elevação na estrada, ele ainda se sentia mais como aquele jovem do que como aquela médica. Akhmed não era em nada parecido com Sonja. Ela era a russa mais estranha que ele já havia conhecido, um enigma embrulhado em um mistério dentro de jalecos pouco atraentes, porém muito brancos. Quais partes ela descartara para o bem de sua sanidade? O que cortara de si mesma? Tivesse Akhmed olhado em suas pupilas, ele teria surgido, desnorreado e piscando, do outro lado do mundo. Estava impressionado com ela? Totalmente. Ele a respeitava? Inequivocamente. Queria ser de alguma forma como ela? Não, jamais, de jeito nenhum. Se ele nunca mais visse os corredores bege do Hospital N°6, se consideraria sortudo. Mas precisava voltar de manhã; havia um acordo. Uma mulher capaz de cortar uma perna com tanta naturalidade era capaz de se

livrar de uma menina órfã.

A duzentos metros, em uma curva na estrada, as luzes difusas de faróis se tornaram visíveis. Ele correu. Troncos de bétulas dividiam o feixe de luz em blocos amarelos pálidos enquanto ele se abrigava atrás de uma tora meio apodrecida, chupando neve para disfarçar a respiração. Quando os faróis passaram, Akhmed vislumbrou o vermelho da caminhonete de Ramzan em direção à cidade. Ele mordeu os nós dos dedos, incapaz de se lembrar do nome latino daquele carro. Ramzan não podia saber. Ele não podia. Quando as luzes traseiras se reduziram ao tamanho de uma mancha avermelhada distante, Akhmed voltou para a estrada, massageando a região dolorida entre o polegar e o dedo indicador. Naquela tarde ocupada, a palma de sua mão havia tido mais duas oportunidades para criar calos.

A meio quilômetro da vila, o brilho de uma fogueira saltava através do mato. Com a caminhonete a meio caminho do horizonte, a curiosidade, e não o medo, levou Akhmed de volta à floresta. Ele se moveu lentamente, com a esperança de que as chamas fizessem um barulho mais alto do que a geada sob suas botas. Lá, na clareira, um homem feito de sombra atirava panfletos no brilho tremulante. Os cães, descansando ao lado do fogo, ouviram-no antes do homem.

— É Akhmed — falou, respondendo ao rosar dos cães.

Ele nunca havia entendido por que Khassan se sentia responsável por aqueles animais imundos e doentes. Seu filho fizera dele um pária, mas os cães não estavam ajudando. Outro punhado de páginas flutuou para as chamas.

— O que você está fazendo? — perguntou Akhmed.

Khassan estava estudando a folha de papel em sua mão, onde na quinta frase do segundo parágrafo, no espaço em que faltava uma vírgula, encontrou a tristeza de sua vida. A frase descrevia a educação de um líder tribal inexpressivo do século XVIII, e aquela seria a última vez que olhos humanos leriam o nome da mãe do líder tribal.

— Um erro de pontuação — disse ele, estremecendo pela mais deplorável incorreção. — Li esse parágrafo centenas de vezes e nunca o detectei.

— Não faça isto — disse Akhmed.

Ele poderia ter estendido a mão, pegado a folha e chutado neve no fogo, mas a página com o erro de pontuação já era fumaça, e o nome de uma mãe que morrera duzentos e vinte e três anos antes já estava perdido. Esvaziou os pulmões, porém seu suspiro ainda não tinha terminado; ele continuou a

esvaziá-los. Em um dia de primavera, quando Akhmed era criança, Khassan o levou a um campo de corte de madeira que ficava a meia manhã de caminhada da vila. Homens com serras cor de laranja rugindo se inclinavam em direção a troncos de faias, e os troncos espumavam nuvens de serragem e gemiam enquanto as copas verdes das árvores caíam. Ele tinha oito anos de idade e os tocos eram mais baixos do que ele. Khassan disse que levaram cem anos para as árvores chegarem naquele tamanho e depois disso voltaram para casa.

— Eu estava pensando em alguém que perdi há muitos anos — disse Khassan. — Ela me chamou de covarde uma vez. Não foi o que ela disse, mas a forma como disse. Foi como se o seu julgamento tivesse simplesmente me atravessado. Como se eu fosse uma nuvem.

O fogo descongelara os galhos pendentes. Gotas que deslizavam dos dedos delgados viravam vapor antes de pousar nas chamas. Nada que Akhmed dissesse poderia fazer com que aquele homem se recuperasse.

— Você foi um bom marido — comentou ele. — Sua esposa o amava.

Khassan parecia confuso, como se não tivesse absolutamente pensado em sua esposa, e se abaixou para pegar outra pilha de páginas.

— Minha esposa não me amava, mas obrigado — disse, acenando com a cabeça para o fogo. — Quarenta e quatro mil, trezentas e trinta e oito páginas. Foram cinco horas para contar. Mais de vinte viagens para carregar. Não é de admirar que estes cãesinhos estejam tão cansados. — Ele se ajoelhou e acariciou a barriga do cão sem pelo com uma afeição terrível. — Cada página tinha em média trezentas e cinquenta palavras. Estes são os quinze milhões de palavras que escrevi.

— Há mais palavras. — A luz do fogo tremulava em seus rostos. Era tudo o que poderia dizer.

— Há mais escritores.

— Você não pode fazer isto. — Ele falou com um medo que fechava seu estômago como um punho cerrado, impotente como uma criança, com as emoções ampliando o que ele detectava no velho.

Se Khassan perdesse a esperança, onde Akhmed a encontraria?

— Você não entenderia, Akhmed, mas você poderá, se chegar à minha idade. Estava pensando nas histórias que minha mãe costumava me contar sobre príncipes e guerreiros que se esforçavam para garantir que seus nomes persistiriam e eram punidos por Alá em razão de seu orgulho. Quero ser esquecido. Há algo de milagroso na maneira como os anos removem a prova

da nossa existência, primeiro nós mesmos, em seguida nossos amigos e familiares e, depois, os descendentes que se lembram do nosso rosto, até que não sejamos mais nem uma memória, mas apenas carbono, não maior do que nossos átomos, e o tempo os dividirá também.

— O que você está dizendo? — perguntou Akhmed, embora não quisesse que Khassan falasse mais nada.

— Estou dizendo que quero desaparecer.

Certa vez, enquanto caçava naqueles bosques, Akhmed deparou com uma corça caída no chão e lutando para respirar. Um ferimento cor-de-rosa inchado afastava suas pernas traseiras, e seu focinho emitia uma longa série de gemidos angustiados, e, para acabar com seu sofrimento, ele apontou para o pescoço do animal. Mas, antes que puxasse o gatilho, o traseiro embrulhado de um filhote escorregou pelo ferimento aberto. Ele ficou de queixo caído. Akhmed colocou a arma entre as folhas, escondeu o dedo indicador atrás das costas, com vergonha do que este quase tinha causado, e assistiu a uma vida começar onde outra quase tinha terminado. E agora, com as folhas finais ondulando sobre as brasas, o medo aumentava para um assombro enquanto ele testemunhava um momento de igual profundidade. Nem uma única vez, desde que conseguia se lembrar, Khassan admitira uma falha, um erro, nem mesmo um lapso tão trivial como a falta de uma vírgula. Naquela noite ele confessava um fracasso total.

Os faróis que retornavam estenderam suas sombras através da clareira em muito pouco tempo para que tivessem percorrido todo o caminho até o hospital. Quando o feixe de luz girou em sua direção, ele viu, rapidamente, pegadas de animais nas cinzas de quinze milhões de palavras.

* * *

Suspensa no alto pelas distantes tachinhas das luzes das estrelas, a noite era uma cortina escura escondendo a caminhonete de Ramzan até que fosse tarde demais para Akhmed recuar. Ramzan desceu da cabine, acendeu um cigarro e ficou olhando para o que tinha sido a casa de Dokka enquanto Akhmed se aproximava.

— Você viu o meu pai?

Seu rosto mergulhava na esfera laranja a cada tragada. Se ele tivesse o rosto murcho de um ogro ou as muitas cabeças de uma hidra, Akhmed

entenderia. Se ele tivesse a língua bifurcada de um diabo, ou o cabelo de uma Medusa, ou os pelos emaranhados de um lobo monstruoso, Akhmed entenderia. Ramzan, porém, tinha dois olhos, um nariz e uma boca, pares de braços, pernas e orelhas, cabelo oleoso, mas não pegajoso, e Akhmed não entendia. Eles haviam nascido na mesma vila, frequentado a mesma escola, tido os nós dos dedos arroxeados pela mesma régua e chutado a mesma bola de futebol sobre o mesmo campinho de terra onde no verão a grama crescia espessa o suficiente para dificultar uma cobrança de pênalti.

— O que você realmente quer? — perguntou Akhmed, cansado demais para ser intimidado.

Ramzan franziu a testa, as bochechas brancas como um metal batido.

— Só conversar — disse ele. — Faz muito tempo que não converso com ninguém. Duas semanas. Mantenho um caderno e, às vezes, escrevo as coisas, e dá para fingir uma conversa assim, por pouco tempo, mas...

— Não quero falar com você — interrompeu Akhmed.

— A última pessoa com quem falei foi Dokka. Duas semanas atrás. Vim perguntar se ele queria mais lenha. E agora veja o que aconteceu. Nosso pobre amigo. No que ele se meteu?

— Em nada. Ele não conseguiria cortar um pedaço de pão com uma faca de manteiga.

— E eu soube que a menina, Havaa, está desaparecida. Mas não pelas forças de segurança, graças a Alá. Não, ela foi levada por outra pessoa. Alguém a levou, apenas não sei quem. Acho que meu dedo está perto dele. Ou dela. Poderia ser uma mulher. No entanto, acho que é um homem. Um...

— Onde ela estava? — perguntou Akhmed, tão calmamente quanto conseguiu.

— As forças de segurança não a encontraram. Ela não estava lá. Não estava em lugar algum. — Ramzan fez uma pausa apenas para respirar. — Não estava na sala de estar, nem nos quartos, nem sob o piso, nem nos armários, nada, nada, nada.

— Por que eles se importam? — perguntou ele, esperando que Ramzan, que vendia informações, pudesse lhe dar uma pequena notícia de graça. — O que poderiam querer com uma criança?

— Ninguém está fora dos limites porque não há limites. *O porquê* e o *o quê* não nos dizem respeito. Essas são questões para os filósofos e os imames, não para pessoas como nós, sejamos lá quem formos. — Seus lábios brilhavam sob a luz âmbar. — *O quem* e o *onde* são tudo o que devemos

saber e responder.

— Não vejo o *porquê* e o *o quê* de uma criança.

— Lá vai você, Akhmed. Fazendo a pergunta errada. Eles a querem. É isso. Não importa o motivo. Tudo o que importa é onde ela está e com quem.

— Se eu a vir, direi que você quer conversar.

— Você está sendo presunçoso, presunçoso, presunçoso.

O braço magro de Ramzan envolveu o ombro de Akhmed e a fragrância doce e requintada de desodorante fluía de sua axila. A primeira vez em que Akhmed tomou plena consciência de seu próprio odor foi na sua noite de núpcias, quando, pressionado contra Ula na cama, desajeitado, lutando e fazendo praticamente tudo errado, notou a esposa virar a cabeça em direção à janela aberta.

— Dokka se foi — disse Ramzan, perto o suficiente para sua respiração aquecer o pescoço de Akhmed. — Ele se foi. Isso me deixa triste. Ele se foi. Gostaria que estivesse aqui para que eu pudesse perguntar-lhe o que fazer. Para que eu pudesse dizer olá. Pudessem falar com ele. Dokka sempre me escutava. Sempre falava comigo. Sempre respondia quando eu fazia uma pergunta.

Muito consciente daquilo, Akhmed não disse nada. Nem sempre fora assim. Durante anos, ele, Ramzan e Dokka haviam sido amigos. Em domingos alternados, reuniam-se na casa de Dokka para jogar xadrez, comer lautamente e, por apenas algumas horas, derrubar o medo e a privação que tinham substituído a velha ordem. Em outra vida, a fraqueza de Ramzan não teria provocado nenhuma tragédia maior do que uma vitória roubada no xadrez. Ramzan era o mais novo dos três, um jogador de xadrez tão ruim que Dokka lhe dera aulas particulares. Ele aprendeu bem: transformou a vila em um tabuleiro, o mestre, em um peão.

— Então, me diga, Akhmed, onde você esteve o dia todo? — perguntou Ramzan, com a voz inalterada e firme, a voz da bigorna, e não a do metal achatado nela. — Diga-me onde você esteve, quem você viu.

— Em lugar nenhum, ninguém.

— Vamos, Akhmed. Nós dois sabemos que você vai me dizer. Você é um homem inteligente, tem uma esposa doente a considerar, sabe o que vai acontecer se não fizer isso. Vamos tentar de novo. Akhmed, meu caro amigo, onde você esteve hoje?

Akhmed ficou calado.

— Tímidos hoje, não estamos? Bem, vamos começar aos poucos. Diga-me

algo que você fez hoje, hein?

— Rezei.

— Isso é bom. Você deve orar. Eu rezo dez vezes por dia. Cinco vezes para mim e cinco para o meu pai. Estou cuidando dele, não se preocupe com isso — disse Ramzan. Seus lábios eram diques incapazes de conter o fluxo que jorrava entre eles. — A oração é importante. Muito importante. Sobretudo agora que estamos vivendo no fim dos tempos. Você sabe disso, não é? O Califa final aparecerá e o profeta Jesus descerá, e ele matará os porcos e quebrará as cruzes. Não temos muito tempo, não acho que tenhamos. É por isso que rezo dez vezes por dia. Provavelmente, eu deveria rezar quinze ou vinte vezes. Meu pai precisa. Você acredita nos dias finais, não é?

— Acredito em julgamentos finais — respondeu Akhmed. — Acredito que cada um de nós será chamado a prestar contas da própria vida.

— Quando eu era criança, meu pai me deu um gravador de oito canais. A maioria das fitas que ele trouxe da biblioteca universitária era de concertos para violino, óperas e sinfonias. Você pode imaginar algo mais chato para uma criança de dez anos? Ainda assim, foi um presente maravilhoso. Adorei. Gostava de brincar com as velocidades e os botões mais do que de ouvir. Se desacelerasse a fita, o gemido dos violinos afundava para tons mais baixos e sinistros. Isso me faz pensar no capítulo *Al-Haaqqa* do Alcorão. Você está familiarizado com o décimo terceiro versículo? *Quando a trombeta soar uma explosão, as terras com as montanhas serão arrancadas e despedaçadas, esse é o dia em que o evento inevitável acontecerá, os céus se quebrarão e cairão, os anjos estarão em todos os lados acima deles, erguendo o Trono do Senhor nesse dia.* E eu pensava que o toque de trombeta surgiria subitamente e consumiria tudo. Uma verdadeira explosão. Uma bomba atômica. Uma alfinetada no balão que é o mundo. Mas talvez, não. Talvez, não. Talvez a explosão da trombeta tenha sido desacelerada como uma fita de oito canais, soando nas frequências mais baixas e, talvez, o fôlego do trompetista dure por muitos anos, chamando-nos não em uníssono, mas um de cada vez.

— Você se esqueceu da frase seguinte do *Al-Haaqqa* — observou Akhmed.

Uma volumosa gota de suor deslizou na testa de Ramzan, seguindo a fina marca de uma cicatriz.

Quando Akhmed estava em seu primeiro ano da faculdade de medicina, ele retornou em um fim de semana de novembro para a Festa do Sacrifício.

Ramzan, ainda adolescente na época, tentou libertar à meia-noite o bode prometido para abate, em parte porque acreditava que o costume bárbaro contrariava a racionalidade soviética, mas, em especial, porque queria ver seu pai de pijama perseguindo o animal durante a noite. Na luta que se seguiu — Khassan, nada tolo, esperava à espreita —, o bode, incapaz de distinguir seu libertador de seu carrasco, acertou a têmpora de Ramzan com um coice certeiro. Ele se tornou o primeiro paciente de Akhmed. Enquanto Akhmed suturava sua pele, o adolescente normalmente taciturno ficou lhe perguntando por palavras latinas. Ramzan as pronunciava como se fosse escrevê-las, mantendo as vogais como uvas entre os lábios arredondados. E Akhmed não poderia imaginar que o adolescente que com reverência entoava *felação*, acreditando ser o nome de um deus romano, cresceria e se tornaria um homem que falava checheno como uma língua morta, vendendo suas palavras como vendera armas e explosivos, sem saber seu valor real, sem levar em conta que elas podem matar.

— A frase seguinte do *Al-Haaqqa*? — perguntou Ramzan, incerto.

— *Nesse dia você será revelado e nada de você poderá ser escondido.*

* * *

Ula sorriu sonolenta e virou-se de lado quando Akhmed entrou no quarto. Com o polegar, ele desenhou pequenos números oito no antebraço da mulher até que a voz de Ramzan, dirigida a ninguém, desaparecesse com o barulho das pedras sob seus passos. Na cozinha, ele puxou um banquinho para perto do forno à lenha. Queria se empoleirar na porta aberta do forno e banhar-se no cintilar das chamas até o fantasma daquele dia exaustivo desaparecer dentro do tubo da chaminé. Havaa estava segura. Ela estava segura e ele teria amputado as próprias pernas para que Dokka soubesse disso. Pensando em Dokka e Havaa, começou a chorar. Akhmed havia se esquecido de como era encher-se de orgulho, de como esse sentimento é capaz de ser esmagador quando menos se espera, de como consegue voltar a crescer — e como era bom saber que havia partes de si mesmo que nem uma serra cirúrgica não poderia remover. As chamas se dissolviam em seus olhos e através delas uma dor soou: o riso. Ele não sabia explicar. Seu rosto não conseguia expressar aquilo em seu peito. Era o médico mais incompetente da Chechênia, o que se formara com menos louvor na história da Faculdade de Medicina da

Universidade Federal de Volchansk, ainda assim salvara a vida de Havaa. Akhmed enxugou os olhos nas mangas da camisa, desejando ficar ali, aninhado diante do fogo, mas precisava alimentar a esposa.

— Como foi seu dia? — perguntou ele, depois de Ula engolir o primeiro bocado.

— Foi muito cheio — murmurou ela.

— O seu também?

— Falei com o seu pai.

O pai de Akhmed, botânico e colecionador de flores secas, estava morto havia dez anos. Ela não chegara a conhecê-lo.

— Ele deve ter percorrido um longo caminho para ver você.

— Percorreu. Estava com uma aparência medonha.

— E sobre o que vocês conversaram?

— Sua mãe — disse ela, como se não fosse nada.

Ele colocou a tigela no chão e deitou-se ao lado da esposa, com os braços cruzados para que seus narizes e patelas quase se tocassem. A testa de Ula parecia ter permanecido o dia inteiro no sol. Talvez fosse verão no exílio do qual seu pai havia retornado e talvez ele tivesse trazido um pouco para a mulher. Ela não se virou para a janela quando respirou; Akhmed beijou-lhe o nariz por isso.

— O que ele tinha a dizer sobre minha mãe?

Ula ficou com os olhos fechados por tanto tempo que ele pensou que ela tivesse adormecido.

— Vi um sinal de nascença — sussurrou ela, por fim. — Um sinal ovalado na barriga dela.

Ela adormeceu logo depois. Akhmed terminou de comer o arroz que sobrara na tigela, decepcionado pelo fato de a mulher ter comido tão pouco, e a enxaguou no balde que transformara em pia da cozinha. Depois de costurar os bolsos — para evitar que os soldados do posto de inspeção plantassem contrabando neles no dia seguinte —, escovou os dentes com bicarbonato de sódio e subiu na cama. Mexeu os dedos dos pés. Eles se sentiam maravilhosos lá, nas extremidades dos pés. Uma pergunta surgiu quando nadou para encontrar Ula no sono. Pela manhã, ela seria esquecida, atraída de volta para os sonhos, mas, por um momento, ficou ali carregada pela maré. A marca de nascença ovalada na barriga de sua mãe. Ele nunca contara isso a Ula, e ainda assim ela sabia.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Isto é sobre o seu pai. Lembro-me de que ele escrevia tratados de pura categorização, cada ideia um “ismo”, cada pessoa uma “ista”, e, quando uma vez o critiquei por esse hábito redutor, ele disse: “Não conhecemos o significado de nada, a não ser o das palavras que usamos para descrever as coisas.” Lembro-me de que ele queria ensinar você a ler e escrever, mas não sabia se ensinava o alfabeto cirílico (que seria usado se os russos ganhassem) ou o alfabeto latino (que seria adotado caso os rebeldes vencessem); assim, em vez disso, ensinou o alfabeto árabe e acrescentou que teria lhe ensinado a ler e a falar em japonês se soubesse como. Eu não sei escrever em árabe. Espero que você consiga ler isto. Espero que ainda existam pessoas que falem checheno quando você ler isto. São memórias perdidas, arrancadas do ar. Contudo, se eu fechasse meus olhos e me forcesse a encontrar seu pai, para encontrá-lo realmente, eu o acharia diante de seu tabuleiro de xadrez. Em seus quarenta anos, ele perdeu apenas três partidas. Uma delas foi para você no seu sexto aniversário.

Eu o encontraria descascando uma ameixa. Você não se esqueceu, não foi, de como ele tirava a pele com uma faca de tornear? Uma dezena de giros e ela saía em uma bobina fina e inteiriça, uma espiral de um metro de comprimento. Ele transformava a casca daquele pequeno fruto achatado, menor do que seu punho, em uma extensão notável. Em seguida, segurava a lâmina na polpa nua e rodava verticalmente a ameixa. Uma metade se separava da outra, o corte era tão limpo que nem mesmo um fiapo ficava preso à semente. Gotas de um rosa pálido caíam no prato. Quando Sharik estava comigo, o cão contemplava as mãos de Dokka com ansiedade. Mas no momento em que seu pai, finalmente, as deixava cair ao alcance da língua de Sharik,

ele provava a decepção da casca seca. Seu pai não era um homem gracioso, mesmo assim ele cortava uma ameixa como um joalheiro.

Ele fingia preferir a casca e sempre lhe dava a polpa. Você devorava as fatias porque tinha que lavar as mãos antes de tocar nas peças do xadrez. Era um belo conjunto, esculpido à mão, comprado por seu bisavô antes da Revolução, quando um funcionário dos correios podia pagar por um artesanato tão fino. Ele lhe ensinou a jogar xadrez e, em seu sexto aniversário, deixou-a ganhar. Seu pai fez muitas coisas em seus quarenta anos. No entanto, se forçado a recordar seu melhor momento, eu escolheria vê-lo com você na sala de estar, ao lado das peças de xadrez, descascando uma ameixa.

O TERCEIRO DIA

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Eles apareceram quatro anos antes de seu pai ser levado, um ou dois inicialmente, com olhos vidrados como se nunca tivessem visto uma casa antes, e depois mais. Chegaram curvados e pálidos, abatidos e desconfiados, de Grozny, Shali, Urus-Martan, um longo caminho pelas das montanhas. Alguns carregavam as provisões mais necessárias: botas, meias de lã, mais meias de lã, dinheiro de suborno. Aqueles que tinham perdido tudo, até mesmo a sanidade, levavam as coisas mais ridículas: um homem que perdera os pais e os filhos em uma mesma explosão de foguete Uragan carregava a chave do apartamento no qual eles pereceram; uma mulher três vezes viúva mantinha o retrato emoldurado de um rosto que ninguém tinha visto vivo por mais de cem anos, e nenhuma imagem de seus maridos; um burocrata aposentado portava uma pasta com uma regulamentação de mil e duzentas páginas, convencido de que aquelas regras eram para sempre invioláveis. Outros não levavam nada. Eles continuaram vindo, e suas roupas iam ficando maiores em seus corpos. Havaa tinha acabado de aprender o alfabeto árabe, e encontrou as formas das letras em suas figuras. Um olho elevado para as montanhas era um ك, o suor na testa formava o gaguejo de um د, cada mandíbula era tão acentuada como um س, a fumaça pontilhando o cachimbo com cascas que um velho levava era o ponto acima do ف, e, encadeados, eles eram uma sentença sem pontuação que a estrada escrevia.

Seu pai acomodou os primeiros um ou dois à mesa da cozinha e colocou tanta comida à sua frente que eles quase se recusaram a sair. A notícia se difundiu através das linhas de refugiados, e em pouco tempo o número ultrapassou os modestos recursos dos pais de Havaa. Certo dia ela chegou da floresta e encontrou os móveis de seu quarto espalhados pelo quintal, seu pai e Akhmed estavam criando novas camas a partir da sua, o ar penetrante com a serragem, o sol brilhando nas costas nuas deles. Dois dias depois, seu quarto foi transformado em um albergue com três beliches. Os refugiados — era isso que eles eram, ela sabia dizer o nome em checheno e escrevê-lo em

árabe — pagavam da forma que podiam pela noite de sono, duas refeições e um espaço no varal. A vergonha que apertava os ventrículos de Dokka a cada vez que ele pedia o pagamento logo enfraqueceu, tornando-se uma contração leve e ignorável. O primeiro e o milésimo refugiados tinham vindo de povos diferentes: o primeiro, merecedor da sua compaixão e hospitalidade; o último, de nada. Deixe-os dormir lá fora por tanto tempo quanto as joias de suas avós os aqueçam. Deixe que comam seus rublos. No entanto, como tão poucos possuíam joias ou rublos e como Dokka era incapaz de mandar embora aqueles verdadeiramente necessitados, seus parâmetros de pagamento foram ampliados para incluir quase qualquer coisa. Os itens simbólicos e quinquilharias iam para Havaa, que os colecionava como lembranças; assim, em vez de se divertir com brinquedos e fazer o dever de casa, ela brincava e aprendia com a estatueta de plástico de uma bailarina realizando uma pirueta, com o guia de campo para a flora caucasiana e com qualquer outra coisa que Dokka e o hóspede acordassem valer um beliche frágil em uma noite de inverno. Agora ela dormia em um colchão no chão do quarto dos pais. Em muitas noites a menina acordou e se viu na cama do casal, o calor de seu corpo mantido entre os corpos deles, distinguindo mãe e pai na escuridão pelo tamanho dos dedos.

Outros vinham nos fins de semana, estrangeiros mais bem-vestidos e descansados, para ver Akhmed. Os que já tinham ouvido os rumores do fantasma pedófilo deixavam os filhos do lado de fora quando entravam na casa abandonada, os braços pesados pelas doações de ataduras de linho, linha de pesca para sutura, gesso seco e tipoias feitas com revistas velhas e bandanas. Na sala de espera eles se sentavam com as costas eretas e imóveis, com medo de respirar muito fundo, de ranger as sensíveis cadeiras dobráveis e, assim, quebrar a solenidade que os procedimentos exigiam. Akhmed os chamava, uma família de cada vez, como se fossem seus pacientes. E ele desejava que fossem, porque o tratavam com mais respeito do que seus pacientes reais, e porque podia fazer mais por eles. Era provável que a família, quando entrava no escritório de Akhmed, soubesse que ele era o pior médico da Chechênia. Sentados nas cadeiras em frente à sua mesa, provavelmente sabiam que ele tinha seguido o chamado errado. Provavelmente sabiam que o pior médico da Chechênia era seu mais talentoso retratista.

O pai poderia quebrar o silêncio com uma tosse úmida, e, rezando para que Akhmed não lhe pedisse que deixasse examinar seu peito, descrever a forma

do nariz do filho. Achatado e largo, ele poderia dizer, como se tivessem batido em seu rosto com uma frigideira quando era criança. Não, não, não, a mãe era capaz de negar antes de o lápis de Akhmed alcançar o papel. É um nariz normal, um nariz bem torneado, um belo nariz, e ele nunca foi golpeado com uma frigideira, nem com uma panela de sopa, nem mesmo com uma chaleira; uma concha, sim, é claro, isso é de se esperar porque a cozinha de uma mãe é seu santuário, e ela deve manter a ordem. Então, talvez entrasse na conversa um primo, uma irmã, uma filha magoada que também se lembrava com clareza do tapa de uma concha sobre a palma de sua mão estendida. A conversa poderia nunca ser restabelecida se Akhmed não levantasse o dedo para aquietá-los; ele ouvira essas discussões antes, vira a dor deformar o tecido da memória de tal forma que uma mãe se recusava a reconhecer o filho quando descrito pelo pai, e o pai, geralmente submisso aos pedidos da esposa, acreditava de verdade que o nariz de seu filho era tão esmagado que ele só conseguia respirar pela boca. Ele lhes pedia que fechassem os olhos, e esperava que suas bocas seguissem o exemplo. Pedia que se concentrassem.

Debruçado sobre a mesa de pernas de aço, com uma xícara de chá preto morno ao seu alcance, Akhmed podia pensar novamente na infância, nos desenhos de esqueletos de cobras, tendões do joelho e veias sanguíneas que seu pai confundira com interesse pela ciência. Ele podia pensar de novo na escola de medicina, em quando faltou durante um ano ao curso de patologia para assistir às aulas de arte. A essa altura uma mudança de carreira estava fora de cogitação; ele era uma garrafa, lançada ao mar, na qual os habitantes da vila haviam enfiado seus desejos, e, embora estivesse disposto a desistir de si mesmo, não estava a fim de desapontar aqueles que acreditavam que ele poderia carregá-los pelas águas. No entanto, Akhmed desenhou naturezas-mortas quando deveria ter desenhado diagramas, estudou modelos, quando deveria ter estudado cadáveres. Ao se formar na escola de medicina entre os dez últimos, não sabia que a desgraça que pesava sobre ele como uma centena de rublos em moedas de cinco *kopeks* um dia se converteria em denominações menos embaraçosas, quando famílias, como aquela, chegassem sabendo que ele era um médico incompetente demais para salvar a vida de seu filho, mas um artista tão talentoso e bem treinado que era capaz de lhes trazer o filho de volta.

A cada meio minuto ele deslizava o papel pela mesa e procurava em seus rostos uma pausa de reconhecimento. Sim, estas são suas orelhas, bem assim.

Não, minha esposa está certa, o nariz dele não é tão grande, e ela nunca bateu nele com uma frigideira. Erros desapareceriam sob os cantos de uma borracha cor-de-rosa. É ele, eles dizem. Ele é nosso.

Alguns retratos foram parar em cabines telefônicas, onde encaravam os refugiados que passavam, em busca de seu reflexo na fila. Outros repousavam em espaços mais íntimos: em uma moldura de vidro sobre uma cama vazia, ou dobrados em uma carteira vazia, ou trancados em uma gaveta de escrivaninha ao lado da certidão de nascimento que documentava a hora exata, a data e o lugar em que aquela vida tinha entrado no mundo. Os desaparecidos continuavam desaparecidos e os retratos não podiam mudar isso. Mas, quando Akhmed deslizava o retrato acabado até o outro lado da mesa e a família via a forma daquele nariz amado, o ar fugia da sala, substituído pelo milagre do reconhecimento quando mãe, pai, irmã, irmão, tia e primo encontravam naquele nariz o filho, irmão, sobrinho e primo que havia sido, teria sido, poderia ter sido, e eles podiam perseguir essa possibilidade como personagens de desenhos animados que correm a toda velocidade em um penhasco, mantidos pela certeza de que a estrada está ali, até que olham para baixo — e *despençam*; essa é a palavra usada pelo irmão mais novo que, aos dezesseis anos, está cansado de ser o mais jovem e espera que seu irmão mais velho retorne por várias razões, não apenas para que ele se case e tenha um filho e deixe de ser o mais jovem; o irmão mais novo, que não tem nada a dizer sobre o nariz porque se lembra do nariz do irmão mais velho e não precisa que o nariz signifique o que seus pais necessitam que signifique, é aquele que seis meses mais tarde desapareceria na traseira de um caminhão, como aconteceu com o irmão mais velho, que reconheceria Landfill, através da venda e da mordida, pelo cheiro forte de barro, como o irmão mais velho havia reconhecido; é aquele cujos dedos seriam amarrados com os fios elétricos que tinham sido colados aos ossos do irmão mais velho, que ficaria de pé sobre uma cova coletiva que o irmão cavara e cairia nela como o irmão mais velho havia caído, embora precisando de seis minutos e quatro balas a mais para morrer, que seria enterrado a um palmo de terra do irmão e cujos ossos encontrariam com o tempo os do irmão mais velho e, assim, atenderia, naquele ponto indeterminado no futuro, às preces de sua mãe para que seus meninos se encontrassem, aonde quer que fossem; aquele irmão mais novo teria um sorriso no rosto e o pensamento mais tolo no crânio um minuto antes de a primeira bala perfurá-lo, pensando em como naquele dia, seis meses antes, quando todos foram fazer o retrato de seu irmão, ele

deveria ter feito o *seu* também, porque agora seus pais teriam que realizar outra viagem, e ele esperava que a fizessem, esperava que fossem porque, mesmo conhecendo o nariz de seu irmão, ele não estava preparado para vê-lo, e vendo o nariz ali, naquela página, a densidade da perda que ele gerava, a inacreditável dor do amor e do não possuir o envolveu, forte o suficiente para arremessá-lo, como seu irmão fizera, dentro do lago no verão, mas não havia nada além de ar; ele teria acreditado que *despencar* era o mais próximo que chegariam um do outro novamente, e com o primeiro tiro um irmão caiu a um braço de distância do outro, e com o quinto disparo a venda se dissolveu e a luz que ela bloqueava se tornou eterna, e na parede da cozinha da casa de seus pais seu retrato está pendurado a um braço de distância do de seu irmão. E sua mãe passa tardes inteiras olhando para eles, rezando para que se encontrem, seja lá para aonde forem.

* * *

Em domingos alternados, Akhmed e Ramzan iam jogar xadrez com o pai de Havaa. Ramzan chegava primeiro, batendo na porta com a testa, os braços envolvendo um pote de ensopado; às vezes, ele levava presentes que ganhava pelas cargas que transportava para as montanhas e trazia de lá, trutas em conserva ou geleia de ameixa, cordeiro curado, castanhas cristalizadas. Depois, vinha Akhmed, entrando sem bater, agarrando Havaa, colocando-a sobre os ombros e ameaçando casá-la com um sapo. Na sala de estar, a menina lhes servia chá, e, em vez de uma tarefa, isso parecia ser sua modesta contribuição para a tarde. Aos seus olhos, os três homens formavam uma família da qual ela não era uma filha, mas uma irmã muito jovem. Isso mudava quando Khassan se juntava a eles, uma vez a cada poucos meses, pois a estrutura invisível construída entre o trio não conseguia suportar o peso de outro homem. Na sua presença, o brilho da risada de Ramzan se embotava e o ressentimento se formava debaixo de seu rosto tranquilo. Akhmed e Khassan monopolizavam a conversa e Ramzan observava, em busca de uma brecha, porém quando esta aparecia ele nunca sabia o que dizer.

Enquanto os homens comiam, Havaa e sua mãe permaneciam na cozinha. O costume parecia muito injusto, e ela não entendia por que a mãe, quase sempre tão teimosa quanto um boi sonolento, se submetia a isso. Seu pai permitia que ela se juntasse a eles quando terminavam, desde que não roesse

as unhas, e o divã, uma espécie de sofá largo e sem encosto, garantia o camarote perfeito para assistir ao jogo de xadrez. Era um belo conjunto de faia laqueada com beiradas de madrepérola. O tabuleiro só podia ter sido esculpido em madeira mágica, pois, apesar de todo o tempo que passava na floresta, Havaa nunca havia deparado com uma árvore tão brilhante. As pequenas figuras, demarcadas por cor e ligadas por regras, faziam da guerra um empreendimento limpo e ordenado. Carecas pelo atrito dos toques de muitos dedos, as cabeças bulbosas de peões e imames (no lugar de bispos), eram suas favoritas; meses mais tarde, ela perguntaria por que os rebeldes e agentes federais, em sua maioria adolescentes ou na casa dos vinte anos, ainda tinham tanto cabelo. Seu pai era tão hábil que Ramzan e Akhmed jogavam em equipe contra ele. Os dois se consultavam e conspiravam antes de fazer a jogada seguinte, e seu pai lia um livro enquanto decidiam, tão confiante em seu domínio que não se importava se Ramzan trapaceava. Uma vez ele lhe disse que, na verdade, um jogador de xadrez pensa com os dedos, e a garota se lembraria disso treze meses depois, quando ele perdeu os seus. Ao chegar sua vez, Dokka sondava o ar com indecisão; então, como se cada dedo chegasse independentemente à mesma conclusão, eles se reuniam no couro cabeludo de madeira do imame que matava Boris Yeltsin, como qualquer bom praticante do *jihad*.

Seu pai só perdeu para eles duas vezes. A primeira foi em 2001, no domingo depois de um grupo de rebeldes feridos passar uma noite de um retiro de dezoito meses em Eldár. Eles tinham vindo do hospital em Volchansk, fato que Akhmed poderia ter explorado na ocasião em que levou a menina até lá tempos depois, se tivesse se lembrado. Quando esses homens chegaram mancando na praça da vila, com os braços em tipoias, olhos roxos por exaustão, os moradores locais, reunidos, pensaram que eles haviam fugido do hospital cedo demais. Um deles estava em uma cadeira de rodas. Como os agentes federais não tinham sido capazes de prendê-los? As faixas verdes que usavam em torno da cabeça proclamavam, em uma escrita árabe dourada, *Allahu Akhbar*, isto é, “Deus é maior”. Os habitantes da vila, Havaa entre eles, aproximaram-se dos rebeldes com uma cautelosa curiosidade. Muitos deles, inclusive ela, jamais haviam visto um rebelde em carne e osso. Eles eram uma terra além do horizonte; filhos e irmãos iam *para os rebeldes* e nunca mais eram vistos. Muitas mães falaram com eles diretamente, perguntando por seus filhos, mas a maioria das pessoas, Havaa entre elas, observava em silêncio. Um tremor passou por todos ali reunidos quando o

pequeno comandante de campo fincou a bandeira verde da independência nacional na praça. Com aquele ato, os rebeldes — tão fracos que algumas crianças com ferramentas de jardinagem poderiam tê-los dominado — haviam tomado a vila em caráter oficial, e, assim, a condenado a ser libertada pelos russos.

Eles exigiram atendimento médico e foram levados à clínica de Akhmed por uma dezena de moradores que lhe apresentaram os rebeldes e desapareceram, gratos pela clínica pela primeira vez. Somente depois de verificarem o pequeno quarto de lençóis à procura de uma possível emboscada dos agentes federais, eles se dispuseram a largar as armas. No outro lado da vila, Havaa não presenciou nada daquilo. Ela estava sentada com a mãe, na segurança da cozinha. Se tivesse visto o pequeno e atarracado comandante de campo, poderia ter pensado que ele parecia um saco de grãos meio vazio e fardado. Ele se dirigiu a Akhmed cortesmente, reiterando a importância do sacrifício comum na campanha para derrotar o flagelo ateu russo. Akhmed uniu as mãos, mas uma não conseguia conter o tremor da outra. Alertou o comandante de campo de que não era um médico muito bom, de que diziam que o fantasma de um pedófilo assombrava a clínica e de que ele preferia desenhar seu retrato. Em uma voz profunda e serena, enquanto desabotoava a camisa, o comandante de campo informou a Akhmed que, se ele não se tornasse o melhor médico da Chechênia nos cinco minutos seguintes, logo assombraria a clínica também. Um fio cirúrgico que Akhmed nunca havia visto unia as duas metades do peito do comandante de campo.

— O que é isto? — perguntou.

— Fio dental — respondeu o comandante de campo. Dado o crescimento de fungos nos incisivos do homem, Akhmed deduziu que o fio dental não fora muito usado antes.

— Pontos de fio dental. Nunca vi um trabalho tão caprichado. Quem fez a sutura?

— Uma médica no hospital de Volchansk. Mulher e de etnia russa. Dá para acreditar?

A dúvida sobre si mesmo que havia se desdobrado do envelope a cada carta de rejeição do hospital roubou novamente o fôlego de Akhmed.

— Não — disse ele, desanimado.

Dali a três anos e nove meses, quando Sonja lhe oferecesse um emprego, Akhmed finalmente encontraria aquele fôlego.

No outro lado da vila, Havaa estava estudando as flores azuis pálidas da

saia de sua mãe, irritada porque não conseguia encontrá-las no guia da flora caucasiana. Por que inventar flores quando tantas das que existem ficariam honradas em encontrar suas faces em uma saia? Sua mãe tinha passado a tarde no quintal, e agora cenouras, beterrabas e tomilho picados estavam sobre o balcão. Havaa, de pé sobre um banquinho e mexendo o caldo, encontrou uma gratidão desconhecida pela pequenez de sua vida. Todos os lugares além daquelas quatro paredes cheiravam a fumaça e gasolina, mas ali nenhuma calamidade era maior do que um ovo caindo no chão. No fim daquela tarde, a porta se fecharia em silêncio e seu pai entraria. Falaria com aquele tom deliberado e enganoso que usava ao ler para ela uma história cujo fim já sabia. Ela perguntaria se os homens do exército se hospedariam em sua casa, e ele responderia que não, eles não eram refugiados, e não diria mais nada. Havaa não saberia que seu pai e Ramzan tinham passado quase uma hora conversando com o comandante de campo. Não saberia que este, impressionado pela experiência de Ramzan como comerciante nas montanhas, o pusera em contato com um xeique que estava à procura de um homem capaz, um homem como Ramzan, para entregar armas nos acampamentos rebeldes. Tudo o que ela saberia era que no domingo seguinte, um dia antes da chegada dos agentes federais, seu pai perderia Boris Yeltsin para uma torre.

* * *

Três manhãs depois de os rebeldes saírem cambaleando da vila, Havaa acordou com o pânico abafado dos pais. Dokka ergueu-a nos braços antes que ela pudesse tirar as roupas de dormir. O impacto de cada passo balançava através de seu corpo, e enquanto ele corria para a floresta Havaa assistia à vila encolher sobre seu ombro.

— O que é isto? — perguntou a menina.

— Estamos sendo libertados — a mãe respondeu ao seu lado, ofegante.

Um tronco apodrecido os isolava de tudo, exceto do barulho do ataque dos aliados russos. Quando um jato de dez segundos de tiros inundou o céu, Havaa não poderia imaginar que ele era dirigido a oito moradores considerados perigosos demais para serem transportados para Landfill. Deitada por horas no solo coberto de musgo, ela pensou na derrota do pai na tarde anterior. Sabia que soldados russos poderiam destruir uma vila, mas não

que seu pai poderia perder uma partida de xadrez. Ele se deitou ao lado da filha, contraindo-se à menor alteração no vento, com os dedos brancos em torno do cabo da faca de cozinha. A fumaça que subia era tão espessa que o anoitecer chegou às três horas da tarde. Seu pai olhou por cima do tronco com um par de binóculos. Ele lhe passou os binóculos, o pagamento de duas noites de um ornitólogo que estava agora com saudades de casa, estudando pássaros no Equador. Enquanto Havaa espiava os agentes federais através dos vãos entre os troncos de árvores, Dokka explicou a diferença entre *kontraktniki*, os soldados contratados, e recrutas comuns.

— Os recrutas de uniformes azuis são adolescentes assustados. São o que podemos chamar de as vítimas do absurdo — disse ele, para não perder a oportunidade de discursar para um público cativo. — Se renderiam se você acenasse uma colher de sopa para eles. A maioria não consegue encontrar a Chechênia em um mapa e não se importa se Putin, Maskhadov ou o Papai Noel preside a república, a maioria chegou de trem em vagões de passageiros, mas vai voltar como Cargo 200, ou seja, selados em caixões de zinco nos vagões de carga. No entanto, os *kontraktniki*, que você vê vestindo camisetas pretas sem mangas para mostrar as tatuagens, são niilistas, imoralistas ou misantropos, pode escolher. Foram libertados da prisão com a condição de servirem determinado número de anos na Chechênia. Eles *querem* estar aqui porque este é o único lugar em que podem expressar sua verdadeira natureza, e, se não estivesse me escondendo atrás de um tronco, acho até que poderia admirá-los, porque estão comprometidos com a dialética da sua filosofia, não importa quanto ela seja horrível.

Naquele momento, um recruta louro tinha puxado Khassan para fora da fila de homens que seriam levados a Landfill. Ele escondeu Khassan em um galpão com teto de zinco e deu-lhe os nomes e o endereço de seus avós.

— Você tem que sobreviver — disse o recruta louro. — Você tem que sobreviver e contar aos meus avós. Diga-lhes que o neto deles não é como os outros soldados. Diga-lhes que eles o criaram bem, que ele está se esforçando para se manter o menino que criaram.

Khassan escreveria uma carta aos avós do recruta, mas, sem acesso a um sistema postal funcional, ela permaneceria em sua gaveta por dezessete meses, até a manhã de outono em que uma mulher russa bateu em sua porta, perguntando se ele tinha visto o filho dela. Não era raro ver mães de soldados russos desaparecidos vasculhando o planalto checheno em busca dos filhos. Khassan não conseguiria ajudá-la, no entanto lhe pediria que enviasse sua

carta da Rússia. Ele não ficaria sabendo que em Novosibirsk os avós do recruta louro receberiam sua carta oito dias depois de serem informados da morte do neto e a leriam como um tributo em seu funeral.

À noite, a vila ainda estava sob um toldo de fumaça. Vinte e três tinham morrido. Quatorze a tiros, três nas casas destruídas, dois por fogo de morteiro e um por suicídio: um homem de noventa anos que sobrevivera a duas guerras mundiais, três ataques cardíacos e, mais debilitante do que tudo, à vergonha de seu filho primogênito, um menino que poderia ter sido qualquer coisa, mas escolheu ser manipulador de marionetes. Os agentes federais obrigaram três pessoas a entrar em um porão e arremessaram uma granada acionada antes de fecharem a porta. Outros dezoito foram levados a Landfill, o que correspondia a quarenta e um moradores desaparecidos naquele dia, que retornariam apenas graças ao lápis de Akhmed. Pouco depois de Havaa seguir os pais até sua casa, Akhmed apareceu no limiar e ajoelhou-se para bater na porta, que fora chutada para dentro. Ele precisava dos dedos de Havaa. Na clínica os feridos haviam sido acomodados em qualquer superfície plana o suficiente para manter um corpo. A coronha de um rifle Kalashnikov tinha fechado para sempre o olho esquerdo de uma mulher. O braço de um homem que iria ao pico do monte Elbrus estava dobrado como se tivesse três cotovelos. A mão de Akhmed, frouxa no ombro de Havaa, guiou a menina através da sala de espera. Sua sala era um centro cirúrgico. Uma topografia montanhosa de lona espalhava-se por sua mesa, riachos fluíam para lagos de sangue. Uma lâmpada estava no chão, com a luz fixando a silhueta da cabeça de Akhmed no teto, de onde ela observaria inexpressivamente a cena. Ele falou como se estivesse prestando contas à garota, explicando que aquilo não era um hospital e que ele não era cirurgião, que poderia desenhar esboços encantadores dos feridos, porém não conseguiria salvar suas vidas, que os médicos do Hospital N°6 eram, sem sombra de dúvida, superiores e que, se o cordão do ataque não tivesse bloqueado todo o tráfego até a cidade, ele carregaria cada uma daquelas pessoas em suas costas até o hospital para evitar a responsabilidade de cuidar delas.

Dois vizinhos ajudaram-no a carregar um corpo inerte para a mesa. Ele limpou o ferimento com água, mas havia acabado a solução de iodo, e Akhmed teve que usar meia garrafa de bebida para a esterilização. Fez uma pinça hemostática caseira envolvendo ataduras limpas em torno da cabeça de um alicate e apertando as alças com um elástico.

Akim tinha treze anos, os primeiros fios de um bigode se encontravam

cheios de fuligem. Panos de prato vermelhos estavam ao redor de sua coxa e, entre as pálpebras semiabertas, seus olhos encontraram os de Havaa.

— Meus dedos são muito grandes — repetia Akhmed enquanto apertava um cinto de couro em volta da coxa da Akim.

Todos os adultos em sua vida agiam como crianças e, em vez de agravar seu medo, isso a obrigava a ter calma. Pedaco por pedaco, ela desmembrou a sala, cortando o teto das paredes e as paredes do chao, amputando sua sombra de seus pes até restar apenas o piso que a mantinha. Akhmed explicou a Havaa que ela teria de ajudá-lo a ligar uma artéria usando o fio de uma saia puída. Poucos meses antes, sua mãe lhe ensinara a costurar, e ele sabia que, para o aniversário de Dokka, a menina havia remendado as pontas de todas as meias dele.

— Tudo bem — disse Havaa, embora não quisesse ajudar Akhmed, embora quisesse se esconder na floresta, onde ramos de bétula eram os únicos membros que se quebravam.

Mas ela fez aquilo por Akhmed, não pelo menino, que uma vez a tinha encontrado falando com uma pinha e a provocara tanto que ela desejava vê-lo morto.

Havaa não conseguiu dormir naquela noite. No silêncio do quarto dos pais, ainda ouvia os gritos do garoto. Tudo estava diferente agora. Ela não sabia dizer como ou quando, se tinha acontecido no momento em que o pai a levava para o mato ou na hora em que seus dedos afundaram na lama quente da coxa aberta de Akim, mas tudo estava diferente. Em ambos os lados, seus pais permaneciam acordados, e, quando ela apertou as beiradas de seus pijamas, como sempre fazia por garantia quando tinha um sonho ruim, sua mãe apertou de volta.

Ninguém queria correr o risco de mover as cápsulas não detonadas que estavam espalhadas por toda a vila, por isso na manhã seguinte os pais de Havaa, acompanhados de outros moradores, arrancaram vasos sanitários dos escombros das casas destruídas, os arrastaram de cabeça para baixo e, em duplas, os depositaram delicadamente sobre as cápsulas não detonadas. Havaa nunca esqueceu a visão. Tantas dezenas de vasos sanitários de cabeça para baixo lotavam a rua na qual os carros não passariam por semanas, e naquele período ela ouvia de vez em quando as explosões atrasadas, os estilhaços ressoando dentro da cerâmica, porém, aqueles vasos, o único legado decente da União Soviética, nunca se quebravam.

À tarde, ela e os pais foram à clínica. Akhmed não a encarou quando

entraram em sua sala. A lona com sangue endurecido estava no chão, e em seu deserto vermelho Havaa se lembrou dos córregos. Akhmed estava inclinado para a frente, com a cabeça apoiada na mesa por seu lápis.

— Não me lembro de seus rostos — murmurou.

— De quem? — perguntou Dokka.

— Prometi que os desenharia, mas não consigo mais me lembrar.

— Você deveria dormir — disse o pai da menina e, ao lado dele, a mãe olhou para Akhmed com uma expressão de preocupação da qual somente mais tarde Havaa se recordaria.

Quando Akhmed acordou, manteve a promessa. Cobriu placas de madeira compensada com folhas em branco e, durante os dez dias seguintes, desenhou quarenta e um retratos de um metro. Usou tinta e carvão, as cinzas das casas queimadas; havia uma palavra para aquilo, quando os artistas usavam partes do assunto para recriá-lo, um “ismo” que só Dokka saberia. Os retratos eram maiores e mais detalhados do que qualquer coisa que ele já havia desenhado. Cílios tinham cinco traços de caneta de espessura. Pupilas do tamanho de caroços de ameixa. Quando terminou, pincelou os retratos com acabamento impermeável e os deixou secando durante a noite. Pela manhã, eles brilhavam como a laca do tabuleiro de Dokka. Um de cada vez, Akhmed os carregou para a rua. Alguns, ele fixou nos batentes sem portas de prédios públicos abandonados; outros, pendurou nas paredes de casas particulares, ou em janelas quebradas, ou em jardineiras vazias, ou no topo de mastros, ou os pregou em postes, troncos de árvores ou cercas. Um deles cobriu o buraco aberto em uma parede por um morteiro. Outro, ele fixou verticalmente no cemitério, a lápide para um homem cuja família não podia pagar por uma. Os retratos surgiram sem nenhuma homenagem mais alta do que a batida solitária do martelo de Akhmed. Às vezes, semanas ou meses se passavam antes de os enlutados tropeçarem no rosto de seus desaparecidos, e, quando isso acontecia, podiam se aproximar aterrorizados, ou bater no bolso da camisa à procura de um cigarro, ou rir, como se acabassem de entender uma piada, ou ignorar por completo, uma vez que já estavam acostumados a ter alucinações com seus entes queridos, vendo-os em paredes, lápides e nuvens.

Havaa experimentou a sensação uma única vez. Após o ataque ela passava todas as horas do dia na floresta. A vila encolhia até virar listras finas à medida que ela se afastava em direção aos troncos, por caminhos sinuosos para a frente e para trás, construindo barricadas de galhos soltos, ajudando bichinhos a encontrar folhas frescas, tudo ao mesmo tempo em que media a

distância pelo volume decrescente do chamado de sua mãe. Uma tarde, ela olhou para trás e congelou.

Uma cabeça, inchada e decapitada, estava pendurada em uma árvore atrás dela. A cabeça de um gigante, pensou ela, e, em seguida, dois passos mais perto, a reconheceu. Akim havia sobrevivido à noite, mas morrera na manhã seguinte. Akhmed disse que essas horas foram um presente que ela dera a Akim, que, quanto mais perto da morte alguém estava, mais importante o tempo se tornava, então algumas horas extras para fazer as pazes com o mundo eram mais valiosas do que anos, embora ela não soubesse como ele poderia ter se reconciliado enquanto gritava. Havaa estava perto o suficiente para que sua respiração, resfriada pelo ar de inverno, atingisse os lábios laqueados do garoto. Certa vez, Akim a encontrara falando com uma pinha e a tinha observado, com dedos tapando a boca, até que um riso reprimido irrompeu de suas narinas. Ela o odiara na época e ainda continuava a odiá-lo. Contudo, diante do retrato, sentiu algo envolvendo o ódio como uma chama envolve um pavio, e logo não havia nada, a não ser um gosto queimado em sua boca, o rosto sério do menino olhando para ela, e o fato terrível de que ele nunca riria de novo. Só então Havaa se perguntou como Akhmed soubera colocar o retrato em um lugar onde apenas ela encontraria. Olhou para o retrato por mais alguns minutos e disse adeus.

Quando acordou no domingo seguinte, uma única pergunta pulsava no ar frio da manhã. E se não houver jogo de xadrez hoje? As partidas quinzenais eram os últimos batimentos cardíacos da sociedade na qual ela tanto queria cidadania. Havaa ficou deitada na cama até o sol alcançar a primeira vidraça. Quando sua mãe, Esiila, pediu-lhe que a ajudasse na cozinha, ela se recusou a responder e derramou um fluxo de meias palavras indecifráveis em seu travesseiro. A menina sempre surpreendia a mãe. Durante o ataque ela havia se escondido na floresta e permanecera tão tranquila quanto as pedras aos seus pés e duas vezes mais forte, mais calma e mais sensata do que Dokka, que continuara a discursar para elas, sabendo que estavam presos. E agora a garota, que não tinha chorado uma única vez desde a chegada dos rebeldes à cidade, gritava sobre as tarefas matinais. Acreditando que a resistência da filha havia chegado ao limite, Esiila fechou discretamente a porta.

Havaa só saiu do quarto quando ouviu a batida suave das peças de xadrez de seu pai no tabuleiro. No final daquela tarde, quando o pai perdeu Boris Yeltsin, de novo para a torre de Akhmed e Ramzan, ela não se importou.

* * *

Calmos e cautelosos, os meses se moveram como homens deslizando para a mesquita após a salá. Moradores da vila foram gradualmente para as linhas de refugiados sem revelar a ninguém, e o gosto de pó de concreto ficou no ar por uma estação inteira. Uma vez por mês, a caminhonete vermelha de Ramzan se abria e Dokka se afundava no assento de couro rachado do carona, e ela observava pela janela enquanto as lanternas traseiras iam ficando cada vez menores. Quando seu pai voltava, uma semana depois, todo o seu corpo cheirava como uma axila e ele fazia uma pausa na soleira, com os olhos apertados, reconstruindo a família na mente antes de empurrar a porta e dizer quanta saudade sentira das duas. Apesar de Havaa nunca ter descoberto aonde seu pai e Ramzan iam nem o que faziam, ela sabia pela voz da mãe que, provavelmente, estavam fazendo algo mais perigoso do que virar *blini* na frigideira com os próprios dedos.

A janela da cozinha era deixada aberta mesmo no inverno para ventilar o ar do forno e, no período da manhã, a indigestão de seu pai. Ela fez uma pausa ali na véspera de Dokka ir embora. As vozes de seus pais corriam juntas como fitas de fumaça. Seu pai disse que aquilo garantiria a sobrevivência da família, sua mãe chamou-o de idiota por pensar que qualquer coisa que envolvesse armas ou Ramzan era segura e Havaa correu de volta para a floresta, onde pássaros falavam uns com os outros em tons mais agradáveis. A caminhonete de Ramzan chegou antes do amanhecer. Na porta, Havaa colocou um seixo na palma da mão de Dokka.

— Se você girar esta pedra cem vezes, terá um desejo atendido — disse ela.

Ele a colocou no bolso da camisa e se inclinou para a frente, e seus lábios eram duas lâminas de luz solar na testa da filha. O calor brilhava agradavelmente, e depois que ele se virou para a mulher, ela pressionou os dedos em sua pele para mantê-lo ali.

* * *

Ula adoeceu na primavera de 2002, um ano após o ataque dos aliados russos e, por isso, quando nas três primeiras noites da última viagem de seu pai

Akhmed ocupou o lugar de Dokka na mesa, pareceu simplesmente natural que ele viesse sozinho, como ocorrera quando seu pai estava nas montanhas. Era janeiro de 2003. Havaa não via Ula fazia oito meses e meio. Na primeira noite, enquanto a menina arrumava os pratos na mesa, Akhmed a seguiu e os pegou de volta, resmungando:

— Estes não vão servir.

Ele partiu para sua casa e voltou alguns minutos depois com uma pilha menor e mais estreita de louça. Entre as facas e os garfos, os pires de Akhmed pareciam cabeças encolhidas grudadas em enormes ouvidos de metal. Sua mãe franziu a testa para a rearrumação da mesa; os homens, ela sabia, tirariam tudo de uma mulher, até mesmo seus pratos.

— Para enganar nossos estômagos — disse Akhmed a Havaa, alto o suficiente para sua mãe ouvir da cozinha. — Esta noite jantaremos como aristocratas uma sofisticada refeição de porções modestas. Nada mais triste do que encontrar uma pequena quantidade de comida perdida em uma grande quantidade de prato. Mas este — mostrou ele, segurando um pires na palma da mão — é o tamanho ideal. Se enganarmos nossos cérebros para pensarem que o jantar preenche um prato, podemos enganá-los para pensar que nossos estômagos estão cheios. Na janela da cozinha, Havaa pensou ter flagrado um sorriso no reflexo de sua mãe.

A tensão que na noite anterior parecia empacada no assoalho voou pela janela da cozinha aberta enquanto sua mãe e Akhmed conversavam. Os dois se lembraram da chegada de Dokka à vila. Ele presumiu que a vila tinha o próprio jornal, uma suposição que alguns tomaram como prova de insanidade. Ele trouxe consigo mais caixas de livros do que cabia em seu quarto alugado e, em vez de descartar os preciosos volumes, os transformou em mobiliário. Dormia em um colchão apoiado por caixas de livros e se sentava perante uma mesa feita de uma porta velha deitada sobre pilares de manuais de ciência. Aquilo não melhorou em nada sua imagem entre os que já questionavam sua sanidade.

Dokka tinha crescido e estudado em Grozny, e Akhmed, recém-formado entre os dez últimos de sua classe, sem perspectivas de emprego e com o laço das expectativas da vila apertando-lhe o pescoço, fez o melhor que pôde para transformá-lo em celebridade local, em parte porque nunca fizera amizade com um homem de Grozny, mas, sobretudo, para que o amigo o substituísse nas línguas das viúvas fofoqueiras. Arborista por formação, Dokka fora designado para um cargo em que, por três anos, realizaria pesquisas sobre os

potenciais benefícios ambientais do corte raso, o equivalente profissional ao exílio na Sibéria. Quando a União Soviética entrou em colapso e a indústria da madeira desapareceu — juntamente com o financiamento de Dokka —, ele permaneceu para aproveitar aquela rara oportunidade de pesquisar o crescimento de uma nova floresta. Àquela altura, já havia se mudado para uma casa grande o suficiente para acomodar livros e móveis, e os moradores da vila, em sua maioria, não corriam para o outro lado da estrada ao passar por ele. Embora o pai de Esiila pertencesse ao grupo que ainda questionava sua saúde mental, Khassan aprovava sem restrições o jovem arborista, e Dokka estava disposto a se casar com Esiila por um dote tão pequeno que o pai dela teria sido julgado insano por recusar.

Havaa observava a conversa como faria com uma partida de xadrez, cada lado testando o outro, em busca de fraquezas para explorar. De vez em quando, sua mãe olhava para ela, e o reflexo da luz de velas revelava uma intensidade desconhecida em seus olhos.

— Ula tem mostrado algum sinal de melhora? — perguntou a mãe.

— Não. Ela não sai da cama há mais de oito meses.

— Você está mais perto de um diagnóstico?

Mais uma vez, Akhmed fez um gesto negativo com a cabeça.

— Seus sinais vitais estão bem. Seja o que for que ela tenha, ultrapassa minha capacidade de detectar, mais ainda de tratar. Faço com que ela se vire a cada duas horas para evitar escaras. O que mais posso fazer?

— Você não acha que há algo de errado com ela, não é? — A pergunta era uma rainha avançando oito casas.

— Acho que a mente humana não é criada para suportar um trauma após outro.

— Talvez ela precise aprender a tomar conta de si mesma. Talvez seus cuidados sejam a paralisia dela.

Havaa concentrou-se nas próprias unhas. Queria falar, mas não falou, queria fugir, mas não conseguiu.

— Cheguei a pensar em deixá-la por alguns dias, ver se seu corpo poderia impulsionar sua mente. Parece muito cruel.

— Meu marido e a sua esposa desapareceram dentro de si mesmos. Crueldade pode ser a linha para atraí-los de volta.

A conversa fez um desvio para a estrada não minada que conduzia ao passado; todavia, quando cada um deles se adiantou para pegar a jarra d'água, os dedos de sua mãe roçaram nos dele e todos coraram.

Akhmed ficou com elas no dia e na noite seguintes, e no outro também, permanecendo a maior parte do tempo plantado à janela da sala, olhando para sua casa do outro lado da rua. À noite, quando pensou que Havaa estivesse dormindo, ela o ouviu entrar sorrateiramente no quarto de seus pais. Apenas na terceira manhã, após o *fajr* — a primeira das cinco orações diárias dos muçulmanos —, ele foi embora. E não voltou. Esiila ficou na janela, onde Akhmed se mantivera, e podia vê-lo do outro lado da rua observando pela janela da própria sala, e eles postaram-se ali com uma ponte correndo entre seus olhos. Algo terrível havia acontecido, mas Havaa não sabia dar um nome àquilo. Ela e sua mãe não falaram pelo resto daquele dia nem no dia seguinte, como se Akhmed tivesse sido a substância através da qual elas se comunicavam, e sem ele estavam sozinhas com o que sabiam. Quanto mais tempo ficavam sem falar, mais pesada a primeira palavra se tornava. No dia em que seu pai deveria voltar, sua mãe cantarolou enquanto varria, polindo o silêncio com a poeira dos quartos. A luz do dia se dissolveu em um crepúsculo de mármore e Havaa adormeceu esperando o pai aparecer.

Elas mergulharam naquele silêncio por mais oito dias e noites até que a pressão irregular sobre o cascalho o quebrou. A porta se abriu e todo o peso de seu pai desabou contra o peito de sua mãe. Ela se lembrou do amarelo-acinzentado das bochechas dele, de como vira aquela cor congelada na urina de veado, porém nunca em um rosto humano.

— Ajude-me — sussurrou ele.

Só então, quando ele cambaleou para a frente, ela viu os trapos vermelho-escuros presos aos seus punhos com elásticos. Akhmed deve ter visto de sua casa, porque entrou correndo com a maleta de médico antes que ela pudesse gritar.

Depois, Akhmed explicaria que a torquês havia cortado cada dedo tão rente que não sobrara pele nenhuma para suturar por cima do osso. Explicaria que, apesar de dez tiras de esparadrapo fecharem as feridas durante a jornada desde Landfill, a infecção era uma ameaça maior do que a perda de sangue, e por isso não lhe restava escolha a não ser cauterizar, nenhuma escolha exceto cortar cada dedo como um toco de charuto com a lâmina aquecida de uma faca de açougueiro. Mas, quando entrou correndo, ele foi tão capaz de explicar o que estava fazendo quanto um homem a quem se pede que apague um incêndio florestal apenas com a água que consegue carregar na boca. Ele solicitou à mãe dela que acendesse o fogão e disse a Havaa que fosse para o quarto. A menina hesitou. No dia do ataque, ela o ajudou quando seus dedos

se mostraram grandes e desastrados demais. Por que não a deixaria fazer o mesmo pelo pai? O trovão de seu nome, agora gritado por sua mãe, a fez correr.

O barulho de utensílios de cozinha atravessou a porta fechada do quarto de Havaa. Akhmed gritou pedindo a faca de açougueiro e mais gasolina, e com uma entrada de ar a fresta debaixo da porta se iluminou.

Durante três dias, seu pai ficou largado no divã. Todas as noites sua mãe desenrolava a gaze para besuntar os tocos escuros com pomada. Após um minuto ou dois, ela cortava uma nova faixa de gaze, enrolava ao redor da protuberância brilhante e suspirava, sabendo que havia mais nove.

No final da tarde do quarto dia, ele se levantou. Dokka parou no cabideiro, estudando os botões, e decidiu que estava muito quente para um casaco. Havaa abriu a porta para o pai e ele colocou a mão na parte de trás do pescoço da menina, e o calor de cinco dedos que não estavam ali aqueceu seu ombro. Eles caminharam assim até a casa de Khassan. Ramzan abriu a porta. Ambos olharam para os dedos de Ramzan. Nem mesmo uma unha estava faltando, e Ramzan corou e enfiou as mãos nos bolsos.

— Como... — começou a perguntar Ramzan, mas não terminou. — Você parece melhor.

— Preciso de uma arma — disse o pai de Havaa.

— O quê? Não, Dokka.

— Preciso saber que a minha família pode se proteger.

— Dokka, eles nos deixaram sair de Landfill. Sabe o que vão fazer se imaginarem que você está envolvido com armas de novo?

— O quê, Ramzan? — perguntou Dokka, erguendo as mãos. — O que eles vão fazer comigo?

Ramzan olhou para baixo.

— Tudo bem — respondeu, após um momento. — Entre.

Eles passaram pela mesa de Khassan e foram ao quarto de Ramzan. Este puxou um taco falso e pegou uma pistola de fabricação russa Makarov de um esconderijo sob o piso.

— Por que você trouxe a garota? — perguntou.

— Para puxar o gatilho — disse o pai, olhando para a filha. — Ela tem seis anos. Está na hora de aprender a lidar com armas.

Ramzan levou-a para fora, mostrou-lhe como carregar e descarregar as balas, armar e liberar a trava. Ele a orientou a mirar nos cães selvagens agrupados na linha das árvores, mas, em vez disso, a menina escolheu um

tronco de árvore.

— É uma semiautomática — explicou Ramzan —, portanto você não precisa armá-la. Não estique o braço, isso é para estrelas de cinema americano. Você deve mantê-la bem na sua frente, com o cotovelo contra o peito, como se estivesse carregando um jarro d'água. Ela não dará o coice de uma arma de alto calibre, mas não é projetada para crianças, então você vai sentir. Onde acha que deve mirar? Na cabeça? Nunca no primeiro tiro. É um alvo muito pequeno. Aponte para o peito, bem no centro, que é o tiro que mata.

Quando ela voltou para a frente da casa, seu pai estava sentado na varanda, com os olhos fechados, aquecendo-se ao sol, com um leve sorriso nos lábios. Havaa guardou a arma no bolso do casaco. Dokka ainda não contara o que havia acontecido com seus dedos. Enquanto caminhavam para casa, a preocupação de Havaa era que o pai falasse sobre isso, mas seus pés rangiam no cascalho cintilante, assim como os seus, e eles conversaram apenas pelos passos.

Duas mulheres e um homem os esperavam na porta da frente. O cabelo do homem parecia pintado e lustroso; em outra vida, ele tinha tido um bom emprego, um bom apartamento e uma boa esposa, porém agora sua cabeça de cabelos brilhantes era a única coisa boa que tinha sobrado.

— Ouvimos dizer que você tem camas — disse uma das mulheres.

Seu pai olhou para o sapato como se tivesse acabado de pisar em cocô de cachorro. Com um sorriso de lua minguante, ele fez um aceno negativo com a cabeça, mas todos sabiam que não era em resposta à pergunta. Havaa jamais saberia que seu pai passara os últimos três dias paralisado pela compreensão de que seus dedos nunca mais salvariam Boris Yeltsin, nem arariam o solo em abril, nem virariam as páginas de um livro, nem segurariam seu pênis no banheiro externo, onde pelo tempo de uma inspiração ele se sentia contente.

— Sim — respondeu ele. Os três refugiados sorriram com uma gratidão que o satisfaria ainda mais do que uma última ida ao banheiro. — Temos várias camas.

CAPÍTULO₁₁

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Sonja não o viu quando ele atravessou o estacionamento, não tomou conhecimento dele quando destravou as portas, não o ouviu quando ele a cumprimentou com um bom-dia e subiu na caminhonete depois dela, não o viu quando ela soltou o freio, ligou o motor e seguiu pela estrada cinza para Grozny. Doze horas antes, Akhmed quase desmaiara ao ver calos nas palmas de suas mãos. Mas por que pensar sobre aquilo quando a neve se derretia em veias lamacentas, quando o azul de um céu sereno se refletia em toda a carroceria da caminhonete, quando Havaa estava segura e ele estava vivo e Grozny esperava como um grande lago no fim daquele rio de asfalto.

Para economizar gasolina, Sonja acelerava por alguns segundos, em seguida dirigia sem acionar a embreagem. Excesso de óleo no chão, nunca o suficiente no tanque, pensou ele, poderia ser o lema nacional. Eles avançavam hesitantemente, com o veículo saltando para a frente e depois quase parando. Akhmed sentiu-se enjoado, mas sabia que não podia pedir a Sonja que o deixasse dirigir de forma mais equilibrada. Quinze minutos silenciosos se passaram antes que ele ligasse o rádio e girasse um quarto do dial. O choque de uma desagradável estática encheu a cabine.

— Não há nenhuma torre de rádio funcionando no país. É tudo estática — disse a médica, sem olhar para ele.

— Eu sei. Mas em 102,3 soa melhor. Não é fraca demais. Plena e robusta. Se um violoncelo tocasse estática, soaria assim.

Ela fez um aceno negativo com a cabeça e girou o dial.

— Prefiro 93,9 — disse.

Sonja ainda não tinha olhado para Akhmed.

— É muito fina e monótona. Não há nenhuma variação. Soa apenas como estática.

— E é por isso que eu gosto — retrucou a médica. — Soa como a estática deve soar.

Ele girou o dial até o fim.

— 106,7 — disse. — Apenas ouça.

Fragmentos de transmissões estrangeiras envolviam o ruído branco. Sílabas surgiam como bolhas brilhantes no redemoinho grosseiro. Vozes em uma tempestade. Ela virou o seletor de volta para 93,9 e eles ouviram a estática soando como estática. O nevoeiro caía sobre os campos. Havia um ônibus estacionado em um prado. Lascas de madeira pintadas apontavam para uma estrada de cascalho que levava aos restos enferrujados de uma fábrica de tratores. Chaminés inativas. Em nenhum lugar a probabilidade de encontrar fogo era menor do que no interior de um forno industrial.

— Você se preocupa com as minas terrestres? — perguntou Akhmed.

— Na verdade não. Há uma placa de aço instalada embaixo do banco do motorista.

— E ela, por acaso, cobre o banco do carona também?

Ela *teve* que sorrir, mas antes de acenar negativamente com a cabeça e dizer que ele poderia amputar as próprias pernas, seu olhar se compenetrou em uma figura cem metros adiante na estrada. Uma mulher idosa com a postura de um parêntese. Um pacote de lona azul amarrado com barbante estava pendurado em seus ombros. A bainha de um vestido cor de lavanda flutuava na altura de seus tornozelos.

— Você não sabe que esta estrada não é segura para andar a pé? — perguntou Sonja pela janela aberta. — Precisa de uma carona?

A mulher encolheu os ombros sob a lona azul, e, vendo-a, Akhmed quis alcançá-la, limpar os sulcos úmidos de sua testa e dizer que ele também tinha sofrido com as perguntas de Sonja.

— Somente um tolo se sentaria em uma caminhonete — disse ela, com o tom inalterado.

— Mas nós somos médicos — disse Akhmed, enfatizando o *nós*.

Ela olhou para ele e novamente para a estrada.

— E você está sentado em uma caminhonete.

Trinta minutos de campos vazios se passaram sem nada importante antes que Akhmed e Sonja chegassem ao primeiro posto de inspeção. Ali, aproximou-se deles um tenente da Unidade Móvel de Fins Especiais da Polícia Russa, a OMON (Otryad Mobilniy Osobogo Naznacheniya). O oficial se aproximou, seguido por dois soldados esqueléticos que imitavam seus movimentos até na forma como ele mordia o lábio inferior entre as frases, e contemplando aquelas cópias insignificantes e inconscientes, Akhmed se perguntou se o medo consumia tanto os jovens que eles acabavam por foder,

peidar e morrer de acordo com a agenda de seu superior. Sonja passou ao tenente seus documentos: duas carteiras de identidade, uma licença médica vencida e três cartas escritas por coronéis federais, que foram mais convincentes para ele do que os documentos legítimos. Cem metros depois do posto, ela esticou a mão por cima do colo de Akhmed e empurrou as cartas para o porta-luvas. Sonja ainda não tinha olhado para ele. Akhmed agarrou seu punho antes que ela pudesse fechar o compartimento e tirou dali mais de duas dezenas de envelopes. As cartas variavam em formalidade, de endossos oficiais datilografados em papéis timbrados do Ministério da Defesa a palavras de aprovação rabiscadas na parte de trás de um mapa de um campo rebelde. Os signatários formavam uma lista do alto escalão de ambos os lados da guerra: general do Exército Federal Valentin Vladimirovich Korabelnikov; comandante do Batalhão Especial de Vostok, Sulim Yamadayev; comandante do Distrito Militar do Cáucaso do Norte, Alexander Ivanovich Baranov; o falecido líder *mujahidin* Ibn Al-Khattab; os comandantes de campo separatistas Ruslan Gelayev e Shamil Basayev; e até mesmo um interino do escritório de Putin; eram rebeldes e agentes federais convivendo pacificamente na fina divisória reservada aos envelopes.

— Tenha cuidado com isto — disse ela, puxando a mão.

— Por que você tem isto? — perguntou ele, quando a primeira das dúvidas há muito em aberto o perturbou.

— Para viajar sem obstáculos. Elas resolvem as formalidades burocráticas.

— Gostaria que você tivesse me dito isso antes de eu costurar meus bolsos. Ela sorriu.

— Você realmente conheceu essas pessoas?

— É claro que não. A maioria destas cartas é do homem que vamos ver. Ele diz que pode roubar as pintas de um leopardo-das-neves.

— Um criminoso?

Ela fez um gesto negativo com a cabeça e olhou para ele com desprezo.

— Decência comum é pedir demais?

— Perdão? — disse Sonja, mas Akhmed sabia que ela não poderia considerar aquilo uma afronta.

Decência comum era a única coisa que ele tinha e ela não, e se agarrou a isso como um triunfo raro e improvável.

— Você disse que todos os médicos e enfermeiras com quem já trabalhou foram embora, exceto Deshi. Você acha que isso pode ter algo a ver com o modo como trata as pessoas?

— Acho que você deveria ter trazido suas botas, porque vai a pé para casa. Ele falou em um tom comedido enquanto os nós dos dedos dela empalideceram no volante.

— Você acha que sou idiota. Uma vergonha para a sua profissão. Provavelmente está certa. Mas isso não significa que eu esteja errado.

— Acho que você precisa ficar quieto, Akhmed.

— Por quê? — Ele não se atreveu a voltar-se para ela.

— Porque, há dois dias, pensei estar incluindo um médico competente na minha equipe. Em vez disso, estou cuidando de uma criança que fala por meio de enigmas e de um homem que não conseguiria identificar o próprio pé se tropeçasse nele.

— Isso não lhe dá o direito de me tratar com desdém. Estou tentando ajudá-la.

— Na verdade, isso me dá todo o direito de tratá-lo com desdém. Isso me dá todo o direito de dispensar você e a menina e, foda-se, voltar para Londres, onde até mesmo os alunos de biologia de dezoito anos sabem que não se dá um questionário a um paciente que não reage.

— Os agentes federais estão procurando Havaa — disse ele. — Você é esta cirurgiã prodígio, certo? Voltando de Londres para salvar vidas? Você está salvando a da menina, Sonja. A cada dia. E nem precisa amputar as pernas dela.

— Como você sabe se eles a querem mesmo? Por que se preocupariam com uma criança?

— Um informante estava esperando na minha casa ontem.

— Não quero saber disso.

— Sinto muito — respondeu ele. — Vou ficar calado.

— Pelo que você poderia sentir muito?

— Sinto muito por você. Algo em você está despedaçado.

— Outro diagnóstico preciso, Dr. Akhmed.

— Não, não é isso.

— Eu amputei mil seiscentas e quarenta e três pernas. Você amputou três e acha que tem o direito de me diagnosticar?

— Não estou diagnosticando você.

— Então, que diabo está fazendo?

Ela desviou-se totalmente da estrada e, pela primeira vez naquela manhã, Akhmed viu suas pupilas, tão grandes quanto moedas. Ele fez um gesto de cabeça em direção ao para-brisa. Campos marrons estavam por toda parte.

* * *

E Grozny surgiu, cinza no horizonte enquanto a estrada se tornava uma bacia de alvenaria quebrada e blocos de apartamentos esmagados. Quiosques onde vendiam-se cigarros espalhavam-se na calçada. Akhmed desejou ter trazido papel e lápis para capturar sua primeira viagem à cidade. Sonja desacelerou a caminhonete quando eles chegaram a uma cratera. A rua se levantava e desaparecia em algum lugar acima deles com o mundo inteiro de terra molhada e escura, os pneus girando e atingindo a borda. Nenhum cheiro entrava pela janela aberta, mas o motor queimava. Sem esgoto nem lixo. Nada. Uma escrivadinha lisa se aquecia ao sol, com os puxadores arrancados. O brilho das chamas em um tambor de combustível a três quadras apareceu como um pequeno e bem-vindo sinal de habitação humana. Atrás da chama um homem virava um espeto feito com cabides e uma pá de jardinagem, no qual estava empalado um pequeno pedaço rosa de carne. Duas garras de pombo giravam sobre o fogo. Por trás dele, pranchas de madeira ligavam pirâmides de escombros. Algumas estavam sobre crateras, outras haviam sido suspensas dois ou três andares, formando pontes em vielas. Isto é Grozny? Ele deveria ter visitado antes.

— São como andaimes — disse ele, as primeiras palavras em muitos quilômetros.

— Construídos pelas crianças de rua que vivem nas ruínas — contou ela, e em tom de desculpas, acrescentou: — Você foi inteligente em acolhê-la.

Nenhum rosto espiava pelos muros escancarados. A lembrança de sua sombria, deprimente e atrasada vila acendeu uma chama incomum de orgulho em seu peito.

— Como sobrevivem? — perguntou, olhando para um edifício com mais pontes de tábuas do que andares.

Uma estratégia engenhosa; aqueles engenheiros mirins eram claramente de etnia chechena. Equipes de construção levariam anos para levantar e reconstruir andares desabados, mas as pontes de pranchas podiam ser remontadas em minutos.

— Elas vendem os escombros de volta para os russos. A construção começou nos prédios dos ministérios da Defesa e do Petróleo. Eles compram de volta os tijolos por dois rublos cada.

— Mais do que eu imaginaria.

— Tijolos adquiridos de madrugada são cimentados ao meio-dia, então as crianças têm que raspar todos os restos de argamassa. Está vendo aquelas capas de borracha branca nos escombros?

— Como peles de cobra.

— São isolamentos de fios elétricos. As crianças os removem e vendem o fio de cobre. Qualquer metal vale seu peso. Essas crianças, em sua maioria, não sabem ler nem escrever, mas elas criaram moedas baseadas no metal.

— Sucata de metal e desaparecimentos — disse Akhmed, desanimado e sem ironia. — Nossas indústrias nacionais.

* * *

O depósito tinha uma extensão maior do que a de um campo de futebol, metade de suas janelas estava manchada de piche e a outra, destruída, e, quando Sonja apontou para lá, ele sabia que algo estava errado. Eles passaram por um tambor químico tombado, seu topo descascado como uma tampa de lata de feijão; uma lama azul-brilhante, muito grossa para evaporar, estava acumulada no fundo. Um guarda bloqueava a entrada do depósito. Suas cartucheiras manchadas de sangue se cruzavam no esterno, a única cruz vermelha que Akhmed veria naquele dia. Um fraco lampejo, mais de conhecimento do que de reconhecimento, apareceu no rosto do guarda quando ele viu Sonja. A mulher na estrada dissera que somente um tolo se sentaria em uma caminhonete; quem dera Akhmed a tivesse alertado na véspera. O torno que apertava seu peito estava lá desde a manhã, desde que Sonja se recusou a reconhecê-lo. Ela estacionou a caminhonete, foi procurar o ladrão de leopardo-das-neves, e Akhmed ficou sozinho, levado até ali por uma mulher que não confiava nele para acompanhá-la em um depósito grande o suficiente para acomodar sua vila, um lugar onde ele não deveria ter estado, em uma cidade que não era digna sequer de uma passagem de avião imaginária. Três Mercedes sedãs estavam no centro do pátio do armazém, com placas escandinavas penduradas por parafusos brilhantes. As paredes eram lojas de departamentos ocidentais: prateleiras de casacos de couro e de pele, geladeiras e lava-louças com garantias pendendo de fitas de plástico, caixas de papelão empilhadas com dois andares de altura. Uma cadeira dobrável estava aberta no chão, com alicate e fita adesiva sobre o assento. Uma torneira se abriu na boca de Akhmed.

— Isto foi a coisa mais incrível que já vi em anos. Não poderia imaginar. Fiquei atordado. Me curvo? Não sabia o que fazer. — A voz fina e empolgada pertencia ao homem magro e animado que entrava no armazém ao lado de Sonja. — Nunca pensei que fosse conhecer alguém da China.

Os dois passeavam com familiaridade, ela tocando seu ombro, ele acertando o ritmo de seus passos de acordo com os dela, o que deixou Akhmed incerto e inexplicavelmente com inveja. O amplo arco que fizeram em torno dele desenhou uma linha de tensão em toda a sala.

— O que ele estava fazendo aqui? Um jornalista? — perguntou Sonja, evitando seu olhar.

— Um homem do petróleo. Ele quer comprar uma refinaria.

— Você está vendendo refinarias agora?

— Só as máquinas — respondeu o homem, simplesmente.

Ele usava terno *summer* bege e camisa social branca desabotoada para exibir um triângulo volumoso de pelos no peito. Seus sapatos *loafer*, parecidos com o mocassim, refletiam a luz pálida. Um homem vestido assim seria despido, amarrado e espancado ao passar por um único quarteirão da cidade, no entanto ele não parecia o tipo de homem que ia a lugar nenhum sozinho.

— É este o nosso amigo? — perguntou o homem, e acenou para a cadeira dobrável, o alicate e a fita adesiva. — Sente-se, por favor.

Akhmed girou bruscamente, porém o guarda estava atrás dele, com o cano da arma na altura de seu peito. Um torniquete apertou o corredor entre seu cérebro e seu corpo, e os comandos chegaram aos seus membros em gotas hesitantes que não o salvariam. Naquela manhã, Ula estava dormindo quando Akhmed saiu. Ele não lhe dissera adeus.

— Você não tem sido honesto, Akhmed — disse Sonja.

Pelo jeito como Sonja o analisou, ele sabia que seu crânio era apenas outro osso que ela poderia amputar.

— Sinto muito — despejou ele. — Menti sobre estar entre os dez primeiros da minha turma. Estava entre os dez piores. No quarto percentil.

Nenhum alívio no sorriso da médica.

— Você acha que é disso que se trata? — perguntou ela.

O que mais poderia ser? A única mentira que dissera fora que ele era um bom médico.

— Você sabia meu sobrenome e aquele que herdei do meu pai, Akhmed.

— Esta era a segunda vez que ela dizia o nome dele. A terceira seria a

última. — Ninguém os conhece. Mas você disse os dois.

— Ela não contaria nem a mim — afirmou o homem. — Não que eu tenha dificuldades para descobrir, mas, ainda assim, ela é bastante cautelosa, você não acha?

— Você tem que se explicar — insistiu Sonja, e fez uma pausa para respirar. — Ou vou deixá-lo aqui. Não posso correr o risco de ter um informante na minha equipe.

Se o cano da arma não estivesse pressionado contra sua coluna, ele teria rido. Teria tratado a armação como mais um dos testes de Sonja. Lidado com a coisa toda como o mal-entendido que era, afinal como ela podia confundi-lo com o homem do qual ele salvara Havaa? Havaa. A imagem da menina descascando o isolamento de fios elétricos reconectou seus nervos. Ele não conseguia engolir. Na boca cheia de saliva morna uma pérola se formou; uma irritação se intensificou, tornando-se uma fúria de um branco resplandecente frente à possibilidade de a guerra acabar com a sua vida com tanta indiferença quanto havia feito com a de cem mil outras pessoas, de já não ser privilegiado. Não queria morrer diante de uma plateia de geladeiras roubadas. Tinha beijado a testa de Ula no início da manhã e sentido a vibração dos cílios da mulher em seu queixo, mas, quando levantou o rosto, ela já havia retornado à onda suave de onde quer que fosse o lugar para onde ia quando não estava com o marido. Ele não lhe dissera adeus.

— Vi o seu trabalho antes de conhecer você — explicou. — Os rebeldes, eles foram para a minha vila há alguns anos, e o comandante de campo tinha o peito suturado pelos mais magníficos pontos de fio dental. Fiquei muito impressionado. O comandante disse que era o trabalho de uma mulher russa e deduzi que haviam sequestrado uma médica russa. Mas, tempos depois, conheci uma refugiada de Volchansk que tinha trabalhado no hospital. Ela havia ficado na casa de Dokka, na época que ele manteve um albergue para refugiados.

— Qual era o nome dela? — perguntou Sonja, com os olhos fixos como constelações.

Estava perto o suficiente para que ele ouvisse seus dentes rangendo. Havia tanto dela, bem ali, no rosto de Akhmed, e ele teria dado um passo para trás se não houvesse uma arma empurrando-o para a frente.

— Mencionei o fio dental e a médica russa. Foi só de passagem. Queria saber se o hospital estava contratando. E a mulher levantou os olhos e disse: “Sonja Andreyevna Rabina.” Tentei perguntar-lhe mais, mas ela não quis

falar sobre você. Seu nome era o único que eu tinha quando Dokka desapareceu. Achei que uma médica boa o suficiente para suturar um homem com fio dental seria boa o bastante para acolher Havaa.

— Qual era o nome dela?! — exigiu Sonja.

Ele estava com medo de responder, medo até mesmo de expirar; a esperança embrulhada dentro da questão era tão pequena e trêmula que uma respiração poderia extingui-la.

— Era Natasha? O nome dela era Natasha?

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Alta, elegante e quatro anos mais nova do que sua irmã, Natasha ocupava o centro das atenções no afeto de sua família. Com a voz matinal fria após sete horas sem o calor de um cigarro, seu pai desejava bom-dia primeiro a ela, mesmo que a caçula entrasse na cozinha dois passos atrás de Sonja. Sua mãe a tratava com o orgulho e a inveja de uma mulher que havia se apaixonado por dezesseis meninos na escola secundária sem que nenhum retribuísse sua afeição.

— Minha Natasha — dizia ela, correndo os dedos pelo longo cabelo castanho da menina com uma possessividade que sugeria que os fios eram uma extensão de si mesma.

Os olhos de Natasha eram castanhos, salpicados com reflexos de esmeralda e diamante bruto. Avelã, tecnicamente. Sua mãe encarava com um assombro silencioso esse rearranjo mais aprimorado de seu código genético e deslizava em um contentamento que costumava se manifestar depois que o vinho tinto se reduzia, aparecendo abaixo do rótulo da garrafa. O elevado posto de Natasha na família deixara-lhe apenas os mais leves resquícios de arrogância. Melhor do que ninguém, ela sabia que não tinha feito nada para merecer a beleza com a qual fora abençoada. Os traços simples de seus pais, reproduzidos de modo previsível em Sonja, haviam reagido violentamente em Natasha para criar algo tão surpreendente quanto um cisne nascido de um ovo de ganso.

Dentro das variações de bege que compunham os corredores da Escola Estadual Secundária N°28, o holofote da atenção se expandia. Sendo de etnia russa, ela pertencia à minoria nacional que comandava a república. Seu status étnico a impulsionou para os escalões de elite da popularidade adolescente, nos quais um culto à personalidade se formara em torno dela, alimentado pela adoração de servis rapazes de classe inferior. Em Moscou, as reformas de Gorbachev conduziam a União Soviética em direção ao precipício; em uma cidade longínqua, porém, em uma república ainda mais distante, as regras

antigas continuavam a ser aplicadas. Os russos controlavam todos os cargos de poder importantes, de chefe dos garçons a chefes de governo, e a história de duzentos anos de ordem imperial se repetia na Escola Estadual Secundária Nº28. Com magnanimidade, Natasha aceitava seu posto. Nem de longe era tão cruel quanto as meninas que, em um florido cirílico na aba interna das agendas de lição de casa, classificavam os meninos em uma escala de doze pontos. E também não se mantinha acima do mar turvo de fofocas do refeitório empurrando os outros para baixo. Anos antes, quando ainda era jovem o suficiente para precisar de um beijo de boa-noite, seu pai pousava os lábios em seu rosto e, em um sussurro de tabaco adocicado, dizia: “Bons sonhos, minha doce czarina.” Mesmo depois de passar da fase dos beijos de boa-noite, ela gostava de imaginar-se como a neta há muito perdida da grã-duquesa Anastasia Nikolaevna, e agia de uma forma digna de uma monarca sábia e humilde.

Fora isto — sua etnia russa, a minoria valente que defendia as fronteiras da civilização ocidental dos bárbaros maometanos — que lhe permitiu deslizar pelos anos de sua adolescência com liberdades das quais seus colegas chechenos não desfrutavam. Podia alimentar pensamentos lascivos sobre Ivan Yakov — um homem que sua irmã ressuscitaria três vezes na segunda guerra —, que era muito mais bonito do que qualquer professor de literatura tinha o direito de ser. Ela podia depilar as pernas sem se preocupar se uma divindade pudica castigaria aquelas duas traves de pele macia. De um dia para o outro, ao que parece, fios elétricos foram colocados em suas veias quando ela percebeu que os meninos desajeitados e envergonhados ao seu redor estavam se transformando em homens. As complicações da puberdade não se tornavam ainda mais complicadas pela cultura ou religião. Somente quando se comparou às colegas, muitas das quais sujeitas a casamentos arranjados, passou a entender que na Chechênia a austeridade empurrava as mulheres com mãos mais pesadas. Sua natureza russa a livrava das garras dessa severidade, e então, sim, muitas vezes ela flutuou.

* * *

Embora russa, ela nunca tinha estado ao norte da fronteira chechena. Seus pais, nascidos na Moscou dos anos 1930, tinham crescido em apartamentos populares a quatro quadras de distância um do outro. Eles tomavam os

mesmos ônibus, frequentavam a mesma escola primária, falavam com um sotaque temperado pela mesma neblina, comiam ovos postos pelas mesmas galinhas, observavam o mesmo sol poente sendo empalado na torre de bronze do Pavilhão Central do Centro de Exposições da Rússia. Ambos perderam parentes para os expurgos de Stalin. Agentes do NKVD vestindo uniformes azuis como um céu de verão sem nuvens invadiam o bloco de apartamentos depois da meia-noite e, na manhã seguinte, os moradores coavam seus chás sem mencionar a noite cortada por gritos. Seus pais culpavam Stalin pessoalmente pelos expurgos, e o livro de história de Natasha, aprovado pelo governo, confirmava que Stalin, e apenas ele, era o responsável. Mas o passado terrível de desaparecimentos noturnos estava trancado dentro das páginas daquele livro de história; ela nunca imaginou que um dia desapareceria com tanta facilidade quanto seus antepassados.

Em 1946, espalharam-se as notícias da deportação dos chechenos e da necessidade de russos étnicos para recolonizar a república vazia. Seu pai tinha quatorze anos quando bebeu pela última vez um copo d'água de torneira enferrujada em Moscou. Sua mãe, oito. Trens os transportaram pelas terras castigadas pela guerra. Eles chegaram a Grozny e ficaram duas semanas em um gélido auditório da universidade, dormindo na arquibancada até receberam uma transferência de cessão de residência para Volchansk. Viajaram para a cidade no mesmo ônibus, com dois dias de intervalo. A mãe e o pai de Natasha se sentiram muito solitários naquele país silencioso. Não acreditavam que um dia encontrariam alguém que tivesse visto o que haviam visto, sentido o que haviam sentido. Vinte e um anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, eles esperavam lado a lado em uma fila de pão. Uma pequena troca de palavras se tornou uma revelação. Nenhum dos dois podia acreditar que ambos tinham compartilhado a mesma escola primária, a água da torneira e o pôr do sol enquanto viviam em blocos de apartamentos vizinhos. Nem imaginavam que um dia compartilhariam duas filhas: uma bela, a outra brilhante.

* * *

Embora fosse mais velha, Sonja era sempre considerada a irmã de Natasha, o objeto, em vez do sujeito de qualquer frase que as duas partilhassem. Ela caminhava sozinha pelos corredores da escola, com a cabeça firmemente

inclinada para a pilha de livros em seus braços. Para Natasha, ela era o volume da letra П da Grande Enciclopédia Soviética: enorme e cheia de conhecimentos dos quais nenhuma pessoa normal precisaria. Nas noites do fim de semana, quando Natasha voltava do cinema ou da discoteca, encontrava uma barra fina de luz brilhando por debaixo da porta do quarto da irmã e, se colocasse o ouvido contra a porta fechada, ouvia o sussurro de uma página sendo virada a cada quarenta e cinco segundos. Ela acreditava que Sonja era um gênio no estilo clássico: um único grande raio de luz em um céu que, de outra maneira, seria confuso. Com certeza, Sonja tinha mais assinaturas de revistas acadêmicas do que amigos. Conseguia explicar cálculos avançados para seu professor de álgebra do quinto ano, porém não sabia contar uma piada para um menino na hora do recreio. Mesmo nos meses de verão exibia a pele de alguém que passava muito tempo em um porão.

Todo mundo sabia que Sonja estava destinada a grandes coisas, mas ninguém sabia o que fazer com ela naquela época. Até mesmo no meio acadêmico, seu hábitat natural, ela era uma espécie exótica. Embora seu lado russo a liberasse de certas normas, a ideia de que uma jovem mulher de qualquer etnia pudesse se sobressair tanto em ciências complexas era uma fantasia absurda. Seus pais a encorajavam a distância. Nenhum deles entendia as fórmulas moleculares, os campos eletromagnéticos nem minúcias anatômicas que tanto a cativavam, e assim o apoio deles vinha por meio de generalidades bem-intencionadas e inadequadas. Mesmo depois de Sonja se formar na escola secundária como a primeira da classe e matricular-se no Departamento de Biologia da universidade da cidade, seus pais encontraram mais motivos para amar Natasha. Os dons de Sonja eram complexos demais para serem compreendidos, e, portanto, menos desejáveis. Natasha era bela e encantadora. Eles não precisavam de doutorados para saber como se orgulhar dela.

Às vezes, enquanto lutava para ganhar notas médias, Natasha se imaginava como a única pessoa em Volchansk que entendia e invejava Sonja pela maravilha que ela era. Sua existência era tão limitada, suas energias, tão concentradas, ela vivia como um prego atravessando a superfície de rotinas diárias e decepções. Quando, em maio de 1989, Natasha precisou de um três no exame final de química para se formar na escola secundária, forçou-se a pedir ajuda à irmã. Elas se sentaram à mesa da cozinha. Sonja abriu o livro e franziu a testa para a visão de um texto sem marcações. Ela não fez

comentários, não menosprezou a irmã de nenhuma forma e apenas disse:

— Vamos começar pela página um.

Natasha sempre se lembraria daquilo.

Embora tenha sido aprovada no exame, ela não foi admitida em uma única universidade na Chechênia — talvez porque não tenha se candidatado. Natasha não era burra, nem mesmo academicamente — recebeu as melhores notas na aula de história e àquela altura sabia inglês melhor do que Sonja —, mas, depois de dezenove anos ao lado do holofote do intelecto de sua irmã, sentiu-se pronta para apontar sua pequena tocha em uma direção diferente. Em vez de uma carta de aceitação da universidade, recebeu um cargo de secretária no escritório do Grozneft, o ramo checheno do Ministério Soviético do Petróleo e Gás, em Volchansk. Lá, trabalhava para um homem presunçoso e de olhar atravessado que lhe assegurava que quinze palavras datilografadas por minuto eram mais do que suficientes. Natasha manteve as unhas de seus dedos indicadores lixadas meio centímetro mais curtas do que as outras, e das oito da manhã às cinco da tarde datilograva relatórios em uma máquina de escrever manual preta. Ela trabalhava em um escritório pintado da cor de um céu encoberto por nuvens; ainda assim, mesmo nos tons sombrios do ministério, sentia toda a euforia e a incerteza do mundo em reestruturação. O Muro de Berlim tinha caído e, logo depois, a União Soviética foi pelo mesmo caminho. Repúblicas autônomas desmoronaram como cascalhos de uma rocha esmagada. De repente, relatórios frios e maçantes sobre petróleo pulsavam com importância. Campos chechenos produziam relativamente modestos treze milhões de barris por ano, contudo a maioria do petróleo da região passava pelas refinarias da república. Noventa por cento do combustível da aviação soviética era refinado na Chechênia, assim como a maior parte do petróleo do setor automotivo. Com a miopia típica de um país cujo primeiro passo para a criação de uma economia foi matar todos os economistas, a União Soviética tinha construído sua infraestrutura de produção de energia do outro lado das fronteiras da Rússia. Quando o Azerbaijão declarou independência, Moscou perdeu sua área de montagem de equipamentos para perfuração de poços de petróleo. Quando o Cazaquistão e o Turcomenistão tornaram-se independentes, ficaram com extensas reservas de petróleo e gás natural. O tesouro submerso do Cáspio poderia ter iluminado Moscou por mil anos, e ele também estava perdido. Nos memorandos urgentes que cruzavam sua mesa, Natasha lia estimativas do total de reservas recuperáveis do Cáucaso, que variavam de vinte e cinco a

cem bilhões de barris, a maioria localizada nos novos Estados independentes, e o único gasoduto disponível para enviar petróleo do Mar Cáspio a partir de Baku para os mercados europeus corria através da Chechênia. Então, um milagre. Ela começou a gostar de seu trabalho. Lia registros de eficiência do gasoduto, as taxas de produção bruta e reduzia os dados agregados a resumos de fácil compreensão, e, como um oráculo que prevê mas não pode intervir, ela observava a prosperidade de uma Chechênia independente.

Os escritórios do ministério estavam instalados em um prédio de seis andares na fronteira com o Parque Municipal e, todas as noites, a caminho de casa, Natasha passava por um morador de rua cuja barba rala alcançava a linha da cintura. O homem, morador do parque, era conhecido pela maioria em Volchansk como o Profeta do Parque Municipal. Ela lhe dava alguns rublos todas as noites e pedia, em tom de brincadeira, que se lembrasse de seus pobres pés cansados em suas orações. Os olhos do Profeta do Parque Municipal se baixavam em gratidão, e ele prometia se recordar dela quando o fim chegasse.

Ela passava as sextas-feiras em uma boate chamada Nightclub, situada no que anteriormente fora uma fábrica de peças de aviação. A pista se espalhava pelos oito andares do hangar, grande o suficiente para conter os rodopios de metade da Chechênia. A boate nunca tinha alcançado, e nunca alcançaria, sua lotação máxima. Após virar drinques no bar, Natasha e seus amigos abriam caminho dançando até o centro do hangar. Lá, cordas de veludo vermelho criavam uma pista de dança de dez metros quadrados, onde jovens, bem-vestidos e laicos, podiam se espremer uns contra os outros, gritando e se sacudindo nos espasmos epiléticos da luz dos refletores, a liberdade encontrada nas ruínas do império. Natasha perdia toda a elegância ao dançar. Seus saltos atrapalhavam os movimentos, mas ela não podia tirá-los — não importava a frequência com que o chão fosse varrido, parafusos soltos e resistentes à ferrugem e rebites apareciam no chão, pulsando suavemente com os tons graves —, então ela ficava sem equilíbrio. A maioria dos seus movimentos de dança consistia em tentativas de ficar de pé. E em uma noite de sexta, em março de 1991, com os cabelos, saltos e três doses viradas, assim como nas dezenas de sextas-feiras anteriores, ela cambaleou para os braços de Sulim.

O BMW preto conversível 1990 de Sulim fora roubado na Bélgica e guiado durante todo um inverno europeu para chegar até ele. Faltavam-lhe três dentes — e um dos que tinha era tão preto que estava claramente indo

embora —, porque, apesar de todo o seu dinheiro, ele não conseguia pagar um dentista decente. Possuía o hábito de levantar a voz no final das frases, transformando as afirmações em perguntas, como se, quando sussurrava o nome dela, não tivesse certeza de com quem estava falando. Tinha uma cama do tamanho do quarto de Natasha, duas pistolas soviéticas, o *kinzhal* de seu trisavô ainda amarronzado com sangue de soldados da infantaria imperial, uma barba curta que nunca crescia, onze dedos nos pés e uma longa e curva cicatriz branca na pélvis que, nos sete meses em que saíram, Natasha aprendeu a desejar e desprezar em igual medida. Sulim tinha também um primo nas camadas superiores da *obshchina*, a máfia chechena. O primo, que estudara na Faculdade de Economia de Londres, um homem cuja ocupação reduzia sua expectativa de vida a de um trabalhador de *gulag*, ensinara a Sulim a abrir novos mercados com um pé de cabra. Seu primeiro mês juntos foi, talvez, o mais feliz da vida de Natasha. Os seis seguintes, talvez os mais desgraçados.

O câncer que sua mãe tinha no fígado se espalhou e ela passou as últimas dez semanas de vida no ar clorado do Hospital N°6. Graças às conexões de Sonja, seu pai foi autorizado a passar as noites no chão ao lado da cama dela, encapsulado em seu saco de dormir cor de oliva do Exército Vermelho. Natasha deu a Sulim uma chave do apartamento. Ela encaixava os dedos nos sulcos entre as costelas dele, pensava neles como degraus. O mundo inteiro estava caindo, mas ali estava alguém forte o suficiente para ela se apoiar. Os dois homens com quem havia se relacionado de modo íntimo anteriormente tinham-na tratado como algo leve e frágil, como se estivessem tentando foder um vaso grego. Sulim a abraçava como se não tivesse medo de esmagar seus rins. Em seus ombros, deixava moldes perfeitos de seus dentes imperfeitos, marcas que se tornavam avermelhadas de manhã. Ele lhe pedia que o arranhasse, e suas unhas longas desenhavam um casaco de tigre nas costas dele. O corpo de Natasha parecia um instrumento belo, porém inútil. O aperto que Sulim dava em seus punhos, seus caninos roendo sua clavícula, aquela pressão em seu peito, aquela carne ruborizada.

Sulim, no entanto, nunca ficava até de manhã. Às duas da madrugada, começava a bocejar. Levantava-se e passava os dedos na barriga, apertando a pele. Possuía mais dinheiro escondido no colchão do que o bloco de apartamentos inteiro tinha no banco, mesmo assim exibia a cintura de um mendigo. Seu umbigo tomara a forma de uma amêndoa. A luz cérea da lâmpada de canto envolvia-lhe o peito quando ele se virava. Sua coluna se

curvava em um cume fino quando ele estendia a mão para alcançar as meias, e Natasha contava as elevações das vértebras. Usava camisas havaianas de colarinhos largos. Atrapalhava-se com o botão extra, um pouco grande demais para a casa. Às vezes, parecia algo como tentar construir um relacionamento significativo com uma fada do dente. Ele chegava à noite, deixando presentes, porém sempre ia embora às duas. No segundo mês, estava saindo à uma e meia. Em seguida, à uma. Ele deu de ombros quando Natasha exigiu saber por que ele não a tinha apresentado à sua família, por que não dançava com ela na boate, por que a vestia como uma amante em vez de uma namorada.

— Porque é isso que você é — respondeu Sulim, e saiu pela porta.

A polícia estadual o prendeu em novembro de 1991 por fraude. Um informante o ligava aos notórios *vosdushniki* — “homens do ar”, como eram chamados, por sua habilidade de extrair bilhões de rublos do ar. Usando notas promissórias falsificadas, eles autenticavam transferências bancárias de uma empresa inventada na Chechênia para uma empresa inventada em Moscou. Papelada suficiente passava pelos homens da *obshchina* para retirar a transferência forjada em dinheiro de bancos de Moscou. Um suborno praticado pelo primo de Sulim o liberou da custódia em dois dias, mas o governo ainda tinha cartas suficientes na manga para forçá-lo a se esconder. Sulim chegou ao apartamento de Natasha às cinco da tarde. As cortinas da sala de estar estavam abertas e o sol filtrado através da poluição banhava as bochechas dele em ocre. Ela nunca vira Sulim sob luz natural. Na mão esquerda ele segurava uma mochila de náilon azul. Ele explicou a situação, drenado da arrogância que tanto a fascinava e enfurecia. Não podia ficar com a família nem com amigos, ninguém com quem tivesse um relacionamento conhecido. Ficaria ali com ela. Natasha jamais o tinha visto tão necessitado. Pela primeira vez em seu relacionamento, percebeu que possuía mais poder do que ele, e isso era tudo o que precisava para deixá-lo. Ele não parava de olhar para os próprios pés. Ela sentiria falta de seu décimo primeiro dedo.

— Sinto muito — disse. — Você precisa ir embora.

Sua mãe morreu algumas semanas depois. Natasha estava no trabalho; sua irmã, na faculdade; seu pai, diante do balcão de sobremesas do refeitório do hospital. Ninguém estava lá para ver o que a mulher que estava morrendo viu em seus momentos finais, quando seu tio, o homem que havia desaparecido quando ela não era mais do que doze centímetros de tecido fetal no ventre da mãe, emergiu do papel de parede amarelo e a conduziu pelo resto do

caminho. Dez dias depois do funeral, o pai de Natasha conseguiu emprego como caminhoneiro no Turcomenistão. Na manhã em que partiu, usava um suéter vermelho com diamantes dourados bordados no peito. O suéter nunca tinha servido, como sua mãe previra quando o deu ao marido cinco Natais antes. Ele estaria vestindo aquele suéter dois anos e meio depois, ao norte da fronteira, quando um caminhão betoneira roubado bateu na cabine do seu, encurtando sua vida, seu percurso final e sua odisseia de cinco semanas para voltar para casa e suas meninas.

Embora fosse trabalhar, Natasha não conseguia prestar atenção nos relatórios que copiava, conferia e encaminhava. Ela perdeu o emprego logo após a declaração de independência nacional, quando todo o pessoal essencial do Ministério do Petróleo foi transferido para Moscou, incluindo seu chefe presunçoso. Ficou à deriva, uma corda de algas flutuando na maré que lavou seu país, sua família e seu futuro. Em uma noite, ela fazia o jantar, e Sonja, na noite seguinte. Formada na universidade como a primeira de sua turma, Sonja estava agora em seu terceiro ano da faculdade de medicina. Estudava enquanto comiam, prestando mais atenção nas doenças do sistema digestivo do que no jantar. Natasha tentava construir diálogos com notícias do dia: “Você viu o acidente de carro na praça Lenin?” “Que aulas teve hoje?” Mas Sonja não acreditava em conversa fiada e respondia em monossílabos, fato de que Natasha se lembraria quando, sentadas à mesma mesa quatro anos e nove meses depois, Sonja tentou convencê-la das qualidades terapêuticas daquilo.

Nos seis meses em que viveu sem Sulim e sem mãe nem pai, apenas um jantar foi interrompido com emoção suficiente para fazê-la se esquecer da refeição horrível. Pouco antes de comerem, Sonja retornou da caixa de correio com um envelope marrom repleto de selos de porte internacional e lançou os braços em torno de Natasha, ofegando e gritando alegres palavras incompreensíveis, com mais vida no rosto do que Natasha pensara ser possível.

— Londres — disse Sonja, finalmente, e a palavra permaneceria com Natasha, suas sete letras se alongando para acomodar toda a esperança concebível. — Concederam-me uma bolsa de estudos integral para concluir a faculdade de medicina em Londres.

Natasha tentou sorrir, tentou fingir que suas lágrimas eram de alegria em vez de medo, mas quando Sonja jogou os braços em volta dela, quando as duas se abraçaram, segurou a irmã com força, com muito medo de deixá-la ir.

* * *

Embora Natasha tivesse aprendido a dormir com o guincho de pneus, os xingamentos, os tiros de comemoração, as explosões, os gritos, os risos, o inferno inteiro da rua abaixo, ficou acordada naquela noite e viu lanternas traseiras se alongando em barras vermelhas em alta velocidade pelo asfalto. Os jovens encostados nos capôs de carros europeus eram bandidos, mercenários e apostadores. Faziam apostas perigosas com moedas estrangeiras seguras, arriscavam valores que homens com sua instrução ganhariam anualmente em uma sociedade lícita. Em algumas noites eles tentavam pular a estátua de Lenin decapitado na praça. Naquela noite, era um simples racha. Quatro carros circularam pelo centro da cidade ao longo de um trajeto marcado por latas de lixo em chamas. Havia chegado relatos de bombardeio aéreo em Grozny, o que deixou a cidade ansiosa e agitada. De manhã, ela tomaria o ônibus para Grozny para se encontrar com Lidiya Nikitova, uma vendedora que viajava de avião de Tbilisi para Hamburgo uma vez por semana e voltava com as malas cheias de produtos eletrônicos e roupas do Ocidente. Natasha encheria duas mochilas com roupas, mas também com *walkmen*, Game Boys, telefones por satélite, televisores portáteis e os cada vez mais populares fones com bloqueio de barulho, tudo isso para vender no mercado da cidade. Os agentes federais bloqueavam a fronteira, o aeroporto parecia outra fábrica fechada ao longo da rodovia Baku-Rostov, todavia o mercado estava repleto de produtos eletrônicos japoneses, seda birmanesa, chocolate belga, bebidas brasileiras, temperos indianos e moeda americana. Apenas três carros chegaram à última volta. Ela respirou contra o vidro da janela de seu quarto, evocando no embaçado um rosto sorridente desenhado com o dedo. Era novembro de 1994. Fazia mais de dois anos e meio que não via a irmã. Não via o pai havia mais de três. Perguntava-se se nevaria.

As notícias vinham de terceira, quarta, quinta mão. Fatos eram indistinguíveis de boatos, então se acreditava em tudo, se desacreditava tudo e tudo estava certo. “Agarrem o máximo de soberania que puderem engolir”, Yeltsin havia instado, e a Chechênia abrira a boca. O presidente ainda se chamava Dzhokhar Dudayev, e ele ainda tinha um bigode desenhado com caneta-tinteiro. Foi o primeiro checheno a chegar à patente de general no Exército Vermelho e, dez anos antes, servira no Afeganistão, onde bombas

russas haviam caído em civis muçulmanos, o que não seria a primeira nem a última vez. Na cama, Natasha ouvia seu discurso no rádio, e sua voz era uma canção de ninar em comparação com o guincho dos pneus dos carros. O fantástico marcava sua presidência. O governo precisava de dinheiro e, assim, depois de cunhar a própria moeda, a Estônia enviou toda a sua reserva de rublos soviéticos para Grozny, em vez de para Moscou. O governo necessitava de um exército, e, no ano anterior, quando os agentes federais abandonaram suas bases chechenas, deixaram para trás arsenais de artilharia pesada, munição, armas, jipes blindados e um número maior de tanques do que o de condutores chechenos licenciados. Ela colocou o rádio ao lado do travesseiro. O racha tinha terminado. Ela abaixou o volume e rolou em direção ao alto-falante de trama preta, imaginando que a voz da revolução eram os sussurros de um amigo que falava para que ela adormecesse.

Os rumores se provaram verdadeiros; em Grozny, bombas caíram. Nas viagens semanais para a capital, ela prestava atenção nas multidões. A quantidade de detritos nas calçadas garantia que as pessoas só levantassem os olhos para o murmúrio de aviões. Os semáforos se apagaram e agentes federais, ainda vestindo os uniformes azuis da polícia rodoviária soviética, orientavam o tráfego com a ponta de seus cigarros. Ela estava em uma avenida lotada e vasculhou o céu. Apenas uma vez os viu sobrevoando. Cinco aviões em formação cerrada. Natasha ergueu o pescoço ao mesmo tempo em que todos os condutores na avenida fugiam, deixando as portas de seus carros abertas. Cinco linhas paralelas de fumaça cortavam o céu vazio. Quilômetros acima, homens que não sabiam seu nome queriam matá-la. Um homem em um terno roxo-brilhante agarrou seu ombro, sacudindo-a e perguntando se ela era surda ou idiota ou ambos. Seguindo-o pela fileira de veículos abandonados, Natasha batia e fechava as portas dos motoristas, e este simples ato restaurou a ordem no mundo. Ele a levou para o porão de uma loja de material de festa. Sentaram-se em pilhas de balões infláveis. O homem chutou uma caixa e almofadas que fazem barulho de peidos, bonecos de mola e óculos com narizes falsos caíram.

— Não posso acreditar que vou morrer em um lugar tão idiota — disse ele, e começou a chorar.

Natasha perguntou como ele conhecia aquele lugar. O homem segurou as lapelas roxas.

— Este terno — respondeu ele. — Estou devolvendo este terno idiota.

Ele estava no décimo terceiro dos quarenta e oito anos de sua carreira

como palhaço; tinha um QI de 167.

Quando o bombardeio parou, ela deixou o homem de terno roxo soluçando e foi para o apartamento de Lidiya Nikitova. Encontrou Lidiya fazendo a mala sobre a cama desarrumada. Natasha esperava vê-la cheia de bolsas Prada, blusas Gucci, gravatas Ferragamo, mas deparou com suéteres de lã grosseiros, calças de moletom largas, meias cinza, um álbum de fotos. Por dez minutos, Lidiya acenou com a cabeça em desespero. Natasha ficou preocupada pensando se a cabeça da pobre mulher iria cair.

— Chechenos têm família — disse Lidiya, enquanto tirava um par de botas soterrado sob um monte de sapatos *peep toe*. — Eles têm seus *teips* e suas casas ancestrais no planalto para onde fugir. Os bárbaros. É quase o milênio e ainda vivem em clãs. Mesmo agora, em meio a tudo isso, não acreditam que órfãos nem vagabundos possam existir porque o *teip* proverá. Os bárbaros. O que nós, russos étnicos, temos? Nenhum *teip*. Nossos compatriotas estão atirando bombas sobre nós. Não, de volta ao norte para mim. Nunca fui a São Petersburgo, mas meu primo diz que é muito mais civilizado.

Depois que Lidiya Nikitova partiu, Natasha passou uma hora vasculhando seu apartamento. Levou um par de botas de couro de salto alto, suéteres de caxemira e vestidos de festa feitos de seda. Ela não teria a oportunidade de usá-los, porém coisas belas eram tão raras que parecia errado deixá-las para trás.

O tempo já não marchava para a frente. Os relógios gigantes pendurados nos edifícios comerciais começaram a confundir os minutos com as horas. Eles exibiam datas de junho em novembro, previsões meteorológicas de agosto em dezembro. Dudayev mudou o fuso nacional em uma declaração de independência do império do horário de Moscou. Seus partidários retrocederam seus relógios em uma hora, todos os outros permaneceram no fuso-padrão, e ninguém sabia que horas eram. No início, Natasha comia em pontos predeterminados no dia para manter a ilusão da organização do tempo, depois, apenas quando estava com fome e, em seguida, só quando tinha comida. As linhas telefônicas tremulavam com estática. O debilitado governo independente prometia pelo menos cinco horas de eletricidade por dia, porém as cinco horas costumavam vir no meio da noite. A infraestrutura decadente fez o tempo regredir mais do que qualquer mandato presidencial. Quando você viveu pela última vez um dia iniciado com o alarme de seu despertador? Com *djepelgesh*, a típica panqueca chechena, no café da manhã? Com notícias de Moscou, Nova York e Pequim

transmitidas pelas ondas da televisão? Com o calor daquele primeiro cigarro em sua garganta e o ônibus da Rota 7 virando a esquina, infalivelmente com três minutos de atraso, assim como você? Com crianças que mataram aulas atirando bolas de neve em funcionários de uma construção, e o vapor ondulante da esquina da Grande Loja de Departamentos preenchendo sua saia, o calor formigando em suas coxas? Com bêbados de manhã, alinhados nas calçadas do Parque Municipal, trocando bebida por enxaguantes bucais? Com uma pausa para o café no meio da manhã, tomando um Nescafé que deve ter uma dúzia de grãos verdadeiros por quilo, se aconchegando no lavatório amarelo-fluorescente de um banheiro, o único lugar onde você consegue ficar só? Com almoço? Com uma pausa no trabalho com a duração do cigarro da tarde? Com o suave zunido dos postes de iluminação às cinco e meia, criando vida enquanto você passa, e o Profeta do Parque Municipal à sua espera, com a barba presa nas calças, a mão estendida e humilde, e você com dez rublos para colocar na palma da mão dele? Com uma casa para voltar? Com eletricidade na fiação quando você aciona as luzes, calor zumbindo dos radiadores, água na torneira, chuveiro, vaso sanitário e vozes dizendo *olá e como foi o seu dia e feche a maldita porta, está um gelo lá fora*, e você as escutando em seus ouvidos, em vez de na sua cabeça; elas sabem seu nome? Com uma refeição que é exatamente isso, uma refeição, com família, ambas a sustentando de formas que você só entenderá na sua falta? Com espuma de sabão cobrindo seus antebraços, as bolhas estourando na ponta dos dedos e sendo enxaguadas enquanto você passa o prato para a sua irmã enxugar? Com televisão à noite, seus pais sobre o divã, e você nunca os viu de mãos dadas, mas eles chutam seus chinelos, e, no chão, seus dedinhos dos pés se tocam? Com os roncos de seu pai transformando o *hall* em uma câmara de eco que você atravessa para chegar ao banheiro, quente o suficiente para você não pensar em se enrolar em um cobertor quando sair da cama? Com pasta de dente? Com os riscos do lápis de sua irmã ultrapassando as sombras das paredes finas de gesso, o resmungo da memorização, as orações noturnas que ela faz a um deus que você não conhece nem compreende? Com sua crença de que não importa quanto você se foda, sempre pertencerá a essas pessoas, e que elas nunca vão deixar você desaparecer?

Ela foi até a estante de Sonja. Suportes extras apoiavam os livros pesados, e seu dedo indicador roçou as lombadas de volumes pesados demais para segurar com uma só mão. Como a civilização sobrevivera tempo suficiente

para acumular o conhecimento contido naqueles livros? Os exemplares mais finos ficavam na prateleira superior, e um amarelado guia de campo do Exército Vermelho era o mais útil do grupo. Vasculhando a prateleira, ela se lembrou de como Sonja sempre lia a última página de um livro primeiro, de como a irmã tinha que saber o que aconteceria, aonde a história levaria, para ver se valia a pena o esforço. Ela não abriu os romances tórridos, acomodados no final da prateleira. As encadernações desgastadas mostravam uma intimidade que não se via nos demais. Ela imaginou Sonja deitada na cama, lendo melodramas com uma dor no peito que não podia quantificar nem explicar, e, portanto, não podia entender. Em vez disso, pegou um volume fino intitulado *Origens da civilização chechena: da Pré-História à queda do Império Mongol*, por Khassan Geshilov.

Ela leu com o lento queimar das velas. O folclore dizia que Deus tinha espalhado etnias na terra com um saleiro; o recipiente escorregou de seus dedos quando ele chegou ao Cáucaso, e alguns grãos de todas as nações tinham caído em seus vales. Outras teorias de origem: os chechenos descendiam de hordas citas, das filhas de Gêngis Khan, de uma colônia penal estabelecida por Alexandre, o Grande, de uma legião romana perdida. Depois de terminar o primeiro capítulo, ela passou a ler a sobrecapa. Segundo a biografia de três frases, Khassan Geshilov lecionava na Universidade Estadual de Volchansk e vivia em Eldár. Aquele livro era o primeiro de vários volumes propostos sobre a história das terras chechenas. Na foto ele tinha olhos castanho-claros, um bigode espesso prateado e cabelos grisalhos e um sorriso que sugeria que estava pensando em uma massa folhada ou nas panturrilhas suaves de uma mulher, não em hordas antigas. Até a vela acabar, Natasha leu sobre invasões antigas: os citas em 850 a.C., os gregos dois séculos depois, os romanos no primeiro século a.C., os góticos do Báltico em 240 d.C., os hunos asiáticos em 370 d.C., os *avars*, *khazars*, circassianos, mongóis, e, depois de todos, finalmente, os russos.

Sem eletricidade nem gás, a cozinha tornou-se um mausoléu ao crepúsculo de aparelhos mortos. Certo dia, Natasha teve uma ideia. Usando luvas de látex que encontrou no quarto de Sonja, esfregou as entranhas do forno e da geladeira com palha de aço e água sanitária. Cortou um cabo de vassoura na largura do compartimento frigorífico, prendeu-o abaixo do controle do termostato e tirou as prateleiras de plástico. Em seu quarto, juntou as roupas do chão em largas braçadas e as depositou diante da geladeira e do forno. Desde que começara a trabalhar para a vendedora viajante, suas roupas

passaram a exceder o espaço do armário. Ela pendurou vestidos de festa de seda e suéteres de caxemira no cabo de vassoura, arrumou calças *jeans* e blusas dobradas sobre a grelha do forno. Quando terminou, abriu as portas para seu novo armário e escritório e sentiu-se satisfeita com sua criatividade. É assim que você vai sobreviver, disse a si mesma. Vai transformar os buracos em sua vida em espaço para armazenamento.

A fumaça transformava os dias em crepúsculos de doze horas. Na parte da tarde, quando as chances de um bombardeio aéreo eram maiores, ela vagava pelos subúrbios. Pensava em sua irmã com frequência. Em suas conversas semanais, Sonja descrevia seu namorado, Brendan, um escocês, doutorando de Estudos Eslavos que tinha um russo pior do que o inglês de Sonja. Ela descrevia o dormitório internacional, que abrigava alunos de trinta e quatro países, sem que nenhum deles tentasse matar o outro. Descrevia bares e monumentos, táxis pretos que pareciam chapéus-coco com rodas, um obelisco que servia de apoio para a estátua de um homem minúsculo em Trafalgar Square, os guardas do Palácio de Buckingham, que não a matariam, mesmo que ela zombasse abertamente deles, supermercados com corredores inteiros dedicados a cereais para o café da manhã e vendedores que pareciam, de fato, satisfeitos com a presença de clientes. Naquele ano, pela primeira vez, as irmãs se tornaram amigas. Somos tudo o que a outra tem, pensou Natasha, mas ela sabia que Sonja tinha muito mais. Sonja prometera encontrar uma forma de levá-la para Londres, prometera pleitear seu caso com a universidade, com o Ministério do Interior, com a maldita rainha, todavia nada daquilo deu resultado, e Natasha queria fugir, contudo não podia, não sabia como, ouvira histórias de horror do que acontecia com as mulheres refugiadas solitárias, e assim suas conversas se tornaram mais esparsas à medida que a sociedade civil se desintegrava. Adolescentes com armas de fogo roubadas substituíram os policiais nas ruas. Granadas de mão custavam menos do que frascos de Nescafé no mercado. Ela não queria mais ouvir sobre bolinhos ingleses, e decidiu que Sonja não queria se sentir culpada por comê-los.

Passaram-se dias sem que as irmãs se falassem, depois semanas. As linhas telefônicas ficaram precárias pela escassez de energia elétrica, porém a rede central de telecomunicações não tinha sido atingida. Natasha deixava o telefone fora do gancho por dias e o suave pulsar do tom de discagem se tornou a voz da estabilidade em sua solidão. Quando queria falar com Sonja, preferia ir à estante de livros. Ela leu *Origens da civilização chechena* duas

vezes em um mês, concentrando-se nas últimas páginas de cada capítulo, que abordavam o fim das invasões antigas. Depois de espremer das palavras de Khassan Geshilov todo o consolo que podia, devolveu o livro à prateleira de cima, posicionando-o ao lado dos romances, e, ajoelhada no chão, puxou o maior compêndio. Uma coisa enorme, que valia uma mesa de jantar de madeira maciça. *O dicionário de medicina da Associação de Médicos Soviéticos*. Ela acomodou o livro sobre as coxas e logo seu peso fez suas pernas formigarem. Eram quatro mil, oitocentos e oitenta e quatro páginas translúcidas da mais misteriosa e inútil informação. Vasos sanguíneos ocultos em nossas entranhas tinham nomes em latim, russo e nas línguas oficiais das quatorze repúblicas soviéticas. As médias de peso dos órgãos internos: cento e dezessete a cento e setenta gramas por rim; um quilo e quatrocentos a um quilo e seiscentos para um fígado; duzentos e cinquenta a trezentos e cinquenta gramas para um coração. Natasha folheou o livro e encontrou respostas para perguntas que nenhuma pessoa sã jamais faria. A definição de um pé. A extensão média de um fêmur. Nada sobre *insanidade por pesar* ou *insanidade por solidão* ou *insanidade por ler compêndios*. Que vacina a fonte tamanho oito podia oferecer para o sussurro dos caças Sukhois no céu? Com base na expectativa média de vida de uma mulher soviética, ela poderia esperar viver por mais quarenta e oito anos, no entanto a União Soviética tinha morrido e ela não, e os apêndices não poderiam explicar essa discrepância nos dados quando o sujeito ultrapassa o tempo de sua experiência. Apenas uma entrada fornecia uma definição adequada, e ela a circulou com tinta vermelha, e recorria a ela todas as noites. *Vida: uma constelação de fenômenos vitais — organização, irritabilidade, movimento, crescimento, reprodução, adaptação*.

Se ela ficasse no banco no canto Sudoeste da cozinha e apontasse a antena de rádio para Sul, conseguia, de vez em quando, captar transmissões em russo de notícias de Nazran ou Tbilisi. Dali, recolhia as informações que podia sobre o mundo exterior. Porosas o suficiente para permitir carros de luxo, cigarros americanos e armas de fogo russas, as fronteiras permaneciam densas demais para o jornalismo objetivo. Um sotaque georgiano elevava a voz do apresentador russo em meia oitava e, graças àquele tenor cadenciado e sem corpo ela ficou sabendo que Yeltsin tinha um índice de aprovação de oito por cento e que haveria uma eleição dali a dezoito meses. O Partido Comunista da Federação Russa, principal partido da oposição, o denunciava por perder vastos territórios da antiga União Soviética. Ela entendeu com

precisão que aquele orgulho ferido acarretaria punição, levaria um país aleijado a iniciar uma guerra para se provar mais poderoso. Em 9 de dezembro de 1994, Yeltsin emitiu um comunicado ordenando que o Exército federal executasse o desarmamento de *todas as unidades armadas ilegais* na Chechênia, ou, como eram conhecidas localmente, *o governo*. Em 10 de dezembro de 1994, ele foi a um hospital para uma operação no nariz. Em 11 de dezembro de 1994, após ouvir relatos de que a primeira das tropas de quarenta mil soldados reunidas na fronteira norte havia cruzado o rio Terek, ela percebeu que a guerra havia apenas começado.

Na noite de 11 de dezembro de 1994, quando Natasha recolocou o fone no gancho, o som que ele emitiu explodiu em um tremor metálico; ela o deixou tocar por vinte segundos antes de levar o fone ao ouvido.

— Alô — disse.

— Ainda bem, ainda bem, ainda bem — chorou Sonja. — Estou ligando para você há dias, semanas, a tarde inteira.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

— Não sei — disse Akhmed suavemente. Ele a olhou com tanta compaixão que parecia que tinha se esquecido da arma em suas costas. — Não perguntei — explicou.

— Você não perguntou? Como pôde não perguntar? Como pôde não perguntar o nome dela?

— Centenas de refugiados ficavam na casa de Dokka. Parei de perguntar seus nomes.

— Aonde ela estava indo? Será que ela não disse? Ela deve ter dito alguma coisa. Alguma dica, ou referência, ou menção. Ela deve ter dito alguma coisa. Ela deve. Como você pôde não perguntar? Como você pôde?

— Não achei que pediriam que me lembrasse.

O reflexo de Sonja cabia inteiramente em seus olhos arregalados. Teria o reflexo de Natasha preenchido alguma vez as pupilas dele? Atraído pela luz? Desaparecido em um piscar de olhos?

— Como ela era? — perguntou Sonja.

Akhmed poderia ter enchido uma dezena de pulmões com aquele suspiro.

— Cabelo escuro e desnutrida — respondeu ele.

A descrição serviria para metade do mundo.

— Os olhos dela, de que cor eram?

— Castanhos.

— Mas castanhos com traços de verde e esmeralda? Mais avelã do que marrom?

— Talvez. Não me lembro.

— E o rosto dela?

— Ela me lembrou o retrato da sobrinha de Nicolau I feito por Zakharov.

— Nicolau I? De que você está falando? Tenho que saber o que aconteceu. Onde ela está? — Sonja sentia náuseas. Ela precisava saber, mas ele não lhe diria. O que havia acontecido com sua irmã? Quando morresse, essa única necessidade, tão perto de eterna que poderia ser sua alma, sobreviveria a ela.

— Preciso saber, preciso saber — repetiu ela. — Ela era bonita, não era?

— Tão bonita quanto a sobrinha de Nicolau, sim — disse Akhmed. — Provavelmente, estava indo para os campos de refugiados. Todos eles estavam. Talvez, na Inguchétia. Talvez o Sputnik ou o campo de Karabulak?

Ele falava, parecia, como se estivesse conversando com ela há anos, como se Sonja devesse seguir os arcos de sua cadência, chegando ao ponto final antes que ele o alcançasse. Ela estava com medo de olhar para baixo.

— Ela estava usando roupas típicas de grávida — continuava ele. — E uma touca verde.

— Onde ela está?

Suas mãos apertaram os ombros dele. Ela não se lembrava de tê-las pousado ali. Seus dedos livres de algemas levantaram as mãos de Sonja, seguraram-nas e, lentamente, colocaram-nas nas laterais do corpo dela. Ela se lembraria disso; com uma arma em suas costas, ele foi gentil.

— Eu não sei — respondeu Akhmed.

De longe o irmão de Alu fez um gesto de cabeça, e o guarda deu um passo para trás.

— Nosso amigo pode ser um péssimo médico — disse o irmão de Alu —, mas não acho que seja um informante.

Eles caminharam até as caixas de suprimentos mantendo-se lado a lado para evitar olhar um para o outro. Akhmed ajudou-a a colocar as caixas de papelão dentro da caminhonete e, mais tarde, Sonja se lembraria dele esfregando a testa com um lenço cinza, perguntando-lhe se precisava de ajuda com uma caixa de lâminas de serra cirúrgicas, seu comportamento equilibrado tão instável quanto qualquer ruína que ela vira naquele dia.

Quando crianças, Sonja e Natasha brincavam de esconde-esconde nas catacumbas de poeira densa do porão do prédio. A luz se difundia através das altas janelas em longas diagonais. No chão, cada semicírculo era uma piscina de lava, e os montes de poeira revelados pela luz eram os restos mortais de crianças que tinham tropeçado naqueles raios incandescentes. Natasha enrolava uma cortina suja sobre Sonja, que contava até cinquenta, e o intervalo entre cada número ia encolhendo à medida que se aproximava o momento em que ela gritava “Cinquenta!” e saía da cortina para aquele lugar fora deste mundo. Natasha era magra o suficiente para se esconder atrás de um cabo de vassoura, porém Sonja sempre a encontrava. Sempre.

* * *

— Quem é ela? — perguntou Akhmed quando o armazém encolheu no retrovisor.

Dez minutos antes, ela lhe dissera que pararia em uma cabine telefônica e não falou mais nada até estar ao volante e de frente para o para-brisa listrado de lama.

— Minha irmã — respondeu.

— Sinto muito — disse ele.

Nada poderia ter feito com que Sonja se sentisse pior.

— Sou eu a pessoa que deveria se desculpar — disse ela para o cascalho da estrada.

— Por que ele ajuda você?

— Logo após a primeira guerra eu salvei o irmão dele, Alu.

— E ele ainda abastece o hospital?

Ela assentiu com um gesto de cabeça.

— Ele deve estimar o irmão.

Sonja sorriu. Pobre e repreendido Alu, cujo nome era mais espancado do que o traseiro de um burro. Seis meses depois do primeiro encontro, ela ficou sabendo que o nome do irmão era Ruslan, no entanto sempre pensava nele como irmão de Alu. Sonja sabia que ele acumulara uma pequena fortuna com o contrabando de armas, heroína e bens de luxo para senhores da guerra e que a usara para reconstruir sua vila ancestral após a primeira guerra. Ela sabia que sua tartaruga de estimação continuava viva, ainda se chamava Alu e estava agora alojada no maior terrário do norte do Cáucaso. Quando sua vila ancestral foi destruída novamente na segunda guerra, ela sabia que ele pagara a passagem para a Geórgia de seus pais, irmãos, tias, tios, primos, sogros e cunhados, trinta e sete no total, até mesmo a do sempre amaldiçoado Alu, e também as dos vizinhos de cada lado de cada tio, primo e afins, cento e setenta e quatro no total, e eles viviam em um prédio de apartamentos em Tbilisi que Ruslan havia comprado para a ocasião; vizinho por vizinho, sua vila ancestral salva por uma segunda e última vez. Ela sabia de tudo isso e mais sobre ele, porém ainda ignorava por que ele não gostava de Alu.

— Você pode estar certo — admitiu Sonja, finalmente. — Talvez ele apenas estime Alu acima de tudo.

As ruínas se abriam para o que antes era uma praça central repleta de

vendedores de rua inconvenientes, mães com véu e crianças agitadas. Pombos sem olhos e asas mancavam na pedra de granito como presságios de uma guerra ainda a anos de distância. Existira ali a estátua de um checheno, um inguche e um russo posando em unidade fraternal, oficialmente chamada “A Irmandade do Povo”, mas conhecida localmente como “Os Três Idiotas”. Alguém jogara peixinhos dourados na fonte e eles se multiplicaram até que a água engrossou e virou uma massa laranja que se contorcia. Foguetes tinham demolido os edifícios de cinco andares que pairavam em galerias de arcos equiláteros, os caminhos arborizados de pedestres, os bancos de madeira dedicados aos chefes do Partido, a fonte onde crianças patinavam no gelo durante o inverno acima das carcaças de dois mil peixinhos dourados. A área das ruínas havia passado por terraplenagem e agora formava um campo irregular de pedras. Ela estacionou o carro. Akhmed franziu a testa.

— Não vejo telefone nenhum — comentou.

— Vamos parar no caminho de volta — sugeriu ela. Eles escalaram. — Você disse que sempre quis ir a Grozny, então vou lhe mostrar a praça central. — Sonja não olhou para ele. Aquilo era o mais próximo de uma reconciliação a que conseguia chegar.

Ele sorriu, assentiu com um aceno de cabeça, segurou as mãos atrás das costas. Ela exalou.

— Então é isso? — perguntou Akhmed.

Ela protegeu os olhos com uma saudação ao sol da tarde.

— Bem ali, onde o solo está enegrecido, logo à esquerda daquela nuvem, é onde ficava o Palácio Presidencial. — Fazendo um círculo lento, seu dedo indicador pressionava o passado para dentro do cenário vazio.

O mercado que vendia Levi’s duas décadas antes de qualquer loja de roupas licenciada. A faculdade de música, onde, anos antes, um prodígio aprendera a tocar viola ouvindo os duzentos anos de história da música de câmara cadenciados através daquelas janelas abertas. Ela reconstruiu a praça para Akhmed — sua voz levantou cada edifício do pó, replantou cada tília — porque era mais fácil do que pedir desculpas.

— Obrigado. Sempre quis ver Grozny.

Eles passaram por mais dois postos de inspeção antes de chegar a uma rua limpa e recém-pavimentada. A anomalia de um asfalto sem marcas nunca deixava de surpreendê-la. Um edifício de pedra cinzenta ocupava a maior parte da quadra. As janelas com vidros, intactas e sem rachaduras, proclamavam o significado do edifício com mais eloquência do que o

símbolo do Ministério do Petróleo pendurado sobre a entrada. Soldados armados estavam posicionados em intervalos de dez metros ao longo do perímetro, altos e largos como batentes de portas.

— Não vou entrar ali — disse Akhmed, de braços cruzados, recusando-se a deixar a caminhonete.

— Não se preocupe. Nem mesmo todas as cartas no porta-luvas nos ajudariam a entrar. Estamos indo para lá — disse ela, apontando para a quadra de baixo, para o que havia sido um shopping center. — O Ministério do Petróleo tem linhas internacionais funcionando. Algum empreendedor inteligente aproveitou a linha de saída e criou uma cabine de telefone no porão.

O shopping era uma caverna de vitrines quebradas, prateleiras vazias e vidros estalagmíticos. Até mesmo as flores de plástico haviam sido saqueadas dos vasos. Ela o guiou pelo caminho com a luz do isqueiro.

— Em Londres, aqui haveria uma escada rolante — disse Sonja, enquanto desciam uma escada.

— O que é uma escada rolante?

— É uma escada que se move.

— Como aquelas atrações de parques infantis?

— Não, não é uma atração. É apenas uma escada que se move. Só isso.

— Então esta é uma escada rolante quebrada.

Em três anos, aquela se tornaria a primeira escada rolante na Chechênia. Nos fins de semana, famílias de lugares tão distantes quanto o lago Kezanoiam levariam os filhos para brincar nela.

Sonja desceu pelo lado direito; até mesmo em uma escolha tão arbitrária quanto decidir de que lado caminhar, ela se esforçava para manter a ordem. Em uma porta marrom no final do corredor do porão, ela batucou um trecho de uma música de Umar Dimayev. O menino surdo abriu a porta e o homem cego, pai dele, estava logo atrás. Duas colheres cheias faltavam nos dois lados de seu rosto.

— É Sonja — disse ela.

O cego estendeu a mão para o filho, que puxou o dedo indicador esquerdo do pai, confirmando; em seguida, olhando para Akhmed, puxou o dedo médio direito.

— Sim, eu trouxe um amigo. O nome dele é Akhmed.

O cego assentiu com a cabeça para o filho e estendeu a mão para o rosto de Akhmed. Na primeira vez em que o cego tocou as bochechas de Sonja, ela

percebeu por seus dedos que ele teria sido um grande cirurgião.

— Não faça careta — disse ela, enquanto o cego separava a barba de Akhmed. — Você não quer ser lembrado como um rabugento.

Lâmpadas pendiam de um fio elétrico marrom preso ao teto por grampos enferrujados. Em algum lugar um gerador zumbia. Mesas de carteados com telefones de disco estavam ordenadas em toda a sala. Os sussurros de cinco chamadas se sobrepunham. Ela deu ao menino surdo trezentos rublos e passou por cima dos fios trançados até seu telefone.

— Departamento Eslavo da Universidade Municipal — disse a voz do outro lado depois que ela discou.

— Bom dia, Janice. É Sonja. Posso falar com Brendan? — Envolvido na formalidade do inglês correto, seu pedido lhe soava insincero.

— Espere um minutinho, Sonja. Ele acabou de sair do escritório, mas vou ver se consigo alcançá-lo.

Na espera estática, ela viu o peito de Brendan, pálido como um girino; se o tivesse posicionado diante de uma luz brilhante, teria visto seus órgãos. Em oito anos ele teria engordado, talvez criado uma pança para acompanhar suas promoções a Diretor Assistente de Departamento, talvez até mesmo um bronzeamento artificial como bônus. Quando Sonja desfez o noivado, ele passou três dias em contato com as companhias aéreas e pagou parte do bilhete mais barato, uma vez que o percurso mais tortuoso e econômico excedia os recursos dela. Checando seu armário no banheiro, ele fez uma lista de seus cosméticos e produtos de higiene pessoal favoritos e comprou uma meia dúzia de cada tubo, pote e lata para ela levar para casa. Sonja disse que voltaria. Brendan disse que ela voltaria. Na manhã de sua partida, ele empurrou a mala Samsonite, outro presente de despedida, até a calçada do lado de fora do dormitório estudantil internacional e sentou-se ao lado dela no táxi, com um suor frio na palma da mão enquanto a cidade ficava para trás. Quando ela disse, meio de brincadeira, ao chegarem ao desvio de Heathrow, que ele devia estar feliz por se livrar dela, uma vez que havia facilitado tanto sua partida, ele enterrou o rosto na curva de seu ombro, e doze horas depois, em um banheiro vinte e cinco mil pés acima dos campos de trigo da Ucrânia, ela encontrou um risco do muco endurecido dele e, por um momento, o confundiu com seu primeiro cabelo branco.

— Sonja? — disse Janice. — Brendan saiu para uma reunião. Posso anotar seu recado?

Eles não se falavam desde o mês anterior. Brendan tinha contatos no

Memorial e na Cruz Vermelha e, se o nome de Natasha fosse digitado em um computador, ele saberia. Normalmente, os momentos antes de a chamada se completar eram afinados com a esperança de que naquele mês, daquela vez, ele teria uma resposta. Mas hoje era diferente. Hoje, Sonja só queria que ele soubesse que ela continuava viva. — Basta dizer-lhe que liguei.

— E o seu nome se escreve com *j*, certo?

Ela perguntara a Brendan sobre isso certa vez, em seu terceiro ou quarto café depois das aulas. Queria saber por que o amor de Raskolnikov foi traduzido como Sonia ou Sonya, mas nunca Sonja.

— Porque é assim que se escreve em inglês — respondeu Brendan. — Apenas os suecos também o escrevem com *j*.

— Os suecos são estrangeiros também — disse ela, e manteve aquele *j* como a única letra em seu nome que era sua.

— Ah, Sonja? — disse Janice. — Existe um número para o qual ele possa retornar a ligação?

— Como os suecos escrevem Natasha? — perguntara ela, porém Brendan não sabia.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

No inverno em que Brendan e Sonja se apaixonaram, todos em Volchansk se tornaram desabrigados; até mesmo aqueles cujas casas, assim como a de Natasha, não tinham sido atingidas achavam mais fácil dormir no frio do que com medo da queda de escombros. Ela passou o inverno no Parque Municipal, um refúgio de doze quadras de grama marrom e árvores estéreis, projetado, dizia-se, pelo primo burro de quarto grau de Boris Iofan, onde a mais alta construção erguida pelo homem era um trepa-trepa enferrujado. Os sem-teto, os malucos e os bêbados reinavam naquele mundo. Treinados e experientes na arte de sobreviver a um inverno ao ar livre, os párias da cidade se viram cercados de professores, advogados e contadores, cujos estudos valiam os cinco segundos de calor que podiam fornecer.

Natasha e sua tropa seguiam as ordens do Profeta do Parque Municipal. Seu grande avental de cabelo retorcido e embaraçado, que agora atingia a metade das coxas, balançou indignado quando ele os fez lembrar-se de sua profecia. Ninguém ouvira o Profeta quando ele alertou sobre a iminente chegada do dia em que o céu se abriria e Deus atacaria as indecências do homem. Natasha recordou-se de ter passado pelo louco todas as noites quando retornava do Ministério do Petróleo, e ele se lembrou das moedas que ela lhe dera. “Eu disse que me lembraria de você”, comentou o homem, quando ela se mudou para o parque. Em pouco tempo, Natasha percebeu que todo o rebanho do Profeta do Parque Municipal era composto por ex-doadores de esmolas diárias, a quem ele agora se sentia obrigado a proteger. Ensinou-lhes a camuflar suas tendas e escavar para achar pinhas enterradas no gelo; a caçar cães selvagens com porretes e usar as vísceras em armadilhas para atrair pombos; a rezar cinco vezes por dia e a realizar as abluções adequadas, e Natasha, que nunca tinha pisado em uma igreja, muito menos em uma mesquita, louvava a Alá porque sabia que era melhor não desafiar um homem que se prepara para o apocalipse durante toda a vida. Em quatorze anos, aqueles contadores e advogados se uniriam e comprariam para

o Profeta do Parque Municipal um apartamento em um prédio recém-reconstruído. Eles procurariam por Natasha, esperando que ela contribuísse com o valor considerável do sinal ou, pelo menos, que estivesse lá quando levassem o Profeta até sua nova casa, porém as inteligências combinadas de seis advogados, três contadores e oito doutores não conseguiriam solucionar o mistério do paradeiro da ex-secretária.

Na primavera, quando os agentes federais tomaram a cidade, o bombardeio cessou e o cerco se transformou em ocupação. Os refugiados do Parque Municipal se dispersaram entre vilas ancestrais e *auls*, vilas fortificadas, disseminadas por todo o planalto, onde poderiam contar com a hospitalidade de familiares distantes e do clã. Para Natasha, contudo, não sobrara família. Seu prédio permanecia de pé, agora o edifício mais alto na rua. As janelas tinham estourado, no entanto o espelho do banheiro continuava intacto. Ela não se via em um espelho havia meses. Suas opções estavam reduzidas à subsistência e a resgatar coisas úteis no lixo. Sua reflexão lhe dizia que ela não duraria muito tempo em uma cidade de soldados bêbados, vingativos e sedentos por sexo. Mas vias de escape ainda existiam para mulheres que conseguiam parecer atraentes mesmo sem o benefício da água corrente.

Contrariando seus dois últimos tostões de bom senso, ela encontrou Sulim. Ele vivia sem se esconder agora, mantendo negócios tanto com agentes federais quanto com rebeldes, e, ocasionalmente, com o contrabandista que Sonja mais tarde conheceria como o irmão de Alu. Eles se reuniram em um bar que não servia nada. Não havia porta, bebidas, funcionários nem janelas, mas os frequentadores ainda voltavam todas as tardes. Seus lábios eram azulados por beberem limpador de para-brisa.

Comparado a eles, Sulim parecia bem. Seus olhos, límpidos de exaustão, analisaram e aprovaram Natasha. O mal de Parkinson que o transformaria em uma geleia trêmula dali a onze anos já estava fermentando em seu mesencéfalo, porém suas mãos não tremeram quando ele acendeu o cigarro. A guerra tinha boa serventia para ele. Dos refúgios na montanha, os chefes da economia e da polícia de Dudayev emitiam declarações elogiando uma economia e uma força policial que não existiam mais, e, no vácuo da autoridade legítima, o crime organizado garantia a única ordem significativa. Ele ofereceu-lhe um cigarro.

— Você quer sair — afirmou ele. — Quem não quer?

— Posso me dar bem no Ocidente.

— Qualquer um pode se dar bem quando não está se esquivando de balas.

— Ele examinou os bebedores fantasmas, os de lábios mais azuis tinham ficado cegos, e eles estendiam as mãos, tocando o rosto de seus parceiros de bebida. Sulim enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma garrafa de vodca.

— Não sei como eles enfiaram na cabeça que contrabandeamos isto em barris de fluido de limpador de para-brisa.

— Vou trabalhar para pagar a dívida.

— Vai? — perguntou ele.

— Você sabe quanto trabalhei duro no Grozneft. Sou produtiva.

— Você é?

— Por favor. — Ele tomou um pequeno gole da garrafa, saboreando a vodca enquanto observava Natasha. Sulim não se esquecera de como fora rejeitado por ela à sua porta, sua pele pálida à luz do dia. Ele cruzou as pernas, inclinou-se para trás, esperando que ela implorasse. — Sei que há rotas de tráfico — continuou Natasha. — Sei que você pode me tirar daqui. Por favor, Sulim.

— Sob o controle dos soviéticos, as mulheres que desapareciam tinham que reaparecer no outro lado do mundo para produzir dinheiro. Agora, as mulheres podem virar lucro simplesmente desaparecendo. O reaparecimento é caro demais. Famílias chechenas pagam um resgate maior pelos corpos das filhas do que por elas vivas. Eu vi os números.

Ela levantou-se para sair.

— Mas você não é chechena — continuou ele. — Não tem família para pagar por seu cadáver. Não tem uma vida após a morte para a qual seu corpo deva ser preparado. Pode pegar outro cigarro.

Ele o acendeu para Natasha com um fósforo quebrado. Ela já havia beijado os nós daqueles dedos. Já os tinha amado.

— Você vai me ajudar ou não?

Ele estava segurando o dedo indicador de Natasha e acenou com ele para cima e para baixo. Aleijado por tremores, incapaz de controlar seus membros, uma vergonha para sua família, Sulim passaria seus últimos anos em um quarto sem janelas, com um aparelho de televisão como companheiro.

— Você não achou realmente que eu me recusaria a ajudá-la, não é? Para onde quer ir?

— Londres.

— Então em Londres você vai ser uma *au pair*. Sabe o que é isso? É uma palavra francesa. Significa que você vai cuidar das crianças enquanto os pais estiverem no trabalho.

— Então, serei uma avó?
— Sim, algo do tipo.
— Não sou minha irmã, mas não sou boba.
— Pode haver outras coisas. Dançar, entreter. Ser, qual é a palavra, sedutora.

Significava prostituição. Garçonete, babá, isso era para moças bonitas de países pobres, não para moças bonitas de países em guerra. Algumas mulheres repatriadas chamavam de escravidão, mas, mesmo que fosse verdade, e daí? Sexo pago com civis de Londres não poderia ser pior do que sexo forçado com soldados russos. E, em Londres, Sonja lhe arranjaría outro trabalho. Do outro lado da mesa, Sulim a observava. Os lábios dele se retorciam em um leve sorriso, um desafio. Ele achava que ela estava com medo dele? Pensava que poderia assustá-la?

— Londres — disse Natasha. — Transforme-me em uma *au pair*. Faça-me reaparecer.

* * *

Um jovem de rosto macio e redondo transportou Natasha e outras cinco mulheres até a fronteira do Daguestão. Elas se sentaram em caixas na escuridão quase total de uma caminhonete de abastecimento dos agentes federais. O vento batia contra o toldo de lona verde-oliva, e, de vez em quando, uma lasca de luz solar entrava pela fresta e ia embora. Ela queria perguntar seus nomes, de onde eram, se também eram *au pairs*. A conversa pareceu possível um momento após o homem de rosto redondo, que dava a impressão de ser o irmão mais novo das mulheres, ajudá-las a subir no banco da caminhonete. Mas o ar coagulou-se com dúvidas densas demais para permitir a passagem de quaisquer palavras.

Horas depois, a caminhonete estremeceu até parar, e o homem de rosto redondo destravou a porta traseira. Natasha protegeu os olhos contra a queimação brilhante do meio-dia, e a luz aqueceu suas mãos. Uma cobertura de sempre-vivas escuras envolvia a montanha mais próxima. O homem de rosto redondo as conduziu por cem metros em um caminho de cascalho até um jipe com a bandeira da independência nacional. Bancos de madeira substituíam os assentos traseiros. Elas se apertaram ali.

O jipe as levou por ravinas de leitos de rios secos ao longo de uma linha

curva interminável de pedras claras. Pinhas de coníferas pendiam de galhos vergados. A paisagem parecia à beira do colapso. Nos vales abaixo, filetes de luz prateada cortavam pastos vazios como fitas brilhantes amarradas no horizonte. Não era justo. Ela odiava lugares abertos. Uma profissional do sexo era uma coisa, mas uma andarilha de fim de semana? O sol desenhava largas asas circulares. Um pombo, ela pensou inicialmente, que crescera de acordo com as proporções monstruosas daquele hábitat.

O homem de rosto redondo estacionou o jipe no trecho em que a inclinação se tornou muito íngreme. Quando Natasha se levantou, ficando ereta, seus cabelos penderam para trás, sem tocar-lhe os ombros, detidos pelas mãos invisíveis da gravidade. Enjoada, tonta, ela queria um pedaço de asfalto no qual pudesse se sentar e se sentir inteira. *Uma Linda Mulher* não era nem um pouco parecido com aquilo. O homem de rosto redondo começou a subir a encosta de rochas e as chamou. Não, não, não, ela queria dizer, o mosquetão na minha bolsa não é daqueles que se usa em cordas para escaladas, é apenas um chaveiro. Mas o que ela poderia fazer? O topo da encosta estava mais perto do que o sopé. Nenhuma ameaça nem comando, apenas o dedo dele acenando e, depois disso, ela deixou a Chechênia.

* * *

O Daguestão significou três horas insuportáveis de caminhadas, seguidas por mais uma hora de jipe. O aceno do queixo de barba rala do guarda da fronteira foi o único registro oficial de sua travessia para a Geórgia. O tempo era medido por pausas para irem ao banheiro até chegarem à água. O Mar Negro era azul. Elas embarcaram em uma traineira e o vento varreu o cheiro do sal através de seus cabelos. Os condomínios pareciam dominós no litoral, os pontos brancos de janelas iluminadas somando centenas. Quando a luz do sol caiu abaixo da linha-d'água, o mar finalmente ficou negro. Ela permaneceu no ponto mais seco do deque que conseguiu encontrar, usou a mochila como travesseiro e adormeceu enquanto o barco balançava sobre a água.

Em Odessa, elas formaram dois grupos. Três mulheres seguiram com o homem de rosto redondo e, enquanto desapareciam em um Yugo, Natasha sentiu uma pontada pequena e afiada; não sabia seus nomes. Ela e as outras duas acompanharam o homem que havia comprado seus passaportes até a

traseira de uma caminhonete de entrega. A porta se fechou. Quando foi aberta, estavam na Sérvia. Elas ficaram com outras onze mulheres em um porão de pedra. Algemas roubadas do museu de arqueologia de Sarajevo estavam enroladas no chão, a ameaça implícita era mais constritiva do que as próprias algemas enferrujadas. No canto mais distante, ela viu um balde de lata inclinado; quando alguém se aproximava dele, as outras pessoas se viravam de costas. Vozes arrastadas atravessavam o teto de madeira úmida. Uma discussão sobre hidrantes terem sido ou não uma boa ideia. Ela tocou as bochechas, a testa e os lábios que tempos atrás observava orgulhosamente no espelho. Agora ela queria cicatrizes, membros amputados, bochechas perfuradas com acne, dentes apontando em todas as direções.

— O que é isto? — perguntou Natasha.

Ninguém disse nada.

— Alguém sabe onde estamos? — indagou novamente.

A menina sentada ao seu lado, que não poderia ter mais do que quatorze anos, foi a única que respondeu.

— O Ponto de Partida.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

— Ela nunca falou sobre como isso aconteceu — disse Sonja, trinta minutos depois de sair dos subúrbios de Grozny, dez após ter começado a contar a ele. — Como chegou à Itália. Se a levaram em um avião, ou em um carro, ou em quê. Ela nunca me contou quem a transportou até lá, quando partiu, como sobreviveu à primeira guerra. Nada. Ela provavelmente não queria pensar nisso, mas sempre achei que era a sua maneira de me punir por tê-la deixado.

Akhmed tinha sintonizado o rádio em 102,9. Ela mal o conhecia, e essa era a única razão pela qual estava contando a ele; Akhmed era, ele mesmo, estática. Sonja não conseguia explicar sua confissão e menos ainda a calma que veio na sequência.

— A guerra não é natural — comentou Akhmed. — Ela faz com que as pessoas ajam de um jeito estranho.

— Até você?

— É claro — respondeu ele. — Nunca fui tão charmoso. — Ele estendeu as mãos diante de si mesmo; marcas marrons entre os dedos. — Na primeira guerra Dokka começou a classificar tudo. Ele era arborista por formação, por isso estava acostumado a dividir as plantas por espécies, gêneros e família, e um dia começou a fazer isso com todo o resto. Com as pessoas. Todo mundo era um pacifista, ou um imperialista, ou um fascista, ou um classicista, ou quaisquer outros “istas”, e qualquer um que criticasse seu sistema era um anarquista.

— Havaa fala mais em “ismos” do que um doutor em filosofia.

— Sim, ela puxou a ele. Começou a inventar sozinha e eu me lembro de ouvi-los discutir “bigodismo” e “podismo”, e estavam muito animados. Eu não tinha ideia do que nada daquilo significava. Era como uma linguagem que criaram para falar entre si de forma mais completa. — Akhmed fez uma pausa. Estava respirando pesadamente. O rubor de suas bochechas escoara para seu pescoço. — Não sei por que estou dizendo isso a você.

— Ela planeja ser uma anemonista marinha.

Ele riu.

— Aposto que sim. Fomos amigos por anos, Dokka, eu e Ramzan. Em domingos alternados, jogávamos xadrez, com Havaa nos observando. Ramzan era quem estava esperando por mim ontem. O informante. Jogamos xadrez juntos por mais de uma década.

— O que aconteceu?

— Ramzan começou a transportar armas para os rebeldes. Ele convidava Dokka para suas expedições, pagava-lhe bem. Nunca entendi o porquê. Ele não precisava da ajuda de Dokka para dirigir um jipe até as montanhas. Da mesma forma que você pensou que Natasha a estava punindo com seu silêncio, sempre achei que Ramzan estava me castigando com aquelas viagens. Ele nunca me convidou, ainda que eu precisasse do dinheiro tanto quanto Dokka. Nós éramos amigos, Ramzan e eu, mas sempre senti que Ramzan guardava ressentimento por algo que eu havia feito. Agora imagino que seja mais complicado do que isso. Ele foi detido em Landfill em 1995, e talvez se ressinta de mim porque sei o que aconteceu com ele lá.

“Eu estava com ciúmes de Dokka. De suas viagens para as montanhas com Ramzan. Do dinheiro que ele ganhava. De sua esposa. A minha estava acamada e senil havia quase três anos, enquanto a dele tinha mais vitalidade, mais premência em seu dedo mindinho do que a maioria dos homens tem entre as pernas. Eu tinha ciúmes de sua filha. Nós tentamos por anos, mas... — Sua voz se distanciou. Mais adiante de onde Akhmed estava, uma única chaminé se erguia a uma centena de metros em direção ao céu, nenhum prédio à vista. — Dokka era meu melhor amigo, ainda assim eu queria sua família, suas oportunidades, sua vida. Ele e Ramzan iam para as montanhas por uma semana ou duas e eu ia jantar com Esiila e Havaa. Passava a noite e o dia inteiros lá. Em sua última viagem, em janeiro de 2003, dormi em sua cama por três noites. É claro que eu não poderia saber que ele e Ramzan haviam sido detidos e enviados para Landfill. Eu não tinha como saber que seus dedos haviam sido decepados com uma torquês enquanto eu estava na casa dele, dormindo com sua esposa, comendo com sua filha, porque achava que sua vida era perfeita. O que quer que um fosse para o outro se perdeu então. Não tenho certeza se Esiila contou ou não, mas ele sabia. Nunca disse nada, mas sabia. Eu ia até lá e falava com os refugiados hospedados em sua casa quando queria falar com ele. Dokka não me dirigiu nem uma palavra no ano passado quando me encontrei com a mulher que me disse o seu nome. Se o visse novamente, não lhe pediria desculpas nem tentaria consertar as coisas.

Não seria isso que eu diria.

— O que você diria?

Akhmed sorriu, fez um aceno negativo com a cabeça.

— Não sei.

* * *

A sombra de uma cratera recente escureceu a estrada. Um braço esticava-se para fora do buraco. O resto do corpo estava ali, ali e ali. Farrapos cor de lavanda, capturados por uma corrente ascendente, revolviam-se em um vasto oceano de céu.

— Nós lhe oferecemos uma carona — comentou Sonja, querendo dizer *eu avisei a ela e isto não é minha culpa*.

A neve espirrava dos pneus, pipocando no retrovisor. O que ela faria se a guerra acabasse? Entre todas as possibilidades e mudanças que havia esgotado em sua mente, a paz nunca esteve entre elas. O que faria? A guerra, que transformara tenentes em coronéis, e desempregados em jihadistas, também transformara residentes em cirurgiões-chefe.

— Tolstoi esteve aqui duzentos anos atrás — disse Akhmed. — Havia uma guerra na época. Ele escreveu um romance sobre ela.

— Não ligo para ficção.

— Chama-se *Khadji-Murát* — continuou ele. — Vou trazê-lo para você amanhã.

— Por que você não está com raiva de mim? — quis saber Sonja. A pergunta a consumira por toda a tarde.

Akhmed cruzou os braços, porém ficou em silêncio.

— Fiz você ser interrogado sob a mira de uma arma. Se estivesse me enganando, teria feito com que levasse um tiro.

— Se estivesse enganando você, eu seria outro homem.

— Você é um homem decente — elogiou ela, e sorriu. — Um médico horrível, mas um homem decente.

— Eu sei. Não deveria passar tanto tempo com você. Você vai me transformar em um cirurgião de primeira linha e em um grosseirão.

— Acho que é o contrário — observou ela. Uma leve névoa de nuvens vespertinas havia envolvido o céu, e Sonja olhou para cima e para a neblina. — Sou dominada pelo desejo inexplicável de falar com você com uma

cortesia comum.

— Duvido muito disso.

— Desculpe-me por tê-lo chamado de idiota.

— Você apenas insinuou isso. Quer me compensar?

— Na verdade, não — respondeu ela.

— Então, diga-me quem é Ronald McDonald.

— Logo, logo terei que pedir desculpas por ter chamado você de idiota de novo.

— Insinuado — lembrou ele.

— Não, dessa vez eu provavelmente vou dizer mesmo.

— Já sei que ele não é o presidente americano.

— Acho que você vai se decepcionar.

— Quase sempre me decepçiono.

— Ele é um palhaço.

— Um palhaço?

— Um palhaço que vende hambúrgueres.

— Ele prepara os hambúrgueres?

— Isso importa?

— Posso ser idiota — observou ele, gravemente —, mas nunca comeria um hambúrguer feito por um palhaço. De qualquer forma, você estava me contando sobre sua irmã. Sobre quando ela voltou da Itália.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Nas semanas após seu retorno, Natasha não percorreu mais do que os três metros de carpete cinza até o apartamento de Laina. Ela bebia chá fraco, interpretava alucinações e voltava, aquele quarto metro selado por trás de um muro invisível de terror. Sonja observava de longe, querendo pegar a mão da irmã e puxá-la para o corredor como se faz com uma criança petulante. O apartamento de Laina — onde, três semanas antes, ela se agachara atrás da porta tendo nas mãos um copo com gelo derretendo e ouvira a voz de Natasha do lado de dentro — parecia ser o primeiro degrau na escadaria da recuperação. Mas aquele degrau se estendera a um patamar, em seguida a um andar, e Natasha não poderia ter desaparecido, não naquele período.

Sonja, mais talentosa como médica do que como irmã, ocultou seu diagnóstico o máximo que conseguiu. Então, em uma terça-feira, retornou do hospital com os pés inchados e os ombros pesados, de fato muito cansada para começar a cuidar de sua mais difícil paciente do dia. Natasha estava sentada no divã, com uma pilha de livros apoiada na almofada ao lado. *Origens da civilização chechena*, *O terceiro guia soviético para ornitologia*, *Vida e destino*. Um tomo amarelado cobria seu colo. *O dicionário de medicina da Associação de Médicos Soviéticos*.

— Posso explicar qualquer palavra que você não entenda — ofereceu Sonja, e imediatamente se arrependeu. Não era o tom adequado. — Procurando algo em particular?

Natasha, é claro, encolheu os ombros, como sempre fazia.

— Espero que você não tenha lido isto o dia inteiro. — Ela se virou para a parede nua. Sua boca aberta, apontada para Natasha, sempre projetava condescendência. — Certamente há livros mais empolgantes nas prateleiras.

— Não quero ficar animada — explicou Natasha, categórica. — Quero o tédio. Quero ser lobotomizada pelo tédio.

— Ouça, Natashechka, algo está errado — continuou Sonja, e odiou sua

falta de especificidade. Algo? Errado? Como poderia uma cirurgia diagnosticar com imprecisão? — Você já ouviu falar em Transtorno de Estresse Pós-Traumático?

Natasha fez um aceno afirmativo com a cabeça sem tirar os olhos da página.

— O que é, então?

A luz dourada da lâmpada contornava o texto enquanto ela virava as páginas.

— É uma reação psicológica que ocorre depois de se experimentar um evento altamente estressante fora do alcance da experiência humana normal, em geral caracterizada por depressão, ansiedade, *flashbacks*, pesadelos recorrentes e rejeição a lembranças do evento.

Natasha não falara uma frase complexa em meses, e, mesmo narrando, aquele trecho com arrogância fez com que soasse viva novamente.

— Parece familiar? — perguntou Sonja.

— Os médicos de cabeça italianos já examinaram isso. Não quero sua ajuda.

Ajuda era a última coisa que Sonja sabia como dar à irmã.

— Você se lembra da última vez em que saiu de casa? — perguntou. Natasha poderia ter acendido um cigarro com o brilho daquele olhar. — Vou lhe dizer quando. Quando você foi repatriada. Você não botou um dedo do pé para fora deste prédio desde que voltou para cá.

— Você não estava aqui — alfinetou Natasha, encolhendo os ombros. — Portanto, não tem que me dizer o que fazer.

Por meses, Sonja havia se segurado, se controlado, pensado melhor, mordido a língua com toda a força.

— Estou bem aqui. Agora. Aqui estou eu. — Ela abriu os braços, não para abraçar a irmã, mas para mostrar quão ampla ela era, quanto dela estava presente. — Você sabe por quê? Tem alguma ideia?

Natasha não se moveu.

Ela não poderia destrancar a porta do porão, não para Sonja, não para quem quer que fosse. O que acontecera lá embaixo ainda estava acontecendo dentro de Natasha, e ela não concederia a ninguém, muito menos à irmã, o acesso a algo do qual ainda estava tentando escapar, porém sem conseguir.

— Por sua causa. Porque eu estava com medo de que você estivesse aqui sozinha. Era tudo muito bom em Londres. Eu era feliz lá. Mas voltei por você, e isso me garante o direito ao seu respeito. Você pode me odiar e

pensar que sou uma vadia hipócrita, mas você vai me tratar com respeito, porque voltei por você.

Mais uma vez, aquele maldito encolher de ombros! Naquele momento, com a exasperação surgindo dentro de si, Sonja não podia imaginar que, em uma manhã calma, dali a oito anos e meio, depois de sua irmã ter desaparecido pela segunda vez, ela acordaria em uma cama de hospital com os ombros tão duros quanto suas clavículas e que os encolheria uma vez, duas vezes, sem conseguir relaxá-los; ela se lembraria do encolher de ombros de Natasha, tão fluido, tão fácil, e essa seria a primeira e definitiva coisa que saberia: que onde quer que estivesse, Natasha estaria encolhendo os ombros.

— Você quer que eu lamente porque você deixou sua vida agradável em Londres? É você a vítima aqui, é isso que está dizendo? Talvez você devesse falar com um psiquiatra sobre isso, Sonechka. Não, você que cometeu um erro ao voltar aqui por mim — afirmou Natasha, tão simplesmente como se ainda estivesse lendo o dicionário. — Assim como eu cometi um erro saindo daqui por você.

Talvez uma janela tivesse se aberto; talvez uma brisa tivesse deslizado em meio às paredes, limpando o ar, porque Sonja sorriu e disse:

— Somos irmãs. Dessa forma, pelo menos, somos irmãs. — Ela respirou fundo, agora que cada uma delas dissera o que tinha a dizer. — Comprei uma lembrança para você — disse, surpreendendo até a si mesma. — Em Londres.

Mostrando grande controle, Natasha não encolheu os ombros.

— Que tipo de lembrança?

— Não vou dizer. Vou guardar para mim mesma.

— Não é uma lembrança se você ficar com ela.

— É claro que é. É um presente para mim. Eu mereço.

— Por que você não me deu? — Natasha havia se sentado e inclinado a cabeça em direção à irmã.

— Porque — explicou Sonja, pegando o dicionário e passando as páginas rapidamente por seu dedão — você está sempre me irritando.

— O tempo todo?

— Me tirando do sério.

— Eu não iria querer mesmo que você me desse — retrucou Natasha.

— Ótimo, porque não vou dar.

— Aposto que é um livro sobre intestinos.

— Você sabe que eu ficaria com isso para mim — disse Sonja. — Agora vou lhe dar.

— Por quê?

— De quantos livros sobre intestinos uma mulher precisa? Eu o troco com você por uma promessa — propôs Sonja.

Natasha tinha começado a aprender clarinete aos doze anos e Sonja com dezesseis na época, já frequentando as aulas na universidade, ouvia cada chiado, cada trinado, cada sopro através da parede fina que as separava. Ela pagava à irmã, por hora, para que não praticasse. Aquele mesmo brilho de oportunidade fácil voltou aos olhos de Natasha.

— Que promessa? — perguntou.

— Prometa que vai ao hospital comigo amanhã.

— E?

— E nada. Apenas isso. Se você achar que está bem o suficiente.

— O quê, você acha que não estou?

— Não, não. Não estou dizendo isso.

— Sei o que você está tentando fazer — observou Natasha. — Tudo bem. Prometo.

Sonja foi ao seu quarto e voltou um minuto depois.

— Feche os olhos — disse, e entregou à irmã um objeto retangular bem firme envolto em uma sacola de plástico.

— O que é isto? Um boneco? — perguntou Natasha, puxando-o do saco.
— Sou uma mulher adulta.

— Não é um boneco. É um quebrador de nozes na forma de um guarda do Palácio de Buckingham.

— Quem são eles?

— Eles ficam do lado de fora do palácio da rainha. Não estão autorizados a rir. Apenas ficam parados lá. Não são muito bons de guarda, pensando bem. Simplesmente ficam lá. Você pode vestir um poste de iluminação e ter um guarda tão bom quanto eles.

— Sim — concordou Natasha, acionando a boca do quebrador de nozes para cima e para baixo. — Ruim como guarda e pior como lembrança. Como devo chamá-lo?

Sonja mordeu o lábio.

— Que tal Alu?

— Alu, a lembrança péssima, chata e inútil.

— Sim — confirmou Sonja. — Esse é o nome perfeito para ele.

— Estou um pouco decepcionada. Você passou cinco anos em Londres e tudo o que eu ganho é um boneco?

— O verdadeiro presente foi a minha ausência.
Finalmente, um sorriso.

* * *

Na manhã seguinte, o hospital estava tranquilo. Esperavam por Sonja apenas os poucos pacientes que Maali não conseguira assustar com a promessa de curá-los com uma amputação: uma torção no tornozelo, um caso de resfriado comum, nada urgente. Ela conduziu Natasha em meio a alas fantasmas de laboratórios e salas de exame desertas. Pombos se empoleiravam em bolsas de soro rasgadas. Uma tampa de bueiro, levando a lugar nenhum, encontrava-se na radiologia. Os quartos pareceriam inalterados oito anos e nove meses depois, quando Sonja passasse por eles com Akhmed. A heroína em pó, fornecida pelo irmão de Alu, ainda estaria encostada na parede do armário do refeitório, mas, quando ela o acompanhasse por ali, o faria sem preocupação, sem se perguntar se as veias dele, como as de sua irmã, poderiam formigar com a proximidade da droga.

— Houve um tempo em que este departamento de oncologia esteve entre os principais do gênero na União Soviética — contou ela, enquanto se arrastavam para uma sala cujas maçanetas e luminárias haviam sido levadas.

— Membros do Partido vinham de lugares tão distantes quanto Vladivostok para se tratar.

Elas pararam diante de uma imensa máquina de ressonância magnética que o ex-diretor do hospital adquirira sacrificando sua pensão, seu casamento e toda a cor de seus cabelos.

— É uma pena não podermos usar isto, um único exame acabaria com o gerador. A um metro de seu pé, o contorno cor de bronze de uma cápsula de bala era delineado pelo pó. — Além disso — acrescentou —, há tanto metal incrustado aqui que o campo magnético transformaria a sala em uma galeria de tiro.

O passeio terminou na maternidade do quarto andar, onde uma mulher que tinha dado à luz na noite anterior sorria para todos em plácida exaustão. Sua filha nascera com um problema em um dos pulmões, mas o médico de plantão havia agido rapidamente e a criança sobrevivera. A mãe segurava o bebê contra o peito. Os pequenos lábios da criança contornavam seu mamilo. Ela sorriu quando as duas se aproximaram.

— Deus é grande. Ela vai viver — disse a mãe em uma cadência lenta para deixar claro que as duas declarações eram logicamente dependentes. Ela olhou para Natasha, confundindo seu moletom branco com um jaleco. — Estou muito feliz por você estar aqui.

— Não sou ninguém — disse Natasha.

— Bobagem — retrucou a mãe. — Você salva vidas.

Natasha cruzou os braços, e Sonja não podia ver aquilo, não tinha como saber daquilo, mas, naquele momento, quando Natasha abaixou a cabeça, olhou para a palma da mão, para o chão, para Sonja e de volta, ela acreditou que a temperatura do corpo de ambas subiu em alguma fração, que isso elas compartilhavam. O bebê terminou de mamar e inclinou seu rostinho quadrado para cima.

— Você quer segurá-la? — perguntou a mãe.

— Não — respondeu Natasha, levantando a testa.

— Bobagem — retrucou a mãe. — Você quer segurá-la.

— Preciso ir, mas você fica aqui. Há um caso de resfriado necessitando da minha atenção — sussurrou Sonja enquanto Natasha tomava o bebê nos braços.

* * *

Naquela manhã, nas alas cavernosas do hospital, o cérebro de Natasha por fim se acalmou. Quando a recém-nascida fungou estranhamente em seu peito, ela olhou em seus olhos e viu um mundo de apenas dois dias de idade. Aqueles dois quilos e meio a endireitaram, alteraram sua perspectiva para um futuro mais bondoso do que a experiência a havia ensinado a esperar. Na manhã seguinte, ela acordou quando Sonja acordou, saiu quando Sonja saiu, e na manhã depois daquela e na seguinte.

Deshi e Maali, suas superiores, eram enfermeiras e gêmeas. Deshi, no décimo primeiro de seus doze amores, lembrava-lhe Sonja, e ela preferia Maali, a dezoito minutos mais nova, que tratava doenças e lesões como brincadeiras de um Deus ofegante de tanto rir e sugeria amputação para cada tosse, gripe, úlcera e infecção ocular que tinha a infelicidade de se consultar com ela. Na maternidade, Natasha limpava toalhas, lençóis, o piso de linóleo, tubos e mangueiras de plástico, mamadeiras, bundas de bebê e comadres. As pontas de seus dedos ficavam avermelhadas pela água sanitária, e naquela dor

boa e naquelas mamadeiras limpas ela se via aquecida pelas pequenas indicações de sua atividade. Nos raros momentos de pausa em seu dia, voltava o olhar para as janelas cobertas com madeira. Tudo começou com alguns ângulos retos marcados a lápis na madeira compensada. Ela não sabia o que estava desenhando até que aquilo tomou forma. Dois quadrados, um em cima do outro. Na descida do lápis, uma linha reta tornou-se uma calha, a fluorescência pulsando acima da sua cabeça virou um sol vespertino azulado, e uma pequena curva de nó de madeira transformou-se no cabelo castanho de uma secretária soprado para trás por um ventilador de mesa. Desenhando pelas divisões na madeira compensada, Natasha repartiu o edifício em pavimentos, os pavimentos em janelas, as janelas em painéis. Familiar, mas ainda flutuava a um centímetro de sua memória; ela inseriu uma bandeira soviética sobre a entrada em arco, pombos no mastro e uma forte brisa vinda do Oeste, para que a bandeira fosse atingida a cada esguicho de cocô de pombo. O lápis ia manchando a palma de suas mãos enquanto ela dragava o prédio de suas ruínas. Quando terminou, escreveu o nome daquele lugar em cirílico acima do toldo. Departamento Estadual de Licenciamento e Registro de Veículos de Volchansk. É claro que parecia familiar; houve um tempo em que ele ficava do outro lado da janela.

Durante semanas e meses, à medida que minutos de descanso tornavam-se horas, e as horas, dias, ela acrescentou tílias e álamos, postes enferrujados, linhas de transmissão caídas, telhados de pedra, um horizonte de antenas de televisão, varais curvados pelas roupas molhadas, fitas de fumaça desprendendo-se de escapamentos, calçadas e bancas de cigarros e tudo de que conseguia se lembrar. Não desenhou hidrantes.

Pelas suas costas, e depois na sua frente, Deshi e Maali opinavam.

— Uma coisa pavorosa — criticou Deshi, pensando que Natasha tinha ido ao estacionamento para fumar.

— Completamente incorreta — concordou Maali. A enfermeira entendia o que era ser a irmã mais nova, mesmo que por apenas dezoito minutos, e foi sua crítica a que mais feriu Natasha. — A perspectiva está fora de esquadro. Não é possível ver uma parte tão grande do Parque Municipal daqui desta janela.

— Talvez não devêssemos ser tão duras — ponderou Deshi. — Ela nunca viu realmente a vista desta sala.

— Esse é o problema, não é? Ela está desenhando algo que nunca viu.

— Ela nem sequer é chechena.

— Seu maior defeito.

— Ela merece piedade em vez de desprezo.

— Estamos aposentadas há três anos — lamentou Deshi. — O que estamos fazendo aqui, afinal?

O cigarro apagado deu um salto mortal de seus dedos quando ela empurrou a porta, passou entre as duas que a criticavam e fechou a cortina sobre as janelas de madeira. Natasha havia se sentido mais humilhada antes, porém nunca por pessoas em quem confiava. Pegou o isqueiro do balcão e passou pelas enfermeiras empurrando-as, mas o aperto de Maali, surpreendentemente firme em seu punho, a segurou.

— Deixe-me adivinhar — ironizou Natasha. — A única maneira de corrigir o mural é amputar a mão que a desenhou.

Maali sorriu.

— Não é assim tão grave.

— Sério? — Ela sentia-se estranhamente honrada porque Maali não queria cortar sua mão.

— É só que nunca houve uma parada de ônibus no cruzamento da Avenida Lenin com a Rua Burocrata Municipal. Sei disso porque olhei para aquela esquina por trinta anos.

— Vamos ajudá-la — acrescentou Deshi.

E sob a orientação conjunta de olhos que tinham estado por cerca de sessenta anos de frente para as janelas da maternidade, ela apagou e redesenhou, varreu os grânulos de borracha, apagou e redesenhou mais uma vez. Deshi e Maali discutiam cada placa e poste, cada árvore do Parque Municipal, cada loja, banca e semáforo; elas haviam olhado de janelas diferentes para diferentes cidades, e, enquanto tentavam trazer ambas de volta, Natasha criou a sua própria. Sombreou os edifícios com cinzas e carvão, recortou anúncios de revistas não lidas ainda empilhadas na sala de espera e colou pedaços coloridos em toda a madeira compensada. As ondas azuis de um *resort* no Mar Negro tornaram-se o céu. Chicletes de menta viraram folhas de tília. Algumas tardes, as enfermeiras se perdiam no mural, apontando para as esquinas distantes e vielas como se fossem imagens desbotadas em um álbum de fotos. A grelha de ventilação da rua, finamente detalhada, através da qual certa vez soprou uma nota de mil rublos, e Deshi pôde capturar três meses de aluguel no ar. Os tubos de gás acima do solo nos quais a mãe das enfermeiras pendurava a roupa lavada, e seu pai, uma rede. Ou o asfalto do pátio da escola, onde o filho de Maali tinha brincado de

soldado anos antes de a guerra levá-lo. Dezesesseis anos depois, quando o vidro substituiu as chapas de compensado, os murais de Natasha foram para o armário do quarto de Sonja, onde permaneceram um tesouro privado por sessenta e três anos, até que o tetraneto de Maali, um historiador artístico, os colocou em exposição no museu de arte da cidade.

* * *

Natasha estava estudando sua cidade quando as enfermeiras chegaram na manhã em que ela realizaria o terceiro parto sozinha.

— Vai ficar agitado — previu Maali, não sem alegria. Com o casaco, o sobretudo e a capa de chuva de Natasha pendurados em ganchos diferentes, o cabideiro sugeria uma ala cheia de funcionários. — Ouvimos as minas terrestres na entrada.

Deshi fez um meneio com a cabeça.

— Você gosta demais deste trabalho, irmã. Temo que haja uma lesão na sua cabeça.

— Pena que não se pode amputar uma cabeça.

— Mas se pode, sim. É chamado de decapitação.

Maali anotou aquilo animadamente em sua prancheta.

— Iremos todas trabalhar na traumatologia hoje — avisou Deshi.

— E se houver partos? — perguntou Natasha.

— Então, você os fará, Natashechka. Não é difícil realizar um parto. A mãe faz a maior parte do trabalho.

As primeiras vítimas chegaram meia hora depois; o calor vermelho irradiava de suas peles. Natasha desinfetava as extremidades feridas de uma panturrilha quando Deshi apareceu para chamá-la.

— Temos um parto. Vá.

A paciente estava vestida e deitada sobre a cama da maternidade. Seu rosto pulsava nos lençóis brancos, tão vermelho e angustiado quanto aqueles quatro andares abaixo. Dois homens a ladeavam, cada um deles segurando-lhe uma das mãos. Natasha reconheceu a fenda no queixo do homem mais velho, mas aquele não era o momento para pausa nem reflexão; era hora de agir. Ela ficou entre as pernas pálidas e abertas da mulher, tentando não olhar para baixo.

— Há três minutos de intervalo entre as contrações — avisou o homem

mais novo. Ele falou com a formalidade hesitante de um leigo.

Era tudo de que ela precisava para se lembrar do que fazer.

— Durando quanto tempo?

Ele não sabia. O suor brotava na testa da mulher e escorria em direção às têmporas. Depois de lavar as mãos até os pulsos e esfregar desinfetante até os cotovelos, Natasha calçou um novo par de luvas. Outra contração teve início; todos eles ouviram.

— Você sente como se fosse fazer cocô? — sussurrou ela no ouvido da mulher, com medo de envergonhá-la na frente do marido.

A mulher fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— O que você perguntou? — quis saber o homem mais jovem. — Ela está bem?

— A criança está no canal de parto, fazendo pressão sobre o reto, isso é tudo.

Aquelas pessoas não sabiam nada sobre Natasha, e ela extraiu confiança suficiente de sua ignorância para manter o tom de voz. Elas não sabiam que seu nome era Natasha, que fizera apenas dois partos sozinha, uma e três semanas antes; que seis meses antes, quando se desintoxicava em uma ala psiquiátrica em Roma, Deus a puxou por um buraco de agulha tão estreito que aquele fiapo na frente deles era tudo o que restara.

Ela disse à mulher que levantasse as perninhas pálidas e colocasse os pés nos suportes, o que ela fez. Depois, puxou o vestido da parturiente enrolando-o como um bambolê em torno de sua barriga. Eles pensavam que Natasha sabia o que estava fazendo, e ela tomou para si a fé daquelas pessoas.

— Meu peito dói — queixou-se a mulher.

— Você precisa respirar.

— Meus olhos doem — continuou a mulher.

— Você precisa piscar.

Por precaução, acomodou duas almofadas no chão, sob as pernas abertas da parturiente. A força do aperto da mão da mulher esmagou os dedos do homem mais velho deixando marcas vermelhas por torção.

— Já vi você antes — observou Natasha, mas isso foi engolido por um gemido da mulher. — Empurre. Empurre.

Um tapete de cabelo úmido cercado por cachos pubianos começou a coroar.

— Suavemente — orientou ela, estendendo as mãos quando o tapete de cabelo tornava-se uma cabeça. — Respire fundo. Respirações lentas. Imagine

que você está inflando um balão. Suas respirações são lentas e profundas. Sopre pela boca no ponto mais doloroso de cada contração. Tente assobiar.

Natasha firmou as mãos abaixo do crânio que surgia. O instinto lhe dizia que posicionasse a palma da mão atrás da cabeça da criança, para que sua primeira sensação fosse de calor e conforto, porém ela manteve a largura de um dedo entre a pele da criança e a sua própria. Maali a advertira de que nunca tocasse a cabeça de uma criança antes de ver seu rosto; esse ato poderia fazer com que o bebê inalasse líquido amniótico. Contudo, não foi a criança que engasgou, foi Natasha, enquanto observava a testa úmida surgir. O canal de nascimento circundava cada pedaço de pele à medida que a mãe fazia a criança deslizar para a vida. Seus pequenos olhos não se moviam. Longe dali, a mãe esvaziou os pulmões em uma melodia disforme. Todos inalaram seu assobio.

— A cabeça saiu — anunciou Natasha, tentando ao máximo, em prol do decoro profissional, conter o alargamento do sorriso em seu rosto.

A mãe empurrou, e a sala emudeceu, refreou-se, contraiu-se com seu esforço. Os ombros ficaram presos. Com o mais delicado giro de suas mãos enluvadas, Natasha moveu a cabeça da criança para que suas pálpebras olhassem para a carne pálida da coxa da mãe. O ombro direito deslizou para fora. Ela levantou a cabeça da criança e, quando o assobio seguinte da mãe empurrou o ombro esquerdo, o resto escorregou para suas mãos como um reflexo posterior.

Natasha levantou o cordão umbilical sobre o rosto do recém-nascido, com o peso quente e molhado da cabeça pressionando a palma de sua mão. Então, inclinou a criança em direção ao chão.

— Uma menina — disse.

O bebê abriu os olhos e um arrepio cortante a percorreu por saber que eram dela as primeiras mãos a segurar a garota.

— Ela não parece bem — notou o pai.

Natasha esfregou as costas da menina com uma toalha e, em seguida, inclinou a cabeça para abrir as vias aéreas. Acariciou o nariz da criança, secou sua boca, aspirou resíduos com uma seringa de plástico, fez cócegas em seus pés, mas o bebê ainda não tinha chorado. Ela deveria descer as escadas correndo e pedir ajuda? Poderia usar técnicas de reanimação em uma recém-nascida? Pressionou os dedos nas solas macias e empapadas dos pés da criança, e implorou que eles a chutassem de volta. Nas extremidades dos pés, os dedos salientes pareciam estar errados, tão enroscados e delicados que

podiam afundar de volta na carne pastosa. Estes são os pés de um ser humano que você trouxe para o mundo. Ela não vai morrer.

E não morreu. Os lábios se retraíram até as bordas rosadas de sua gengiva sem dentes. Uma aspiração forte.

— Ela está respirando.

— Consigo ouvir — disse o pai. A menina chorava fraquinho. — Ela respira como a mãe.

Natasha acomodou a bebê sobre a pele nua da mãe. A mulher olhou através de uma moldura de cabelo úmido e reconheceu a filha; ambas estavam respirando. Um líquido rosado escorria da boca da menina, pingando na saliência da barriga ainda inchada da mãe. Com uma toalha limpa, Natasha enrolou as duas juntas.

— Você deve iniciar a amamentação assim que se sentir capaz — explicou Natasha. Ela não precisava tomar a confiança deles emprestada. Era dela. — Isso ajudará a placenta a sair e parar o sangramento.

A mãe assentiu alegremente com um aceno fraco de cabeça. Sua voz era desconhecida quando falou. Natasha só a ouvira aos gritos.

— Esta é minha filha?

— Sim — respondeu Natasha, permitindo-se, por fim, um sorriso. — Ela é sua.

O homem mais velho se aproximou enquanto ela lavava as mãos sob a torneira que respingava. Havia muito ainda para limpar, mas, primeiro, suas mãos. Ele lhe agradeceu.

— A mãe fez a maior parte do trabalho — comentou ela. Em suas rugas Natasha reconheceu seu rosto como em uma fotografia amassada e alisada. — Já vi você antes.

— Já estive em Eldár?

Em um caminhão, com outras cinco mulheres.

— De passagem — respondeu Natasha.

— E na cidade universitária? Lecionei lá. E no Café Standard? Eu gostava das noites de *bebop* ali. Você gosta de *bebop*?

— Não gosto de trompetes.

— Mas e se um trompete estiver tocando a música que você gosta?

Ela pensou em parafusos frouxos tremendo na pista de dança do Nightclub.

— A música de que gosto não pode ser tocada em um trompete — respondeu.

— Se não pode ser tocada em um trompete, não é música.

— Meu nome é Natasha — apresentou-se ela, sorrindo.

— Khassan Geshilov.

Repetindo o nome em voz alta, ela lembrou da foto em preto e branco na sobrecapa.

— Li seu livro.

Ele deu uma risada tímida.

— Foi você?

— O livro acaba antes de os russos chegarem. Uma decisão tola, se quer saber minha opinião.

— Ah, se você tivesse sido minha editora! *Origens da civilização chechena* — disse Khassan, afetuosamente, como se ele também tivesse se esquecido do título. Virou-se para as janelas de madeira. — Esta é a cidade inteira, não é?

— Tanto quanto se pode ver da janela.

Khassan passeou pelas ruas sombreadas de cinza e pelas folhas verdes, estudando a cidade para que pudesse se recordar mais tarde. Deteve-se em um cruzamento entre o Parque Municipal e a biblioteca da universidade, hesitou e pressionou o dedo na rua.

— O amor da minha vida quase foi morto por um ônibus aqui. Ela andava me seguindo, e eu só descobri no momento em que aconteceu, com o guincho dos pneus do ônibus.

— Você tem perseguidores? Não é de admirar que não tenha tido tempo para escrever sobre os russos.

— Essa é uma história para outro dia. — Ele olhou de volta para a recém-nascida. — Vamos nos apresentar.

O pai da criança e o historiador se abraçaram, com toda a gratidão e felicitações silenciosamente presas entre seus braços. O pai pegou a menina, erguendo-a do corpo da mãe. Seus dedos longos a seguraram.

— Que nome dará a ela? — perguntou Natasha.

— Havaa — disse o pai. — Havaa.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

O pai de Havaa nunca mais jogou xadrez depois da última viagem para as montanhas com Ramzan em janeiro de 2003. Ele passava os dias preso como uma moeda entre as almofadas do sofá. O suor escorria pelo colarinho de sua camisa, deixando uma borda da cor de grãos de mostarda esmagados. Seus dedos estavam... Bem, não se pode dizer que *curados* seja a palavra certa. Os tocos haviam endurecido em pedaços cor-de-rosa que se elevavam da trama de suas palmas. Ele lutava para abotoar a camisa, abrir a porta, comer, amarrar os sapatos, e Havaa, insistente e inflexivelmente, tornou-se suas mãos.

O calor do verão seguinte foi tão intenso que seria necessário um outono extra para dissipá-lo de vez. Sua mãe escondia a cintura sob saias largas e aventais, recusando-se a usar roupas de gestante. Havaa continuava a dormir no quarto dos pais em um colchão tão fino que podia sentir o relevo dos pregos no chão. Refugiados ainda chegavam, vestindo mais roupas do que o necessário e desorientados, e seu pai ainda os acolhia.

Naquele verão, as folhas despencavam com o calor. Caíam assadas a seus pés e nelas se arrastavam pequenos insetos que faziam suas casas nas marcas de sua bota. Havaa caminhava como se a floresta fosse algo frágil, com cuidado para desviar de mudas tão finas que se inclinavam com a brisa. Seu pai lhe dissera que o interesse soviético pela madeira havia controlado a floresta antes das guerras, porém ela não conseguia encontrar um toco de árvore no seu lado da floresta, e correias de serras enferrujadas, enterradas como relíquias de uma civilização anterior, eram a única evidência da antiga atividade.

Bandos de aves migratórias se agarravam em ramos sombreados. Lagartos se escondiam nas trilhas de orvalho deixadas pelos cervos. Certa vez, ela viu um lobo passando entre os troncos das bétulas, com a língua rosada pendendo da boca aberta e a luz do sol brilhando sobre suas presas. Quando o lobo a viu, meio escondida atrás de um carpino branco, apontou as orelhas para

cima. Ele encontrou os olhos de Havaa entre as folhas e os estudou, interrogativamente, e ela olhou para trás, nervosa, mas sem muito medo, até que chegaram a um entendimento, e o lobo continuou a passear através das longas e encantadoras sombras. Apesar de seu pulso acelerado, ela sentia somente pena do animal, sufocado como estava, sob aquela pesada pelagem prateada.

Ela visitou Akim muitas vezes naquele verão. Seu retrato sobrevivera às geadas de fevereiro e ao degelo de março, mas até mesmo o verniz, manchado como protetor solar espalhado em suas bochechas, não poderia salvá-lo do calor do verão. Seu rosto desfaleceu e desbotou. Como o verão o envelheceu. Em vida, ele preferira o frio e sonhava visitar o polo Norte. Dali a dezoito anos, seu irmão mais velho, um geólogo, enterraria o que restara do retrato de Akim na neve do Ártico, não exatamente no polo Norte, contudo perto o suficiente para fazer a agulha de uma bússola girar.

A visão do rosto meio apagado de Akim deixou Havaa desanimada; porém, a uma hora de caminhada da vila, ela encontrou a solução, que vigiava um campo não cultivado. O espantalho usava um saco de estopa e calças azuis desbotadas pelo sol, e sua cintura recheada de palha era maior do que a de qualquer morador da vila. Um pano sem rosto abarrotado de folhas mortas ficava onde deveria estar a cabeça. Corvos se empoleiravam na aba de seu chapéu e ratos se aninhavam nas dobras das mangas de sua camisa. Os pais de Havaa advertiram-na de que não se aventurasse nos campos, mas a chance de prolongar a vida de Akim superou seu medo mais uma vez. Dando cada passo com cautelosa deliberação, ela alcançou o espantalho. Um poste de madeira, enraizado no solo, empalava o corpo mole de palha. Ela chutou o poste e depois escavou sua base. A terra arranhava seus joelhos, e ela arranhava a terra de volta. O espantalho pendeu com o poste, braços e pernas pendurados para trás como um refugiado desmoronando na cama. Ratos correram das mangas quando estas finalmente tocaram o chão. O céu reluzente concentrou-se todo em Havaa no momento em que ela amarrou um pano em volta da ponta lascada do poste, agarrou e puxou. A cabeça do espantalho balançou quando caiu ao longo dos sulcos. Seus braços se esticaram por todo o solo seco, como se estivessem à procura de minas.

Foram necessárias três tardes para que ela juntasse o corpo de palha à cabeça de Akim. Quando o sol se pôs, na primeira noite, Havaa colocou o espantalho para dormir na parte mais seca de uma vala na estrada. Na noite seguinte, o escondeu na sombra de uma árvore caída. Por fim, encostou o

tronco desfalecido na árvore e, segurando as alças azuis de borracha de tesouras de jardinagem, decapitou, com uns poucos estalos enferrujados, a cabeça de pano sem rosto. Cavou um pequeno buraco, arrastou o poste e fincou o espantalho. Palha dourada se projetava de seu pescoço, dando uma barba a Akim, porém algumas tesouradas o barbearam. Embora o espantalho parecesse melhor, ele ainda não era mais do que um corpo frouxo e sem vida apoiado sob um retrato que estava desaparecendo, necessitando de reanimação. Havaa cortou os próprios cabelos com a tesoura de jardinagem e colou as aparas sobre a cabeça de Akim. Espetou o dedo com uma agulha de costura e esfregou o sangue quente nas bochechas do garoto. Reencenando os movimentos de Akhmed, bateu no peito do espantalho, como ele batera no peito do menino e, quando o sopro da vida irrompeu — o dela própria —, afastou-se e limpou o suor que lhe pinicava os olhos. O ar estava limpo. Suas mãos, marrons de terra. O orgulho movia-se como uma onda através dela, natural e imenso; Havaa acreditava que a felicidade era uma ausência — de medo, de dor, de sofrimento —, porém naquele momento essa emoção rugia nela tão poderosa quanto qualquer tristeza. Ela olhou para seus dedos e os amou. Eles tinham carregado o espantalho por três quilômetros de campo, estrada e floresta sem acionar uma única mina. Havia salvado Akim uma segunda vez.

Enquanto o verão continuava a queimar, ela se deitava de costas e descrevia para Akim as formas das nuvens que via através de brechas nas árvores. Ela se deitava de barriga para baixo e relatava notícias gerais e fascinantes do mundo dos insetos. Reclamava da mãe e do pai, de como Landfill tinha mudado os dois e de como o ar seco da noite entrava em combustão sem refugiados para apagar a tensão. O silêncio, ela aprendera, era mais seguro do que perguntas. Mesmo enquanto a barriga de sua mãe crescia, Havaa reservava seus comentários e perguntas para Akim, que, na morte, a tratava mais gentilmente do que jamais fizera em vida.

Ela estava sentada ao lado de Akim quando ouviu os gritos de sua mãe, confundindo-os primeiro com a brisa através do matagal, mas o ar estava denso e parado, e o vento não pediria ajuda. Ela correu para casa. Viu a mãe deitada no chão debaixo de um avental ensopado de sangue. Seu pai e Akhmed encontravam-se ajoelhados ao lado dela.

— Ela está sangrando — dizia Akhmed. — Não sei o que fazer. Precisamos levá-la para o hospital.

Havaa esperou com o pai enquanto Akhmed correu até a casa de Ramzan

para pedir emprestada a caminhonete. Com a voz trêmula, seu pai ficava pedindo à mulher pálida — que se parecia com sua mãe e usava o avental de sua mãe, mas não podia ser sua mãe — que o perdoasse. Se ela vinha morrendo a cada minuto de cada dia, eles poderiam ter sido uma família feliz. O sangue tomava cada centímetro do tecido do avental e Havaa temia que a ferida passasse para ela se chegasse muito perto. Sua mãe agitou-se, olhou para seu pai, e passou seus cinco dedos sobre os que o marido não tinha. Ela abriu a boca, porém ele fez um aceno negativo com a cabeça, disse-lhe que poupasse o fôlego, e Havaa sempre se lembraria de como ele a fez calar o que poderia ter sido seu adeus para que ela pudesse respirar.

O cascalho fez barulho do lado de fora e Akhmed correu para dentro, agora na sala de estar, agora ajoelhado no chão, agora levantando a cabeça da mulher, que não seria, não poderia ser, mas era sua mãe. Seu pai tentou ajudar, contudo ele não conseguia nem sequer afastar o cabelo que estava sobre os olhos dela. Eles deixaram Havaa na casa gritando-lhe instruções pela janela do carona que foram engolidas pela estrada antes que a menina pudesse pedir explicações. A estrada se expandiu, tornando-se uma nuvem na qual a caminhonete caiu. Ela pediu a Alá que salvasse sua mãe, e, como sua oração desapareceu na poeira, perguntou-se se deveria pedir de novo em árabe.

Havaa foi, então, para o quarto dos pais e abriu a primeira gaveta da penteadeira. Passou as mãos com dificuldade por entre as frias moedas redondas, revolveu lenços de seda e pulseiras de couro. Encontrou-a no fundo da gaveta. Estava envolta em um lenço de algodão, ao lado das joias que sua mãe experimentava quando pensava estar sozinha. Mesmo através do lenço seus dedos se lembraram de como segurá-la. O nó era simples, frouxo, e desfez-se com um puxão. O acabamento prateado brilhava como se nos meses de escuridão tivesse poupado seu reflexo. Ela a segurou como Ramzan ensinara. Perto do peito. Como se estivesse carregando um jarro d'água. O que estava na outra extremidade do cano não importava. Ela não conseguia ver além do gatilho. O mundo inteiro estava uivando e se ele continuasse, se não parasse, ela deixaria o cano responder.

Havaa se lembraria do metal frio se aquecendo em suas mãos, de como o agarrara como se fosse um corrimão. Mais tarde, saberia que Akhmed tinha gritado instruções enquanto dirigia; seu pai as executou tão bem quanto suas mãos permitiram. Ela jamais entenderia por que Akhmed não pensara em levá-la quando precisava de um segundo conjunto de dedos. Na partida em

pânico, ninguém se lembrou da carteira de identidade de sua mãe. O sargento no posto de inspeção fez muitos gestos com a cabeça demonstrando compaixão, e, em seguida, explicou que simplesmente não havia nenhum meio de permitir que ela passasse sem a devida identificação. Há poucas regras na guerra, continuou ele, mas as que existem devem ser seguidas, porque, se uma regra tão simples quanto aquela fosse quebrada, então não poderiam as mais complexas, complicadas, ou, na opinião de alguns, até absurdas, regras da Convenção de Genebra ser quebradas com facilidade ainda maior? Seu pai levantou as mãos em resposta, porém o sargento, um homem que havia crescido em uma cidade de mineração acima do círculo Ártico e achado o clima checheno tão bom que renovara seu contrato por três vezes, tinha visto coisas piores. A mãe de Havaa morreu e a discussão continuou por alguns minutos antes que alguém notasse.

A arma foi enterrada no fundo da gaveta antes de seu pai voltar. O olhar em seu rosto disse-lhe o que havia acontecido e aquilo a feriu mais profundamente do que qualquer coisa que ela já sentira, com profundidade suficiente para mudar de a coisa que ela sentia para a coisa que ela era. O amor, ela aprendeu, poderia reduzir seu destinatário a algo essencial, tão importante quanto comida ou abrigo, cuja presença não é apenas desejada, mas necessária. Contudo, mesmo nos dias em que corria para Akim na floresta, sua dor não era complicada por culpa. Ela não tinha causado a morte da mãe nem contribuído para isso. Ela não poderia tê-la salvado.

Essa foi a diferença no modo como Havaa lamentou a perda de cada um de seus pais. Um ano e meio depois de sua mãe ter morrido, a menina sofria por ela de forma equilibrada porque não tinha culpa. No entanto, quando as forças de segurança foram atrás de seu pai três noites antes, ela poderia ter apanhado aquela pistola e apontado para o primeiro rosto a aparecer na porta chutada. Poderia ter disparado todos os doze tiros, deixado cair os cartuchos, se abaixado e recarregado, como Ramzan lhe ensinara.

Mas não foi o que ela fez. Em vez disso, obedeceu ao comando rouco do pai e correu pela porta dos fundos e para a segurança da floresta com sua mala “apenas no caso de” pré-preparada. As sombras dos agentes federais se moveram do outro lado das vidraças. A estante virou e as capas dos livros se abriram como asas sobre uma barriga de penas brancas sujas de tinta. Na sala de estar, os homens se reuniram olhando para o chão. Por trás do tronco mofado, Havaa não conseguia entender do que eles estavam rindo, e, como não tinha condições de ver dali, ainda podia acreditar que não era de seu pai.

Ela chupou neve, respirou pela boca, a respiração invisível no frio. Os ombros dos homens estavam tensos com um peso que não se via. Eles desapareceram, reaparecendo na janela seguinte, e ela se arrastou para a borda da clareira até que pôde ver o caminhão estacionado. A fita adesiva colada sobre a boca de seu pai se enrugava. Ao ver que eles haviam prendido até suas mãos com fita adesiva, ela teria disparado três tiros imediatamente, se tivesse a pistola. Mas não havia nenhuma arma. A Makarov prateada não estava na gaveta da penteadeira já fazia algum tempo.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

A pistola Makarov prateada foi tudo em que Ramzan pensou nas duas semanas que antecederam o desaparecimento de Dokka, nas quais ele não conseguiu evacuar uma única vez. Todas as manhãs, aventurando-se no frio com nada além de um roupão e botas de pele de cordeiro, ele dobrava a esquina da casa, passava pelas gotas de gelo que preenchiam os buracos das calhas e pelos ramos congelados dos galhos de bétulas caídos e descia a íngreme ladeira até as pinhas espalhadas, que tinham formado um monte na altura dos tornozelos na porta do banheiro externo. Lá dentro, sentava-se com os cotovelos enterrados nos joelhos, com o corpo tão apertado que o deixava com o rosto vermelho e sem fôlego. Flocos de neve caíam através da metade que faltava do telhado, pousando na parte de trás do seu pescoço e derretendo-se em suor. Seu escroto era um porta-moedas vazio achatado entre as pernas. Ramzan não era capaz de gerar nem mesmo uma porção macia de excremento. Como os dias vinham se acumulando sem que nada fluísse, ele alterou sua dieta, já limitada ao que o pai não jogava aos cães. Parou de comer sua refeição favorita de carne bovina curada e temperada com páprica, pimenta e coentro, o suntuoso jantar que o pai lhe concedia uma vez por semana. Tirava a manteiga do pão e, durante o dia, comia apenas as maçãs a que o pai antes dava preferência. Ansiava por hortaliças. Hortaliças! Cruas e folhosas, insípidas e vulgares, sim, pepinos e nabos e beterrabas. Assombrado pelo que sabia serem desejos femininos, ele era desmoralizado uma segunda vez, todavia nem mesmo a intimidade de sua vergonha poderia repelir seu desejo por repolho e couve-de-bruxelas, por fibras varrendo seu organismo como as cerdas de uma vassoura enfurecida. Ainda que se rebaixasse, solicitando hortaliças em suas provisões quinzenais das forças de segurança, receberia apenas algumas cabeças de alface amarelas e congeladas, que seu pai, sem dúvida, usaria para alimentar os cães que latiam no quintal. Ainda assim, ele tinha cada vez mais certeza de que não era o excesso de carnes curadas nem a escassez de vegetais na sua dieta, mas a conversa com o

coronel cossaco que havia fossilizado seus intestinos. Ramzan pensou em orar, contudo pedir por um laxante espiritual era, com certeza, sacrilégio. Inspirado pelas longas e fluidas evacuações que produzia quando era um recruta de dezoito anos no Exército Vermelho, praticava exercícios de relaxamento após a *fajr*. Vomitou duas vezes com os exercícios, porém não conseguiu expelir sequer um esguicho pálido e aguado. O clima, pelo menos, oferecia conforto. Se havia uma época para a constipação, esta era o inverno. Embaixo da privada de madeira, a fossa congelara-se em uma pedra inodora. Evidentemente, aquilo era preferível ao cozimento das fezes sob o assento de madeira no verão. Ele se sentou. Fez força. Lutando contra o corpo, chegou à conclusão consternadora de que suas vísceras o haviam traído. Até mesmo quando sua extremidade traseira parecia tão fechada como se estivesse amarrada por cordões, ele fazia uma verificação. No entanto, todas as vezes que examinava o quadrado áspero de papel higiênico militar, via que estava branco. Não teve alívio nem mesmo depois de falar com o coronel pela segunda vez e entregar Dokka, duas semanas após a primeira conversa. E três dias após o desaparecimento de Dokka, quando desligou o telefone por satélite e terminou a última das três conversas que teve com o coronel cossaco, Ramzan pensou no que o pai sugerira sobre Akhmed naquela manhã. Poderia ser verdade? Não, não poderia, não mesmo, e ele não conseguia acreditar, não podia permitir aquilo, porque não era mais do que uma manobra para enganar sua consciência e levá-lo a conceder misericórdia. Mas seu pai quebraria o voto de dois anos de silêncio para contar-lhe uma mentira? Não que isso importasse agora. Ramzan já tinha dado o nome de Akhmed ao coronel cossaco. O apelo saído dos lábios orgulhosos do pai naquele dia havia rapidamente se traído, degenerando-se em denúncia, e, sim, ele faria sumir a única pessoa na vila que o pai amava apenas para ensinar-lhe o que era ficar sozinho. Onde quer que Akhmed estivesse, onde quer houvesse escondido a garota, ele não era mais do que um fantasma ainda ignorante de sua morte.

* * *

Havia sido o coronel cossaco, Ramzan chegou a acreditar, que atara o nó em seus intestinos. Seu timbre profundo podia constipar o Volga. A fumaça de três maços diários soprava através de suas frases. Em sua voz havia uma

ameaça aveludada quando ele perguntou a Ramzan se o sol estava brilhando sobre a vila, e a colisão do tom do coronel com a infantilidade da questão deu a Ramzan a impressão de que, para o homem do outro lado da linha, a morte era um risco banal em sua atividade. O sol estava brilhando, até mesmo resplandecendo, todavia Ramzan sentiu-se obrigado a mentir, a dizer que a camada de nuvens estava tão grossa quanto leite azedo, como se uma quantidade suficiente de pequenas mentiras fosse absolvê-lo das verdades maiores reveladas. Mas ele não mentiu. Ele disse que sim. O sol brilhava. O coronel grunhiu em aprovação e depois leu o relatório meteorológico militar sobre a vila. A estática respirava pela transmissão. Ramzan levantou a antena como se fosse um para-raios puxando do céu toda a força da voz do militar. Quando o sinal voltou, o coronel perguntou sobre a pistola Makarov prateada.

Mas quando Ramzan saiu de sua casa no início de dezembro de 2004, duas semanas antes de Dokka desaparecer, ainda faltavam quarenta e cinco minutos antes de ele ouvir a voz do coronel cossaco pela primeira vez. Uma mochila de náilon azul com o tamanho e a forma de um gato morto pendia de seu punho; dentro dela balançava o telefone via satélite. Ele abriu a porta dos fundos e, saindo em direção ao vento, atravessou o campo. O sol iluminava a inclinação congelada do telhado meia-água do banheiro externo, no entanto a privada ainda não havia consumido sua esperança e seu pavor, como logo faria, e Ramzan passou sem olhar para trás, caminhando enquanto a neve endurecia nos passos fundos de suas botas de couro, seguindo o corredor estreito de lençóis duros no varal, sobre a frágil grama amarela, sobre o pedaço de terra em que seus avós estavam enterrados, até chegar à borda irregular do campo e dali à floresta.

A neve deixara o chão espesso. O silêncio de sua casa o seguiu até o bosque. Duzentos metros adentro, levantando a cabeça em um grito longo, ele abriu um buraco no silêncio através do qual poderia andar mais livremente. Seu pai, esperava ele, confundiria aquilo com o uivo lamentoso de sua matilha. Antes das guerras, o inverno fora mais quente. Um meteorologista talvez discordasse, mas a previsão do tempo era um ato de bruxaria infiel no qual não se podia confiar.

Ao longo da caminhada de três quilômetros ele examinou a neve, todavia não encontrou pegadas maiores do que as de um coelho. As condições que permitiram que a floresta vicejasse devastaram sua vida selvagem. A economia da vila dependia da extração da madeira, e, quando esse negócio e sua administração desapareceram junto com a bandeira soviética, os

moradores deixaram de ter meios e infraestrutura para extrair qualquer dinheiro significativo da floresta. Então, eles caçavam. Ajudados pelo influxo de munição de guerra, caçavam cervos, javalis, ursos-pardos e lobos como homens que acreditavam que estariam sempre com fome e que a floresta estaria sempre cheia.

A célula da caça de subsistência por fim sofreu metástase, tornando-se a operação de tráfico de armas que levou os dedos de Dokka e transformou Ramzan em um homem que caminhava três quilômetros em dezembro para dar um telefonema. Seu primeiro gostinho pela negociação surgiu quando trabalhava para uma pequena empresa de artesanato que prosperou sob as regras relaxadas da *perestroika*. Ele varria as montanhas à procura de esculturas de pedra feitas por artesãos xamãs. Os vilarejos que encontrava não eram mais do que ilhas de altitude elevada em um mar de resíduos de mineração, e ele trocava gasolina, suprimentos médicos e comida enlatada por pedra esculpida. Os artesãos sempre escolhiam negociar por meio de um *shura*, um conselho de anciãos, sobre quem o tempo tinha agido como uma substância que repetidamente dissolvera e voltara a congelar seus rostos, e Ramzan, com seus vinte e poucos anos, sentia-se como um intruso entre aquelas criaturas idosas, e quase sempre dava muito mais do que as esculturas valiam. Para ele, as esculturas de patas de cabra, das mãos de uma criança e de um cervo mutilado não valiam o último gole cuspidor de uma garrafa de vodca compartilhada. Ele levava as esculturas a um parque industrial fora de Grozny, onde eram examinadas, avaliadas, encaixotadas e enviadas para países distantes, onde cosmopolitas ricos pagariam grandes somas para exibir o casco de uma cabra chechena.

Em 1999, anos depois de Ramzan ter se aventurado nas montanhas atrás de esculturas, ele trocou carne curada por cartuchos de espingarda de caça em uma vila vizinha. Um soldador local fazia munição caseira. Cartuchos novos tinham um preço proibitivo no mercado negro, então o engenhoso homem preenchia os invólucros com rolamentos de esferas canibalizados de rodas de bondes. Eles trocaram algumas palavras antes de fazerem o mesmo com munições e carne, e logo constatarem que ambos haviam trabalhado no parque industrial. O soldador explicou que, logo após o nascimento de seu primeiro filho, começara a trabalhar como vigia noturno no parque industrial para que pudesse, pelo menos, ter uma boa noite de sono. Os dois falaram sobre como, em 1991, as empresas de artesanato haviam parado de comprar esculturas autênticas das montanhas e passado a produzi-las em massa em

Grozny, com a ajuda de um professor da Faculdade de Belas-Artes e do trabalho escravo de alunos de sua classe de graduação em escultura. A lembrança era um túnel pelo qual a confiança viajava. Eles não tinham nada em comum além das recordações do parque industrial, e isso era o suficiente. Ramzan levou para o soldador os cortes mais frescos de carne, e em troca o soldador deu-lhe uma Kalashnikov. Ramzan voltou até o soldador muitos dias depois, com as pernas traseiras de um urso-pardo sangrando na caçamba de sua caminhonete.

E um dia o soldador desapareceu para se juntar aos que lutavam pela independência. No ano seguinte, Ramzan teve que se esforçar muito para sobreviver. A tarefa, já um grande desafio, era agravada pela diabetes de seu pai. Em um país onde a água limpa era escassa, a insulina seria impossível. Mas Ramzan deu um jeito.

Em uma pequena e modesta fazenda coletiva, conhecida na região como Campos Milagrosos, ele trabalhou como produtor de gasolina para os insurgentes ou para os agentes federais ou, mais provavelmente, para ambos. O oleoduto, que atravessava o pomar de peras abandonado, conduzia petróleo de poços locais para uma refinaria regional, porém a tubulação tinha tantos buracos de bala que a refinaria cessara as operações havia muito tempo. O fedor de peras não colhidas em decomposição impregnava o ar enquanto Ramzan cavava poços, chamados de celeiros, ao lado da tubulação. Fontes escuras de petróleo enchiam os celeiros, e estes alimentavam um sistema de canais de irrigação que, em tempos passados, fora usado para regar as pereiras. Algo como a metade do petróleo vazava para o solo, penetrando em lençóis freáticos, mas o petróleo da tubulação jorrava com tamanha abundância que ninguém nunca pensou em vedar os celeiros com concreto ou plástico. Duas vezes por dia, um caminhão-tanque chegava para drenar o petróleo bruto através de uma longa mangueira de borracha e distribuí-lo para as fábricas clandestinas, onde era refinado, transformando-se em um diesel altamente sulfúrico em máquinas obsoletas, de oitenta anos, saqueadas do Museu Nacional de Produção de Petróleo. As mulheres que engarrafavam o combustível em frascos de vidro e os vendiam nas esquinas eram a entidade mais próxima de um posto de gasolina em centenas de quilômetros. Às vezes o combustível pirata funcionava, e, às vezes, fazia com que os carros explodissem, contudo sempre enchia os cofres dos insurgentes, ou dos federais, ou mais provavelmente de ambos. Ramzan, por sua vez, era bem pago, e usava o dinheiro para comprar insulina e seringas no mercado negro.

Disputas territoriais regulares ao longo do oleoduto tornavam o trabalho mais perigoso do que a própria guerra, e Ramzan não se mantinha ali pelo amor ao pai, mas pelo medo de falhar com ele.

Em 2001, quando um grupo de rebeldes feridos ocupou brevemente a vila, Ramzan reconheceu o soldador em suas fileiras. Eles se abraçaram como irmãos, como se unidos em uma prova mais dramática do que um parque industrial. O soldador apresentou-o ao comandante de campo, um homem com dentes muito ruins e pontos de fio dental no peito. Impressionado pela familiaridade de Ramzan com as montanhas e ansioso por estabelecer rotas de abastecimento para o inverno seguinte, o comandante indicou Ramzan a um xeique saudita que fora à Chechênia apoiar os guerreiros sagrados em seus *ghazawat*, ataques militares, contra o opressor infiel.

O xeique não era o primeiro estrangeiro *wahhabi* que Ramzan vira quebrar a charia, a lei canônica do Islã baseada no Alcorão; contudo, era o primeiro a quebrá-la em nome do pôquer na internet.

— O Alcorão diz especificamente: “Aquele que joga com dados é como aquele que lida com a carne e o sangue de porco”, mas não faz menção nenhuma a jogar cartas — explicou o xeique em sua primeira reunião, realizada entre apostas no meio da rodada de quartas de final de um de seus torneios.

Era dele talvez o único computador que funcionava em Volchansk e que se conectava à internet — uma tecnologia que, com certeza, permitia liberdade demais para manter-se devoto — por meio de uma antena parabólica portátil. O xeique, um homem baixo e gorducho, com a aparência de uma cabaça, sorria para a tela do computador.

— Jogo na parte da manhã — explicou ele —, quando ainda é madrugada na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, e o discernimento dos outros jogadores está obscurecido pelo uísque. Todos os meus ganhos, é claro, vão inteiramente para o *jihad*.

Nenhuma subcorrente fundamentalista se infiltrara na cultura nacional antes da primeira guerra. O sufismo sempre tinha sido o culto muçulmano predominante, e o movimento *wahhabi* era uma importação estrangeira, de tempos de guerra. Algumas vezes por ano, seus seguidores árabes atravessavam a vila em busca de recrutas. Eles prometiam rações, abrigo, a eternidade no paraíso e, até o dia do martírio glorioso, um salário mensal de duzentos e cinquenta dólares americanos. Embora poucos jovens seguissem a monocromática fé *wahhabi*, havia muitos deles extremamente dispostos a

tornarem-se radicais por um salário mensal que ofuscava o que ganhariam por ano fazendo outra coisa. Logo a guerra da independência se confundiu com o *jihad* porque ninguém se importava com a autodeterminação de uma pequena república no meio do continente. Estados árabes financiariam de bom grado uma guerra religiosa, mas não uma de cunho nacionalista. E, desse modo, não importava quem sairia vitorioso do conflito entre agentes federais e fundamentalistas: a noção de uma Chechênia democrática e plenamente soberana seria esmagada de qualquer forma. O martírio era o meio mais fácil de ganhar a vida, porém a morte não atraía Ramzan, e ele ficou satisfeito quando o xeique, alegre após vencer o torneio de dez mil dólares, cruzou as pernas espigadas e apresentou uma proposta diferente.

A verdadeira guerra era a de suprimentos, explicou o xeique — que se tornara advogado tributarista antes de entregar a vida a Alá, e voltaria a esse ramo do direito em cinco anos e meio, quando Alá deixasse de avisá-lo, pela última vez, do *full house* de seu oponente no pôquer. Segundo ele, os *dzhigits*, pessoas hábeis e corajosas, tinham que ser reabastecidos e rearmados, e não fazer isso era mais destrutivo para o moral do que uma barragem de morteiros. Às vezes, continuou o xeique, quando os combatentes estavam acampados em cavernas nas montanhas, sem poder de fogo para derrotar um bando de lobos, muito menos o Exército federal, o *jihad* subsistia apenas como uma oração no coração de seus devotos adeptos. Àquela altura, era difícil fingir que alguns milhares de homens escondidos nas montanhas poderiam superar um dos maiores exércitos do mundo. Ainda assim, eles precisam fingir. A ilusão da vitória nas mentes dos recém-convertidos era, em si, a vitória. E o moral era imprescindível na manutenção dessa conquista auxiliar para as almas chechenas. Se os soldados morressem em explosões de bombas, eles culpariam os russos. Se morressem de fome, culpariam os *wahhabis*. Um transporte confiável era mais necessário do que todas as orações do mundo árabe, todavia era muito difícil de obter, uma vez que o xeique era estrangeiro e não conhecia a terra. Ramzan conhecia. No fim, ele foi persuadido com facilidade. O xeique deu-lhe um envelope com dez notas verdes desbotadas de vinte dólares e Ramzan sentiu o dinheiro com as pontas dos dedos. Por alguma razão, ele sempre imaginou que cédulas americanas seriam mais grossas.

Enquanto seus vizinhos avançavam com esforço para dentro da floresta em busca de caça, Ramzan dirigia até Volchansk, Shali e, até mesmo, Grozny. As armas que entregava nos acampamentos rebeldes vinham todas de

fábricas russas de munição. Algumas ele comprava em grandes quantidades de um capitão federal corrupto que ordenava à sua companhia que ficasse atenta quando Ramzan chegasse, e então descia a trilha com uma bolsa de paraquedas aberta enquanto Ramzan lia em voz alta a lista manuscrita do xeique com as munições necessárias; em relatórios para os superiores, o capitão se referiria a incidentes como emboscadas dos rebeldes nas quais seus soldados não tinham escolha a não ser se render. Outras provisões vinham das rotas de contrabando que percorriam as regiões de fronteira como veias através de mármore. Um dia, quando falavam sobre rotas de abastecimento, o xeique lhe mostrou um mapa de toda a república, feito da colagem de uma dúzia de páginas impressas da internet em baixa resolução.

— O que há de errado? — perguntou o xeique quando Ramzan arregalou os olhos para os segmentos desalinhados unidos por uma fita adesiva que se descolava.

Era a primeira vez que ele via um mapa de seu próprio país. Os soviéticos haviam proibido mapas de toda a república por medo de que tal símbolo servisse para fomentar a solidariedade nacional, ou, no mínimo, deixar os caminhoneiros de longa distância confiantes e relaxados demais. No contrabando frenético após o colapso da União Soviética, ninguém, até onde Ramzan sabia, tinha alguma vez pensado em roubar um mapa do outro lado da fronteira. E ali estava um, bem à sua frente. Seu país parecia um retângulo desenhado por um homem com *delirium tremens*. Ele não sabia disso. Aquilo o fez se sentir patriota.

— É um belo mapa — respondeu Ramzan, finalmente.

O xeique permitiu que ficasse com ele.

Durante os dezesseis meses em que trabalhou para o xeique, Ramzan transportou armas semiautomáticas, cintos de metralhadoras, pistolas Makarov, baldes de alumínio com balas avulsas separadas por calibre, rifles de precisão telescópica, granadas de mão, cabos de aço para rebocar, pacotes do explosivo Semtex embalados em papel pardo, cronômetros, bobinas de fios multicoloridos revestidos de borracha, fotografias em preto e branco de bases militares russas, mapas redesenhados para incluir bloqueios de estradas, postos de inspeção e ruínas, potes de graxa escura e grossa, jarros vermelhos de plástico com gasolina, baterias, fluido de butano para isqueiros, bússolas, bandanas, sabão em pó, pastilhas de iodo para purificar água, cigarros, sacos de arroz, batatas com manchas, geleia de ameixa, damascos secos, leite condensado, lentilha, pimenta moída, comunicados oficiais, papel de arroz

transparente, canetas, envelopes, cartas de familiares, pagamentos, tapetes de oração, exemplares do Alcorão e tubos de aço séptico usados para lançar foguetes caseiros, que ele também transportava. O pagamento estava sujeito às exigências do combate. Às vezes, vinha em envelopes: cédulas americanas, russas, britânicas ou da União Europeia. Outras vezes, como uma parte dos bens entregues: um par de botas militares de couro fosco, uma cesta de milho fresco, uma pele de javali, um casaco de pele de carneiro, uma pistola Makarov prateada. Quando ele se sentia como um criminoso, lembrava-se de que uma terra sem lei é uma terra sem crime.

O combate expandia as viagens de reabastecimento, que demandavam mais do que os cálculos simples de tempo e distância. Cobrir uma centena de quilômetros podia consumir semanas de preparação e dias para a execução. Ele lotava a caminhonete e usava apenas um cobertor azul puído para esconder o conteúdo. Não importava se os agentes federais o apanhassem com uma faca de manteiga ou com uma bomba atômica. Um tiro anunciaria a mesma sentença. Ramzan dirigia em direção a cumes que se tornavam mais próximos do céu à medida que se aproximava. O perigo residia sobre as estradas principais e também sob e acima delas — patrulhas, minas terrestres e helicópteros —, então ele seguia pelas trilhas dos camponeses, amassando a grama alta. As planícies cresciam tornando-se montes, e estes, montanhas. Ele subia estradas em zigue-zague tão íngremes que requeriam uma complexa manobra de avançar e recuar em três direções. Ambos os espelhos retrovisores tinham sido arrancados. Pedras haviam raspado a pintura da porta. De vez em quando ele dava olhadas para baixo e via as ravinas de um verde indefinível canalizando fios de água que marcavam a profundidade e o declive da terra. A cobertura de nuvens tornava menores cidades e vilarejos distantes. Invasor e invadido agarravam seus punhados de terra, mas, no final, a terra sobrevivia às mãos que a seguravam.

Ramzan dirigia até que as montanhas não permitissem mais. Depois, vinham as distâncias mais curtas e árduas. Ele acomodava o material em uma estrutura de compensado que depois amarrava nos ombros com tiras de lona e corda elástica. Se o material ficasse devidamente equilibrado, ele conseguia levar quarenta quilos montanha acima. Os rebeldes não o ajudavam, acreditando que esse trabalho estava abaixo de homens com seu patriotismo piedoso, e Ramzan carregava os quarenta quilos entre pedregulhos e ribanceiras enquanto o declive do vale olhava para ele lá em cima. A cada dez minutos, verificava a bússola e a trilha da montanha. Prendia um sino ao

punho para que as sentinelas o ouvissem chegando antes de suas miras o avistarem. Eles se materializavam em guardas com uniformes de camuflagem desbotados no mesmo tom do musgo das pedras. Barbas pendiam de seus rostos queimados pelo sol, e os mártires o cumprimentavam com gratidão imperiosa. Dependendo de onde os rebeldes estivessem acampados e de onde a estrada terminasse, Ramzan convidava Dokka, nunca Akhmed, para se juntar a ele.

* * *

Ali.

Pegadas de um alce.

Ele se agachou no chão, interrompido por um conjunto de pegadas que marcavam a neve como uma longa elipse levando a lugar nenhum. Os rastros ainda não tinham congelado e o alce estava provavelmente a poucas centenas de metros. Deparar-se com um alce de novo. Admirar em vez de atirar. Ele se levantou e olhou o relógio. A luz do sol deixava dourados os ponteiros de prata. Vinte minutos antes do horário de se apresentar. Olhando para a trilha de pegadas, tentou segui-la sua linha através dos pinheiros e bétulas. Em algum lugar naquela extensão de geada e sombra, um movimento interrompeu a quietude, e essa perturbação esculpiu uma distância dentro dele. Ramzan continuou. O telefonema não poderia atrasar. Nem mesmo avistar um alce seria desculpa para isso.

As árvores se abriam em direção à faixa mais recentemente cortada de floresta. As mudas já estavam mais altas do que ele. Pairavam sobre os tocos curtos de seus predecessores que a geada congelara. Suas pegadas se entrelaçavam nelas, maiores e mais aparentes do que as do alce, parando diante de pneus de sulcos profundos que pertenciam a um caminhão de transporte de madeira destruído. Os madeireiros abandonaram o veículo quando fugiram, e na década que se seguiu sua pintura desapareceu, lascou e foi substituída por uma cobertura marrom de ferrugem. Os sulcos nos pneus eram tão fundos que ele os usou como degraus para subir até a cabine. Teias de aranha se espalhavam por todo o para-brisa, mas o vidro ainda aparava a neve. Sentado no banco do motorista, Ramzan abriu o zíper da mochila e começou a montar o telefone. O satélite consistia em três retângulos de metal revestidos de resina dura, que, quando configurado e posicionado em um

ângulo de quinze graus sobre o teto da cabine, parecia uma fôrma de cozinha sob o sol. Ele conectou dois fios de borracha preta ao satélite. Um deles levava a uma bateria, acomodada ao lado do satélite no teto, enquanto o outro corria pela janela quebrada e era anexado ao receptor. O teclado verde se iluminou. Faltavam três minutos para o horário em que sua chamada deveria ser feita. Embora envoltos em vergonha e remorso, aqueles telefonemas constituíam os melhores momentos de seu mês; por quase dois anos, os militares do outro lado haviam sido as únicas pessoas interessadas em falar com ele. Ramzan calculou o frio pelo comprimento de sua respiração, que crescia e desaparecia, como uma presa que ficava se dissolvendo de seu rosto. A quietude de toda a floresta estava concentrada na cabine.

Tempos depois, ele armazenaria a lembrança daquele momento junto com a do rolo de massa de sua mãe, de como a mera visão daquele objeto saindo do armário da cozinha o fazia salivar. Ramzan o valorizaria tanto quanto o novelo de lã amarela, ainda preso à manga amputada de um suéter que ela estava tricotando para ele quando morreu. Teceria aqueles três minutos no tecido da lembrança de sua mãe, porque ela o amava e acreditava que ele era uma criança boa e generosa, e morreu antes que pudesse ver o meio homem que havia se tornado. Por quase dois anos ele trabalhava como informante para as forças de segurança do Estado. Tinha delatado vizinhos que lhe desejaram feliz aniversário em cada ano de sua vida. E, ainda assim, acreditava ser tão vítima quanto autor de seus crimes.

Às onze horas, pressionou os nove dígitos no teclado. Um ajudante respondeu, e no frio apertado da cabine sua voz vibrou como um clarinete. O ajudante passou o telefone para o coronel, cuja voz — se ele estivesse sendo honesto — não teve efeito sobre suas entranhas até mencionar a pistola Makarov prateada.

* * *

Quase dois anos antes, em janeiro de 2003, ele se dirigiu às montanhas naquela que seria a última vez. Na manhã de sua partida, acordou cedo e realizou suas abluções e orações no trapezoide de luz do amanhecer que se projetava como um tapete de oração no chão. O sol de inverno informava as horas antes anunciadas pela agência de correios soviética, e ele se preparou para sair sem ter sequer a luz de um lampião a querosene. Nove anos tinham

se passado desde que a casa que dividia com o pai recebera eletricidade confiável, e as trevas não davam mais a sensação de uma ausência, mas a de um espessamento no ar, uma viscosidade que desacelerava seus movimentos e exigia sua memória espacial. Sua ceroula estava mais larga nos joelhos e, enquanto puxava o elástico na cintura, ele lamentou o fato de que podia conseguir com mais facilidade um caixote de rifles de atiradores das forças especiais do que um bom par de roupas de baixo térmicas. Antes de sair do quarto, Ramzan foi até um cesto de vime com roupas sujas. As meias de lã e camisetas de baixo cinzentas se separaram e se comprimiram quando ele enfiou a mão através delas, mas, no fundo, a pistola Makarov mantinha sua forma.

Na cozinha, o vapor subia do bico da chaleira. Ramzan abriu a porta do forno e colocou as mãos no calor cor de laranja. Páginas farfalhavam na sala de estar. Seu pai sabia que ele partiria para as montanhas naquele dia. Um leque de luz cor de mostarda caía do portal da sala de estar e, depois de preparar uma xícara de chá, Ramzan caminhou em direção a ele. A luz levantava-se do chão a seus pés subindo-lhe pelas pernas, delineando as dobras de sua longa ceroula e depois amarelando suas mãos, seus punhos, antebraços, cotovelos.

— Você está saindo cedo — observou o pai, com uma antevisão que transformava a pergunta em afirmação.

Khassan estava sentado à mesa, banhado pela luz da lamparina. Ramzan sentou-se no divã marrom; a parte traseira do sofá desbotara após anos de exposição ao sol da manhã.

— O que você está lendo? — perguntou Ramzan.

O pai deu um sorriso envergonhado, como se tivesse sido flagrado comendo pastel *manti* do pote com as mãos, e inclinou a capa de papelão para a luz. Era uma trama de conspiração sobre um espião americano incompetente que se infiltrava no Kremlin e acabava descoberto por um comissário cujo espírito de proletariado e excepcional boa sorte compensavam sua falta de raciocínio dedutivo. Seu pai só lia esses livros caça-níqueis quando Ramzan estava nas montanhas. Para um homem cuja vida girava em torno de textos acadêmicos, a guinada para a literatura barata anunciava sua preocupação paternal com o volume de um megafone.

— Você já leu isto antes?

— Duas vezes.

— Quem ganha? Os norte-americanos ou os russos?

— Ambos — respondeu o pai, olhando para a vidraça coberta de geada.

— Então, quem perde?

— Todos os outros.

— Devo estar de volta em uma semana.

O pai fez um gesto afirmativo com a cabeça e olhou para o livro. Dois anos se passariam antes que tivesse outra conversa com ele.

— Te vejo em breve — disse Ramzan. O pai marcou o texto com um lápis, levantou-se e passou os braços em torno dos ombros do filho. A respiração de Khassan aqueceu seu rosto como uma nuvem, uma pequena sobrevivente da umidade do verão. Sobre a mesa, sob o romance, a carcaça datilografada de seu manuscrito sangrava tinta vermelha. — Se você escrevesse seu livro em vez de ler outros, já poderia tê-lo terminado.

— Talvez — respondeu o pai.

O abraço dos dois homens se dissipou mais do que se rompeu, uma exalação liberando qualquer ternura que tivesse se mantido brevemente entre eles. O abraço do pai não era um ato de amor, mas de precaução, pois, se Ramzan não voltasse das montanhas, ele teria o consolo de saber que seu gesto final em relação ao filho fora de bondade, não de decepção.

Em seu quarto, Ramzan bateu no assoalho levantando duas tábuas falsas e tateou através das sombras até a ponta desfiada de uma corda. Enrolando-a em volta do punho, puxou o estrado de madeira pela base de concreto. Uma mochila com seus bens mais preciosos estava no estrado. Nela havia três granadas de fragmentação, uma Kalashnikov e oito pentes carregados, uma faca de caça, um antigo cartão de membro da *banya*, a sauna da vila, duzentos mil rublos divididos em oito montes devidamente embalados e uma caixa de sândalo contendo uma única manga de suéter amarela ainda presa ao novelo de lã.

Ele meteu um maço de cédulas no bolso superior direito de seu velho casaco do Exército Vermelho — um casaco que parecia ser composto inteiramente de bolsos — e enfiou os braços em mangas que davam a sensação de ser os maiores bolsos de todos. Ramzan parecia um pescador. Ele puxou a Makarov prateada da cesta de vime, envolveu-a em uma camiseta e guardou-a na mochila. A arma era uma das vinte que ele deveria transportar para as montanhas naquele dia, uma pequena gratificação que tinha concedido a si mesmo. Em três semanas, ensinaria Havaa a dispará-la.

Lá fora, o sol nascente brilhava na geada enquanto ele caminhava em direção à caminhonete, carregando a mochila e a chaleira. Ramzan bateu no

capô e, depois de deixar a chaleira esfriar na neve, encheu o radiador. Anticongelante era um luxo inacessível, portanto, toda noite ele esvaziava o radiador e todas as manhãs o enchia, e fazia isso até a primavera. As armas e os suprimentos — entre os quais outras dezenove pistolas Makarov — já estavam embalados na traseira. Era um risco deixar as armas do lado de fora durante a noite, mas não tanto quanto levá-las para dentro. A diferença de temperatura podia facilmente quebrar as hastes de operação dos fuzis. O pai de Ramzan estava no batente da porta, e seu cenho franzido era a maior ruga em seu rosto.

Em dois minutos sua casa tornou-se indistinguível das outras habitações cobertas de neve espalhadas no retrovisor. Ele buzinou duas vezes quando chegou à casa de Dokka. Pela janela da sala, viu uma discussão entre Dokka e a esposa ser interrompida com o segundo toque da buzina. Havia ficado parada à porta, observando Dokka desalentadamente enquanto ele pendurava uma mochila no ombro e subia através da neve até o banco do passageiro.

— Manhã difícil? — perguntou Ramzan.

Dokka sorriu.

— Sou casado. Qual manhã não é?

Nenhum veículo passara desde a última nevasca, e sem marcas de pneus para seguir ele não podia ter certeza de onde ficava a estrada. Contanto que não batesse em uma árvore, pensou, estava no caminho certo. Largado no banco do passageiro, Dokka girava uma pedra na palma da mão.

Na estrada, a neve subiu de dez para vinte centímetros quando eles se dirigiam para o Sul. Ramzan manteve-se a quarenta quilômetros por hora durante tanto tempo que os dois dígitos pareciam tortos na agulha do velocímetro. Pararam para almoçar e urinar ao lado de um bosque de pinheiros, cujos galhos cobertos de neve serviam de camuflagem para a caminhonete vermelha.

— A neve é como a minha sogra — disse Dokka, chutando-a sobre as marcas de pneus. — Vai sempre entregar todos os lugares onde estive.

— Pegue um cigarro.

— Você não caçou este ano. Esqueceu que um macho é mais fácil de rastrear na neve fresca.

Ramzan reclinou-se sobre o capô aquecido. O que causara essa súbita ansiedade em Dokka? Sim, eles provavelmente seriam executados se descobertos pelos agentes federais ou pelas forças de segurança do Estado, mas aquilo poderia acontecer com a mesma facilidade em Eldár ou em

Volchansk, em suas casas ou na rua, enquanto dormiam ou enquanto jogavam xadrez, um destino tão provável de recair sobre um homem checheno que parecia bobagem se preocupar muito com isso.

Diante deles estendia-se um campo branco no qual, havia oito anos, nada crescia além de ervas daninhas e poeira. A neve apagava toda medida de distância e o campo se estendia além do horizonte, largo o suficiente para extinguir o sol.

— Você não vai poder fazer isso por muito mais tempo — observou Dokka. — A guerra acabou. Grozny caiu. Essas escaramuças são os últimos suspiros.

— Você é um otimista, Dokka.

A noite caiu e eles seguiram por vales escalonados até chegarem a uma aldeia construída com a mesma pedra pálida que coroava os declives. Séculos antes, a vila havia sido o lar de muitos milhares de pessoas, mas em 1956, quando os chechenos retornaram do exílio cazaque, foram proibidos pelas autoridades soviéticas de voltar aos seus lares ancestrais, e aquela vila de ruínas intactas era uma entre centenas distribuídas por todo o planalto. Parecia muito pouco natural para Ramzan ver uma vila dizimada não por bombas e balas, mas pelo tempo e o abandono. Os trinta e nove moradores que se reuniram ao redor da caminhonete compartilhavam o sangue dos mesmos tetravós. Os homens tinham chapéus de pele de cordeiro e botas longas de couro, as mulheres mais velhas usavam lenços cinza e pretos na cabeça e vestidos longos e simples, enquanto as mulheres mais jovens estavam com *hijabs* azuis e rosa dobrados no comprimento de um facão de caça. As crianças ficavam além do alcance da luz dos faróis, com medo de que ela pudesse queimá-los.

Eles foram recebidos pelo alto, arbóreo, ancião da vila, conhecido por comer neve para entorpecer sua úlcera estomacal. Depois de se lavarem em uma bacia de estanho, jantaram na casa dele. Placas de pedra branca seladas com argamassa de argila formavam as paredes. Pinturas rupestres desgastadas adornavam cada pedra: raios de luz se projetando de sóis do tamanho de ameixas. Na sala principal, comeram nos pequenos tapetes nos quais mais tarde dormiriam. Mastigavam de forma diferente ali. Suas tigelas estavam cheias, suas mordidas não eram racionadas. Nenhuma necessidade de palavras quando a língua podia conversar com carne de carneiro.

Desacostumados a porções como aquelas, Ramzan e Dokka terminaram por último. Assim que acomodaram suas tigelas, as mulheres entraram pela

porta dos fundos. Elas esperaram os homens sair antes de tomarem seus lugares nos cobertores de pele de cordeiro. Ramzan, o último a deixar a casa, ouviu sussurros e risos contidos quando a porta se fechou atrás dele e desejou muito ter podido permanecer ali. Os homens seguiram uma trilha de cervos que se encontrava depois dos restos congelados de uma torre de pedra. Nos séculos anteriores, aquilo fora fortaleza, torre de vigia, farol e refúgio para o *teip*, que havia tempos se dispersara. Passando a torre, chegaram a uma clareira. Em seu centro, uma série de tábuas elevadas formava uma plataforma no formato de pneu, seca e achatada. Seu eixo era um anel de pedra contendo as cinzas de uma fogueira. Os homens carregaram toras de um telheiro profundamente entrincheirado na encosta. Em minutos o fogo ergueu-se acima da cabeça de Ramzan, tão brilhante que ele conseguia contar os anéis dos troncos ainda não consumidos. Havia anos não participava de um ritual *zikr*.

Ramzan e Dokka tiraram as botas e se juntaram aos outros em um círculo ao redor da fogueira. O ancião iniciou o *zikr* com uma oração. Um chamado firme, a voz de um homem, pensou ele, em um país desprovido de homens. *La ilaha illallah, la ilaha illallah*. O ancião repetiu o grito, e seu ritmo lento cortava as palavras em sílabas que ficavam isoladas como se fossem locuções de uma língua mais sublime. Vozes de ambos os lados se juntaram em harmonias que faziam flutuar o chamado do ancião. Em seguida, bateram palmas, não para manter o ritmo, mas para impulsioná-lo. O prateado da lua e o laranja das chamas se entrelaçavam no rosto inclinado do ancião. *Não há nenhum deus a não ser Alá*. Os homens se balançavam de um lado para outro à medida que o ritmo se acelerava. O balanço foi se intensificando e agora todos estavam batendo os pés pesadamente, a serragem subia da plataforma tremulante e os homens tiraram os casacos. Contra a chama da fogueira, eles se inflamaram. Braços de sobretudos em movimento, mãos de luvas de lã caídas, porém os gritos não eram os de uma mina terrestre nem de um bombardeio, e a dor do chamado do ancião era a dor misericordiosa da lembrança. *Não há nenhum deus. A não ser Alá. Nenhum deus. A não ser Alá*.

Ramzan aplaudiu e bateu com os pés no chão e gritou enquanto o suor lhe escorria pelo rosto. Sem aviso, um homem a três posições da sua soltou um gemido longo e, apesar de Ramzan não conseguir compreender uma palavra da cadeia de enunciados embaralhados emitidos por sua garganta, ele entendia exatamente o que o homem queria dizer. Os olhos do homem estavam fechados, e a serenidade incomum de suas feições sugeria que ele

tinha visto tudo o que podia ser visto. A voz do ancião caiu uma oitava e, em unísono, a pisada dos homens tornou-se uma dança. Eles marcharam com alegria, em sentido anti-horário, deslizando o pé esquerdo pela plataforma e batendo com força o calcanhar direito. E giraram sincronizadamente. Trezentos e sessenta graus nivelados até um plano indivisível. A pressão foi crescendo em seu peito e ele tentou contê-la com lembretes de que não era mais sufista, que aquele não era seu povo, que o sofrimento humano era a profecia de um céu vazio, porém ela aumentava, e aumentava, como a recordação de um orgasmo há muito acabado, e a pressão fechou o espaço entre suas células, e ele foi libertado. Nenhuma melodia corria através de seu lamento. Sua voz estava rouca e cortada, e ele a ergueu. Os outros homens não registraram nada acima do tremor de palmas e tábuas, mas a respiração seguinte de Ramzan lhe trouxe paz.

No outro dia de manhã, Ramzan acordou com dor de garganta. Após o jejum de nozes, frutas secas e leite de cabra, o ancião levou-o, juntamente com Dokka, para sua caminhonete. Em troca da hospitalidade, ele deu ao homem dez quilos de arroz e um litro de butano. O ancião recusou qualquer oferta de munições, a não ser para armas de caça, e, apesar de seus protestos, Ramzan insistiu. Ele não conseguia se lembrar de quando se sentira tão preocupado em garantir a segurança de um estranho. Mas a rigidez da carranca do ancião deixou claro que aquele homem nunca seria persuadido da segurança de uma granada de mão. Dirigindo para longe, Ramzan lutou para se concentrar na estrada. As vidas que eram vividas atrás dele eram tão pequenas e anônimas que haviam escapado das vistas do socialismo estatal, da primeira e da segunda guerras. Na noite anterior, pela primeira vez em um longo tempo, ele se sentira completo, e seus olhos se voltaram para o retrovisor, onde sua dignidade estava contida em poucos centímetros quadrados de vidro.

Eles levaram mais de cinco horas, através de passagens de montanha tão estreitas que os espelhos laterais teriam sido arrancados, caso isso já não tivesse acontecido antes, e de volta aos vales; cinco horas ouvindo Dokka enaltecer a engenhosidade de sua esposa e sua jardinagem e seu talento para criar pratos suntuosos com apenas um terço dos ingredientes necessários; cinco horas de elogios tão generosos e exagerados que Dokka só poderia os estar dizendo como insultos, afinal por que outro motivo ele entoaria louvores ao casamento para um homem que nunca poderia se casar, por que mais recitaria as maravilhas do companheirismo se não para ferir Ramzan,

que, durante aquelas cinco longas horas, se sentiu tão incompleto que teria dado a mão direita como dote para uma mulher que não soubesse nem cozinhar, nem costurar, nem criar filhos, uma esposa que cometesse adultério e expelisse gases em público, uma mulher que o tratasse como um animal — sim, ele aceitaria isso e ficaria bem, porque um homem desgraçado ainda é um homem, e Ramzan não era um homem, não de verdade, ainda assim o mundo inteiro esperava que ele fosse; e os vizinhos, meu Deus, *por que você não se casou, um homem bonito como você ainda vive com o pai* — e quando suas silenciosas objeções geraram boatos — *ele não gosta de mulher, é por isso que tem trinta e um anos e é solteiro*, Ramzan não conseguia decidir o que o desonrava mais, se a verdade ou o boato; contudo, por fim, achou melhor permitir que os boatos de homossexualidade prosperassem, desde que seu silêncio pudesse lançar dúvidas sobre todo o assunto, e, sim, seu silêncio gerou dúvidas, porém principalmente em si mesmo, convertendo a vergonha em raiva e impulsionando-a através das veias, dos rins, dos antebraços e dos dedinhos dos pés e, depois, trazendo-a de volta para aquele segundo coração no qual os nomes daqueles que o caluniaram estavam gravados, e, muito tempo depois, ele recitaria tais nomes para um telefone por satélite e os que haviam criado aquelas histórias cairiam vítimas da própria história, *homossexualidade* substituída por *afinidades com rebeldes*, movimento *wahhabi*, *jihad*; todavia aquelas histórias ainda não haviam sido contadas, ainda não tinham sido imaginadas, e o purgatório da mulher de Dokka, dentro do qual ele era a desventurada plateia, permanecia interminável mesmo após cinco horas ao volante quando Ramzan chegou ao topo de uma colina e pisou no freio porque bem ali, a menos de duzentos metros, estava um pelotão de soldados russos, e ele os viu tanto como conquistadores quanto como libertadores, que talvez o matassem, mas que, pelo menos, o libertariam do inferno da voz de Dokka, e tremendo de pavor e gratidão ele pronunciou as palavras que estavam presas em sua garganta havia cinco horas.

— Pare de falar, Dokka.

Um bem-vindo silêncio impregnou a cabine, e Ramzan se deleitou com ele antes que o medo o tomasse de novo. Havia dois veículos blindados, dois jipes UAZ e um tanque corado com uma pequena torre rotatória para disparos de metralhadora.

— Dê a volta! — gritou Dokka, sacudindo o braço de Ramzan pela manga do casaco. — O que você está fazendo? Vamos!

Mas ele manteve o pé no pedal do freio.

— Eles já nos viram.

Era verdade. A torre da metralhadora tinha girado, posicionando-se de frente para eles, e a neve se avolumava atrás dos jipes enquanto aceleravam em direção ao topo.

— Se fugirmos, estamos fodidos. Se esperarmos e formos sensatos, poderemos sobreviver. Estamos sentados aqui. Ainda não é crime estar vivo. Você pode até ter a chance de terminar de me falar sobre sua mulher.

Os jipes pararam vinte metros à frente e esperaram, enquanto atrás deles o tanque subia aos poucos o terreno inclinado. Os soldados que apareceram não eram os *kontraktniki* tatuados, como os que Ramzan se lembrava do ataque dos aliados russos; não, em comparação com aqueles ursos grandalhões russos, estes eram chacais mortos de fome. *Talvez possamos viver para ver o pôr do sol*, pensou ele.

Quatro soldados carregando metralhadoras se aproximaram. Ele ergueu as mãos abertas para os agentes federais. Dokka seguiu o exemplo.

— Você esteve em um campo de filtração antes. E sobreviveu. Eles não te machucaram — gaguejou Dokka, incapaz de convencer até a si mesmo.

Ramzan queria pegar Dokka pelas orelhas e apertar-lhe o crânio idiota dominado por ilusões até que seu único pingo de lógica ressoasse. Inclinando-se para a frente, ele sentiu o espaço vazio entre as pernas.

— Pare de falar, Dokka. Apenas fique quieto.

Um dos soldados se aproximou da porta do motorista. Ele tinha ficado pelo menos uma semana sem fazer a barba, mas os pelos não conseguiam esconder a concavidade de suas bochechas. Por todos os lados a neve se estendia com indiferença.

— Água — resmungou o soldado.

Entendendo errado o pedido, Ramzan estendeu sua carteira de identidade.

— Água — repetiu o soldado. — Estamos comendo neve lamacentas há dias. Precisamos de água limpa. Você não sabe falar russo?

— Acho que devemos dar-lhe água — sussurrou Dokka, com as mãos abertas ainda de frente para o para-brisa.

Foi a primeira coisa sensata que Dokka conseguiu dizer naquele dia.

— Tenho água aos meus pés — informou ele ao soldado. — Não atire em mim.

O soldado aceitou o cantil manchado de graxa, suspirando quando levou a borda aos lábios, e seu alívio tornou-se o de Ramzan. O soldado não suspeitava de que a água passara o dia anterior circulando pelo radiador do

motor.

As mãos de Dokka continuavam para cima quando os dois foram obrigados a sair da caminhonete. Ramzan protestou de forma breve e sem entusiasmo; afinal, ele dera ao soldado um cantil de água, e era assim que sua generosidade seria retribuída? Mas ele abandonou a reclamação quando esse soldado, com a sede agora saciada, pressionou o cano da arma contra sua testa. Eles se deitaram de bruços na neve com os punhos amarrados às costas com tiras de plástico. Para manter a cabeça acima da neve, Ramzan teve que arquear as costas, estufar o peito e se debater como uma baleia encalhada. Dessa posição vantajosa e desconfortável, ele observou os soldados desembulhando os sacos de arroz e de grãos na traseira da caminhonete. Mais alguns segundos, e encontrariam pistolas Makarov, granadas de fragmentação, pacotes de Semtex e fios de chumbo, e ele morreria ali, caindo pesadamente como um maldito mamífero marinho, a muitos quilômetros de casa. Como desejava ter costurado seu endereço na parte interna das calças. Não tomara essa precaução por medo de que as forças de segurança implicassem seu pai, porém agora, com a neve derretendo-se em sua jaqueta, não conseguia pensar em desumanidade mais sombria do que uma cova sem identificação. Talvez fosse obrigado a deitar-se sobre Dokka para economizar munição. Tal morte seria um insulto para o contrabandista de armas. Ramzan exigiria sua própria bala. Considerando o cantil de água, poderiam, pelo menos, conceder-lhe essa pequena honra. Ao seu lado, Dokka tinha desistido. O calor de seu rosto descongelara uma tigela de sopa na neve. Ele chorava dentro dela.

— Não se preocupe — disse Ramzan. Seu tom o surpreendeu. Ele podia ver o fim e estava calmo. — Hoje vamos descobrir se os imames ou os comissários comunistas estavam certos.

— Você é corajoso — ressaltou Dokka. — Aqui estou eu, chorando. Eu desonro você.

Com que frequência uma imensa infelicidade é confundida com coragem? Ele abriu a boca e a encheu de neve. Ela derreteu enquanto Ramzan ouvia os soluços de Dokka. Os soldados se lembrariam, pelo menos, de qual dos dois enfrentara a bala com olhos límpidos.

Mas os soldados, em um ato de inesperada compaixão e comedimento, decidiram não executá-los sumariamente. Depois de encontrarem as armas, puxaram Ramzan, colocando-o de pé, depois, Dokka. Fazendo gestos de cabeça para o muco congelado nos lábios de Dokka, voltaram-se para

Ramzan e falaram apenas com ele. Estavam perdidos. Três noites antes, o frio acabara com o rádio, e eles haviam dirigido por campos cobertos de neve em uma busca vã por habitações humanas. Não tinham rastreado a caminhonete vermelha. Foi um acidente. Enquanto os canos das armas apontavam na direção do jipe UAZ, o comandante perguntou:

— Você conhece Landfill?

Ramzan assentiu com um gesto de cabeça.

— Pode nos dar as instruções?

— Instruções?

— Eu lhe disse. Estamos perdidos.

Ramzan não podia acreditar.

— Se você nos levar até lá, vai viver. Pelo menos até chegarmos. Essa parte eu garanto. E provavelmente depois. Conheço um tenente lá.

— Tudo bem. — Ele não sabia mais o que dizer.

O comandante sorriu agradecido. Com medo de que o homem fosse beijá-lo, Ramzan deu o primeiro passo em direção ao jipe. Seus captores o seguiram.

Os soldados conduziram-nos encosta abaixo, com delicadeza, para que não perdessem o equilíbrio. O comandante abriu a porta do jipe para Ramzan e cortou a fita de plástico com a borda serrilhada de uma faca de caça.

— Cuidado com a cabeça — alertou o comandante, que nunca contara a outra alma sobre seu serviço militar. A mulher com quem se casaria dali a três anos e meio o conheceria como uma centena de pessoas, marido, pai, paroquiano, professor de escola primária, trabalhador caridoso, porém jamais encontraria um comandante naquele povo que amava tanto.

Ramzan deslizou para a extremidade do assento. Dokka sentou-se ao seu lado. Minutos desconfortáveis se passaram antes de o comandante reaparecer no banco do passageiro com um Marlboro vermelho, a marca favorita do comandante de campo rebelde, pendendo de seus lábios. O oficial e outros soldados olharam-no com expectativa.

— O que foi? — perguntou Ramzan.

— Você não afivelou o cinto de segurança — observou o comandante.

— Meu cinto de segurança? — Ele olhou ao redor. Todos os soldados estavam usando cintos de segurança.

— Não vamos a lugar nenhum até que você o afivele — explicou o comandante.

Ramzan fez um aceno afirmativo com a cabeça; sim, é claro que lhe

pediam que usasse o cinto de segurança, assim como lhe pediam que ensinasse o caminho até um campo de tortura, porque a estupidez era a única lei permanente do universo. Ele afivelou o cinto e tirou uma bússola do bolso da jaqueta.

— Dê a volta — disse. — Landfill está atrás de nós.

Em uma hora, Ramzan direcionou o jipe para a estrada que os levaria a Landfill. Manchas ovais de neve derretida apareceram nos campos. Manchas estranhamente curvas de terra úmida. O sol brilhava. A certa altura, ele bocejou e sentiu a cutucada de Dokka. O soldado de bochechas esburacadas e com os lábios sujos de graxa cochilava ao seu lado.

— Acho que Akhmed está dormindo com minha mulher — disse Dokka.

Ramzan voltou-se para a janela. Ramos prateados passavam rapidamente. O verão seguinte seria bonito. Ele ouvira tudo o que lhe interessava sobre a esposa de Dokka.

* * *

Início de dezembro de 2004. Duas semanas antes de Dokka desaparecer. Na cabine do caminhão abandonado da madeireira. A primeira conversa com o coronel cossaco.

— Ramzan Geshilov?

— Apresentando-se, senhor.

— Você reconhece minha voz?

— Não, senhor. O senhor está substituindo o capitão Ivan Fyodorovich?

— Ele é o oficial a quem você está subordinado?

— Sim.

— Sim, quem?

— Sim, senhor.

— Eu comi a mulher de seu oficial superior oitenta e sete vezes, e somente as três primeiras foram antes de eles se casarem. Você me entende?

— Sim, senhor.

— Disseram-me que você está entre os nossos ativos menos incompetentes na região de Volchansk. Isso é verdade?

— Não sei, senhor.

— Finalmente alguém que diz a verdade.

— Sim, senhor.

— Como está o tempo na floresta de Eldár?

— Está... Está ensolarado. E frio.

— Isso é o que o relatório meteorológico diz. Fico feliz que os meteorologistas sejam honestos, pelo menos por hoje.

— Sim, senhor.

— Onde você está neste exato momento?

— Na cabine de um caminhão de uma madeireira que foi abandonado. A três quilômetros da vila propriamente dita, senhor.

— Ótimo. Você está falando comigo e não com o capitão traído porque surgiu uma situação da mais alta importância. Como o capitão não consegue resolver o caso de sua esposa sumida, que desaparece ao ir para a minha cama todas as quintas-feiras, eu não confiaria nele para isso. Veja, o relatório da balística descobriu a arma usada no assassinato de um coronel do serviço federal no ano passado.

— No ano passado?

— Sim. Um ano para obter um simples relatório de balística. É dezembro de 2004 e ele acaba de chegar. Quando estive pela última vez em Moscou, li que montadoras chinesas produzem um carro novo em poucas horas. E nós levamos um ano para produzir um relatório de balística que liga a bala na cabeça de um coronel do serviço federal à arma que está a metros de distância.

— Sim, senhor.

— O relatório chegou, e quero que você descubra de onde veio a arma.

— Perdoe-me, senhor?

— Você peidou?

— Não, senhor.

— Então, não desperdice um pedido pelo meu perdão.

— Sim, senhor. É só que não sei como descobrir a origem de uma arma disparada um ano atrás.

— Esta é uma daquelas situações de agulha em palheiro, não é?

— Com todo o respeito, senhor, é uma agulha em uma pilha de agulhas.

— Em relação a isso, você está com sorte. É uma de suas agulhas.

— O senhor deve estar enganado. Não transportei nem mesmo um palito de dente nos últimos dois anos. Pergunte ao capitão, senhor.

— Que tal eu perguntar para a mulher dele? Não, não estou preocupado com o que você diz não estar vendendo, mas com o que já vendeu. Veja, o número de série da pistola Makarov usada para matar o coronel em dezembro

de 2003 corresponde sequencialmente aos números de série das pistolas Makarov encontradas na parte traseira de sua caminhonete quando nossos corajosos rapazes emboscaram você e levaram-no para Landfill em janeiro de 2002.

Silêncio.

— Você ainda está aí?

— Sim.

— Quem?

— Senhor.

— Isso nos coloca em uma situação bastante difícil. Na busca de informações sobre o fornecedor de uma arma usada para assassinar um coronel do serviço federal, somos levados a uma pessoa a quem pagamos para nos fornecer justamente esse dado.

— Juro que não tenho nada a ver com isso, senhor. Quem era o assassino, senhor?

— Uma Viúva Negra. Uma *shahidka*. Uma separatista treinada e enviada por esses animais das montanhas.

— Ela foi capturada viva... senhor?

— A *shahidka* foi detida em um ponto de filtração. Inteligentemente, ela seduziu o coronel, um homem, segundo me disseram, tão bem dotado que só a boceta cavernosa de uma chechena tinha capacidade para acomodá-lo. Sem dúvida, ao ouvir sobre os dotes avantajados do coronel, a *shahidka* usou seus poderes de sedução. Quando estavam sozinhos, ela atirou nele.

— Mas, senhor, por que ela não foi revistada em busca de armas?

— Se você ainda tivesse um saco entre as pernas, saberia que a boceta média das mulheres da sua terra é espaçosa o suficiente para esconder um lançador de foguetes. O coronel foi um tolo, sem dúvida, mesmo assim, ele ainda era um coronel.

— Sim, senhor, mas não seria mais prudente rastrear a *shahidka* do que a arma?

— Uma arma pode ser identificada mais facilmente do que uma pessoa. Há uma lição nisso.

— Mas a *shahidka*...

— Irrelevante.

— Farei o que puder, senhor.

— Não, você não fará o que puder. Você fará o que estou mandando.

— Sim, senhor.

— Os números são a linguagem amoral da verdade absoluta. Esses números de série não mentem. Em algum momento você esteve de posse dessa Makarov, e eu saberei o nome e a localização das mãos que a seguraram logo depois. Fui promovido para substituir o coronel falecido. Agora tenho sua posição e comando, e assim, compreensivelmente, é minha prioridade absoluta matar os arquitetos de seu assassinato. Se eu for vítima de um destino semelhante e se o capitão traído receber minha posição, temo pelo destino da nação russa.

— Sim, senhor.

— Vejo pelos arquivos que você tem um pai.

— Sim, senhor.

— E ele mora com você?

— Sim, senhor.

— Ele fez setenta e nove este ano?

— Sim, senhor.

— Ele sobreviveu à Segunda Guerra Mundial?

— Sim, senhor.

— E às deportações para o Cazaquistão?

— Sim, senhor.

— E a onze anos na estepe?

— Doze, senhor.

— E você gostaria que ele visse seu octogésimo aniversário?

— Sim, senhor.

— Então me dê nomes, Ramzan.

— Sim, senhor.

— Ou eu vou costurar seu saco de volta apenas para poder cortá-lo duas vezes.

* * *

O campo de filtração Landfill era assim chamado por ter sido erguido, ou melhor, submerso, em um depósito de lixo parcialmente construído. Uma vez, quando Ramzan era mais jovem e passou pelo local, ele viu uma retroescavadeira do tipo brontossauro mordendo o solo e retirando o equivalente a uma banheira de terra. Mas, depois do colapso e das guerras subsequentes, os planos para terminar o aterro sanitário foram adiados e,

depois, abandonados de vez. Apenas dois dos oito poços propostos, cada um deles com vinte metros de profundidade e área equivalente a um campo de futebol, foram escavados. A fundação de concreto e plástico, que teria aprisionado escoamentos, nunca foi instalada, e assim a chuva e a neve se dissolviam em uma lama que alcançava os joelhos no fundo dos dois poços barrentos. Quando Ramzan foi levado para lá na primeira guerra, passou três dias no Poço A antes de dois guardas baixarem uma escada de sessenta degraus, mergulharem seus pés e pernas em água gelada e levarem-no para o prédio branco de dois andares cuja entrada ainda tinha a placa Administração da Coleta e do Tratamento do Lixo. Petições exigindo o preenchimento das covas circularam após a primeira guerra. Um grupo infeliz de dezesseis viúvas de Landfill trabalhou com pás por um mês, porém não conseguiu alterar de forma visível o panorama pantanoso. No fim das contas, o benefício simbólico de preencher os dois poços não compensava o benefício real da reconstrução de estradas, casas, escolas, usinas, refinarias e hospitais. Ninguém imaginava que os poços poderiam ser usados outra vez. Ninguém imaginava que haveria uma segunda guerra.

Mas houve uma segunda guerra, e agora, em janeiro de 2003, tendo encontrado a patrulha federal perdida, Ramzan foi preso pela segunda vez. Ele passou onze dias abaixo do nível do solo, desta vez no Poço B, enquanto Dokka foi levado para o Poço A. No mínimo, seus ouvidos teriam um bem-vindo descanso. Ele desceu a agora enferrujada escada de sessenta degraus, e o guarda a sacudiu, fazendo-o sair dali antes que ele alcançasse os últimos. O lodo congelara-se em uma lama de neve que chegava apenas aos seus tornozelos. O poço continha mais duas dezenas de homens. Ao longo dos dias seguintes, ele rezaria ao céu com todos eles, porém apenas as conversas com o imame de olhos azuis ficariam gravadas em sua memória. Os guardas desciam comida e água fresca em baldes de lata amarrados em cabos amarelos que vinham sem regularidade, às vezes cinco em um dia, às vezes um, às vezes no meio da noite, quando os homens acordavam, se reuniam e dividiam as provisões. A única coisa que não faltava no poço era espaço. Ramzan passava o dia caminhando ao lado de seus muros, se perguntando se em algum lugar os agentes federais tinham uma prisão moderna, com energia elétrica, beliches, celas e telhados, em que abrigavam não prisioneiros, e sim cascas de banana e de batata, cadarços arrebatados, caroços de maçã e calendários do ano anterior, pneus esvaziados, papéis amassados, lenços usados, pontas de cigarro e as últimas lascas inúteis de sabonete. Algum

guarda compassivo, cuja alma o imame ensinaria Ramzan a honrar, atirara lá embaixo finas tábuas de madeira, e uma calçada da largura de uma trave de equilíbrio se estendia pelo perímetro do poço. Os nomes e as vilas dos prisioneiros eram esculpidos nas paredes de barro. Os homens amontoavam neve nas paredes até onde podiam alcançar para umedecer o barro e, depois de alguns minutos, removiam-na e se identificavam desenhando letras com varetas ou com os dedos. Informações pelas quais seriam torturados eram escritas nas paredes para que todos pudessem ver. Era bem sabido entre os homens que os agentes federais possuíam tanta sensatez quanto dois tijolos esmagados juntos. Também sabiam que a dor, e não informações, era o verdadeiro propósito do interrogatório.

Na tarde do quarto dia, Ramzan se equilibrava na fina calçada quando o imame de olhos azuis o parou.

— Dê-me um impulso — pediu o imame, apontando o queixo barbudo para a parede onde havia escrito metade do seu nome.

Inicialmente, Ramzan se recusou. Desde sua chegada, fizera o possível para manter distância dos homens sujos e brutalizados, como se sua recusa em se misturar com eles fosse a corda bamba na qual caminhava, salvando-o de cair em suas fileiras.

— Você é um general, não é? — perguntou o imame. — Ou um príncipe persa? Suas mãos são delicadas demais para ajudar um imame velho o suficiente para ser seu tio?

— Não sou um príncipe persa.

— Então, desça de seu trono e me ajude.

O imame colocou a bota enlameada no estribo de dedos entrelaçados de Ramzan. Ele ergueu o imame, cujo peso, contido nas mãos esticadas de Ramzan, era maior do que seu tamanho sugeria. Depois de um momento interminável, o imame bateu em sua testa com um dedo enlameado, e Ramzan soltou o velho no chão.

— Dê uma boa olhada nisto — disse o imame, apontando para seu nome e vila. — Se no final você for um príncipe persa e eles te deixarem sair, deve se lembrar de mim.

— Se eles me deixarem sair, vou me esquecer de tudo aqui.

— Não — protestou o imame, acenando com o dedinho enlameado para Ramzan. — Você deve se lembrar.

— Por quê?

— Para que meus sobrinhos saibam onde comprar o meu cadáver.

Ramzan assentiu com um aceno de cabeça.

— Posso pagar, sabe — observou o imame, com orgulho. — Ainda tenho a minha aposentadoria. — Quando Ramzan se virou, ele perguntou: — Por que eles te pegaram?

— Contrabando de armas. E você?

— Altura.

— Altura?

— Bem, falta de altura. Os agentes federais foram à minha vila para uma operação de contraterrorismo. Estavam à procura de um mentor *wahhabi* supostamente escondido lá, porém a única descrição física que possuíam do homem era que ele era barbado e media menos de dois metros. Eles examinaram todos os homens baixos e de barba e também muitos adolescentes que não tinham barba mas que eram de baixa estatura. Na linha do motivo para a detenção em meu relatório, eles escreveram *muito baixo*. — O imame fez gestos com a cabeça e olhou para seu nome escrito na parede de barro, agora fora de seu alcance. Ramzan estava feliz por ter parado para erguê-lo.

— É engraçado — continuou o homem. — Minha geração cresceu nos campos de reassentamento do Cazaquistão, e pelo fato de a proteína ter sido tão escassa, não é de todo incomum que os homens da minha idade sejam baixos, acontece que eu sempre tive vergonha disso. Meu irmão mais novo costumava dizer que eu não morreria por ser baixinho. Ele tinha apenas dois centímetros a mais do que eu, mas, juro, viveu toda a vida apoiado nesses dois centímetros, usando-os para me dominar, sempre perguntando se eu precisava de ajuda para alcançar as prateleiras mais altas. Gostaria que ele ainda estivesse vivo, apenas para que os agentes federais pudessem prendê-lo por ser muito baixo também.

— O que se pode fazer? — comentou Ramzan, encolhendo os ombros.

— Ore — respondeu o imame.

O imame praticava cultos no canto sudoeste do Poço B, empoleirado no lugar de honra, um balde d'água virado de cabeça para baixo, que havia se soltado da corda. Todas as manhãs, conduzia orações e abluções realizadas com a neve que transformavam suas mãos em um branco dormente. Insistia que Deus, em Sua misericórdia, o perdoaria por estarem impuras. Havia memorizado o Alcorão inteiro e dava palestras sobre a natureza do mal, que, como uma sombra, não pode existir independentemente das silhuetas do bem. Ao contrário do xeique e dos *mujahidin*, ele nunca relacionava política aos

versículos do Alcorão; em vez disso, explicava a virtude dos fiéis, a sabedoria do Profeta e a alegria de um paraíso que é o verão para o inverno do mundo. Acima de tudo, falava sobre o fim dos tempos e o julgamento de Deus.

Mas o interrogador julgaria Ramzan antes que Deus o fizesse, e era o julgamento do interrogador que ele temia. Todos os dias, observava o ritual de homens sendo chamados. Primeiro, a escada de sessenta degraus descia deslizando pela parede do poço, e em seguida os nomes dos convocados eram anunciados por um megafone, tão alto e estático que parecia, de fato, vir dos céus. Se a pessoa chamada hesitasse, um tiro de advertência era disparado. O convocado escalava todos os sessenta degraus até o nível da rua, um lugar tão distante que o céu parecia mais perto. Nenhum deles voltava. Um homem otimista poderia acreditar que tinham sido considerados inocentes, liberados, enviados para casa com suas famílias, mas nem mesmo Dokka, qualquer que fosse o inferno comparável em que estivesse vivendo, seria capaz de tal otimismo. Assim que o convocado chegava ao topo da escada e pisava o solo nevado do sexagésimo primeiro andar, o imame começava o funeral. O serviço era diferente de qualquer um que Ramzan já vira. Nenhum corpo. Nenhuma mortalha. Nenhum amigo ou vizinho que tivesse conhecido o convocado em qualquer situação, a não ser naquele estado desesperador. Eles estavam todos mortos, apenas um passo ou dois atrás do convocado, e honravam-no não como aquele que parte, mas como alguém que entrara plenamente. O imame reunia os outros ao redor da placa úmida onde o convocado havia escrito seu nome e cidade. Eles liam o nome em voz alta, de modo suave a princípio, e depois com mais intensidade até produzirem um canto que rivalizava com o *zikr*, e faziam a oração do nome e enviavam-no para o céu. Durante vinte e quatro horas, ou tão perto disso quanto conseguiam calcular, o nome e a vila do convocado eram deixados na parede de barro. Na vigésima quinta hora, os homens se reuniam em torno da inscrição. Cada um deles tomava um punhado de terra do chão descongelado e o apertava contra a parede. Sem o corpo, eles só poderiam enterrar o nome, e quando já não podiam lê-lo, sabiam que o homem se fora.

— De acordo com o *Hadith*, aquele que todas as noites recita a sexagésima sétima sura será poupado de uma morte torturante — pregou o imame de olhos azuis certa noite, sentado no balde virado. — Vocês todos devem saber disso. Devem contar com isso. A sura descreve a criação dos sete céus pelo Misericordioso, um acima do outro. O trono de Deus está no topo do céu

mais alto, e lanternas adornam o mais baixo. As lanternas são nossas estrelas e cometas, este firmamento acima da nossa cabeça.

Ele olhou para o céu e baixou o rosto. Tirou uma caixa de fósforos do bolso e acendeu um. Uma suave luz amarela envolveu sua mão como uma luva.

— Coragem, meus amigos; já estamos entre os virtuosos. Já estamos com Deus. — Ele levantou o fósforo até o rosto, e sua sombra se projetou pelo barro de Landfill. — Aqui está a lanterna de nosso céu mais baixo.

De algum lugar muito acima deles, um nome foi chamado pelo megafone. O imame desceu do balde e caminhou em direção à escada.

— Com Deus — reafirmou ele ao pisar no primeiro e menor degrau.

A noite caiu. O luar cobria Ramzan como um lençol fino. Ele estava deitado em uma tira de algo que havia sido um carpete cor de vinho e que afundaria na lama caso ele se sentasse, se virasse, bocejasse ou pensasse muito. As estrelas eram muito mais brilhantes ali. A luz diáfana da Via Láctea encobria o Poço B, a coisa mais próxima de um telhado. Nada neste mundo ou no próximo era pior do que a dor física. Na vida após a morte, sendo não mais do que uma alma, não haveria nele corpo para bater, pele para esfolar, sangue para fluir, olhos para arrancar, unhas para levantar, pulmões para afogar, ventrículos para parar, e assim o castigo de Deus seria sempre mais suave do que o castigo do homem. Ele se apegou a essa única verdade na manhã seguinte, quando seu nome foi chamado pelo megafone. Agarrou-se a ela enquanto subiu a escada e viu, emoldurados pelos degraus, os nomes das pessoas que iriam em seguida. Quando foi ordenado a se despir, ele obedeceu. Quando um dos oficiais interrogadores quis ver melhor a pele esburacada que fora seu escroto, ele obedeceu. As cicatrizes tinham sete anos. Durante sua primeira detenção em Landfill, em 1995, na primeira guerra, ele se recusou a informar. Eles haviam arriado suas calças, mostrando o alicate, e ele continuara a dizer não. Gritando, debatendo-se, com sua masculinidade cortada pela metade, ele dissera não. Fizera isso, e agora estava pronto para começar a dizer sim.

Ramzan teria confessado tudo, mas eles não perguntaram, não se interessaram, ameaçaram cortar sua língua fora e colocar um alicate em seus dentes se ele pronunciasse mais uma maldita palavra. Fios elétricos foram enrolados em torno de seus dedos. Uma bateria de carro ligada em seus ossos. Deus podia estar assistindo, porém não era o dedo de Deus sobre o interruptor da bateria. Os interrogadores não falavam. Em vez disso, Ramzan

era um instrumento que tocavam, executando um dueto, e ao seu próprio modo conversavam através de seus soluços. Ambos usavam sapatos muito brilhantes. Isso era tudo de que se lembraria.

Ele desmaiou e foi ressuscitado por baldes de água fria com tanta frequência que nem a energia elétrica em suas veias era capaz de aquecê-lo. Os interrogadores saíram da sala para descansar e outros agentes federais entraram. Ele estava no interrogatório havia três horas e ainda não tinham feito uma única pergunta. Em um momento de calma, quando os interrogadores perguntavam uns aos outros sobre seus fins de semana, ele tentou encontrar a batida de seu coração entre os arrotos e choques, reais e irreais, que emanavam de seu corpo em bolhas. Antes de a segunda bateria de carro ser ligada, o novo interrogador guiou Ramzan para a sala seguinte. Ele andava com dificuldade. Esquecera-se de que a tortura podia ser muito cansativa. O novo interrogador, o de sapatos menos brilhantes, o manteve de pé, usando todo o corpo como uma muleta, e o ajudou a andar. Ele enxugou cuidadosamente a testa de Ramzan com um lenço antes de abrir a porta da sala ao lado. Uma mesa de madeira branca com marcas de arranhões de unhas estava no centro da sala. Naquele campo sem expectativas, o aquário do outro lado não o surpreendeu. O imame de olhos azuis foi trazido por outra porta. Ele não reconheceu Ramzan ou, se isso aconteceu, recusou-se a admitir o fato de sua vergonha diante de um discípulo. O imame foi pressionado contra a mesa. Um dos guardas abaixou suas calças e cuecas. O interrogador de sapatos menos brilhantes, que, momentos antes, tão ternamente guiara Ramzan pelo corredor, foi até o aquário. Calçou um par de luvas de borracha grossas e enfiou a mão na água. O imame de olhos azuis não sabia o que estava acontecendo. Do lugar onde se encontrava, via apenas a parede e os braços que o seguravam. Ele não conseguia ver o que Ramzan via. Não tinha como ver o interrogador de sapatos menos brilhantes se aproximando com a coisa preta que se retorcia em suas mãos enluvadas, e o interrogador via o rosto do imame. O imame não entendia o que estava acontecendo, e nem Ramzan. Mas quando o interrogador de sapatos menos brilhantes forçou a enguia, os dentes primeiro, entre as nádegas pálidas do imame, não poderia ser outra coisa. A sala ficou embaçada, então preta, e o grito do imame seguiu Ramzan em sua inconsciência. Quando acordou, ele estava de volta à primeira sala de interrogatório. O interrogador de sapatos menos brilhantes mantinha-se agachado atrás dele. Suas mãos estavam molhadas. Ramzan prometeu tudo, e o interrogador, como o pai de uma criança velha demais

para acreditar em fantasmas, observava-o com decepção, seus olhos claros tomados de tristeza pela sinceridade de Ramzan. O interrogador tirou o casaco, arregaçou as mangas, prendeu fios desencapados no peito de Ramzan e mapeou a fronteira da humanidade que compartilhavam. Ramzan ofereceu sua alma. Implorou para ser escravizado. O universo conhecido se resumia aos limites do chão de cimento e, sobre ele, o interrogador era homem e divindade, profeta e Deus. Às dez horas, o interrogador de sapatos menos brilhantes fez sua primeira pergunta. Às onze, os fios elétricos foram desenrolados dos dedos de Ramzan. Ao meio-dia, ele foi autorizado a se vestir. À uma, estava na folha de pagamento do serviço federal. Continuou agradecendo ao interrogador de sapatos menos brilhantes. De novo e de novo, ele agradeceu ao homem, e nunca antes tinha expressado sua gratidão com tamanha sinceridade. Teria seguido o interrogador de sapatos menos brilhantes a qualquer lugar. Foi Deus que encontrou na outra extremidade dos fios elétricos. Recebeu um telefone por satélite e um manual de trezentas páginas, escrito em alemão, francês, inglês e japonês. Perguntou depois por Dokka, quis saber se poderia comprar de volta a vida do amigo. Sim, o interrogador de sapatos menos brilhantes respondeu, desde que a vila levantasse um resgate de cinquenta mil rublos dentro de uma semana; caso contrário, o resgate saltaria para setenta e cinco mil por seu cadáver. Ramzan alcançou um dos muitos bolsos do casaco que haviam lhe devolvido, e timidamente tirou as notas embrulhadas em plástico. Ninguém pensara em verificar seus bolsos.

— Isto é apenas metade — disse-lhe o interrogador de sapatos menos brilhantes. — Mas eu sou, acima de tudo, um homem sensato.

Ramzan esperou por Dokka nas escadas de concreto da Administração da Coleta e do Tratamento do Lixo. A cem metros, no fundo do Poço B, seu funeral estava ocorrendo. Talvez um dos outros estivesse sentado no balde virado do imame, entoando o nome de Ramzan Geshilov, o homem bom e justo, que se recusara a informar e morreu por isso em Landfill sete anos antes e só agora estava tendo seu funeral.

As pedras a seus pés eram redondas e esburacadas. Seus pés descalços se curvavam sobre elas. Não havia culpa nem vergonha, isso viria depois, mas agora, apenas o ruído branco inerte do alívio, da respiração, não da dor. Ele usava os anéis de dez marcas de queimaduras nos dedos. Pela primeira vez na vida, acreditava sem reservas na existência de um Deus bom e generoso, como a sede do deserto ensina a crer na chuva. Depois de uma hora, sua

caminhonete vermelha virou a esquina, seguida de uma onda de poeira que passou varrendo o ar quando o veículo parou. Os suspiros de Dokka escapavam pela janela do passageiro aberta. Deixando o motor em marcha lenta, o interrogador de sapatos menos brilhantes desceu do lado do motorista. Segurava um saco plástico vermelho como se este fosse um peixe que ele orgulhosamente pescara. Dez dedos flutuavam no sangue.

— Seu amigo vai recebê-los de volta quando eu tiver os outros vinte e cinco mil — disse.

Depois de subir ao banco do motorista e enfaixar as mãos de Dokka com bandanas e fita adesiva, Ramzan olhou para o painel e viu que o interrogador — cujos sapatos, molhados de sangue, agora brilhavam no sol da tarde — os deixara com o tanque cheio de combustível.

* * *

E, agora, dois anos depois, em dezembro de 2004, duas semanas antes de Dokka desaparecer, quando o tom de discagem cortou a ameaça do coronel cossaco e Ramzan embalou o telefone por satélite e desceu da cabine do caminhão abandonado da madeireira, ele agiu com o mesmo entorpecimento que lhe permitira dirigir para longe de Landfill dois anos antes. Nas duas ocasiões, ouviu a voz suplicante de Dokka, e nas duas ocasiões fez o seu melhor para ignorá-la. Nas duas semanas após o telefonema do coronel cossaco, as duas semanas em que suas entranhas se apertaram como um punho cerrado, Dokka, ainda não um fantasma, assombrou Ramzan. Ele examinou rapidamente os doze nomes que já tinha fornecido aos agentes federais, os doze que haviam desaparecido porque ele se tornara um informante dois anos antes em Landfill. O que importava um décimo terceiro? Que importância tem qualquer pessoa quando malhada na bigorna da história? Ele sentou-se calmamente e se lembrou de Dokka como se este já tivesse partido. Dokka sempre terminava as perguntas com *ou*, como se antecipasse que ouviria uma recusa: *Você gostaria de jogar xadrez ou...? Será que as rações G-3 serão entregues amanhã ou...?* Sua generosidade em abrir a casa para os refugiados e sua intransigência em exigir um valor pelo aluguel, mesmo que o pagamento não fosse mais do que um simples botão, um clipe de papel ou um pedaço de papel de carta para a coleção de suvenires de sua filha. Por duas vezes, seus olhos castanhos haviam ficado baços: após

a perda dos dedos e, depois, após a perda da esposa. Suas mãos de raquete. Seus dedos dos pés, delgados, adquiriram a destreza de uma mão esquerda. Ele conseguia apertar um lápis entre o primeiro e o segundo dedos e escrever em letras desajeitadas tão grandes que cabia apenas uma frase por página. Sua genialidade no xadrez.

Quanto mais Ramzan pensava nisso, mais terrível se tornava. O Dokka desenterrado em não mais do que uma pazinha de lembrança era suficiente para partir seu coração. Dokka insistia em usar camisas de botão, e de que maneira ele se vestia pela manhã, se a menina o ajudava ou se era muito orgulhoso para pedir-lhe ajuda, se acordava antes do amanhecer para começar a longa e árdua tarefa de abotoar a camisa com os pés, Ramzan não sabia. No trajeto frenético da caminhonete na volta de Landfill, Dokka agradeceu a Ramzan por salvar-lhe a vida. De alguma forma eles tinham sobrevivido e nem mesmo a agonia de dez dedos amputados fora suficiente para fazê-lo esquecer-se de suas boas maneiras.

Duas semanas depois de sua primeira conversa com o coronel cossaco, Ramzan caminhou de volta para a floresta, novamente sob os galhos revestidos de gelo, rumo à cabine do caminhão corroído. Ligou para o coronel e entregou Dokka, explicando que este abrigava refugiados e também prováveis simpatizantes dos rebeldes, embora não tenha acrescentado que a maioria dos chechenos era de simpatizantes. Ele descreveu, verdadeiramente, como Dokka pediu uma arma quando eles voltaram de Landfill, pois temia não conseguir proteger a família. Narrou, verdadeiramente, como ensinara Havaa a atirar com a pistola Makarov porque Dokka já não tinha dedos para puxar o gatilho. Foi o primeiro relato não fantasioso que forneceu. A pistola Makarov prateada era a única evidência e, embora ele apresentasse circunstâncias atenuantes, fatores atenuantes e dúvida razoável, o coronel não estava interessado em abrir um processo contra Dokka. Ele perguntou-lhe sobre Havaa, e Ramzan, com um aperto no estômago que prometia não libertar suas entranhas do cativo, entendeu que, quando um homem está envolvido no assassinato de um coronel, toda a sua família deve desaparecer, mesmo que toda a sua família seja uma menina de oito anos.

Quando tudo acabou e Ramzan saiu da floresta depois de falar com o coronel cossaco pela segunda vez, forçou-se a caminhar até a casa de Dokka. Uma dor irradiava de suas têmporas. Ele fechou os olhos. O que você fez com a arma, Dokka? Seu burro. Não posso comprar sua vida desta vez. A cada passo ele descartava um pedaço de si mesmo. Até quando entregava os

vizinhos, encasulava-se na lógica da necessidade urgente. Fosse comendo do lixo ou traindo um velho amigo, todos eles tinham se envergonhado para sobreviver. Não era a ganância que o motivava a ser informante, pelo menos não primeiramente; antes de qualquer coisa, ele informava por necessidade, para sobreviver, por seu amor, ódio e, acima de tudo, pavor em relação ao poder exercido pelo oficial de interrogatório com sapatos menos brilhantes. Mas ao entregar Dokka e a menina, ele assumira a responsabilidade plena, perdendo as sombras que o haviam salvado.

Segundos após a batida, a porta foi aberta pelo engenhoso sistema de polias operado por pés que Dokka projetara com uma tábua de madeira serrada, uma roda de carrinho de compras e um estribo.

Dokka o recebeu, convidou-o a entrar. Nenhum rastro de desconfiança. Ramzan percebeu, com dolorosa clareza, que Dokka era a única pessoa, além dos agentes federais, que falava com ele. A única pessoa que tolerava sua voz, que o ouvia e lhe respondia, e foi naquele momento, ele mais tarde perceberia, que o universo ficou em silêncio. Ele poderia ter ligado a arma a Akhmed, a qualquer pessoa. Por que, dessa única vez, dissera a verdade? Novamente, Dokka convidou-o a entrar. Só então, com a hospitalidade, a amizade e a conversa de Dokka diante dele, Ramzan entendeu por que tinha infligido aquela visita a si mesmo.

— Ah, não — disse Ramzan, quando Dokka fez um gesto em direção à mesa da cozinha. — Só passei para ver se você precisava de lenha.

— Você deixou uma pilha no quintal outro dia.

— Sim, eu sei, só queria ver se...

Ele mordeu o lábio e olhou para a soleira da porta, arranhada e desgastada pelos pés das centenas de refugiados que ali haviam passado. Ela gravaria as pegadas daqueles que dariam sumiço em Dokka e em sua filha naquela noite. Ramzan olhou nos olhos castanhos do amigo.

— Você está bem? — perguntou Dokka. — Parece doente.

Sinto muito, Dokka. Olhe para você. Sinto muito.

— Ramzan?

Vim dizer adeus, pensou.

— Vim dizer olá — disse ele.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

— Então é por isso que elas te mantêm por aqui? — perguntou Akhmed ao guarda de um braço só, que naquele exato momento, no estacionamento do hospital, afundava sob o peso de uma caixa pesada. Uma veia azul pulsante apareceu no antebraço esquerdo do bravo guarda. — Você faz bico como carregador profissional? — Ele encostou-se no jipe, fumando despreocupadamente um cigarro. — Cobra a metade por mudanças?

— Posso atirar nele, Dra. Sonja? — perguntou, esperançoso, o guarda de um braço só.

Ela sorriu para os dois bufões — o guarda de um braço só ameaçou chutar o traseiro de Akhmed com suas *duas* pernas em perfeito estado — e eles tinham que ser bufões, porque todos os empregados do hospital com um mínimo de bom senso haviam ido embora.

— Preciso dos braços dele — respondeu ela ao guarda, que estava perseguindo Akhmed através do estacionamento. — Não atire nele até que todos os suprimentos estejam lá dentro.

Quando terminaram de descarregar, ela foi até o armário do refeitório. Atrás da caixa de sapatos com trocados, das ruidosas carteiras de identidade e do saco plástico com heroína, estavam os produtos bons: latas de leite condensado. O xarope doce borbulhava do corte triangular, formando uma camada grossa nas gengivas da médica, e por uns poucos suculentos segundos sua mente se estreitava à largura daquele córrego açucarado. “O leite condensado vai apodrecer sua boca, mas preservará sua alma”, dizia a tia de seu pai, Lena, que morreu em uma casa de repouso em Grozny aos cento e três anos, depois de ter sobrevivido a dois maridos, seis filhos, três netos e trinta e dois dentes. A maternidade estava vazia, a traumatologia, silenciosa, e Sonja fechou os olhos e deslizou para aquela paz inesperada como faria em água quente e limpa.

Ela subiu ao quarto andar. As portas giratórias da velha maternidade rangeram quando a médica entrou. A chama ínfima de seu isqueiro a guiou

até uma lamparina a óleo e se expandiu preenchendo a câmara de vidro. Quando ela ergueu a lamparina, a luz despelou as sombras. Nos anos que seguiram ao seu término, os murais de Natasha desbotaram-se e mancharam-se como se uma névoa tivesse caído sobre a cidade. Mesmo assim, o grau de detalhes ainda a assombrava. Lá, na janela que continha metade do Parque Municipal, um cão permanecera por oito anos urinando na perna de um comissário.

— Você não me mostrou isto no passeio pelo hospital.

Já vestido com o ridículo jaleco feminino, ele se apoiou no batente da porta, tentando e não conseguindo agir de modo natural. Bufões, imbecis, órfãos, loucos e visionários; família.

— Sinto muito — desculpou-se ela. — Por hoje, mais cedo.

Ele deu de ombros; não havia fim para o número de encolhimento de ombros que ela teria que decifrar?

— O que é isto? — perguntou ele, olhando para as paredes.

— A antiga ala da maternidade.

— No quarto andar?

— A genialidade da engenharia soviética — observou Sonja, fazendo acenos de cabeça. — O hospital foi projetado nos primeiros anos da liderança de Brejnev inteiramente sem a opinião dos médicos em atividade. Depois que os agentes federais dispararam um foguete no setor de armazenamento, decidimos transferir tudo para o primeiro andar.

As sombras deslizaram de seu rosto quando ele entrou na poça de luz da lamparina.

— Você fez estes desenhos? — perguntou Akhmed, indicando com a cabeça o mural mais próximo da janela.

— Natasha os fez.

— Como ela era? — indagou, inclinando o rosto para Sonja.

Ela havia descrito Natasha para guardas de fronteira, oficiais de acampamento e voluntários que trabalhavam com ajuda humanitária. Olhos cor de avelã, cabelo castanho, um metro e setenta de altura, sessenta quilos, sem tatuagens nem *piercings*, sem cicatrizes visíveis, mas com queimaduras de cigarro aglomeradas no ombro esquerdo; ela entoava a ladainha, a escrevia no papel como um rabisco mecânico, no entanto como poderia um instrumento tão embotado quanto a linguagem expressar alguém tão estranha e fugaz quanto Natasha? Ela não conseguia criar metáforas; Natasha não podia ser resumida. O que Sonja possuía eram perdas: a perda do riso de

Natasha, a perda do desprezo de Natasha, a perda do amor que Natasha concedia com relutância; e, da mesma forma como um membro fantasma pode doer e sentir cócegas, sua Natasha perdida ainda ria, ainda desdenhava, ainda amava relutantemente, florescendo com vida suficiente para fazer Sonja se perguntar se, na verdade, não era ela a desaparecida.

— Natasha era complexa — respondeu, por fim, e aquela era a resposta mais próxima da verdade que poderia articular.

— É — corrigiu ele. — Ela vai voltar. Como um George Bush.

Com um sorriso tolo, ela encolheu os ombros, descobrindo, por fim, a utilidade do gesto. As bochechas de Akhmed se avolumaram nos cantos de seu sorriso. A confiança dele era tão grande e impetuosa que ela poderia acreditar em suas palavras se não tivesse cuidado. Era aquela esperança, tardando-se nas mais finas margens da possibilidade, que a feria mais do que a perda; ao contrário da irmã, aquilo nunca desaparecia completamente.

— Falar sobre isso não faz bem nenhum — disse Sonja, feliz, ao menos, por Natasha não estar ali para ouvi-la admitir isso.

— Dokka desapareceu uma vez, e ele voltou. Sem os dedos, mesmo assim voltou. Espero que ele faça isso de novo.

Esta é a fase mais difícil, ela poderia ter dito a Akhmed, quando o tempo ainda não atenuou a perda até torná-la uma dor que pode ser administrada. Mas ele e a garota brincavam com uma leveza que Sonja não conseguiria adquirir um ano depois do desaparecimento de Natasha, e aquela capacidade de alegrar-se a desestabilizava.

— Você a amaria — perguntou ela, incapaz de disfarçar seu desconforto — se tivesse seus próprios filhos?

— É difícil saber — respondeu Akhmed. — Sempre a amei. Acontece que ela é minha agora, mais do que de qualquer pessoa. Se eu tivesse uma família, talvez soubesse melhor o que dizer. Mas ela é minha. Isso eu sei.

Certa vez, após Sonja ter renunciado à família em um acesso de raiva quando era criança, seu pai lhe disse: sua família não é uma escolha sua. Quase trinta anos depois, enquanto caminhava pelo Parque Municipal, ela viu dois sem-teto apertados em um único saco de dormir, seus braços sujos de fuligem envolvendo um ao outro, e finalmente compreendeu o que seu pai quis dizer.

— É engraçado — comentou ele, caminhando até a janela. — Um amigo me falou sobre estes muros anos atrás.

— Ele teve um filho nascido aqui?

— Duvido. — Akhmed ficou parado em uma reverente concentração a um palmo de distância das chapas de madeira. — Ele tem quase oitenta anos.

— Ela trabalhou nos murais por um longo tempo. Nunca a tinha visto dedicar tanto de si mesma a nada. Eu estava tão orgulhosa dela. Deshi e Maali a ajudaram.

Natasha, certa vez, descreveu os murais como a transcrição de suas lembranças, uma construção de frase tão linda que Sonja não se sentiu disposta a compartilhar com ele.

— Acabei me esquecendo disso completamente, caso contrário teria pedido para vê-los antes. Quando Khassan me falou sobre eles, fiquei muito emocionado por alguém ter tido esse trabalho. Parecia um grande e bonito desperdício de tempo. Você pode imaginar quanto isso me agrada. Então fiz algo semelhante.

Seu coração se elevou um centímetro. Mesmo desaparecida, Natasha ainda a surpreendia.

— Por causa dos murais da minha irmã?

— Sim. Acho que sim. Conteí a você sobre os rebeldes feridos que ocuparam a vila? Agentes federais chegaram em seguida. Quarenta e um dos meus vizinhos sumiram. Eu me lembrei da história de Khassan sobre o quarto cuja vista tinha sido recriada em janelas cobertas com compensado e desenhei retratos das quarenta e uma pessoas em chapas de madeira compensada e os pendurei por toda a vila.

— Todo mundo aqui é um maldito artista — observou ela, acenando com a cabeça. — Se vocês gastassem mais tempo lutando e menos desenhando, poderiam ganhar uma guerra de vez em quando.

— Foi a escola de medicina que fez isso comigo. — Ele inclinou-se para ela e baixou exageradamente a voz em um sussurro conspiratório. — Eu costumava faltar às aulas expositivas e às de laboratório para assistir às aulas de arte. É por isso que sou melhor desenhista do que médico.

— Não posso acreditar no que você está dizendo.

— Estou confiando a você o meu mais obscuro segredo — revelou Akhmed, tão satisfeito consigo mesmo que ela não conseguiu não rir junto com ele.

— Eu poderia perder meu emprego por saber disso e mantê-lo aqui. Isso é negligência criminosa.

— Obviamente, você é uma criminosa, veja as suas companhias. Contrabandistas internacionais e artistas amadores. — Seu braço esquerdo

tinha avançado várias vezes em direção ao dela. — Você poderia me demitir.

— É muito tarde para isso — disse Sonja, olhando especificamente para o jaleco feminino apertado ao redor de seus bíceps; como ele estava ridículo.

Haviam sido quatorze desde que os elevadores funcionaram pela última vez: quatro russos, seis chechenos, dois inguches, um médico francês e um jornalista finlandês, com quem ela havia transado antes de conceder uma entrevista. Ninguém sabia seu sobrenome nem patronímico; o anonimato era o medicamento profilático de mais amplo espectro. E o sexo em si, pouco frequente, ilícito e muitas vezes desajeitadamente impessoal, a preenchia de modo mais pleno do que qualquer marido seria capaz. Como alguém cujos dias eram definidos pelas dez mil maneiras pelas quais um ser humano pode se ferir, ela precisava, de vez em quando, se lembrar de que o sistema nervoso não existia somente para sentir dor.

— Mesmo antes desses retratos, pessoas de fazendas e vilas vizinhas iam à minha clínica, pessoas que não possuíam fotos de seus entes perdidos. Eu os desenhava. — Ele falou como se aquilo tivesse acontecido séculos atrás.

— Como um desenhista de retratos falados da polícia?

— Se eu tiver que ser um “ista”, prefiro retratista.

E, depois, aquilo ficou óbvio.

— Desenhe-a para mim — pediu Sonja. — Agora. Desenhe o rosto da mulher que lhe disse o meu nome.

Quando ele voltou com caderno e lápis, os dois se sentaram ao balcão. Akhmed abriu o caderno.

— Não me lembro muito bem dela — adiantou ele, em um tom de desculpa ou compensação, a médica não saberia dizer.

Com um gesto de cabeça, Sonja indicou que ele deveria começar. Se ela abrisse a boca, se desse uma furadinha naquele reservatório, nada o taparia. Akhmed dobrou a folha do caderno e desenhou uma linha tão suave que parecia meio apagada. Uma forma oval. Poderia ser a cabeça de qualquer um, até mesmo de Natasha. Em seguida, desenhou dois traços ovais menores, bem no meio da cabeça, bastante longos, até que ela imaginou uma franja. Os dois olhos a observavam da página. Quando ele começou a desenhar o nariz errado, ela apertou-lhe o pulso.

— Este não é... — Sonja se esforçou para empurrar palavras na frase. Iria se arrepender daquilo. Sabia que iria. Mas não tinha visto o rosto da irmã em doze meses, duas semanas e três dias; e, ainda mais do que o rosto de Natasha, ainda mais do que seu retorno, ela queria que Natasha acabasse. —

O nariz dela era menor — observou.

Durante a meia hora seguinte, ela o corrigiu delicadamente sempre que ele se desviava. Akhmed não tinha se esquecido do rosto de Natasha, disse a si mesma; ela estava apenas ajudando-o a se lembrar. E se estivesse enganando a si mesma, e daí? Os enganos não eram melhores do que o desespero, as falsas esperanças melhores do que esperança nenhuma? Enquanto o rosto calmo e despreocupado de Natasha surgia, o coração de Sonja escalava suas costelas. Ele bateu contra cada uma delas, e depois subiu até o pescoço, pressionando sua garganta. Em um campo de refugiados ou em um país estrangeiro, em algum lugar distante, Natasha estava segura. Akhmed desenhou um queixo que ela reconheceria em uma multidão de milhares de pessoas, e, em seguida, seu pescoço perfeito e imaculado. Nenhuma queimadura de cigarro; ela não o orientara a desenhá-las ali. Algo espetacular estava acontecendo em seu peito. Sonja não esperava aquilo. Em uma folha de um caderno com duzentas e vinte folhas, e com não mais do que alguns milímetros de lápis, ele devolveu Natasha para ela e para a maternidade.

— Por favor, pare — pediu a médica.

— Pensei que você quisesse isto.

Ele estendeu a mão para o ombro de Sonja e ela se virou.

— Te vejo amanhã — disse Akhmed, após um momento.

— Leve isto com você.

Ele tirou Natasha do balcão e levou-a da maternidade.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Ela foi vendida para um bordel ao alcance das balas do Kosovo, e de lá para o sul através da cidade de concreto de Tirana e do Adriático, onde, balançando na água verde sem brilho, viu a face da lua pela primeira vez em cinco semanas. Também a lua tinha crateras de queimaduras de cigarro. Seu passaporte era sua escritura, seu título e nota fiscal de venda, carregado por quem quer que fosse seu dono naquele momento, viajando ao alcance de suas mãos, mas nunca dentro delas. Ao longo de tudo isso, ela podia contar com um ritual tão fixo no dia quanto o nascer e o pôr do sol. Todas as manhãs, uma dose de heroína inflava sua cabeça para que ela flutuasse um metro acima de seu pescoço até o meio-dia. À tarde, ela tem uma ânsia louca. No fim do dia, fará o que pedirem para conseguir uma dose naquela noite. Ela não é a garota de programa cara e de alta classe que imaginara, levada de limusine para hotéis de luxo, onde conhece os porteiros pelos nomes e lhes dá gorjetas generosas enquanto passeia na noite como uma mulher livre. Não conseguiria comprar nem uma sacola de mantimentos com o que os zés-ninguém pagam por trinta minutos. Parece ser outono, mas talvez seja primavera. Ela não sabe dizer, quinze andares acima da folha mais próxima. Não se lembra do ano nem da cidade, do gosto do ar fresco nem da sensação de seu passaporte, da voz da irmã nem do amor e do desespero que obrigaram-na a fugir, no entanto está perto da janela e se recorda da vista; em oito meses, quando tudo acabar e ela estiver tomando banhos de três horas em um abrigo para mulheres, caminhará para o espelho do banheiro e, ângulo por ângulo, a desenhará no vidro embaçado. Os homens a chamam de Natasha, porém ela não sabe como eles sabem seu nome. Finalmente, Katya lhe diz que é assim que todas as garotas do Leste Europeu são chamadas, somos todas Natashas para eles. Um dia normal consiste em dez homens, três *cheeseburgers*, oito copos d'água da torneira e duas picadas. Uma escova de dentes, sem pasta de dente. Pastilhas de menta, um pacote após cada homem. As mulheres repatriadas têm razão: escravidão moderna; acontece que não há

nada de moderno nisso. Oito de vocês dormem em quatro beliches amontoados em um quarto. No início da manhã, no meio da tarde, sempre que as nuvens se dividem, quando a heroína desliza para dentro do seu sangue e você se esquece do seu nome, você fica perto da janela e traça a eternidade do céu através de retinas do tamanho de cabeças de alfinete. Quadra após quadra, a cidade passa, e cada último prédio, até o horizonte, permanece. Sergey, o cafetão, cujo irmão foi enviado de volta de Grozny em um caixão de zinco, parou de fumar na semana passada ou no mês passado e os pedaços mastigados de seu chiclete de nicotina, cuspidos e secos no chão, parecem pequenos cérebros cinzentos. Uma Natasha morreu, sobraram sete Natashas; uma nova Natasha entrou na sala e perguntou se era ali que as *au pairs* dormiam. Vocês são todas substituíveis, todas descartáveis. Sergey lê livros de negócios e ouve palestras sobre capitalismo de livre mercado e, às vezes, em meio ao sexo, dá para ouvir as palestras através da parede, através da banha que está grunhindo em cima de você, e ouvir *livre comércio* e *economia mercantil* lhe traz uma rica nostalgia da generosidade relativa do totalitarismo. Existe a noite, a noite passada, a noite seguinte. A correia em torno do tornozelo, as duas batidas na seringa, o sangue para dentro do cilindro, o êmbolo empurrando para dentro. Existe a mulher que se chama Anzhela, mas é chamada de Natasha. A mulher que se chama Nadya, mas é chamada de Natasha. A mulher que se chama Natasha, chamada de Natasha.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Ao amanhecer Khassan partiu para a estrada com alguma esperança de interceptar Akhmed, mas tudo o que encontrou foi um novo conjunto de pegadas. Não sabendo o que fazer, andou para trás e para a frente, incitando os cães a fazerem o mesmo, e juntos eles tornaram cinco quilômetros de neve um enigma que ninguém conseguiria resolver. Khassan havia tirado as luvas, lubrificando constantemente as mãos com manteiga, e durante cinco quilômetros lambidas aqueceram os nós de seus dedos. O sem pelo, Kashtanka, tremia como um rato prematuro, e por várias vezes Khassan parou para recolocar o cobertor amarrado com barbante em torno do seu tronco magro. No verão ele banhava os cães. Se algum dos animais adoecesse, cuidava dele. No limite da vila, ajoelhou-se e eles se reuniam ao seu redor, pulando, lambendo seu rosto, apoiando as patas em suas costas e ofegando em seus ouvidos, doentes, sujos, seus, seus, seus. Quando ele se levantou, todos os seis o seguiram, com Sharik na retaguarda. Ainda não eram nove horas. O dia se estendia e seu caminho era tão sinuoso e sem sentido como o que tinha deixado para trás. Antes da curva da estrada, ele viu a casa de Akhmed e, à sua frente, a lacuna onde havia sido a de Dokka. Se ele tivesse visto Akhmed naquela manhã, teria tido que pedir permissão para visitar Ula; se tivesse pedido permissão, ela poderia ter sido negada. Era uma desculpa melhor do que o ar gelado para ficar enrolado sob os cobertores aqueles minutos a mais.

Os cães descansavam no gramado coberto de neve esperando por ele, que rastejou através das sombras da sala de estar, com cuidado para não mexer nas cortinas, e entrou vacilante no quarto onde Ula dormia de forma espasmódica. Hesitou em acordá-la, como se ele próprio não fosse mais do que o sonho conturbado da mulher e pudesse se dissolver caso a tocasse. O cabelo dela estava preso com fitas sujas e cheirava a talco. Na cozinha, Khassan encheu um panelão com água limpa e o acomodou ao lado da cama. Puxou as cobertas até o queixo de Ula, para que quando ela acordasse não se

preocupasse com sua decência. Então, com relutância, esfregou-lhe o braço.

— Por que você está aqui? — perguntou ela, sem ter sequer a sugestão de surpresa no rosto.

— Você se lembra de mim? — indagou Khassan, com mais pressa do que pretendia.

Ela apertou os olhos.

— Devo ter vivido milhares de vidas antes desta. Eu era um pássaro. Era um inseto. Vivia nas folhas. Não sei qual das vidas é a alucinação.

— Você é Ula — disse ele. — Você é casada com Akhmed.

— Por que você está aqui? — Mais uma vez ela fez a pergunta, mais uma vez ele não respondeu.

Porque seu filho era a razão pela qual ela passava o dia sozinha. Porque mantê-la confortável, fazer-lhe companhia e cuidar dela era o mínimo que poderia fazer. Porque ele era solitário. Porque tinha se esquecido da companhia de uma mulher. Porque o pensamento de falar sozinho e senil a uma matilha de cães selvagens não o atraiu naquela manhã. Ele olhou para o painelão com água ao lado da cama. Porque ela se esquecia. Porque ela se esquecia de tudo o que ele dizia.

— Estou aqui para lavar seu cabelo.

Ela assentiu com a cabeça e ele puxou de volta o cobertor; a pele de Ula era mais branca do que a de um russo. Às vezes Akhmed a carregava para fora, até a cadeira de balanço, e ela se sentava sem se balançar, envolta em cobertores, mesmo nos meses quentes e úmidos do verão. Khassan virou-a para que seu cabelo pendesse para fora da cama e dentro d'água. O sabão produziu uma espuma suave, e ele correu os dedos através da água, estourou as bolhas contra seu couro cabeludo e lavou a oleosidade e a pele morta. Depois de lavar e enxaguar o cabelo de Ula, envolveu-o em uma toalha e apoiou a mulher contra a cabeceira.

— Você parece um xeique com esse turbante enrolado na cabeça — disse.

— Por que você está aqui? — perguntou ela.

— Estou aqui para terminar de contar uma história.

Ela sorriu, satisfeita com a resposta.

— Você pode ter que repetir as coisas. Talvez você não saiba, mas minha memória não é mais a mesma.

Khassan começou do ponto onde parara, na estepe, onde na manhã seguinte, ele e Mirza embarcaram no trem que ia do Cazaquistão para a Chechênia. Eldár era uma cidade fantasma quando os sobreviventes entre

seus antigos moradores voltaram. Soldados soviéticos encarregados da construção de uma nova estrada haviam arrancado todas as lápides do cemitério da vila. Khassan entrou na vila em uma rua rabiscada com epitáfios. A poeira tinha meio centímetro de altura no tampo da mesa, nas prateleiras e no chão. O ar estava muito denso para que pudesse respirá-lo, e assim, em sua primeira noite em casa, ele dormiu do lado de fora. Na manhã seguinte, sob um toldo de bulbosas nuvens cinzentas, enterrou a mala marrom no jardim dos fundos.

Khassan tinha trinta e um anos e se matriculou no programa de doutorado em história na Universidade Estadual de Volchansk. No dia do casamento de Mirza, isolou-se na biblioteca da universidade. Considerou a possibilidade de sequestrá-la, como noivos chechenos faziam desde tempos imemoriais, quando não recebiam a aprovação dos pais da noiva. Contudo, não queria ganhar a reputação de sequestrador de noiva, particularmente não entre seus professores; além disso, não dava mais tempo. Naquela tarde, ela se casaria com o botânico a quem fora prometida desde o nono aniversário, e, como se a botânica não fosse ruim o suficiente, o homem também tinha um pé torto e uma coleção de flores secas prensadas. Durante todo o dia, Khassan leu grossos tomos filosóficos, porém nenhum deles explicava a injustiça de um mundo em que ele perderia Mirza para um botânico de pé torto apaixonado por flores secas prensadas. Embora o botânico fosse um homem decente, Khassan estava apaixonado, e, portanto, era capaz de um ódio infinito.

Na época em que começou a escrever o livro que ocuparia sua vida, Khassan deu início a um projeto menor, secundário, de recuperação histórica. Em cartões ele registrava as lembranças que amigos, vizinhos e conhecidos distantes guardavam de sua família e os pregava nas paredes do que fora o quarto de sua irmã. Todas eram pequenas e comuns — a risada soluçante de sua irmã, o gosto de seu pai pelas menores moedas de troco, para que seus bolsos tilintassem como os de um homem rico —, mas nas ocasiões em que as lia, sozinho na casa que antes haviam compartilhado, essas recordações triviais retornavam com força inesperada. Quando acabou de cobrir uma parede do chão ao teto, ele começou a preencher o quarto com objetos de Mirza, como se ela também tivesse retrocedido ao passado que havia levado sua família. Ele a seguia. Quando, no mercado, ela comprou um novelo de lã vermelho-rubi, ele comprou o novelo cor de tangerina que estava ao lado; quando Mirza usou um cardigã de lã cinza com botões de prata, ele encontrou um suéter cinza igual, com botões de latão. Enquanto o botânico de pé torto

coleccionava flores, Khassan coleccionava sua esposa. O quarto forrado de cartões logo seria preenchido com lenços de cabeça que ela nunca tinha usado, com cigarros que ela jamais fumara, e, à noite, ele caía na poltrona de tecido listrado, muito parecida com a poltrona azul-marinho listrada da sala de estar de Mirza, e lia enquanto tomava chá em uma xícara um centímetro mais estreita do que a dela, e por alguns momentos, se tivesse sorte, se esqueceria e ela estaria fora de seu campo de visão, abastecendo o samovar ou, talvez, tricotando um par de luvas cor de tangerina, e sua felicidade se tornava o único objeto real no quarto.

E assim foi. Sete anos se passaram antes que Khassan falasse de novo com a verdadeira Mirza, em uma tarde de outono tão sem graça quanto todas as tardes naquele outono, quando o toque da buzina de um ônibus em Volchansk quebrou o silêncio. Ele acabara de deixar a biblioteca em uma busca frenética por fósforos quando ouviu o estrondo cortante. Ele se virou e, se o próprio Profeta estivesse ali, Khassan não teria ficado mais surpreso. Ela usava o cardigã cinza; os botões de prata realmente pareciam melhores do que os de latão. As extremidades de um lenço vermelho-rubi estavam penduradas em seus ombros. O ônibus havia freado a menos de um metro de onde ela estava; ele poderia ter-se curvado em reverência e escurecido os lábios naquele asfalto sagrado. Seus olhos se encontraram. Ela corou, não de surpresa ou espanto, mas com o triste constrangimento de alguém que foi flagrado.

Khassan convidou-a para ir à cafeteria da universidade. Eles petiscaram desajeitadamente de uma bandeja de confeitos; ela tentou convencê-lo de que tinha ido à cidade para uma consulta com o dentista, e ele garantiu que acreditava. Mas a timidez de Mirza se dissolveu tão depressa quanto a colher de açúcar em sua segunda xícara de chá. Suas unhas curtas e lixadas correram pelo conjunto de talheres. Eles conversaram por duas horas, e quando o olhar de desaprovação da senhora da cafeteria se tornou muito longo, Mirza pediu um passeio pela biblioteca. Ela correu de uma prateleira para outra, com os olhos arregalados e reverentes, e só mais tarde, quando Khassan reservou uma dúzia de livros para ela, descobriu que aquela era sua primeira vez em uma biblioteca. Ele levou os livros para sua sala, que, podia dizer com segurança, não produzia o mesmo impacto. Era, literalmente, o armário de vassouras. As vassouras não estavam mais ali — ele as jogara fora quando ganhou a sala —, porém o armário mal tinha largura para acomodar a menor mesa da universidade, que ficava tão apertada ali que lenços de papel não escorregariam entre ela e a parede. Seus dias eram vazios, ela confessou;

seria possível ir à universidade alguns dias por semana para ler em sua sala? Aquela Mirza era completamente diferente daquela mais jovem que quebrara a têmpera de gesso de Stalin com o salto da bota. Talvez ele tivesse mudado também; mas não a amava menos.

Duas vezes por semana eles se encontravam na esquina, atentos aos ônibus que se aproximavam. Ele a viu de cardigã cinza com botões de prata, no cardigã azul com botões de marfim falso, no cardigã verde sem botões. Dividiam cigarros, e quando ele sentia a umidade dos lábios dela sobre o filtro, o mundo se tornava grande e bonito. Sua sala acomodava apenas uma cadeira, então ela lia os livros ali enquanto ele trabalhava na biblioteca. Certa tarde, ele voltou meia hora mais cedo do que de costume e a encontrou debruçada sobre uma enorme pilha de papel datilografado. Pelas páginas que haviam sido viradas, ele viu que Mirza tinha avançado por, pelo menos, dois terços de *seu* manuscrito. Uma brisa o teria quebrado.

— Isto é maravilhoso — elogiou Mirza, de pé, como se estivesse perplexa por Khassan ser capaz de qualquer coisa maravilhosa.

Seu olhar baixo encontrou os tornozelos dela. Eram tornozelos adoráveis. Mirza elogiou seu livro e ele a abraçou por gratidão, não por desejo, mas ela não o largou. Nem ele. Ela beijou sua bochecha, o lóbulo da orelha. Durante meses, eles tinham percorrido com os dedos a borda da bainha de seu afeto sem uma única vez reconhecer o tecido. A circunferência do mundo se resumiu ao que seus braços englobavam. Ela sentou-se sobre a mesa, entre as pilhas do manuscrito lidas e não lidas, e o puxou para si com os dedos indicadores.

Tudo terminou em noventa segundos. Ele a acompanhou até um ponto de *marshrutka*, um micro-ônibus que realiza trajetos fixos sem horário determinado, partindo apenas quando todos os assentos estão ocupados. Quando Mirza embarcou na condução, ele foi com ela. Sentou-se ao seu lado e inclinou a perna contra a dela, e seguiram em silêncio, dois estranhos com um segredo mantido como uma folha de papel entre os joelhos. Ela o encontrou nos fundos da casa de Khassan, e à porta estava com as bochechas vermelhas e tremendo, e ele tomou suas mãos. Mirza era sua casa. A única terra que o prendia. Levou-a para a sala forrada de cartões e não teve que explicar nada. Ela viu o novelo e sabia. Desenrolou o lenço vermelho-rubi do pescoço e o acrescentou à coleção. Desta vez, tiraram as roupas antes de fazer amor. A marca de nascença da qual ele se lembrava de forma tão vívida ainda estava lá, uma mancha roxa de tinta espalhada sobre seu rim, a única parte

dela que não tinha envelhecido. O caso durou mais onze meses, até que ela engravidou. Durante anos tentara com o marido, que havia recorrido a afrodisíacos à base de raízes cultivadas por uma viúva idosa — depois que a história se espalhou, a viúva herborista recebeu encomendas suficientes para se tornar a mulher mais rica da vila, e logo recebeu uma série de propostas de casamento —, e se o pai era ele ou o botânico curado pelas raízes, Khassan nunca saberia. Akhmed nasceu no dia primeiro de julho de 1965; isso era tudo o que importava. Mirza morreu aos trinta e nove anos. Akhmed estava com sete. O câncer em seu estômago tinha apenas oito meses de idade. Após sua morte, Khassan e o botânico se tornaram amigos. Ambos compartilhavam o mesmo objeto de amor e perda, e, embora nunca discutissem isso, Khassan suspeitava de que o botânico soubesse. O botânico permitiu que ele fosse um tio para Akhmed, uma figura a quem este poderia amar, mas de quem não precisava depender, e, desta forma, não obstante a verdadeira paternidade, ele era um pai melhor para Akhmed do que jamais foi para Ramzan.

— Até você sabe disso, Ula. É só ver a maneira como cada um deles acabou.

* * *

Quando Khassan voltou para casa, Ramzan estava sentado à mesa, embora sentado seja descrever generosamente sua postura, uma vez que se encontrava tão afundado que as costas da cadeira encobriam-lhe a cabeça. O fedor penetrante da bebida tomava o ar. Talvez ela tivesse dissolvido a coluna de seu filho.

Cambaleando contra a mesa, Ramzan mantinha a voz firme, ele ainda não vira o pai à porta.

— Não há nada para comer e não consigo cagar. Não entendo isso, você entende? Como posso estar com prisão de ventre se você deu toda a carne para aqueles cães imundos? As pílulas para dormir. Talvez seja isso. Talvez seja o clima. Talvez dezembro tenha congelado minhas tripas. — Ele falava no tom monótono e vago de um homem que sabia que ninguém estava escutando, e foi terrível para Khassan ouvir a voz do filho, retalhado pela solidão, dirigindo-se a uma cadeira vazia. Alguns anos antes, Khassan não tinha sido capaz de fazê-lo responder a uma pergunta com um sim ou não; agora nenhuma pergunta que Ramzan formulava e à qual respondia era tão

simples.

Se não fosse por Ula, Khassan teria fechado a porta e voltado para os cães. Ele os teria seguido através dos becos, das calhas repletas de lixo, até as finas faixas de sombras de pequenos galhos que criavam labirintos no chão da floresta, até que seus focinhos arrebitados apontassem para ele, ansiosos, com fome. Se não fosse por Ula, teria ignorado a voz do filho de manhã, ao meio-dia e à noite, quando se despediu da matilha e voltou à casa para preparar sua injeção de insulina. O dia teria se unido silenciosamente a centenas de outros, se não fosse por Ula. Mas ele havia conversado com ela, e o alívio do desabafo ainda o mantinha de pé, e aquele, decidiu, seria o dia em que falaria com a única pessoa que esperava para ouvi-lo.

— Você não consegue cagar? — perguntou, suavemente. Ele havia esquecido o tom de castigo. — Podem ser os soníferos que você toma para dormir entre os fantasmas. Poderia ser Alman, ou Musa, ou Omar, ou Aslan, ou Apti, ou Mansur, ou Aslan o Hirsuto, ou Ruslan, ou Amir, ou Amir Número Dois, ou Isa, ou Khalid, ou mesmo Dokka. Talvez Dokka. — Ele carregou a voz com toda a animosidade que ela podia sustentar.

Jamais falara daquela forma. Durante um ano, onze meses e quatro dias, nunca os apelos, reprimendas e orações que queria proferir deixaram seus pulmões. O peso de tudo o que ele não tinha dito pendia como um órgão morto em seu peito. Mal podia respirar. Ele também sabia o que era ter lixo que não se pode descarregar.

O rosto de Ramzan iluminou-se com a surpresa.

— Estive esperando para ouvir você dizer isso — observou. Um sorriso radiante despiu seu rosto das sombras. O silêncio de Khassan fora tão longo e causara tanta solidão que, para Ramzan, aquela voz de denúncia era tanto uma vitória quanto uma absolvição. O som da voz do pai era tudo o que importava, sua mensagem era irrelevante. — Mas você não pode falar assim comigo — acrescentou, agarrando com força o assunto e esperando que o argumento fosse fazer sair mais da voz de Khassan.

— Você está me dizendo como falar? — As temporadas de Khassan latejavam. — Um filho diz ao pai? Um menino? Um... — Ele parou antes de menosprezar a masculinidade de Ramzan.

— Você acha que vive dez centímetros acima do solo, mas quem lhe dá a comida que você atira aos vira-latas? — Ramzan falava com uma alegria lenta e selvagem, espetando cada palavra no pai. — Em cinquenta quilômetros eu não conseguiria encontrar aspirina suficiente para curar uma

ressaca, mas a cada duas semanas lhe trago insulina. Você deveria ser grato. Permito a você tanto sobreviver quanto se ressentir de mim por isso.

As respirações de Khassan não conseguiam chegar rápido o bastante. Uma clareza insensível e firme esmagava qualquer afeto paterno que tivesse sobrevivido ao silêncio. Apesar de todas as mentiras vividas por Ramzan, ele ainda era capaz de falar a verdade, e era pela verdade, mais do que pelas mentiras, que Khassan o odiava. Certa vez, pousara a mão sobre o berço de Ramzan e os dedos do menino se enrolaram ao redor dos seus como pequenas videiras. Certa vez levantara o garoto e vira milagres em seus olhos profundos e resolutos.

— Você não é nada para mim — disse, por fim.

Mas Ramzan, ainda sorrindo, ainda inexplicavelmente alegre, disse:

— Assim como o seu livro? Você vai me levar para a floresta e me queimar?

— Eu gostava daquele livro mais do que de qualquer pessoa.

— Eu sei, mais do que da minha mãe.

— Ela sabia exatamente quem eu era quando aceitou minha proposta.

— Ela achou que você era Albert Einstein, que a honra de sua genialidade compensaria sua negligência. Você trata seus cães melhor.

— Isso não é verdade — retrucou Khassan, sem saber direito como a conversa se voltara contra ele.

— Um gênio, pensava ela. Como se Albert Einstein fosse se esquecer do aniversário da esposa.

O que tinha se apossado dele, levando-o a falar? Mais dois anos de silêncio machucariam menos do que um minuto a mais daquilo. Esperava a impetuosidade de Ramzan, sua tagarelice, mas não que fosse conciso. Não imaginava que o filho que destruíra sua reputação, seu nome, sua fé na bondade humana, fosse encontrar novas maneiras de acabar com ele. Mais do que seus fracassos paternos, era da alegria sorridente do filho ao descrevê-los que Khassan se lembraria. Olhos enviesados com júbilo. Khassan os reconheceu como seus. Era a conversa que temia desde o nascimento de Ramzan. Desde que a mulher, que não era Mirza, lhe disse, em uma dor exaustiva, uma palavra que deveria tê-los unido: “Nosso”. Desde que o segurara, não mais do que uma cabeça careca e cobertores, e desejara que a criança em seus braços fosse Akhmed. Coitado. Você nunca teve uma chance. — Não tenho sido um bom pai, eu sei, eu sei, eu sei, eu sei, eu sei, eu sei, eu sei, eu sei, eu sei, eu sei — e ficou repetindo isso, a agulha presa sobre

essa única declaração que proferiu e reafirmou para que Ramzan não o fizesse. — Mas nunca machuquei vocês — disse, por fim. — Nunca encostei um dedo em nenhum de vocês.

— Você era uma boca que só se abria para comer. Assim como agora. E o pior é que desperdiçou o que tinha. Foi fisicamente capaz de ter uma esposa e um filho, mas não nos quis.

— Sinto muito pelo que aconteceu com você — disse.

Nem mesmo no pedido de desculpas ele conseguia mencionar aquilo com todas as letras. Dois de março de 1995, oito dias após o vigésimo terceiro aniversário de Ramzan, ele nunca se esqueceria do dia. O caminhão de transporte não desacelerou quando Ramzan foi empurrado da traseira. A fralda para adultos que haviam vestido nele estava marrom. Encontrar seu menino, ali, na rua, meu Deus, seu horror o deixara sem palavras. Akhmed tratara do ferimento de Ramzan e foi o único outro morador a saber daquilo. Durante semanas, Khassan dedicou-se ao filho, levando-lhe as refeições na cama, lendo literatura barata, persuadindo a centelha da vida a brotar de seus olhos sem brilho e brutalizados. Ramzan nunca se recuperou, não completamente, não fisicamente, não existencialmente. Landfill o quebrara de modo certo, como se fosse um galho, e nem todo o chá e conversa fiada na Chechênia o recuperariam. Ele nunca falou sobre o que acontecera lá. Seu orgulho pelo que havia feito e sua desgraça pela consequência estavam tão entrelaçados que não conseguiu dizer sequer a seu pai que fora castrado por se recusar a dar informações sobre os vizinhos.

— Lamento pela vida que você não foi capaz de conhecer — disse Khassan. — Pelo pai que você poderia ter se tornado, pelo bem de todos nós.

— E eu lamento pelo pai que você poderia ter sido — rebateu Ramzan.

O insulto se descamou de sua voz e por trás dele estava a pura e impenetrável carência. O rosto de Khassan parecia muito pesado. Ele esperava acusações falsas, divergências, e não honestidade. As tábuas do piso sentiram dor quando ele se virou para a porta. Em sua cabeça, ouviu o *jingle* do programa de televisão que acompanhava o noticiário noturno na década de 1970, uma canção tola, alegre, cantada por operários cooperados, cuja melodia havia trabalhado em seus ouvidos como um despertador reverso, um toque que o fazia saber que era hora de dormir, de descansar, de sonhar e, embora ele não pensasse na música havia anos, ela lhe ocorreu naquele momento, cada nota, e Khassan a cantarolou sob a respiração enquanto se segurava no batente da porta e queria morrer.

— Você acha que sou egoísta, mas não sou — disse Ramzan, atrás dele, com uma franqueza insuportável. — Fui sincero quanto ao que disse sobre a insulina. No fim, tudo isso vai acabar. Temos apenas que sobreviver por enquanto. Você não pode sobreviver sem insulina. Nós dois precisamos de comida, certo?

— Tenho setenta e nove anos de idade. Setenta e nove. O resto da minha vida não vale o resto da de Havaa, nem da de Dokka, nem da de Akhmed.

— Não estou apontando uma arma para a cabeça de ninguém.

— Ramzan. — Khassan suspirou. Uma onda de exaustão se infiltrou nele. — Você está colocando as balas no tambor.

— Sou igual a você! Você disse que nunca encostou um dedo na minha mãe nem em mim. Eu nunca encostei um dedo em ninguém também!

— É só isso?

— É só isso.

— Apenas um nome no telefone?

— É só isso!

— E depois outro nome, não? E outro, e outro, e outro, e outro, e outro, e outro, e outro, e outro, e outro, e outro, e, em seguida, Dokka?

Ele viu a própria perplexidade refletida nos olhos de Ramzan. Seu filho burro, estúpido, não entendia o que estava fazendo nem os motivos melhor do que o próprio Khassan.

— Foi por nós. Para que possamos sobreviver juntos. Você é a única pessoa que eu tenho. Você é minha família.

Era a coisa mais triste e doce que Khassan já tinha ouvido. Em outro mundo, teria abraçado Ramzan, beijado-lhe a testa, o abraçado de modo que o coração de seu filho batesse indiscriminadamente contra o seu.

Khassan caminhou até a mesa, segurou o ombro de Ramzan. Seu aperto era forte e consolador. Ele imaginou Abraão no topo da montanha e os versos retornaram espontaneamente: *Meu filho, sonhei que estava sacrificando você.*

— Você fala de família, então deixe Akhmed e Havaa em paz.

— Sei que você o quer como filho. Soube disso durante toda a minha vida.

— E se então ele for, Ramzan? — perguntou Khassan, apertando o ombro de Ramzan. — E então?

O rosto de Ramzan ficou inexpressivo, frio, sem emoção.

— Nenhum de nós está comprometido com alguém por uma distinção tão trivial. Você acha que a paternidade sequer importa? Não, pai, não. Nós somos os filhos de lobos. Isso é tudo, pai. Ele poderia ser seu filho, seu

irmão, seu sobrinho, seu vizinho, seu amigo, e eu não o salvaria.

— E ainda assim você me salva. Que desperdício.

Khassan caminhou até a porta, abriu-a ao vento. Olhou para trás. Ramzan o observava, tão gélido e impenetrável quanto uma lagoa de inverno. *Você é meu. Eu reconheço você. Torcemos nossas almas em torno dos sofrimentos um do outro. É isso que nos torna uma família.*

Lá fora, seus cães o esperavam.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

As chaminés da vila sopravam fumaça entre os troncos das bétulas quando Akhmed ouviu um assobio baixo vindo das árvores. Khassan, rodeado por sua guarda de cães ferozes, entrou na estrada com a mão alaranjada tampando a lanterna. Os animais, vigilantes, com as orelhas eretas, estudaram-no cautelosamente.

— Não queria que Ramzan me visse esperando por você — disse Khassan. Seus dedos brilhavam.

— Ele estava esperando por mim na noite passada, perguntando sobre Havaa.

— Falei com ele hoje. Pela primeira vez em dois anos. Meu próprio filho. Implorei a ele.

A declaração foi como um golpe que fez Akhmed recuar um passo. Surpreso, honrado, agradecido pelo homem quebrar o silêncio por causa de Havaa, por sua causa, ele colocou a mão sobre aqueles dedos iluminados, e a estrada escureceu-se de novo.

— Está tudo bem.

— Sinto muito, Akhmed, eu... — Um soluço interrompeu a voz do velho, e Akhmed apertou-lhe os dedos.

Quando sua mãe morreu, Khassan chorou no enterro. Quando o pai de Akhmed morreu, Khassan providenciou a mortalha. Ele sempre se lembraria disso, de como Khassan havia compartilhado seus lutos como se fosse da família. As patas dos cães tamborilavam na vegetação rasteira.

— Então eles virão atrás de mim.

Durante anos, ele vivera com medo do assassinato, da tortura ou do desaparecimento, assim como todos os homens de sua idade, e era a insensatez o que realmente o assustava; o fato de que a finitude monumental da morte poderia vir de modo arbitrário era mais aterrorizante do que a eternidade que a seguiria. Contudo, se sua morte cortasse a ligação entre a cidade e a vila, ela não seria nem inútil nem insignificante, e ele seria mais

sortudo do que muitos milhares de seus compatriotas.

— Não sei — disse Khassan.

Suas mãos tremiam sob as de Akhmed.

— E Ramzan não sabe onde estive nos últimos três dias?

— Não acho que ele queira saber. Desde que o peso da revelação esteja sobre você, algum pequeno canto da consciência dele pode ficar limpo.

Ele a imaginou na mesma hora, aborrecendo Sonja, pedindo-lhe que explicasse por que as fezes são marrons, por que as orelhas se dobram, tão jovem, ingênua e esperta. Ela era uma criança sem pais, e ele era um homem sem filhos. Dez anos antes, não se veria reivindicando-a, mas as regras daquela sociedade haviam se quebrado. Não sobrara ninguém para dizer quem se podia amar.

— Não direi uma palavra — sussurrou Akhmed.

— Sinto muito.

— Havaa é minha única lealdade.

A lua delineava o rosto de Khassan. Lágrimas rodeavam suas pálpebras, e seus lábios estavam pressionados em uma expressão tensa, ainda assim ele não parecia sofrer. Se Akhmed não o conhecesse melhor, teria pensado que era uma expressão de impressionante orgulho.

— Você se lembra de quando, na primeira guerra, Dokka carregava um livro para todos os lugares? — perguntou Akhmed. — Sempre que os agentes federais passavam, ele abria o livro e começava a ler.

Khassan deu um sorriso aliviado.

— Os agentes federais pensavam que os rebeldes eram analfabetos, por isso lendo um livro ele provava que não era um rebelde.

— Só que nem era mesmo um livro, era?

— Não, um diário. Todas as páginas estavam em branco. Mas eles não sabiam.

Eles riram, e o feixe de luz da lanterna recortou círculos nas sombras.

— E não atiraram nele — refletiu Khassan.

— Não, na época não.

Khassan puxou um envelope pardo do casaco e passou-o para Akhmed. A troca, pensou Akhmed, era a coisa mais próxima de um serviço postal em muitos anos.

— Gostaria que você desse isto a Havaa. É uma carta, algumas lembranças de Dokka antes de ele se tornar pai. Assim ela terá algo para ver quando for mais velha.

— Fico feliz que você seja otimista — disse Akhmed.

— O que eu faço? Sei o que a honra exige, mas *isto*? Ao meu próprio filho? Com minhas próprias mãos? Espera-se que eu faça *isto*? Diga-me o que fazer, Akhmed. Você sabe que seu nome é o próximo que ele entregará aos agentes federais. Você me diz, o que um pai deveria fazer? — Khassan se inclinara para a frente, com suas respirações malcheirosas e rápidas aquecendo as bochechas de Akhmed, e suas mãos indo em direção aos seus ombros. Era uma sensação peculiar. Eles nunca haviam se abraçado antes.

— Não sei — respondeu Akhmed. Não havia uma resposta certa, e ele estava muito cansado, morrendo de frio e muito perto de casa para filtrar todas as erradas. — Nunca fui pai. Não sei o que você deve fazer.

— Não estou pedindo sua aprovação. Estou pedindo seu conselho.

Akhmed assentiu com a cabeça.

— Vou pensar nisso.

Khassan recuou, e seu rosto, pálido ao luar, mudou violentamente. Ele abriu a boca, mas por um momento apenas seus olhos falaram. Akhmed preencheria o frágil espaço entre eles com gratidão. Teria agradecido a Khassan pelos conselhos, histórias, refeições, cigarros, silêncios, tudo, até mesmo pelas intermináveis aulas de história que haviam compartilhado ao longo dos anos. Teria dito que Khassan fora como um pai para ele nos dez anos desde a morte de seu pai. Teria dito isso, entretanto Khassan falou primeiro.

— Sinto-me afortunado por saber quem você é, Akhmed. Queria lhe dizer isso há muito tempo.

Seus olhares se encontraram e se afastaram. Tal reconhecimento de seu relacionamento deixava ambos envergonhados, e acenando com a cabeça e se virando para a vila, Akhmed não disse nada.

Ele entrou na escuridão mofada da sala de estar e se arrastou em direção à luz da lamparina do quarto.

— Sou eu — disse, à porta. — Como você está?

Sob os cobertores, Ula virou-se e sorriu preguiçosamente.

— Ah, muito bem. Bem e bem. Seu pai veio de novo. Ele contou uma história para eu dormir.

Akhmed preparou um jantar de lentilhas e damascos enlatados, puxou uma cadeira para o lado da cama e comeu com ela. Sua pobre Ula. Ela estava de fato enlouquecendo. Sua saúde tinha melhorado nos últimos meses, mas aquela insistência de que passava os dias com seu pai, falecido havia dez

anos, dissipava a esperança de recuperação. Tudo bem. A sanidade era algo a menos que ela teria a perder. Numa caixa de charutos sob a cama, ele escondeu uma agulha de aplicação subcutânea e um frasco de heroína que roubara do hospital.

Depois de limpar os pratos, encontrou seu exemplar do *Khadji-Murát*, que firmava a perna bamba da cômoda, e o colocou ao lado da porta. Fechou as cortinas com *blecaute* da sala antes de abrir o envelope de Khassan. Clipes de metal juntavam quarenta ou cinquenta folhas. Abriu as páginas de forma aleatória. *Seu pai adorava o nariz de sua mãe. Era uma coisa grande, desajeitada, e ele dizia que ainda estava crescendo e, aos poucos, tomando suas bochechas e a testa, até que seu rosto inteiro logo submergiria sob seu nariz.* Ele não poderia começar, não naquele momento, e meteu as folhas de volta no envelope pardo.

Na cama, segurou o quadril de Ula. Não era o quadril que segurara na noite de núpcias enquanto se atrapalhava e gemia, tão convencido de seu desempenho que não estava preparado para o constrangimento que acompanhou a virada do nariz da mulher para a janela aberta. Mas ele amava aquele quadril ainda mais, sentiria ainda mais a sua falta. Os dois costumavam discutir sobre tudo, brigas que deixavam ambos roucos na manhã seguinte, e perdoavam-se mutuamente em silêncio, com uma xícara de chá, pousando a mão no ombro do outro, não mais sobrecarregados pelas vozes que os separavam. Ele sentia mais falta do desprezo de Ula do que de qualquer outra coisa. De sua maneira de olhá-lo como se ele não estivesse ali. De como ela sabia do que toda a vila suspeitava: que ele era um médico incompetente, um contador pior ainda, um romântico, um homem que nunca era mais feliz do que quando desenhava pássaros na floresta. De como ela sabia disso e ainda o amava. Akhmed correu os dedos pelos cabelos da mulher. Fazia dias que os tinha lavado e ainda estavam muito limpos. Graças a Alá, ela está falando com meu pai. Se está olhando tão longe no horizonte, não verá o que está à sua frente.

— Você se lembra de quem sou eu? — perguntou, mas Ula já tinha adormecido.

* * *

— Você sabe como isto foi inventado? — indagou Sonja com um aceno de

cabeça para o estetoscópio que a menina estava usando para ouvir o próprio coração. — Foi inventado por um médico francês que tinha um paciente muito gordo. Ele era tão gordo que o médico não conseguia ouvir as batidas do coração em seu peito. Então, criou um estetoscópio.

— Isso é estranho — comentou Havaa, movimentando o objeto como uma peça de xadrez indecisa. — Nunca vi uma pessoa gorda.

— Nunca?

— Nunca. Mas entre meus suvenires tenho o autógrafo de um homem que tinha sido gordo.

A menina anotou os batimentos de seu coração na ficha que Sonja lhe dera. Tomada por um inexplicável interesse pela medicina, Havaa, vestida com um jaleco de laboratório que se arrastava pelo linóleo, estava seguindo Sonja desde o jantar. Levou quase uma hora até a médica perceber que a garota a estava imitando. Sua exasperação rude atenuou-se em um descontentamento mais suave quando Havaa começou a xingar o ar por fazer o transporte de agentes contagiosos. Pobre criança, pensou ela, vamos esperar que encontre um modelo melhor.

A menina segurou o sino do estetoscópio como um microfone e, enquanto chutava a ponta caída de um lençol, começou a entrevistar Sonja.

— Como é ser cirurgiã? — perguntou.

— Maravilhoso. Próxima pergunta.

— Por que você não tem filhos?

— Eles fazem muitas perguntas.

— Quem você subornou para entrar na escola de medicina?

— Surpreendentemente, ninguém.

— E você é a única cirurgiã mulher no mundo?

— Parece.

— Qual é sua doença favorita?

— Clamídia.

— Se eles permitiram que você se tornasse cirurgiã em vez de esposa, eles vão deixar que eu me torne arborista em vez de esposa?

— Quem são “eles”?

— Você sabe.

— Diga-me.

O rosto da menina murchou com resignação; fazia muito tempo, mas Sonja se lembrava de como era ter aquela cara, de como era sentir que não era mais brilhante do que o mais burro dos homens, mais forte do que o mais fraco dos

meninos, e com essas ideias enchendo-lhe a cabeça não era de estranhar que a subordinação fosse o único resultado inevitável. Ela se sentou na cama do hospital ao lado de Havaa, lembrando-se de como era ter aquela cara, e com pena da garota.

— Ouça, Havaa — disse, reunindo o máximo de generosidade que conseguia àquela hora da noite —, você pode ser exatamente a pessoa que quiser ser, está certo? Pode não parecer assim, mas as coisas mudam quando a pessoa fica um pouco mais velha. Se você trabalhar duro, desistir de certas coisas, e, sim, recorrer ao suborno de vez em quando, você será uma arborista, ou uma anemonista marinha, ou qualquer outra coisa que queira ser.

E elas continuaram conversando, passando o sino do estetoscópio uma para a outra.

— Você tem alguma pergunta para mim? — indagou Havaa no fim da entrevista.

Desde que Akhmed tinha ido embora naquela noite, Sonja guardara a pergunta do modo que faria com uma carta há muito esperada, com medo do que o envelope continha.

— Uma mulher russa já ficou na sua casa?

— Qual? Muitas pessoas ficaram lá em casa.

— O nome dela era Natasha.

— Provavelmente umas trinta Natashas, pelo menos.

— Ela se parecia comigo.

Havaa lançou um olhar avaliador.

— Então, não.

— Como eu, só que bonita.

A menina inclinou a cabeça.

— Não consigo imaginar isso.

E, então, lhe ocorreu. Por que ela não pensara nisso antes? O esboço de Akhmed. Sonja estava de pé e fora da sala antes que Havaa pudesse perguntar aonde ela estava indo. Por que ela pediu que ele levasse embora o retrato? Onde o teria guardado? Subiu ao quarto andar e refez o caminho de volta para seu quarto, verificando as maternidades novas e antigas, o quarto do homem das minas terrestres, os escritórios administrativos vazios, a sala de espera. Durante a busca, sua mente piscou para o dia que havia comprado o quebrador de nozes do guarda do Palácio de Buckingham. Fiel ao seu modelo, ele resistira a voos por toda a Europa, a cada solavanco da mala

Samsonite, e até mesmo à vergonha do nome de Alu, sem perder a compostura uma única vez.

Ela encontrou o quebrador de nozes em uma loja de conveniência, pegajoso com um resto de refrigerante derramado, onde fora comprar pastilhas para tosse antes de assistir a uma palestra. Faltavam quatro semanas para o Natal. A primeira guerra não começaria oficialmente antes de doze dias. Ela o comprou sem pensar uma única vez em Natasha, comprou porque lhe deu vontade, porque o Palácio de Buckingham era o que vinha à mente dos estrangeiros quando pensavam em Londres, e ela, Sonja com *j*, não era nada além de uma estrangeira. Nuvens cinzentas se alinhavam no horizonte quando ela subiu a escada rolante em Holborn e cruzou a Lincoln's Inn Fields, a maior praça pública de Londres, a caminho do Royal College of Surgeons. Lá, em uma palestra de neurocirurgia, transcreveu a enrolada sintaxe da academia britânica em um caderno rosa brilhante que encontrara em uma pilha de cinquenta *pence*. Anexo ao Royal College havia um museu dedicado à história da anatomia e da patologia. Depois de agradecer ao palestrante, e de parar no átrio para um cigarro e uma pastilha para tosse, passeou pelas curiosas exposições do museu. Uma delas detalhava a história da mumificação não egípcia. Havia um nicho dedicado à tibia. Uma sala exibia os 1.474 crânios coletados no século XIX pelo médico Joseph Barnard Davis. Um crânio fraturado de uma mulher romana descoberto em Pompeia. Os crânios de nove piratas chineses enforcados em Ningpo. Congolese dos seringais do rei Leopoldo II, da Bélgica. O crânio que a assombrou, porém, foi o de um canibal bengali. Intacto, com a mandíbula ainda fechada contra o temporal, todos os vinte e dois ossos que constituem um crânio humano numerados. Os oito ossos que formam o neurocrânio banhados em luz halógena. Considerando o tamanho das estruturas, a proeminência do rebordo supraorbitário e os lobos temporais, bem como a dimensão total e a solidez do crânio, ela sabia que pertencera a um homem. O crânio não parecia nada diferente daqueles dos piratas chineses e dos trabalhadores de plantações do Congo. Sonja leu a placa escrita um século e meio antes por um frenologista vitoriano. *Não há características que diferenciem o crânio de um canibal do de um homem comum.*

Essa mórbida associação entre o canibal e o quebrador de nozes, algo que ela nunca mencionou a Natasha, era tudo em que pensava enquanto procurava o retrato. Por fim, encontrou o caderno em cima do balcão do refeitório, debaixo de uma pilha de roupas dobradas. Da última página,

Natasha a observava calmamente, com olhos não embaçados por julgamentos nem ressentimentos, o cabelo preso por uma faixa que ela nunca possuía, as orelhas com brincos pesados que não existiam. Era evidente que Akhmed não a conheceria.

Seus passos, desacelerando para os de uma procissão à medida que se aproximava do quarto, pingavam como as últimas gotas que caem de uma torneira fechada. Ela queria saber e não queria saber; as duas coisas estavam sempre lá, sempre dividindo-a, um cabo de guerra no qual ela era a corda. Mas estava tudo bem, disse a si mesma. A verdade era mais um boato espalhado pelas linhas de refugiados, outra alucinação da qual poderia livremente descrever. Quando entrou no quarto, a menina já estava dormindo. Sonja guardou o retrato em uma das gavetas, grata por adiar a resposta por mais uma noite.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

A segunda guerra, quando chegou a Volchansk, veio sem explosões de bombas e morteiros, projéteis ou esteiras de tanques. Ela se instaurou inicialmente através do mercado, com um pouco mais de *kopeks* por grama de cardamomo, alguns rublos a mais por cenoura, uma privação sutil o suficiente para culpar a inflação, mercados globais ou desastres naturais. Em seguida, a eletricidade se foi. De qualquer modo, as linhas de energia municipais, religadas após a primeira guerra, nunca haviam mantido uma corrente por mais de duas horas seguidas, e a energia tinha tanta probabilidade de vir ao amanhecer quanto à meia-noite, por quinze ou vinte minutos, para Natasha carregar suas baterias, pescar notícias nas ondas de rádio, pular no chuveiro e secar o cabelo antes de as luzes piscarem e a cidade mergulhar de novo na escuridão. A água da torneira foi a próxima a desaparecer. Com os civis remanescentes, ela tirava baldes de poços destampados e coava a água em fronhas antes de fervê-la. Depois, veio a escassez de alimentos. Nenhum leite, depois nenhuma ameixa, nenhuma couve, nenhuma farinha de milho. Até mesmo os animais selvagens se aquietaram, os cães deixaram de uivar, os pássaros pararam de cantar. E, apesar de as forças federais terem invadido a Chechênia em agosto de 1999, a segunda guerra não começou para Natasha até a tarde, em 2001, em que marcharam pelas portas do Hospital N°6.

Os céus dos muros na maternidade estavam tão plácidos quanto no dia em que foram desenhados, quando ela confundiu a primeira explosão com um trovão. Tiros se seguiram tão rapidamente quanto seus passos quando ela correu escada abaixo. Na traumatologia, Sonja e as enfermeiras agacharam-se atrás dos armários de alumínio.

— Poderíamos removê-los para uma vila — sugeriu Sonja. — Temos uma caminhonete.

— Não — disse Deshi. — Vamos mantê-los aqui. Isto é um hospital. Este é o lugar deles.

Maali concordou.

— Vamos usá-los como escudos humanos.

Natasha tentou se meter na conversa, mas, como de costume, o triângulo não se ampliaria a um quadrado. Ela respirou fundo e se virou. Isso não é da sua conta, disse a si mesma. Sua reação é a única coisa que você pode controlar. Quem imaginaria que os livros que Sonja trouxe no dia em que encontrou gelo valeriam a leitura? Nos cinco anos em que havia trabalhado ali, seu espectro emocional se expandiu, ultrapassando a depressão monocromática que escurecera seus primeiros dias de recuperação. *Recuperação*. Que palavra estranha e maravilhosa. Nada definia melhor sua reintegração gradual à humanidade. Quase nove meses de confinamento, prostituição forçada, espancamentos e dependência de heroína, entretanto ela voltara. Ninguém ficou mais surpreso do que a própria Natasha, e ninguém estava mais feliz do que Sonja. Quando era adolescente, Natasha, certa vez, dormiu no telhado e acordou com a cor do borsche, de beterraba. Na semana seguinte, todas as garotas populares da escola apareceram queimadas de sol e, uma semana depois, foi a vez das meninas que desejavam ser populares, até que o diretor, em uma assembleia improvisada, explicou que havia casos conhecidos de garotas que tinham sido assadas vivas enquanto tomavam banho de sol. A lembrança ainda estava lá, escondida nas dobras do tempo, e ela a reencontrava, com um sorriso, nas tardes em que subia ao telhado do hospital para se deitar ao sol. Horas inteiras se passavam sem que pensasse uma única vez na Itália.

As enfermeiras não queriam saber dela, mas os pacientes sim. Uma mulher idosa, Xenia, paciente número 29.395, perguntou várias vezes *o que está acontecendo*, mais confusa e hesitante a cada repetição, enquanto seu vizinho, seu primo em primeiro grau, pedia-lhe que calasse a boca, porque sua voz insuportável o mataria mais rápido do que uma bala ou uma bomba. Quando o Exército Branco varreu Volchansk oitenta e um anos antes, Xenia fez ao seu primo a mesma pergunta e ele a respondeu. Xenia tinha então seis anos, seu primo, sete. A voz dela era adorável na época.

— Estamos descobrindo — respondeu Natasha. — Não se preocupe. Posso pegar um pouco de gelo para a senhora?

Xenia deu ao primo um sorriso presunçoso e assentiu.

— Traga-me o abaixador de língua! — gritou o primo para Natasha.

Dois dias antes, quando Xenia chegou com pneumonia, Sonja tratou seus pulmões com o respeito que um encanador reserva a canos entupidos.

Embora o trabalho de sua irmã fosse inegavelmente bom, sua execução incomodava Natasha. Para atuar nessas circunstâncias, um cirurgião deve reduzir cada paciente ao seu corpo, todavia essa era uma atitude compartilhada pelos traficantes, cafetões e zés-ninguém que povoavam o inferno privado de Natasha. Assim, enquanto Sonja examinava uma pelve quebrada sem olhar nem uma vez nos olhos do paciente ou abordava o doente pelo número da placa e não pelo nome, Natasha se fechava na maternidade do quarto andar, onde dias inteiros transcorriam sem que seus caminhos se cruzassem, onde o choro de recém-nascidos lembrava-lhe que a vida é mais ruidosa do que seu pulso. Enquanto Sonja debatia os méritos da evacuação, Natasha dava a Xenia gelo triturado com uma colher de plástico e contava-lhe o que estava acontecendo.

Pisadas de botas, ecoando no corredor, encerraram o debate. O segurança correu pelas portas duplas, balançando os braços, com a barra da camisa se agitando atrás dele.

— Eles estão aqui — gritou. Ele passou correndo direto por Sonja e saiu pela porta dos fundos, anunciando sua demissão imediata em um grito sem fôlego.

— Quem? — perguntou Sonja. — Agentes federais ou rebeldes?

Nenhuma resposta.

Xenia segurou um cubo de gelo na boca, com medo de quebrá-lo. Ninguém falava. O barulho das botas militares se arrastando parou diante das portas duplas fechadas. O ar estava tão tenso que Natasha poderia ter andado sobre ele. Um chute certo, inicialmente confundido com uma arma de fogo, sacudiu todos ali e abriu as portas duplas. Quatro homens barbudos entraram com metralhadoras levantadas.

— Eu me aposentei há sete anos — disse Deshi para ninguém em particular.

— Vimos, por esta missão, libertar este hospital para uso patriótico em prol da gloriosa campanha pela independência nacional — declarou o rebelde mais baixo. Tinha as bochechas sujas de terra. A camisa e as calças estavam sujas de sangue. Ele olhou para a sala, desafiando-os a piscar. — Quem está no comando?

Do outro lado da sala, revirando exasperadamente os olhos, Sonja levantou a mão.

— Sou o comandante de campo da Quarta Brigada do Exército Nacional da República Chechena da Ichkeria — disse o rebelde mais baixo. Ele

abaixou a arma e deu pequenos e arrastados passos em direção a Sonja. — Há quarenta de nós. A maioria precisa de cuidados médicos. Todos necessitam de comida e água.

— Poderíamos amputar as pernas deles — sugeriu Maali, mas a entrada de mais trinta e seis rebeldes, todos eles mancando, fez da permissão uma formalidade.

Sonja concordou em tratar os feridos desde que tirassem as botas. Elas reuniram os rebeldes em uma das alas abandonadas, em um consenso tácito de que, quanto mais rápido o trabalho fosse feito, melhor para todos os envolvidos. Os rebeldes pediram tratamento por ordem crescente de patente, e não por triagem. Os de postos mais baixos foram os primeiros a participar das batalhas, explicou o comandante com um sotaque do norte; portanto, estavam sofrendo por mais tempo. A garganta de Natasha se apertou quando ela cortou a perna da calça de um soldado raso de cabelos cacheados. Não havia nada além de palidez no rosto e de euforia nos olhos do militar. Fazia cinco anos e três meses que ela não tocava as calças de um homem.

— O que você está fazendo? — perguntou o soldado, deitado de costas na cama do hospital.

— Estou lhe dando *shorts*. Você tem pernas bonitas.

— Onde estão minhas pernas?

— Ainda aqui. Não se preocupe.

Ela tentou ser delicada, no entanto estilhaços tinham aberto crateras na panturrilha esquerda.

— Agente firme — disse. — Apenas agente firme.

A franja de Natasha, molhada de suor, grudava em sua testa. Ela queria perguntar o nome dele, mas e se ele morresse e ela ficasse ali com seu nome? O nome que Natasha não saberia era Said. Ele vinha de um subúrbio de Grozny, onde sua mãe, a assistente de um veterinário, levava para casa crias abandonadas na porta da clínica. A guerra já havia levado sua mãe, entretanto ele viveria para retornar ao lar e para seus gatos, que se multiplicaram à população de uma vila durante os anos de guerra, banquetecendo-se na terra emergente de ratos e camundongos. Fazendo biscates e sacrificando o conforto de uma esposa e uma família, Said passaria a vida cuidando dos descendentes dos gatos de sua mãe. Oitocentos e oitenta e dois, todos nomeados por ela, contudo nunca saberia o número exato. Dali a sessenta e seis anos, em seu leito de morte, o soldado se recordaria daquela tarde remota, quando os dedos de uma bela enfermeira retiraram metal de suas

pernas. Ele se lembraria daquele como o momento de maior intimidade que jamais tivera com uma mulher. Em seguida, se recordaria dos gatos.

Natasha chamou Sonja, pedindo-lhe algo que aliviasse a dor. O jovem agia de modo incoerente, conversando com um pote de cotonetes onde imaginava estar sua mãe. Do outro lado da sala, a serra cirúrgica fez uma pausa, mas Sonja não olhou por cima do braço meio cortado.

— Você vai ter que pegar sozinha — disse ela, calmamente.

Por causa de seu histórico com a heroína, Natasha nunca preparava nem administrava essa droga. Sonhos com cabos de colheres dobrados persistiam, e após cinco anos limpa ela ainda temia que um isqueiro pudesse reaquecer sua vontade. Mesmo assim, tirou as luvas de látex e correu para o refeitório. Aquele não era o momento para cautela, não com o rapaz em seu leito no hospital. Ela a encontrou no armário, atrás de um arsenal de latas de leite. A substância compactou-se em sua mão fechada, preenchendo os cantos do saco de plástico. O irmão de Alu afirmara que não havia talco bastante no saco para empoar o bumbum de um bebê. A péssima heroína italiana que Sergey havia aplicado nela continha o suficiente para atender uma creche, e mesmo aquilo tinha transformado suas veias em fios elétricos. Mas aquela ali? Noventa e oito por cento pura? Natasha cuspiu na pia, estava salivando. Você *pode* controlar suas reações. Você *pode* controlar suas reações, repetiu. Demorou dois minutos para aquecer a heroína. Só faltava apanhar uma seringa na ala de traumatologia: contudo, durante a caminhada de vinte metros, quando estava sozinha com aquilo, sentiu-se imensamente derrotada.

Quando chegou a vez de tratar os comandantes, os derradeiros pacotes de fio cirúrgico já haviam desaparecido nos membros de seus subordinados. O comandante de campo, o último a receber atendimento médico, estava na cama dobrável de Sonja. O sangue de seus comandados encharcava os lençóis, e quando seus ombros nus os tocaram, ele suspirou. Entre a barba e os olhos, uma fina faixa de pele cor de terra sugeria muitos meses de sol e subnutrição. Natasha assistiu enquanto a irmã cuidava dele. Um corte longo e semicircular dividia-lhe o peitoral esquerdo.

— Meu peito está sorrindo para mim — observou ele.

Sonja encharcou a ferida com solução salina e iodo. Com um fórceps, pescou fragmentos de estilhaços através do corte. O talho tinha começado a coagular, mas não cicatrizaria sem pontos. Os rebeldes olhavam com um interesse reverente.

— Temos um problema — disse Sonja. O comandante acenou com a

cabeça em direção ao teto. — Precisamos suturar você, acontece que estamos sem fio cirúrgico. Simplesmente não temos material disponível para tratar tantas lesões de batalha.

— Ele pode ficar com o meu — murmurou um homem magro, cuja barba fora raspada pela metade para que sua bochecha esquerda pudesse acomodar treze pontos.

Um coro de ofertas se seguiu. Mesmo aqueles sem um único ponto comprometeram-se com veemência a ceder seu fio cirúrgico.

— Não é higiênico — disse Sonja com uma objetividade que encerrou o debate. Ninguém pareceu muito desapontado por ter sua oferta recusada. — Vocês não têm kits de primeiros-socorros? Qualquer coisa que eu possa esterilizar e costurar em você?

Um oficial subalterno apareceu com uma sacolinha verde. Natasha a vasculhou enquanto Sonja aplicava uma compressa sobre a ferida. Ela tirou dali uma escova de dentes cor-de-rosa com cerdas cinza, uma pequena garrafa de enxaguante bucal sem álcool, um tubo de pasta de fluoreto branqueadora, cinco tubos de pasta de dentes, nos quais as cinco orações diárias haviam sido escritas com caneta preta, e três rolos de fio dental não encerado.

— O fio dental — disse Sonja. — Talvez sirva.

O comandante de campo fez uma careta quando o fio dental molhado com álcool seguiu a agulha através de sua pele. Ele recusou a oferta de alívio para a dor. Natasha admirou sua abstinência.

— Dentistas começaram a se alistar? — perguntou ela enquanto Sonja deslizava a agulha pela quinta vez. Se ele recusava anestésico, ela poderia, pelo menos, oferecer a distração da conversa.

— Não, aquilo era o suprimento particular de um capitão.

— Ele tinha bons dentes?

— Sim — disse o comandante de campo. Sua boca aberta revelava uma filosofia mais relaxada em relação à higiene dental. — Eram coisas muito, muito bonitas. O capitão os escovava cinco vezes por dia, sempre antes das orações, como se realizasse uma ablução na boca.

— Ele era atento à saúde em geral?

— Na verdade, não. Não fumava menos de dois maços por dia.

— Parece um homem estranho.

— É o que se pensa. Na primeira guerra lutei com um homem que consumia um tubo de antiácido todos os dias.

— Isso pode causar um distúrbio eletrolítico: hipercalcemia. Cálculos, ossos, gemidos, queixas, constipação e implicações psiquiátricas — disse Natasha.

Ela se perguntou se Maali gostava de antiácidos.

— Duvido que isso faça diferença. Ele está bem morto agora. Além disso, não comíamos nada além de *kasha* de trigo-sarraceno, você sabe, aquela espécie de mingau de grãos cozidos. Não, ele tomava antiácido como suplemento de cálcio. Tinha pavor de osteoporose.

Ela quase riu.

— Quantos anos ele tinha?

— Vinte e dois.

— Vocês são todos loucos.

O comandante de campo estremeceu quando Sonja apertou os pontos.

— Fica fácil se convencer de que cuidar de uma pequena parte do seu corpo age para proteger o resto. Como se Alá não fosse cruel o suficiente para roubar a vida de um homem com dentes perfeitos — disse ele.

— E deu certo? — perguntou Natasha.

— Deixamos a boca dele aberta quando o enterramos, para que no paraíso ele possa exibir os dentes aos anjos.

Os rebeldes passaram a noite na enfermaria desativada. Nenhum deles roncava; até mesmo durante o sono tinham receio. De manhã, viraram os leitos hospitalares de seus colegas feridos em direção a Meca. Natasha encheu suas tigelas com um mingau grosso de aveia e leite em pó. Com Sonja e as enfermeiras, ela verificou as queimaduras enfaixadas, as lacerações suturadas e os ossos quebrados imobilizados entre ripas de madeira esterilizadas. Apenas o rebelde com o braço amputado seria deixado para trás. O comandante de campo rezou por ele e depois vasculhou a mochila do homem à procura de qualquer coisa que pudesse ligá-lo à insurgência.

— Você é um civil agora — disse o comandante de campo. — Aproveite a paz pela qual lutou. Vamos levar seu braço e enterrá-lo, mas devemos deixar você aqui. Se quiser ficar, a médica disse que o posto de guarda de segurança ficou vago recentemente.

Atendendo à insistência do comandante de campo de ser tratado por último, Natasha serviu-lhe a derradeira tigela de aveia do refeitório. A superfície tinha esfriado e formado uma película na qual ele bateu duas vezes com a colher para romper.

— Para onde vocês vão daqui?

— Sul — disse o comandante de campo. — Para as montanhas.

— Tente encontrar um médico ou veterinário antes. Se isso infeccionar, os agentes federais serão o seu menor problema.

— Em nossas condições, provavelmente não chegaremos mais longe do que Eldár hoje.

Apenas dois dos botões da camisa do comandante de campo combinavam com o tecido marrom, cuja cor original era uma incógnita. Natasha puxou a camisa pelo ombro dele e cobriu os pontos com uma atadura nova. O fio dental funcionara.

— Estive nas montanhas uma vez — contou ela. Passei para o outro lado da fronteira.

— No inverno?

— Na primavera.

— O inverno será difícil. Precisamos de linhas de abastecimento. Bons intermediários. Talvez possamos encontrar alguém em Eldár. Você não está procurando uma nova profissão, está?

Como contribuição para o hospital, o comandante de campo deixou a sacolinha com pastas de dentes. Ficou parado e tenso à porta enquanto seu comando se arrastava para fora. Sozinho, virou-se para as irmãs.

— Obrigado — disse ele, curvando-se ligeiramente. — Vocês são amáveis, decentes e, se eu puder arriscar a impertinência, bastante atraentes. Deve haver algo de checheno em vocês.

— Tenho um favor a pedir — disse Sonja. — Você nos escreveria uma carta de salvo-conduto, para que possamos, caso necessário, viajar por terra rebelde?

O comandante de campo tinha duas irmãs, um e três anos mais velhas, que o provocaram, castigaram e sempre cuidaram dele. Ele mantinha seus nomes escritos na folha de papel presa à costura das calças. Confiara-lhes o nome de sua primeira paixão e confiaria nelas com sua eternidade. O homem sorriu e procurou uma caneta.

Quando o comandante de campo partiu e as portas duplas se fecharam, Natasha voltou para a maternidade quase acreditando que a guerra tinha ido embora com ele. Seis dias depois, os agentes federais entrariam na cidade. Lançariam um único morteiro no hospital em retaliação pelo abrigo de rebeldes. Essa rodada atingiria o depósito no quarto andar. Maali estava procurando lençóis limpos. Ela pousou sobre os escombros, quatro andares abaixo, com o pulso desacelerando. Uma seringa foi preparada e injetada até

a metade, mas a morte aliviou a dor de Maali antes que a droga fizesse efeito, e o mundo sem sentido e gritante caiu no silêncio quando Natasha usou aquela mesma seringa entre os dedos dos pés e, com um empurrão do êmbolo, enviou o sangue de Maali para o seu.

O QUARTO E O QUINTO DIAS

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Se tivesse dormido no divã, ele teria visto a carta para Havaa. Se o abajur lateral ainda tivesse uma faísca de eletricidade, teria visto a carta para Havaa. Se tivesse se levantado uma hora depois, quando o alvorecer lançava seus raios brilhantes no chão, teria visto a carta para Havaa. Mas ele não a vira, e agora Havaa galopava pela sala de espera; seu rosto, um cacho de flores, uma lua, uma bala de canhão, e logo estava ali, perfurando suas entranhas, arrancando o ar de seus pulmões, e, só então, com os braços da menina ao redor de sua cintura, ele se lembrou da carta de Khassan, que se esquecera de levar para o hospital.

— Você está aqui — proclamou ela para o quadril de Akhmed.

— Onde mais eu estaria?

Ele não apreciava inteiramente o que a garota sabia, que *aqui* era um lugar especial e improvável. Havaa pensou que, àquela altura, ele também poderia ter desaparecido. Que poderia estar com seu pai, onde quer que fosse e o que quer que aquilo significasse. Mas ele estava ali. O cheiro penetrante de água sanitária precedeu os passos de Sonja, e ambos olharam para a porta antes que ela aparecesse. Seus brilhantes uniformes brancos poderiam pertencer a um médico em Moscou, Londres ou Berlim. Se algum dia Akhmed despertasse uma mina terrestre adormecida ou cruzasse o caminho de uma bala, ele gostaria de ser tratado por um médico que usasse aqueles uniformes.

Na noite anterior, enquanto esboçava o retrato da irmã de Sonja, ele lutou contra o impulso de inclinar-se para que seu joelho esquerdo pudesse tocar o joelho direito dela. Fazia dois anos que não tocava um joelho como aquele. E antes disso? Quando tocara os joelhos de Ula com qualquer coisa parecida com desejo? Os cuidados que prestava à esposa tinham refinado sua paixão, antes natural e inflamável como petróleo bruto, em um amor de chamas menores e mais duradouras.

— Então este é o livro de Tolstoi? — Ela acenou para a cadeira onde estava o *Khadji-Murát*. Daquilo ele não tinha se esquecido.

— Sim, o que ele escreveu sobre a Chechênia.

Puxando para trás uma mecha de cabelo, ela desenhou um ponto de interrogação em torno da orelha. Ele entregou-lhe o livro. Sonja virou para a última página.

— O que você está fazendo? Não leia a última página.

— Sempre leio primeiro a última página — disse ela, sem olhar para cima.

— Isso estraga tudo. O livro inteiro se desenvolve para chegar à última página.

Os lábios da médica se franziram como uma pedra. A capa mole arqueou-se com seu aperto, como se ela estivesse forçando as mãos. Anfetaminas? Mas ela falou em um tom estável e sem entusiasmo.

— Se não for um final de que eu ache que vá gostar, não lerei o livro. — Ela o devolveu a Akhmed.

— Está falando sério?

— Ele é decapitado na última página. Isso não é um final que eu queira ler.

Sonja era mais difícil de fisgar do que o último pickles no pote. Ele chegou a pensar que a impressionaria, que teriam conversas sobre imagens e temas do livro, um salão literário em uma cidade sem eletricidade.

— Mas é um ótimo livro. Tem um século e meio de idade e ainda é o melhor livro sobre a primeira e a segunda guerras.

— Por que eu iria querer ler o que estou vivendo?

— Você prefere a fuga?

— Você está aqui há quatro dias — disse ela. — Continue voltando e veremos se ainda vai achar que vale a pena discutir livros.

* * *

Akhmed, Deshi e Havaa seguiram para o ponto de distribuição semanal de donativos pouco depois das oito horas, e quando um homem foi carregado para o hospital com um cano de escapamento alojado no peito, Sonja o recebeu sozinha. O sujeito, um fornecedor do exército, fora atormentado pela asma durante todos os seus vinte e um anos. Depois de viver todo esse tempo como alguém que está se afogando, seu último suspiro, dezenove segundos após a explosão do carro-bomba, aconteceu sem esforço; foi a inalação mais fácil de sua vida, através da traqueia de metal que se projetava de seu peito para dentro do pulmão em colapso.

Mas Sonja o conheceu apenas como cadáver. O punhado de anfetaminas que lhe permitira passar uma noite sem dormir permanecia em suas veias. Ela o levou para a ala de traumatologia em uma maca com rodas e sentou-se ao seu lado enquanto mariposas voavam por cima. A cabeça do rapaz pendeu para o lado e suas pálpebras se abriram. Ela começou a falar com o cadáver — que era, em todos os aspectos, um maravilhoso ouvinte — e ficou tão absorta na alucinação que perdeu a noção do mundo real atrás de si, onde os passos de Akhmed soavam no corredor.

— Honrar os mortos? — estava dizendo Sonja, com o rosto no mesmo nível do cadáver. Akhmed a observava da porta. — Sim, mas apenas se os mortos forem honrados. Não, é claro que não estou lançando calúnias. Tudo bem se você se sente podre. Afinal, você acabou de morrer. Não seja tão duro consigo mesmo. Agora, tenho de perguntar se você pode ver a minha irmã lá embaixo. Sim, sei que está lotado, mas, por favor, dê uma olhada. Posso esperar. E enquanto você estiver lá, guardaria uma cadeira para mim? Ah, eu deveria saber que seria uma sala onde só se pode ficar de pé. — Akhmed não podia ver seu rosto, contudo a voz exausta foi suficiente para fazê-lo sofrer. — Você diz que tinha dificuldade para respirar? — perguntou ela, falando pelo cano de escapamento como se fosse um microfone. — Parece que houve um crescimento da sua árvore brônquica. — Quando Sonja pegou o rosto do homem nas mãos, Akhmed entrou no quarto para salvá-la do que estava acontecendo em sua mente. — Não há características que diferenciem o crânio de um canibal do de um homem comum — explicou ela ao cadáver. — Mas eu posso dizer que teríamos um grande momento, você e eu.

Duas mãos, em seus ombros, puxaram-na suavemente do corpo antes que ele pudesse responder, antes que pudesse lhe dizer se Natasha estava lá embaixo com ele.

— Você também, não — disse Akhmed, cansado. Sua pele era um ou dois graus mais quente do que a do cadáver. Seu *pes* azul-marinho, um tamanho menor, ainda estava na parte de trás de sua cabeça. — Alguém aqui tem que ficar são.

O grande imbecil levou-a para o escritório que era seu quarto. Ele era como uma piscina cheia na qual a médica caíra; ela se debatia, se debatia e se debatia e ele ainda estava lá, ao seu redor. Ficaria acordada para sempre. A agitação das mariposas era impressionante. No escritório, ele a empurrou para a cadeira executiva estofada.

— Você precisa descansar — disse Akhmed, em um tom de autoridade que

obviamente a imitava.

— E quem você pensa que é para me dar ordens?

Sonja já sentia falta do cadáver. Ele era um interlocutor muito melhor.

— Acho que sou alguém que dormiu na noite passada. Ele examinou a estante de livros, selecionou o mais grosso da prateleira inferior e o deixou cair sobre a mesa. — Um dicionário médico. Se não vai ler Tolstoi, leia isto. Vai colocar você para dormir no ato.

Quando a porta se fechou atrás dele, ela examinou o dicionário, cautelosa com subterfúgios. Não abria o livro havia anos. Uma cirurgiã com sua habilidade não precisava disso. Lentamente, temendo mais alucinações escondidas entre as capas, Sonja abriu o livro. Era tão chato quanto se lembrava.

Mas ela já estava ali, e o monte de letras miúdas a acalmou. As definições tinham a imponente garantia da ortodoxia, lembrando-lhe os anos pré-guerra, quando fiava-se no livro de referência para completar as tarefas semanais, quando se sentava à mesa, os ouvidos tapados com bolas de algodão, enquanto aquele horrível som monótono que Natasha chamava de música ecoava no quarto ao lado, quando ainda acreditava que o significado de algo se limitava a algumas orações formuladas com concisão, mas nada, ela sabia agora, podia ser definido por exclusão, e cada inseto, lápis e folha de grama era um dicionário em si, exigindo a definição de todas as outras coisas para completar a sua própria.

Seus dedos sombreavam as páginas finas, e as palavras apareciam escritas em sua pele: o peso médio da mão, interpretações de uma articulação. Um xale da fase posterior à alta sonolência a envolveu. Ela odiava admitir, porém Akhmed tinha razão. Então, no meio do livro, na parte inferior da página 1.322, marcado em tinta vermelha:

Vida: uma constelação de fenômenos vitais — organização, irritabilidade, movimento, crescimento, reprodução, adaptação.

O céu se partindo não poderia enviar um pronunciamento mais impressionante. Ela repetiu aquilo para a cama desfeita, para a mala ainda pronta de Havaa, para a mesa do antigo diretor da geriatria. Nunca havia marcado um dicionário, mas ali estava o destaque feito pela mesma caneta vermelha que mantinha em sua mesa de cabeceira. Ela tropeçou no corredor,

esticou-se, porém não conseguiu encontrar uma parede. Suas pernas estavam tão rijas quanto no dia em que tentou fazer as próprias calças; contudo, no momento em que perdeu o equilíbrio e caiu para a frente, Natasha não estava lá para segurá-la.

* * *

Quando Sonja acordou no chão, o interior de suas bochechas parecia o interior de cascas de limão. Esfregou as têmporas e viu as luzes do teto apagadas, mas, felizmente, o teto ainda estava lá. No depósito, puxou um maço de Marlboro do pacote. O barulho do plástico amassado a seguiu pelo corredor. Na porta, o guarda de um braço só declinou da oferta de um cigarro. Guimbas brilhavam em seu cinzeiro. Seu nome era Mohmad. Embora não gostasse muito do emprego, ele sabia que qualquer homem tinha sorte em trabalhar naqueles dias, sobretudo os amputados. Na Inguchétia ele tinha uma filha de onze anos, da qual não sabia e que esperava por um telefonema seu. Em dois anos e meio, ele ouviria a voz da garota pela primeira vez.

Sonja fumou três cigarros antes de Akhmed aparecer atrás dela, aquecendo as mãos em torno de uma caneca de água fumegante.

— Marlboro? — ofereceu a médica.

Ele acendeu o cigarro na brasa do dela.

— Você parece muito melhor — observou ele. Os cantos de seus lábios avançaram ligeiramente em direção a um sorriso.

— Cale-se.

— Nada como um pequeno sono de beleza.

— Vou atear fogo em seu uniforme se você disser mais uma palavra.

O sorriso incipiente murchou em uma expressão de rendição.

— Eles voltaram para buscá-lo — disse Akhmed. — Quem o deixou.

— Trazer um homem morto a um hospital. Será que eles pensam que somos mágicos?

— Milagres médicos são os únicos milagres que a maioria de nós verá um dia.

Ele a superou com aquela frase.

— Você é um crente — rebateu Sonja. Isso explicava a incompetência dele, assim como qualquer coisa.

— Acredito em algumas coisas.

— Em Deus.

Ele fez um aceno negativo com a cabeça.

— Mas eu vi você rezar ao meio-dia.

— Isso é como perguntar se acredito na gravidade — explicou Akhmed. — Não requer crença.

— Sempre achei que a visão de Marx sobre religião era a única coisa certa nele. A fé é uma muleta.

— Se você pisar em uma mina terrestre — disse Akhmed —, a muleta torna-se a perna.

A Abadia de Westminster foi o único campanário sob o qual ela já havia estado, tendo nas mãos um guia turístico, em vez de um livro de orações. Deus, como tudo o que era generoso e bom, vivia em Londres. Ela baixou o olhar para as mãos e fitou os calos brancos que embruteciam sua palma.

— Meu Deus. Elas pertencem a um lenhador — disse ele, levantando as mãos de Sonja e examinando-as com uma mistura de espanto e piedade. — Mãos de lenhador.

— Odeio minhas mãos. — Em voz alta aquilo soou tão pequeno e mesquinho quanto em sua cabeça, mas eram coisas horríveis, aquelas mãos, um crime pelo qual ela sentiu o alívio imediato da confissão. — Como podem coisas assim saírem dos punhos de uma mulher?

— Você escolheu a profissão errada. Se não fosse lenhadora, teria dado uma estranguladora maravilhosa. — Com a sensibilidade inesperada de um cirurgião, os dedos dele subiram pelo antebraço dela.

— Fico pensando com base no alfabeto latino — disse ela. Ele fez uma pausa em sua ulna. — Os nomes dos ossos.

— O alfabeto latino é um problema com o qual não tenho experiência. — Ele apertou o bíceps de Sonja. — Você deve pensar em anatomia como eu. Este é seu braço. É apenas seu braço. Este é seu ombro, nada mais, nada menos, do que seu ombro. Seu pescoço é apenas seu pescoço. — O dedo de Akhmed subiu para um queixo que era simplesmente o queixo de Sonja, bochechas que eram suas bochechas, um nariz que não pertencia a nenhuma outra pessoa. — E os lábios — disse ele, inclinando-se para ela. — Nossos lábios.

Após um momento ela se afastou, franzindo a testa ao olhar para o hospital às suas costas e alisando o uniforme. Das diferentes formas de amor, tristeza, raiva e terror que haviam habitado aquele uniforme, expectativa otimista era novidade. Ela olhou para o rosto grande e estúpido de Akhmed, corou e se

afastou. O que Deshi diria se a visse assim? O choque poderia muito bem fazê-la cumprir a ameaça de se aposentar que vinha fazendo havia dez anos.

— Vou ao quarto andar — disse Sonja, por fim. — Você poderia me encontrar lá em meia hora.

— Mesmo eu não sendo um médico muito bom.

— Mesmo você sendo criminalmente incompetente.

Ele abriu as mãos. Nenhum calo.

— Não zombe das minhas mãos de lenhador.

— Não estou zombando — disse ele.

— Está.

Ele olhou para o estacionamento e para a caminhonete blindada, pensando no dia anterior, talvez, no modo como ela o emboscara em Grozny, no quanto era uma mulher repulsiva por colocar uma arma em sua cabeça num dia, e os lábios nos seus no outro. Quando ele pediu as chaves da caminhonete, sob o pretexto de ter esquecido o cachecol no banco do passageiro, ela se sentiu muito tranquila para insistir no fato de que Akhmed não estava usando cachecol no dia anterior.

* * *

As pegadas que haviam deixado na noite anterior ainda estavam evidentes na poeira da maternidade do quarto andar. Os murais de Natasha pareciam estudá-la, como se ela fosse sua criação. Inquieta com o pensamento de estar sozinha entre aqueles fantasmas, Sonja foi até o corredor e abriu a porta da sala do depósito em busca de ar fresco. A cidade destruída estendia-se até o rio congelado. As leis internacionais proibiam que instalações médicas se tornassem alvos, o que explicava por que, em uma cidade onde oitenta por cento das estruturas independentes tinham sido derrubadas, o hospital permanecia de pé. A bomba que caíra exatamente naquela sala tinha sido um ato de represália, e não de guerra. Natasha havia desmoronado com as paredes, caíra com Maali, fora mantida no ar por correntes passageiras e, depois, lançada mais para baixo, até que a terra se escancarou e ela a penetrou. Sonja sabia que as duas tinham sido conspiradoras e cúmplices, irmãs de mulheres ambiciosas e exigentes. Estava ciente de que Natasha não tinha ficado bem após a morte de Maali. Ela ignorava que a enfermeira, dezoito minutos mais nova do que Deshi, vivera seus sessenta e sete anos

naqueles dezoito minutos, encontrando ali espaço para cada sonho, medo e desespero, adiantando seu relógio dezoito minutos para fingir que tinha a experiência de Deshi, sempre se perguntando como seria sua vida se ela fosse apenas dezoito minutos mais velha. Natasha amara Maali tanto por isso quanto por seu entusiasmo insano por amputações, entretanto Sonja não sabia disso. Quatro meses depois, ao limpar um armário de arquivos, ela encontraria edifícios municipais desenhados na parte de trás de formulários de folhas de pagamento. Linhas longas e irregulares com a caligrafia de Maali desfiguravam esboços de Natasha, mostrando suas críticas, às vezes brincalhonas, às vezes contundentes, mas sempre dotadas de autoridade; e nesses esboços, emoldurados e pendurados na sala de espera, como ficariam um dia depois, Sonja entenderia o que as duas irmãs mais novas significavam uma para a outra.

A porta que dava para a escada se fechou. Eles caminharam um em direção ao outro até que suas silhuetas se uniram. Na escuridão, ela encontrou as sobancelhas de Akhmed com os polegares. Eles foram para o terceiro leito da maternidade, e ela se sentou na beirada e ele ficou entre suas pernas. Suas coxas entrelaçaram os ossos do quadril dele. Do outro lado da sala a luz de um lampião os banhava vagamente.

— Acho que há uma abelha no meu traseiro — disse ela.

— Você ainda está alucinando — comentou ele.

— Você deveria dar um tapa nela, por precaução.

Sonja colocou a mão debaixo da camisa de Akhmed, passou a mão aberta por seu abdômen e tentou não pensar em qual órgão estava sob qual dedo.

— Este é seu estômago — disse Sonja, imitando a voz de tenor dele. — Não o estômago do seu irmão, não o estômago de Stalin, mas o seu estômago.

— Esse tom me faz parecer um homem sério.

— O que você certamente não é.

Eles se despiram aos poucos, um botão aqui, uma manga de camisa ali, exibindo suas deficiências, seus corpos andróginos pela privação. Era notável confiar em alguém o suficiente para ser bobo assim. Ela se deitou. Estava escuro. Seus lábios encontraram os dele.

* * *

— Boa noite para você e para o seu nariz feio — disse Deshi a Akhmed quando ele estava saindo.

Uma alegre confiança se inflou dentro dele e, enquanto caminhava em direção ao crepúsculo azul-marinho e seguia para a vila, finalmente se sentiu parte do décimo percentil. Akhmed nunca se sentira tão honrado por falarem diretamente com ele.

Mas a antena de rádio apontando do capô da caminhonete de Ramzan, estacionada diante de sua casa, perfurou o doce sentimento que havia dentro dele. Akhmed sorriu com tristeza e arrastou-se em frente, encolhendo os punhos nas mangas do casaco. O casaco tinha cinquenta e oito anos e era de lona militar, a única coisa que o Exército Vermelho havia feito direito. Ele o mantinha tão aquecido quanto mantivera seu pai e o pai de seu pai, e a ideia de três gerações abrigadas pelo mesmo tecido rijo e inflexível davam-lhe um conforto maior do que o casaco em si jamais poderia.

Mais uma vez Ramzan lhe fez a pergunta, e novamente ele declarou não saber.

— Você me decepçiona, meu amigo — disse Ramzan. Seu casaco tinha seis meses. Nunca aqueceria outro par de ombros. — Você é médico. Pense logicamente. Pense na sua esposa. Pense em si mesmo. Pense no seu silêncio. É imprudente.

— Devo a Dokka o meu silêncio mais do que devo qualquer coisa a você — disse Akhmed.

— Deve? Estamos além da obrigação — disse Ramzan. — Vestimos roupas, falamos, criamos civilizações e acreditamos que somos mais do que os lobos. Mas dentro de nós existe uma palavra que não podemos pronunciar, e isso é o que somos. Sei que você acha que está sendo nobre, que isso é um ato maravilhoso de sacrifício. Provavelmente, você acredita que, por ter trepado com a esposa de Dokka dois anos atrás, é seu dever salvar sua filha. Deixe-me ser claro, Akhmed. Não é seu dever. Ela não é sua. — A voz de Ramzan falhou, e ele retomou o equilíbrio com duas respirações profundas. Não estava representando. — Sei que você me considera um traidor e um covarde, Akhmed. E você está certo. Só que isso não me ofende. Estou dizendo isso porque éramos amigos. Você não deve isso a Dokka.

Akhmed não tinha cobiçado Esiila antes das guerras, não pensara nela como alguém mais do que a esposa de seu melhor amigo. Poderia ter sido qualquer mulher. Ele só queria ouvir seu nome soprado em seu ouvido, um corpo quente e úmido embaixo do seu, completo e vivo, e um mundo longe

da dor. Era um pecado tão grande assim? Não, é claro que não. Mas Dokka. Havia Dokka então. Agora, Akhmed os defendia como se fosse um herói e não um hipócrita, como se não tivesse traído, desonrado e destruído a família por cujo último membro vivo agora oferecia a vida para salvar. Ramzan estava à sua frente, no entanto ele sabia que, em seus corações, ambos estavam do mesmo lado.

O luar caiu sobre as marcas de suas botas na neve, e Akhmed de repente viu a fragilidade do plano que havia arquitetado no dia anterior. A menina estaria a salvo, tinha imaginado, se ele cortasse o elo entre a vila e a cidade, e o elo era ele. Mas isso significava confiar na ideia de que Sonja se importaria com a menina. Significava confiar a vida da garota a uma cirurgiã sobrecarregada e instável, que colocara uma arma em suas costas um dia antes. Significava passar por cima de suas dúvidas intermináveis e confiar, por mais que estivesse enganado, na decência que acreditava estar enterrada dentro de Sonja.

— Por que eles querem a menina, Ramzan? Você ainda não tentou explicar.

— Vingança — respondeu ele, categoricamente. — Dokka fodeu tudo.

— Mas o que ele fez?

— Akhmed. Tantas perguntas. Se você tivesse aprendido a manter a boca fechada, os olhos em seus pés, teria tido uma vida mais feliz.

— Eles já têm Dokka, Ramzan. Por que precisam da menina?

Ramzan balançou a cabeça.

— Porque a vida de um coronel russo não se iguala à vida de um arborista checheno.

— Você não pode estar insinuando que...

— Poucos dias depois de voltarmos de Landfill, Dokka me pediu uma pistola. Ele queria proteger sua família, então eu lhe dei uma das Makarov que tinha guardado do nosso último transporte de armas. Essa mesma Makarov foi usada um tempo depois para assassinar um coronel.

— Mas Dokka não poderia ter sido um insurgente. Ele não conseguia segurar uma arma na mão, muito menos atirar!

— Isso não importa quando o número de série da pistola usada para matar um coronel coincide sequencialmente com os números de série das armas que os soldados perdidos tiraram de nós antes de nos deixarem em Landfill. Os agentes federais fizeram a conexão. Eu não poderia entregar Dokka porque eles já o tinham.

— E por que eles querem a menina?

Ramzan deu um sorriso triste.

— Você conhece o ditado, *assim como o filho herda do pai, o pai herda do filho*? Os agentes federais fizeram dele uma política oficial. Há uma campanha para fazer desaparecer não apenas insurgentes suspeitos, mas seus parentes também. A ideia é que é menos provável que uma pessoa vá para a floresta com os rebeldes se souber que sua casa será queimada e sua família desaparecerá. O recrutamento rebelde despencou nos últimos meses. É parte da nova estratégia de corações e mentes. É assim que vencerão a guerra contra o terror. Vão matar Havaa e chamar isso de paz.

A cabeça de Akhmed zumbiu com o choque de não se sentir chocado. O que Ramzan disse fazia sentido para ele. Entendeu por que os agentes desejariam matar uma criança. Acompanhando esse entendimento havia um segundo reconhecimento, igualmente vergonhoso: aquela guerra incompreensível lhe tiraria até mesmo a humanidade de considerá-la incompreensível.

— Por que você está me dizendo isso?

— Porque estou tentando salvá-lo.

Quando Ramzan voltou de Landfill pela primeira vez, com aquela lesão entre as pernas, Akhmed o salvara. Eles nunca falaram sobre o assunto, Ramzan jamais lhe agradeceu, mas ambos sabiam que a semana que Akhmed passou tratando a infecção foi justamente isso. Se um estranho colocasse o ouvido no espaço entre eles, ouviria o rugido surdo daquele entendimento.

— Não é tarde demais para isso? — perguntou Akhmed.

— Não, ainda não.

— Sim, é sim.

— Se você desistir dessa maneira, será de fato o médico mais burro da Chechênia.

Akhmed permitiu-se um sorriso. Aquele era o Ramzan de quem ele se lembrava.

— Essa honra tem sido minha há algum tempo.

— Você deve achar que é um herói ou um mártir, não é? — perguntou Ramzan. — Provavelmente pensa que é um santo por não ceder aos agentes federais. Eu sei, Akhmed, sei o que está pensando. Você acha que se recusando a falar comigo está se recusando a falar com eles também. Mas deixe-me dizer, meu amigo, eu não sou nada. Não sou ninguém. Sou muito mais fácil de repelir do que aqueles que virão. Você está pensando que será

tão silencioso com eles quanto é comigo. Acontece que não será, Akhmed. Simplesmente não será. Você pode acreditar que será corajoso, que manterá suas convicções, porém você nunca esteve em Landfill. Eles não vão perguntar onde a menina está. Eles farão com que você a leve até eles, e você verá a si mesmo fazendo isso. Olhe para mim, Akhmed. Já fui como você, e em breve você será como eu. Eles estão no ramo de mudar vidas, Akhmed, e são os melhores nisso.

Esse era seu maior medo. Conseguiria ficar em silêncio? Seria capaz de suportar o que o esperava? Dizia a si mesmo que seu amor pela menina o fortaleceria contra qualquer tortura, mas isso, como muito do que dizia a si mesmo, era mentira. Afinal, ele ficava enjoado com a visão de sangue; o que diria quando estivesse deitado em uma poça do seu próprio? Ainda assim, não via outra maneira. Rezaria por forças para ficar calado, por um ataque cardíaco rápido, e deixaria o resto para Deus.

— Você se lembra de 1995, minha primeira viagem a Landfill? — perguntou Ramzan. — Era meu vigésimo terceiro aniversário e tive o azar de ir de bicicleta para a cidade no dia de uma emboscada rebelde. Esse foi o único motivo pelo qual me levaram. Eu era um jovem checheno no dia em que rebeldes decidiram atacar os agentes federais fora de Gudermes, então eles me levaram para Landfill, e você sabe o que fizeram. Você me costurou novamente. Por muito tempo me preocupei se você ou meu pai perguntariam por que aquilo aconteceu, e eu estava sempre com medo disso, com medo da pergunta e de como eu a responderia. No entanto, nenhum de vocês perguntou. Vocês dois são muito educados. Mas você não quer saber o que aconteceu? Você está sempre perguntando *por quê*, Akhmed, então me deixe contar. Isso aconteceu porque eles me pediram que informasse sobre meus amigos e vizinhos, Akhmed. Quando ameaçaram me bater, eu não disse nada. Quando ameaçaram me eletrocutar, eu não disse nada. Quando ameaçaram me castrar, eu não disse nada. Eu não disse nada, Akhmed. Seja lá o que for que você pense sobre mim, lembre-se de que em uma ocasião eu não disse nada quando um homem mais sábio teria aberto o bico. E os interrogadores, eles não conseguiam acreditar. Chamaram outros para me examinar. Eu estava lá no chão e, acima, seus rostos eram figuras ovais escuras recortadas pelas luzes do teto. Eles tinham me batido pesado e eu não conseguia ouvir direito, ainda assim dizia não, com todo o fôlego que tinha. O único motivo pelo qual me deixaram ir, a única razão pela qual não atiraram em mim bem ali foi um respeito perverso, uma espécie de cortesia profissional. Mas eu

gostaria que eles tivessem atirado, Akhmed, porque a parte boa de mim morreu lá, e tudo isso, tudo desde então, tem sido uma vida após a morte da qual estou tentando escapar.

Akhmed nunca tinha estado em uma luta antes, porém naquele momento teve que se concentrar para controlar as mãos. Por conta própria elas teriam estrangulado Ramzan para evitar que ele dissesse mais uma palavra. Se aquilo era uma confissão ou um ardil, Akhmed não saberia dizer, contudo a angústia estava lá, visível no rosto de Ramzan.

— Por que você começou a dizer sim?

Ramzan parecia um pequeno pacote trêmulo amarrado debaixo de seus braços cruzados.

— Uma segunda guerra. Uma segunda viagem àquele lugar. Eu sabia o que estava por vir. Eu sabia que isso nunca acaba. Eles colocam uma vergonha dentro de você que continua como uma ponte sem fim, a humilhação, a humilhação fodida de saber que você não é um ser humano, mas um conjunto de terminações nervosas gritando, que a tortura permanece, mesmo quando a dor física se aplaca. As pessoas me trataram de maneira diferente quando voltei da primeira vez. Elas fofocavam, criavam boatos sobre mim porque eu ainda morava com meu pai, não podia me casar, e então eu era uma maldita piada para aqueles por quem havia sacrificado ter uma esposa, filhos, família, uma vida. Quando os agentes federais me levaram com Dokka para Landfill, quando eu disse sim, quando disse o que eles queriam, quando concordei em informar sobre qualquer um, desejei ter feito aquilo em 1995, na primeira guerra, esse é meu maior arrependimento. Se tivesse dito sim desde o início, ainda seria um homem. Não estou pedindo sua amizade nem seu perdão, Akhmed, apenas me diga que você entende. Por favor, me conceda pelo menos isso.

Ramzan avançou para abraçar Akhmed e este, antes de cair em si, antes de plantar suas mãos sobre o peito de Ramzan e derrubá-lo no chão com um empurrão certo, quis tomá-lo em seus braços, como um paciente, como um velho amigo, e consertar tudo o que tinha dado errado com ele.

— Não — disse ele quando empurrou Ramzan. Ramzan caiu e no momento seguinte Akhmed ajoelhou-se sobre ele, com o punho levantado, pronto para bater em Ramzan, como os interrogadores haviam batido, pelo que ele fizera a Dokka, a Havaa, a toda a vila, a si mesmo. Ramzan cobriu o rosto com as mãos e tentou rastejar em seus cotovelos.

— Não me machuque, não faça isso, não me machuque, misericórdia,

tenha misericórdia — suplicou ele, de olhos fechados, curvando-se em posição fetal, chorando na neve marrom. Akhmed se levantou, enojado consigo mesmo, com o homem a seus pés, com a guerra que os reduzira àquilo.

— Não entendo — disse ele, mas Ramzan não conseguia ouvir nada além de seus próprios pedidos de misericórdia.

* * *

Depois de ver como Ula estava, ele fechou as cortinas e acendeu a lamparina a óleo da sala de estar. A carta de Khassan permanecia no divã, onde a deixara na noite anterior. Como podia tê-la esquecido? Ele era mesmo um idiota. Através da porta fechada, ainda podia ouvir o choro fraco de Ramzan. Na noite anterior Khassan pedira-lhe seu conselho, e ele pensou que tinha entendido qual era a resposta certa e honrada, porém não mais. Comprimidas no bolso do paletó estavam as duas cartas de salvo-conduto que havia tirado do porta-luvas da caminhonete de Sonja naquela tarde sob o pretexto de procurar um cachecol inexistente. O porta-luvas guardava dezenas de cartas de salvo-conduto, e Akhmed esperava que ela não sentisse falta daquelas duas nem precisasse delas. Ele as guardou em um envelope maior que continha a carta de Khassan, acrescentou um bilhete com uma só palavra para Khassan, e então selou e endereçou: *Para K, Estrada da Floresta de Eldár, 56.*

De volta ao quarto, despiu Ula. Levou-a ao banheiro, e a água subiu ligeiramente quando colocou a esposa na banheira. Ela nunca tinha aprendido a nadar. Quando menina, roubava cenouras do guisado da mãe para alimentar o coelho que vivia no quintal; em uma tarde de outono, a mãe prendeu o coelho e fez um guisado com ele, e durante todo o tempo em que viveram juntos, Ula recusou-se a explicar a Akhmed sua aversão por cenouras. Ele lavou o pescoço e os ombros da mulher. Ergueu seu cotovelo e esfregou o tufo de pelos na axila macia. A mãe de Ula lhe falara do desejo como se ele fosse uma arma de fogo carregada, e quando, em um verão, o menino de orelhas grandes que morava do outro lado da vila se transformou em uma coisa bonita e de tamanho certo, ela escondeu seu afeto, guardou-o no peito, porque sabia que a vergonha daquilo poderia matar sua mãe. Ele lavou seus cotovelos e punhos. Com uma escova de dentes, limpou as pontas das unhas.

Lavou-lhe a nuca e as costas e deslizou os dedos por sua coluna vertebral. O irmão mais velho de Ula nascera com desequilíbrio mental e era mantido em um quarto com as cortinas sempre fechadas, aquele coração lamurioso e incompreensível batendo contra as paredes da casa da família. Por quase tanto tempo quanto o havia temido ela teve vergonha de seu medo, e queria atravessar sua loucura e alcançar a parte do irmão que podia, às vezes, ser muito gentil, e abraçá-lo. Ele lavou seu peito, a pele que um dia já sustentou seios. Lavou-lhe o quadril, a barriga, girando o sabão em seu umbigo. Ula sentiu muito medo de Akhmed quando o conheceu, em uma manhã de junho, em sua varanda, os galhos repletos de melros. Nos oito anos desde seu noivado, ele se tornara uma celebridade local. Poderia ter qualquer moça. Poderia ter qualquer uma. A mãe de Ula o convidou para ir à sua casa sem medo de passar vergonha, pois um primo levava seu irmão mais velho para passear durante todo o dia. Ele lavou o púbis, a vagina e o ânus da esposa. Lavou suas coxas. Os joelhos. As panturrilhas. Desde que podia se lembrar, ela queria ser mãe. Lavou a parte de cima e a planta de seus pés, todos os dez dedos e os espaços entre eles. Ela teria tido oito meninas, cuidado delas por serem a razão pela qual seus pulmões respiravam, fossem normais ou desequilibradas, comessem cenouras ou não, as teria amado e se dedicado a elas; teria dado a cada filha um coelho de estimação; mãe, teria sido mãe se seu corpo e o de Akhmed tivessem, alguma vez, funcionado da maneira que deveriam. Quando ele terminou, estavam ambos limpos.

Akhmed enrolou uma toalha em torno dos ombros de Ula e com longas e vigorosas carícias a secou. Não conseguia parar de se preocupar com a possibilidade de ela pegar um resfriado. Quatro horas antes, tinha gozado dentro de Sonja, e agora estava escovando o cabelo da esposa. Uma dúvida incômoda era o mais próximo que sentia de culpa. Ele olhou nos olhos da mulher, que havia se tornado sua paciente. Um sorriso estava enterrado em sua barba. Jamais a amara tanto quanto agora.

Ele a ajudou a vestir uma camisola, puxou as cobertas até seu queixo e se deitou ao seu lado.

— Algum visitante hoje? — perguntou.

— Não — respondeu ela. — Eu estava à espera de seu pai, mas ele não veio.

Grande parte de seu casamento era frustrante — a falta de filhos, a saúde debilitada —, porém isso era uma bênção, agora, no final, quando tinha que abrir mão dele. Ainda assim, ele se tornara dependente da saudade. Akhmed

realizou suas abluções noturnas e rezou, mas o ritual foi vazio, mecanizado, e ele proferiu as palavras como se fossem uma receita. A pérola da fé havia se dissolvido, e seu núcleo era um grão de areia de dúvida ao qual Akhmed se agarrou, sabendo que a dúvida, assim como a saudade, poderia sustentá-lo.

Mais tarde naquela noite, o vento trouxe o ronco baixo de caminhões que se aproximavam. Ele estava completamente vestido, usando meias de lã grossas e seu casaco de cinquenta e oito anos, porque, para onde quer que o levassem, estaria frio. No momento em que os caminhões estacionaram na frente de sua casa, Akhmed já tinha enchido a seringa com heroína suficiente para fazer parar o coração de um homem saudável. As respirações longas e lentas de sua mulher enchiam a sala. Ele teve tempo de desinfetar sua pele. Lá fora, as portas do caminhão se fecharam. Louvado seja Alá pelas alucinações de Ula. Sem elas ele não teria forças para empurrar o êmbolo e entorpecer para sempre aquela veia preciosa. Mas ela estava convencida de que o pai de Akhmed, morto havia dez anos, a visitara naquela semana; por isso, mesmo quando suas pálpebras se abriram, e um apelo indefinido e quase incompreensível se derramou de seus olhos, ele desviou o olhar, porque uma mulher que falava com fantasmas era quase um deles e o perdoaria por conduzi-la ao resto do caminho.

A respiração de Ula se desacelerou. Seus olhos se viraram para a esquerda, para seja lá o que veio a seguir. Ele segurou-lhe a mão. Ela continuava quente. Certa vez, três meses após seu casamento, ele segurara aquela mão ao longo de dois quilômetros de chuva sob o sol que os tinha deixado encharcados e brilhantes e purificados um para o outro. Akhmed fechou os olhos da esposa. Colocou um pequeno curativo na veia sem pulso. Aquilo era tudo. Deus não podia pedir-lhe mais. Os punhos das forças de segurança bateram na porta da frente. O envelope contendo as duas cartas de salvo-conduto estava no chão, ao lado das páginas presas por cliques da carta de Khassan para Havaa. Ela a leria algum dia? Saberla que seu pai fez móveis usando suas caixas de livros? As batidas tornaram-se estilhaços. A parte de baixo de um cadáver era o único lugar em que as forças de segurança não vasculhariam, e ele meteu o envelope e a carta de Khassan sob o corpo de Ula. Beijou sua testa. Ela havia partido e ele ainda não conseguia dizer adeus.

— Nunca ficaremos secos — dissera Ula.

O céu estava desabando. Ela estava lá.

Quando os homens arrebataram a porta, ele estava de joelhos. Rezava por sua esposa, para que no paraíso Alá lhe desse um corpo que funcionasse.

Rezava por Sonja, para que encontrasse companhia. Rezava por Havaa, para que falecer de morte natural. Rezava por Khassan e por Dokka. Mas, quando os homens começaram a bater nele, quando selaram sua boca e o atiraram na parte de trás do caminhão, ele rezou apenas por si mesmo.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

A terça-feira em que Natasha partiu foi o terceiro dia mais quente já registrado em um mês de dezembro. O casaco de Sonja ainda pendia no cabideiro, onde ela o deixara naquela manhã, depois de levantar o caixilho da janela para sentir o ar. A indisposição que Natasha dizia ter, quando Sonja bateu em sua porta com os dedos ainda quentes do sol, era, na verdade, abstinência. Desde que Maali despencara com o depósito do quarto andar, Natasha vinha se dopando com pitadas de heroína. Sem contar a primeira dose, roubada da seringa destinada ao antebraço de Maali, ela só inalava o pó. Não mais do que uma ou duas vezes por mês durante o primeiro ano, a frequência era baixa o suficiente para ela acreditar, com alguma razão, que estava no comando da heroína, e não o contrário. Então houve a ocasião em que ela fez os partos de três natimortos em uma semana, a vez em que o congelamento de inverno atravessou toda a terceira semana de maio, a época em que uma dor atacou seu tornozelo esquerdo e durou meses, o dia em que ela acordou sentindo-se podre como uma abóbora amassada e duas vezes mais feia. O mundo deve ter-se tornado mais cruel, porque em pouco tempo Natasha encontraria razões para cheirar diariamente. A morte de Maali, acreditava Sonja, era a causa de seu mal-estar, como se a irmã tivesse sido amarrada à enfermeira, como se sua regressão pudesse ser tão bem explicada. Mesmo enquanto Natasha quebrava seus padrões mais rápido do que conseguia baixá-los, um permanecia imutável: jamais voltaria a usar uma agulha. Então, tarde na noite anterior, quando se viu plantando uma seringa naquele lugar familiar entre os dedos dos pés, prometeu a si mesma que partiria no dia seguinte. Para sua grande surpresa, acordou na manhã seguinte. Para sua maior surpresa, cumpriu a promessa.

Ela arrumou a cama, limpou o quarto o melhor que pôde e embalou o que precisava na Samsonite preta de Sonja. Antes de sair, sentou-se à mesa da cozinha que seu pai havia construído com madeira de lenha. Era algo frágil, com pregos que viviam caindo e caixas de fósforo embaixo de duas das

pernas, uma mesa que um abrigo para pobres recusaria, mas à qual ela fizera as refeições durante toda a vida porque chá derramado e tétano não matariam ninguém com tanta rapidez quanto o orgulho ferido de um pai. Ela tentou escrever um bilhete para Sonja, entretanto nenhum dos alfabetos lhe serviram. O que poderia dizer? Não seria qualquer desculpa um insulto à irmã que havia, agora podia reconhecer, desistido de uma vida decente em Londres por ela? Não, era melhor não dizer nada por enquanto. Ela escreveria para Sonja dos campos de refugiados, quando estivesse longe demais para voltar atrás. Se Natasha soubesse o sofrimento que sua partida sem palavras causaria, teria escrito a frase que estava martelando em sua cabeça: *Obrigada, Sonja*.

Ela caminhou pela estrada afastando-se da cidade, em direção à fronteira, no caminho que já havia sido trilhado por cerca de cinquenta mil refugiados. Para onde iria a partir dos campos? Turquia, Armênia ou Azerbaijão mais provavelmente, no entanto gostaria de ir para a China ou o Havaí, um país onde ninguém soubesse falar checheno nem russo. Ela queria segurar sílabas estrangeiras como pastilhas de hortelã sobre a língua até que se dissolvessem em fluência. As folhas molhadas que forravam a estrada de serviço se prendiam nas rodas da mala. Embora fosse um dia muito quente, ela estava com frio. Ao pôr do sol, havia caminhado apenas os onze quilômetros até Eldár.

Na última vez em que passara por Eldár estava na carroceria coberta com lona de um caminhão com cinco mulheres. Ela não sabia o nome do lugar naquela ocasião. A estrada de serviço se abria para o tronco da estrada da vila, a partir da qual ruas colaterais sem nome ramificavam-se em sombras. Ainda que os fios de eletricidade carregassem alguma corrente, não havia postes para iluminar aquelas fendas. Ela chegou a um alpendre onde duas mulheres tricotavam e fofocavam no ar quente e perguntou por um quarto. Com um gesto de cabeça, elas indicaram o fim da estrada.

Um terço das casas estava destruído pelo fogo ou por explosões, ou até mesmo pelos próprios antigos ocupantes, que, como agricultores que semeavam seus campos com sal, acreditavam que a destruição era o último ato de posse. Havia retratos pendurados assustadoramente em postes de eletricidade e em portas, os rostos olhavam-na fixamente. Natasha perguntou a um senhor idoso sobre um quarto e ele a orientou a descer ainda mais a estrada até uma casa com uma porta verde, onde um homem chamado Dokka mantinha camas para refugiados que viajavam em direção à fronteira.

O homem chamado Dokka abriu a porta com o pé. Ele a olhou com desconfiança, e ela temeu que sua pele, mais pálida desde setembro, revelasse sua etnia. Mas, então, a hesitação dele explodiu em fogos de artifício de reconhecimento.

— Natasha! — exclamou, abrindo os braços em boas-vindas.

Ligadas aos braços do homem havia duas hediondas mãos sem dedos. Ela deu um passo para trás. Ele sabia seu nome, no entanto eles nunca haviam se encontrado. Aquelas coisas nas extremidades de seus punhos não teriam saído de sua mente.

Dokka perguntou se ela se lembrava dele.

— Sinto muito. Como me lembraria?

Ele riu, alto e com muita alegria, enquanto ela olhava para suas mãos. Elas, pelo menos, não eram motivo de riso.

— Eu a conheci há sete anos, na maternidade do Hospital Nº6. Nunca vou me esquecer de você, pelo resto da vida. Sou Dokka. Você fez o parto da minha filha, Havaa.

Ela repetiu o nome, porém não conseguiu identificá-lo entre as muitas centenas de recém-nascidos em sua memória. Atrás dele estava uma menina de cabelos castanhos amendoados, olhos verdes e dez dedos, todos lá. Natasha começou a perguntar sobre as camas para refugiados, mas Dokka a interrompeu.

— Entre. Você pode ficar pelo tempo que quiser.

Os cômodos em si pareciam amputados na altura da cintura, nada estava fora do alcance de uma criança. Dokka, educadamente declinando de suas ofertas de ajuda, usava as mãos como pinças enquanto se movimentava pela cozinha. Ele prendeu um palito de fósforo entre os dentes, passou-o contra a parede e cuspiu-o no forno aberto. Por quatro anos, havia preparado chá para talvez dois mil refugiados, contudo nenhuma outra caneca ele quis deixar com um gosto melhor do que aquela. Mais uma vez, Natasha ofereceu ajuda, mas ele tinha preparado chá para dois mil sem vacilar, e só precisava de sua ajuda para beber.

— Você está indo para os campos de refugiados? — perguntou.

Ela assentiu com a cabeça. Natasha tinha ouvido histórias de campos superlotados, onde uma única torneira em funcionamento fornecia água para três mil pessoas, porém a bênção do boato era sua imensidão, e ela podia não acreditar no que quisesse. Apesar de tudo o que acontecera, a descrição de Sonja sobre Londres a atraiu. Ela queria viver lá.

— Você não deveria viajar sozinha. Há soldados e bandidos, e muitas vezes eles são as mesmas pessoas. Você deveria viajar em um grupo com pelo menos um homem.

Ela não pôde deixar de sorrir.

— Já fiz isso antes. Não deu certo.

— E você é de etnia russa? Não, não, não. — Após um momento, Dokka fez um aceno de cabeça em direção ao assento vazio ao lado de Natasha, mostrando que entendia o que ela dissera. — Antes de você partir, vamos pensar em alguma coisa.

Quando a menina voltou, meia hora depois, com um tesouro de pinhas, penas de pássaros e folhas secas divididas por cor, o pai, em um tom de desespero familiar, pediu-lhe que tirasse suas botas enlameadas. Ela acomodou cuidadosamente seus achados sobre a mesa da cozinha e os seguiu até o quarto. Havaa ainda não dissera uma palavra a Natasha. De pé diante do armário aberto, Dokka explicou que sua mulher havia morrido naquela primavera. Ele sentia muito a falta da esposa, até porque sua morte deixara a casa com apenas um par de mãos funcionais, ainda muito pequenas e fracas para cortar lenha, mas ele tinha um armário cheio de roupas, e as traças fariam a festa ali antes que Havaa pudesse crescer para usá-las, de modo que ela deveria, ele disse enquanto caminhava para fora, em suma, servir-se. Enquanto se despia, ela se virou para esconder as cicatrizes de queimaduras, entretanto a menina tinha visto coisas piores e a observou sem julgamento nem repulsa. Sem um espelho, ela precisava pedir a opinião da garota sobre cada vestido. Havaa fazia acenos negativos com a cabeça, não, não, não. Ela vira a mãe neste vestido e naquele vestido, doía ver cada um deles sendo usado por uma estranha, e ela assentiu com a cabeça quando Natasha colocou um vestido de gestante, o único no armário que Havaa não vira a mãe usar.

Após o jantar, Dokka deu-lhe um lençol limpo e mostrou o quarto que fora de sua filha. No mundo fora dali existiam duas mil e dezoito almas que haviam dormido no quarto, que se lembravam dele e que o abrigariam em seus pensamentos por nada menos do que noventa e nove anos, até que uma menina que Havaa certa ocasião viu dormindo ali, a última viva entre os dois mil, fechasse os olhos pela última vez.

Havaa estava deitada na cama de baixo do beliche, ao lado da de Natasha, e, apoiada nos cotovelos, olhando bem dentro dos olhos dela, que a fitavam no sentido inverso, pediu-lhe permissão para ver suas mãos.

— Você ainda tem os seus — disse a menina, dobrando-lhe os dedos.

— Tenho a intenção de mantê-los.

— Minha mãe manteve os dela e ainda assim morreu.

— Eles não costumam desempenhar um grande papel nisso.

A garota não estava tão certa.

— Meu pai disse que suas mãos foram as primeiras a me segurar. — Ela havia parado de flexionar os dedos de Natasha e agora os segurava e apertava com firmeza.

— Ajudei sua mãe a dar à luz. Garanti que ela ficasse limpa e confortável. Quando você saiu, fiz com que ficasse assim também.

— Vi bebês coelhos uma vez — contou a menina, orgulhosa. — Eu me parecia com eles?

— Não, de jeito nenhum. Você era linda.

Uma careta tomou o rosto da menina.

— Eu queria parecer estranha.

— Você parecia estranha — disse Natasha, muito rapidamente.

— Não acredito em você.

— Suas pernas estavam crescendo nos ombros, seus braços saíam de seus joelhos e você estava respirando pelo traseiro. Tive que consertar tudo. Perdi o almoço daquele dia por sua causa.

A menina sorriu acima dela.

— Você vai ajudar as crianças nos acampamentos de refugiados?

— Foi um longo dia. Vamos falar sobre isso amanhã.

Havaa apagou a lamparina e uma fumaça fina se desenrolou do pávio, seguindo em direção a um bocejo de Natasha. Dava para contar os estrados da cama através do colchão mole. Os cobertores pesados, cinza, grossos o suficiente para limpar uma frigideira, cheiravam a cada corpo que já tinham aquecido. Onde estaria sua irmã agora? E estaria ela fazendo a mesma pergunta? Haveria tempo para a culpa, para reconsiderações, para voltar atrás, mas aquela era a hora de descansar, e quando ela pegou no sono, um sono tão profundamente tranquilo que nem mesmo os dedos longos dos sonhos a tocariam, ouviu a menina dizer:

— Fico feliz que você tenha os seus. Caso contrário, eu teria caído.

No café da manhã, Dokka pediu-lhe que ficasse por mais uma noite ou duas. Outro grupo de refugiados poderia passar, um ao qual ela pudesse se unir. Era uma sabedoria infantil, no entanto partindo dele, de sua bondade e hospitalidade, Natasha decidiu ficar, mesmo que estivesse apenas a uns dez quilômetros de casa. A menina escondeu o sorriso por trás de uma colher de

kasha. Havaa queria mostrar-lhe a floresta, e depois de lavar os pratos as duas voltaram ao quarto para se vestir.

— Você quer ver minha coleção de suvenires antes de irmos? — perguntou. — Tenho uma coleção com objetos de todas as pessoas que já se hospedaram aqui.

Ela abriu a gaveta antes que Natasha pudesse sugerir que veriam aquilo quando não estivessem vestindo roupas suficientes para serem assadas vivas. Havia um bulbo de flor prensado, arrancado do solo ucraniano vinte e dois anos antes, o único registro em um diário que, de outra forma, estaria vazio. Três botões de bronze que tinham abotoado o *blazer* de um empresário três vezes falido, que, em Hoboken, Nova Jersey, já tinha dado entrada na papelada para abrir a agência de cobrança que faria dele um milionário dentro de oito anos. Um chaveiro com duas chaves que abriam a porta da frente de uma casa que já não existia.

— Você tem que me dar algo antes de ir — disse a menina.

— Vou lhe dar os dentes da minha boca se pudermos simplesmente ir lá fora agora. Há um pêntano se formando na minha calcinha. Posso sentir girinos.

Tomando-a pela mão, a menina levou Natasha pela vegetação rasteira até onde a floresta se esquecia da estrada de serviço e os troncos de bétulas bloqueavam as chaminés da vila. O solo frouxo parecia estranho sob suas botas. Quando fora a última vez que tinha deixado de sentir a textura de asfalto, concreto ou linóleo sob os pés? Quando caminhou ao longo da fronteira com cinco mulheres cujos nomes ela ainda não sabia. Agora era mais agradável.

Em pilhas de folhas molhadas em decomposição, elas encontraram vermes, larvas e criaturas crustáceas que, ambas concordaram, eram mais adequadas às profundidades oceânicas. Descobriram uma montanha de esterco de cervo escalada e minada por uma brigada de formigas vermelhas. O sol estava queimando um buraco no meio do céu, e Natasha se perguntava se as mãos de Dokka eram capazes de fazer *siskal*, uma torta de milho para o almoço. Foi quando a menina parou de repente.

— O que há de errado? — perguntou Natasha.

A garota acenou para uma bifurcação, a vinte metros de distância, onde duas tiras cor de água-marinha jaziam como se fossem faixas do céu no lugar errado. À medida que avançaram, Natasha viu que as tiras cor de água-marinha não pertenciam ao céu, e sim a pernas de calças azuis recheadas de

palha.

— Um espantalho? — continuou Natasha.

A camisa desbotada do Exército Vermelho definhava acima das calças. Nove soldados tinham vivido e morrido naquela camisa. O espantalho, bêbado, a julgar por sua espinha dorsal feita de um tronco de bétula, havia sido decapitado. Pregada na árvore, onde a cabeça deveria estar, havia uma placa devorada pelo musgo.

— Não — respondeu a menina. — É Akim.

— Quem é Akim?

Jovem demais para explicar em palavras, o rosto da criança era velho o suficiente para demonstrar a perda que aquele nome significava. Natasha, sem entender o sentido daquilo, ficou brevemente irritada, acreditando ser um desperdício gastar compaixão com um espantalho quando havia formas de vida mais dignas, mas, afinal, quem era ela para julgar como uma menina expressa sua empatia. Ela envolveu Havaa com o braço. A omoplata inteira da garota cabia em sua palma, e Havaa estendeu a mão e agarrou seus dedos. Se Akim pudesse ter visto as duas, ele teria implicado com elas por semanas.

* * *

Após o jantar naquela noite eles receberam um homem, alto, magro, de barba, e em cuja presença Dokka se tornou distante. Seu nome era Akhmed. Ele perguntou sobre o hospital, mostrando especial interesse no processo de contratação. O hospital não tinha aderido àquelas formalidades mesmo antes da chegada de Natasha — ela nunca fizera um curso de primeiros socorros, confidenciou —, e, se ele ainda quisesse trabalhar lá, Sonja Andreyevna Rabina com certeza o contrataria. O brilho que crescia por trás de seus olhos se desvaneceu quando ela acrescentou que nenhum empregado do hospital recebia um salário havia muitos anos. E então ele fez uma pergunta estranha: ela já tinha usado fio dental para dar pontos? Natasha estava questionando a sanidade de Akhmed quando ele descreveu um comandante de campo rebelde que, dois anos antes, chegara à vila com o peito suturado com fio dental. Poderia ter sido Sonja, disse Natasha, ela seria capaz de costurar um leão nas costas de um gnu. Ele nunca vira costura mais bem feita com nenhum outro material, fio dental muito menos, e podia recordar vividamente os vinte e três pontos ao longo da ferida curva, que o comandante chamara de o sorriso em

seu peito, e a recordação havia o perseguido, fazendo com que se lembrasse das inesperadas maravilhas que uma mente capaz pode conceber. Natasha concordou com sinceridade, e encorajou-o em seu equívoco de que Sonja operava milagres, todavia não agiu assim por maldade, mas por um orgulho crescente que se estendia pelos onze quilômetros até sua casa.

Dokka não dirigiu uma única palavra a Akhmed, nem mesmo de saudação nem de despedida, e quando o homem saiu, Natasha perguntou se ele tinha sido convidado.

— Ele vem uma vez por semana — explicou Dokka. — Normalmente quando há viajantes hospedados. Gosta de conversar com as pessoas, receber notícias de fora. E ele ajuda com as tarefas para as quais as mãos de Havaa são pequenas demais. Cortando lenha e coisas do tipo.

— Mas você não se importa com ele?

Dokka deu um sorriso triste.

— Ele já foi meu amigo mais próximo. Dói-me não poder recusar sua ajuda.

No quarto, Natasha despiu-se sob o olhar curioso da menina.

— Eles levaram você para Landfill também?

— Não — respondeu Natasha.

— Então por que existem marcas em seus ombros?

Instintivamente, ela virou-se e cobriu as cicatrizes nodosas. Umas três dúzias marcavam-lhe o ombro esquerdo e o pescoço, e se Sergey não tivesse adotado o chiclete de nicotina, haveria mais umas três dúzias.

— Não é nada — disse ela, vestindo depressa uma camisola. — Dormi no sol uma vez. Não consegui dormir de costas durante meses depois disso. Apenas uma lembrança da minha tola versão mais jovem.

Depois de escovar os dentes, ela perguntou:

— O espantalho caminhou sozinho até a floresta?

— Eu o ajudei — gabou-se a menina.

— Ele devia ser pesado.

— Levei três dias. Arrastei-o ao longo da estrada e o escondi a cada noite para que ninguém o levasse.

— Por quê? — perguntou Natasha.

— Por Akim.

— Você o mencionou mais cedo. Quem é ele?

— Ninguém, na verdade.

— Ele é como um amigo imaginário? Minha irmã e eu, quando éramos

crianças, fingíamos ter uma irmã imaginária.

— Não! — retrucou a menina, horrorizada com a sugestão. — Akim não é imaginário.

— Sinto muito, só estava perguntando.

— Você é má.

Natasha se sentiu como se tivesse entrado em um país estrangeiro, cujos costumes e maneiras ela não compreendia, onde seus gestos de preocupação eram tomados como afrontas. O zíper da Samsonite ainda estava aberto quando ela pegou suas meias de lã para dormir e, através da abertura, viu o chapéu preto de pele falsa do quebrador de nozes do guarda do Palácio de Buckingham. Sem parar para considerar os milhares de quilômetros que aquela lembrança já tinha viajado, ou que poderia precisar daquele totem para arranjar força nos dias de incerteza, ela puxou o brinquedo da mala e o apresentou à menina como consolo.

— Aqui — disse. — Um souvenir.

O quebrador de nozes era tão largo quanto a mão de Havaa e duas vezes mais longo. Enquanto ela o estudava, a curiosidade consumiu sua raiva.

— Quem é este? — perguntou.

Qual era o nome que elas tinham dado àquele pequeno homem de madeira que nunca ria? Ela deitou-se, com mais medo de perder o nome do que o quebrador de nozes em si, mas ali estava ele, anos desde que o pronunciara pela última vez e ele estava bem ali.

— Alu — disse.

* * *

Cinco noites e os refugiados prometidos por Dokka ainda não tinham chegado; na manhã do sexto dia, Natasha avisou que estava partindo. Após o café da manhã, Dokka pediu-lhe que o acompanhasse até o quarto. Seis fitas estavam enroladas em torno dos seis puxadores das gavetas, e Dokka encaixou o punho no primeiro deles, abrindo uma gaveta que continha joias, moedas estrangeiras, relógios de pulso e carteiras, uma versão mais extravagante da coleção de sua filha.

— Bem ali — disse ele. — Está vendo o lenço vermelho? Pegue-o.

O lenço estava enrolado em torno de um objeto em forma de L. Seu peso confirmou o medo de Natasha no momento em que ela o ergueu.

— É uma pistola Makarov semiautomática — disse ele. — Você apenas solta a trava de segurança, aponta para o alvo e dispara.

Com exceção do punho bege, a arma era prateada; uma nuvem passageira embaçou seu brilho. Ela vira armas na televisão e no mercado, nas mãos de rebeldes, soldados e bandidos, apontadas para ela no Parque Municipal e no cativeiro, o Ponto de Partida, mas nunca estivera daquele lado do gatilho antes.

— É muito mais provável que eu dispare contra a minha própria cabeça do que em qualquer um em que eu mire — observou Natasha. Ela não queria a arma e deixou isso claro, contudo ele insistiu, dizendo que a camarada Makarov a manteria segura nas estradas perigosas. — Você arma todos os seus convidados? — perguntou com um sorriso.

— Você é a primeira.

— Por quê?

— Depois que perdi meus dedos, pensei que Havaa deveria aprender a atirar. Mas quando penso nela atirando em agentes federais, e no que viria depois... Ela sabe correr. É melhor se não tivermos a arma.

— Mas por que dá-la a mim?

— Porque quero proteger a pessoa que me deu Havaa.

Ela não conseguiu pensar em nenhuma contestação. Akhmed insistiu que Natasha mantivesse a pistola em seu corpo, e a arma pressionou seu seio esquerdo quando ela abraçou Havaa na despedida. A menina agarrou-se aos seus dedos, e Natasha acenou para os dois a distância, com gratidão, e correu para a gélida luz do dia antes que as afirmações de afeição de ambos a enfraquecessem. Os saltos de sua bota machucavam seus tornozelos, mas ela não pararia para calçar meias extras antes que tivesse se afastado o suficiente da casa de Dokka para eliminar a possibilidade de retorno. A floresta, os tijolos e as construções de concreto já pareciam menores quando ela chegou ao extremo sul da vila. Um restolho de grama morta enchia os campos sem pasto. A floresta se fechava em torno da estrada. Pendurado em uma árvore estava um último retrato, uma mulher de cabelo comprido e escuro e nariz aquilino, que Natasha reconheceu, mas não conseguiu identificar. De todos os retratos da vila, aquele era o mais detalhado e cuidadosamente estudado. Em seu centro, que de outra forma pareceria sereno, os lábios da mulher estavam abertos, apenas um centímetro, revelando não mais do que uma lasca de sua língua, o quadragésimo segundo retrato, se Natasha tivesse contado, o único cuja modelo abria a boca em um discurso ou suspiro, uma palavra falada e

ouvida por toda a eternidade, ou uma expressão de desejo, embora se este pertencia à mulher ou ao artista, Natasha não saberia dizer. Ela olhou para o retrato por alguns minutos antes de compreender, tardiamente, por que o rosto lhe parecia tão familiar. Talvez aqueles olhos do tamanho de castanhas a reconhecessem. Natasha estava, afinal, usando o vestido de gestante daquela mulher.

Ela havia percorrido vinte quilômetros quando o sol se pôs. Tinha esperança de chegar a uma vila onde pudesse desfrutar de um fragmento da hospitalidade de Dokka, no entanto os restos revolvidos de acampamentos madeireiros eram os únicos sinais de habitação anterior. Todo o resto era mata. Natasha entrou tão profundamente na floresta que nem mesmo o vislumbre de uma fogueira podia ser visto a partir da estrada. Relembrando as lições do Profeta do Parque Municipal, criou uma fogueira com galhos secos e folhas mortas. Dokka dera-lhe uma ração da série G-4, da ajuda humanitária: uma lata de carne processada e três latas de leite evaporado, que é como o leite condensado, apenas sem açúcar e com menos concentração de água. Os agentes que distribuía a ajuda da série G garantiam que era comida suficiente para sustentar um homem de estatura e peso médios por três dias, corroborando assim a suspeita de longa data de Natasha de que todos na Rússia eram anões ou idiotas. Ela preparou o leite com água do cantil, agitando a mistura até que transbordasse em bolhas brilhantes e aquecidas que envolveram o bocal do recipiente como ovas douradas. Na hora de dormir, apagou as chamas e, como o Profeta do Parque Municipal havia lhe ensinado, estendeu o saco de dormir sobre o chão chamuscado para aquecer agradavelmente seu traseiro enquanto adormecia.

No dia seguinte, Natasha caminhou dez, vinte ou quarenta quilômetros. No outro dia, talvez mais, talvez menos. Mil vezes ela considerou voltar atrás, contudo o bufar de cada nuvem na Chechênia não era mais sombrio do que uma tarde no corredor do hospital, lutando contra os dez passos até o armário do refeitório. E, meu Deus, a mala Samsonite, por que tinha achado que aquilo seria uma boa ideia? Cascalho e terra ficavam presos nas rodas à medida que ela deixava de ser mala com rodinhas e se tornava uma mala de arrastar e, depois, uma bigorna com uma alça retrátil. Que tipo de louco apareceria em um campo de refugiados com uma Samsonite? Ela havia empacotado tanta energia emocional naquela mala que não havia sobrado nenhuma para avaliar o que fizera a Sonja.

A cada dia as montanhas se tornavam mais altas. Campos de filtração e

postos de inspeção eram abundantes, a maioria deles ocupada por jovens soldados tímidos demais para investigar o movimento na floresta. Mas na noite do quarto dia, carregando sobre os ombros todos os vinte e oito quilômetros de cansaço, Natasha chegou a um ponto de filtração maior e mais bem iluminado do que os outros. O alambrado, coroadado com arame farpado e se estendendo ao longo da pastagem até a floresta, a impediu de fazer o habitual contorno. Se tivesse alcançado o posto quando o sol aquecia seus ossos, poderia ter voltado e tomado a estrada de ligação pela qual passara duas horas antes. Se fosse verão, e o chão não precisasse ser aquecido e seco pelo fogo, ela poderia ter se abrigado na mata e esperado a manhã para iluminar suas opções. Mas não era mais cedo naquele dia, nem mais cedo naquele ano. Era noite; estava frio; seus ossos a odiavam, ela só queria chegar ao outro lado, aquecer a terra e dormir, dormir e dormir. Além disso, era uma refugiada se dirigindo a um campo de refugiados e, em sua exaustão, acreditava que os soldados honrariam o direito internacional garantindo seu salvo-conduto.

Um halo de holofote a cercou; se ele a guiava ou a seguia, ela não saberia dizer. Um megafone exigiu que mantivesse as mãos à vista. Fadiga e pressa haviam obscurecido seu julgamento, e só agora, enquanto caminhava no círculo brilhante com um braço levantado e o outro puxando a mala, Natasha começava a se preocupar. Ela imaginava que meninos com saudades de casa, há um ano fora da escola, seriam os responsáveis pelo ponto de filtração, como havia sido nos outros. No entanto, quando viu as tatuagens de prisão em suas mãos, quando o oficial de óculos franziu a testa para a nota de cinquenta rublos que apresentou em vez de um passaporte, ela percebeu seu erro, sem nenhuma dúvida. Eles eram *kontraktniki* e aquela era a linha de frente, e não um posto de inspeção. A Makarov pesava mais a cada segundo sem ser descoberta. Os homens consideraram seus absorventes higiênicos suspeitos o suficiente para serem inspecionados, mas ainda não a tinham revistado. Reuniram-se em torno de seu despertador portátil como membros de uma tribo que não compreendiam o que era aquilo. O tempo todo a arma pesava mais em seu peito.

Natasha levou sua mente à clínica de mulheres em Roma, que, apesar de todas as calúnias que ela própria lhe lançara, estava em sua memória como sinônimo de resgate. Seu sangue foi colhido e filtrado através de uma máquina de venda automática que tremulava com números vermelhos e amarelos. Os resultados de seus exames foram positivos para uma meia dúzia

de doenças sexualmente transmissíveis, as quais soaram como termos de geometria. No grupo, ao ouvir as confissões de mulheres que sentiam falta de seus cafetões, que estavam aterrorizadas com o que suas famílias diriam, que não dormiam com medo de acordar no bordel, ela acenava com a cabeça em concordância. Estranhas da Polônia, Turquia e Sibéria tinham falado com sua voz. Sua esperança de resgate levava muito tempo para morrer. Tinha sobrevivido ao Ponto de Partida, a Kosovo, aos espancamentos, aos estupros e à heroína. Sobrevivera mais do que a negação e a indignação, mais do que três de seus dentes. Sobrevivera até o dia em que a carteira de um sujeito caiu de suas calças, abrindo-se no chão. O envelope de plástico transparente continha o retrato de um menino e uma menina vestidos com suéteres iguais, sorrindo meio sem jeito. Ela implorou para que ele, um pai, um homem de família, a resgatasse. Mas ele simplesmente a olhou como se ela lhe pedisse para que espetasse penas em seus braços. Quando sua vez chegou, ela contou às outras mulheres e elas olharam-na e assentiram.

Mas o resgate era outro país, e ela não sabia se chegaria lá. Os soldados continuavam desembalando e desdobrando, desatando e desembulhando, enquanto em seu peito a Makarov cresceu até se tornar uma Kalashnikov, e depois um lançador de foguetes Katyusha. Os soldados estavam arrancando as rodas de sua mala e ainda não haviam tocado nela. Quando apertou seu lenço de cabeça, ela por fim compreendeu. Os soldados achavam que ela era uma típica mulher chechena.

Um oficial mais velho, perfumado com loção pós-barba suficiente para inebriar seus inferiores, saiu do banheiro externo camuflado que servia como escritório do posto de inspeção. Estrelas douradas brilhavam de suas dragonas. Uma águia de duas cabeças estava empoleirada em seu prendedor de gravata. Tinha o cabelo repartido acima da orelha esquerda e emplastrado através do cocuruto calvo. Nada escapava a seus grandes olhos azuis. Os soldados se dirigiam a ele como coronel.

— Peço desculpas pela inconveniência — disse ele, em russo perfeito. — Você estará em seu caminho em breve.

Ele deu uma ordem em voz baixa aos soldados. Natasha não teve nenhuma razão para duvidar dele quando os soldados, obedientemente, começaram a dobrar as roupas e amarrar sua mala com barbante.

— Por aqui — disse o coronel. Guiando-a pelo braço como um cavalheiro, ele a levou para a floresta. — Você precisa assinar alguns papéis antes que possamos deixá-la passar. Infelizmente, eles estão em um posto avançado

localizado a meio quilômetro a oeste de onde estamos.

Natasha não sabia em que passo a verdade se cristalizou em sua mente, se foi no quinto passo ou no sexto, no oitavo ou no décimo oitavo, mas muito antes de chegarem à floresta, ela sabia o que aquele homem faria com ela. O coronel, um homem que colocava a culpa das guerras no fato de a sua primeira esposa ter vivido ali, ainda não decidira.

Durante todo o caminho, ele falou no tom meloso e compreensivo de alguém tão frustrado com a burocracia quanto ela e que, evidentemente, deixaria uma refugiada tão doce atravessar sem empecilhos porque a decisão era sua. Ele não enrolava as palavras. Seu braço segurava o de Natasha com tanta gentileza que ela queria acreditar que eles estavam de fato caminhando em direção a um posto avançado repleto de papelada dentro de uma floresta. De vez em quando, ele estourava o chiclete.

Quando chegaram ao limite da floresta, o coronel a mandou parar. A luz do ponto de filtração brilhava em seus olhos, porém eles estavam além até mesmo daquela sociedade questionável. Ele desamarrou seu lenço e deslizou os dedos pelos cabelos de Natasha. Sua primeira esposa fora a primeira de cinco. Cada uma delas tinha encontrado as outras depois de seus divórcios e juntas haviam reconstruído suas vidas. Suas cinco esposas seriam damas de honra nos segundos casamentos umas das outras. Seus filhos com os segundos maridos seriam batizados juntos e, muito mais tarde, dois de seus trinta e nove netos se uniriam em um casamento que não acabaria em divórcio. A amizade de suas ex-mulheres era a única coisa decente que o coronel criara em seus quarenta e sete anos.

— Tire a roupa — instruiu ele, com cansaço, como se aquela fosse mais uma tarefa que os burocratas lhe exigiam.

— Não — disse Natasha. Ela nunca tinha se negado a um homem daquela maneira. Sua boca secara e seu corpo inteiro cantarolava quando ela falou novamente. — Não.

— Tire — repetiu o coronel.

— Não.

A parte de trás da mão dele atravessou o rosto de Natasha com um tapa violento. Ele massageou os nós dos dedos. Se ele estivesse irritado ou excitado, ela poderia ter se rendido, entretanto seu rosto não revelava nenhuma emoção, nada que sugerisse que qualquer um deles era humano. Em quatro bordéis Natasha conheceu todas as formas de desespero às quais Deus tinha dado testículos, e os únicos homens que não conseguiria esquecer eram

os que precisavam provocar dor em vez de receber prazer. As costas da mão do coronel queimaram contra sua bochecha. Sob aquele cabelo emplastrado, ele era todos os homens do Mediterrâneo dos quais ela ainda se lembrava.

— Está bem — disse ela. — Eu tiro.

Nem mesmo sua rendição acendeu uma centelha nos olhos dele. Ela levou a mão aos botões do casaco. Uma banda marcial se instalara em seu peito. Suas veias vibravam. Natasha desabotoou o sobretudo, mas não iria, nem naquele momento, nem nunca, tirá-lo. Foi preciso toda a sua força para levantar a Makarov do bolso interno do casaco. Sua palma continha a carga de batalhões, a massa de centenas de milhares de membros perdidos, e sua mão não tremia. Ela abriu a trava e apontou a pistola para o nariz dele. A julgar pela expressão do coronel, Natasha poderia estar apontando um biscoito. Ele sorriu. Se ela não tivesse percorrido todas as chamas do inferno, talvez acreditasse que podia perder sua dignidade. Mas ela sabia das coisas, e então ele percebeu que ela sabia, e o olhar penetrante de Natasha esmagou o ar entre os dois e isso foi, para ele, finalmente, o entendimento de que nunca sairia dali.

— Eu... — começou o homem, e ela apertou o gatilho sem hesitar.

Mais do que raiva ou medo ou ódio, Natasha sentiu uma profunda decepção em relação ao coronel por ele falar. Ele deveria ter sabido que palavras não os tirariam da floresta. Ela era má atiradora. Embora tivesse mirado a testa do homem, a bala correu pelo lado esquerdo de seu crânio. Seu ouvido foi arrancado como se estivesse preso por barro úmido. Muco escorreu de seu nariz e se derreteu em suor, sangue, lágrimas, e tudo o mais que o luar colou em sua pele. Ele guinchou, e ela sorriu para os grandes urros que ele tinha escondidos no peito. A dor quebrou o registro de sua expressão adulta, saindo de seus lábios no grito estridente e familiar de uma criança. Natasha ajoelhou-se ao lado dele. Inclinou-se em direção ao seu rosto. Seus gritos se elevaram em explosões de vapor quente que lhe saíam dos lábios. Então era assim. Aquilo era tudo o que se pode fazer uma pessoa sentir. Natasha não sabia que ela era o mais profundo sonho realizado de cinco mulheres a meio continente de distância. Apertou a pistola contra a têmpora do coronel e olhou para a enorme ferida de seus olhos com a integridade de alguém que faz justiça a um estranho. Natasha foi paciente. Ele olhou para ela, e ela esperou até que o terror do que estava por vir dissolvesse as pedras que eram seus olhos. O sangue borbulhava da abertura que fora o ouvido dele, mas seu cabelo, repartido logo acima, não saiu do lugar.

— Você vai ter que entrar na floresta sozinho — disse ela. Ele agitou violentamente os braços antes de três apertos no gatilho acalmarem-nos para sempre. Um silêncio se seguiu. Natasha fechou os olhos. Suas mãos, por fim, começaram a tremer.

Depois, sons de passos correndo, gritos de *coronel*, círculos de tochas vasculhando o chão. Os galhos sem folhas gesticulavam receptivamente. Ela poderia fugir, mas quanto tempo duraria? Algumas horas? Um ou dois dias, no máximo, até que cães farejadores reconhecessem seu cheiro pela Samsonite e a encontrassem? Não, ela estava farta de se esconder, farta de barganhar. Sabia disso desde o momento em que pegara a pistola. Viver com dignidade requeria uma morte prematura. Um dos círculos das tochas em movimento iluminou os dedos do braço estendido do coronel. Minutos depois, outra luz caiu sobre eles, e dessa vez Natasha e o coronel não passaram despercebidos. Os gritos de *shahidka*, *shahidka*, fizeram-na sorrir. Ela se manteve firme, apoiando-se contra um carvalho, e conseguiu atirar mais duas vezes antes que uma rajada de metralhadora abrisse sua barriga e a fizesse cair de joelhos. Era para doer, mas tanto assim? As mães de primeira viagem diziam que doía mais do que tinham imaginado. E valia a pena, ela perguntaria. Ah, sim, responderiam elas. Ah, sim. A luz da tocha caiu sobre ela de novo. A segunda bala fez um buraco em seu peito, e Natasha sentiu seu fôlego partindo, porém nem a terceira, nem a quarta, nem a quinta, nem a sexta, nem a sétima, nem a oitava, nem a nona, nem a décima, nem a décima primeira, nem a décima segunda, nem a décima terceira, nem a décima quarta, nem a décima quinta, nem a décima sexta e nem a décima sétima foram vistas, sentidas ou ouvidas.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

O ponteiro das horas chegou às oito, oito e meia, às nove, nove e meia da manhã, e ainda nenhum sinal de Akhmed. A menina perguntou por ele logo que acordou, mas Sonja vinha evitando seu nome como se fosse uma poça na estrada, e elas não o tinham mencionado desde então.

— Falar não leva a nada — dissera Natasha, e por uma vez, em seu coração, Sonja sabia que a irmã estava certa. Era o quinto dia após o desaparecimento de Dokka.

Quando o ponteiro das horas chegou às onze, Sonja foi até o refeitório buscar um copo com gelo para acalmar os nervos e viu um pedaço de papel branco sobre o balcão. *Se você encontrar meu corpo*, estava escrito, *devolva-o para o enterro*. Ela amassou o papel dentro do bolso, mas depois deu outra olhada. O endereço completo era *Estrada da Floresta de Eldár, 38*. A vila de Akhmed. Era aquilo que ele mantinha costurado em suas calças? Dezesseis horas antes eles haviam ficado no leito estreito da maternidade e se abraçado para que nenhum dos dois rolasse para fora. Quando ele se levantou e vestiu as calças, ela notou um pequeno rasgo perto do joelho que ele atribuiu a um fio solto de arame farpado, ainda que ela não tenha perguntado. Sonja desamassou o papel com o polegar. Era a penúltima mensagem que receberia dele. Em uma caixa de sapatos no armário do refeitório, em cima de seis dezenas de outras, sua carteira de identidade seria a mensagem final, embora Sonja só fosse encontrá-la dali a cinco dias.

Com o bilhete agora dobrado no bolso do casaco, ela dirigiu até Eldár. Desprovidas de folhas, as árvores pareciam esqueléticas. Aquele era o caminho que Akhmed percorria para ir ao hospital e voltar de lá. O que ele *percorre*, ela corrigiu, cuidadosa em mantê-lo vivo enquanto podia. Nuvens cortavam o céu. Ramos com grãos balançavam na leve brisa. A floresta tinha invadido muito da terra cultivada, mas quando a estrada fez uma curva através de um campo, ela se deparou com a carcaça congelada do que tinha sido um lobo.

Eldár não era mais do que um pires comparada a Volchansk, o tipo de vila na qual alguém só tropeçaria quando estivesse perdido. Exceto pelos retratos na rua, seu nome era tudo o que a distinguiu de mil outras vilas em ruínas. Ela seguiu os endereços, o que não era muito difícil com tão poucas portas de pé, e estacionou na frente do número 38. Diante da casa de Akhmed, a cinza congelada se estendia além das fundações carbonizadas de uma casa, através do campo e até a floresta. Aquela fora a casa de Havaa, e a constatação puxou um fio de tristeza diretamente de seu estômago. Havaa e Akhmed haviam se tornado reais apenas quando foram arrancados do nada e depositados em sua vida. Ela sabia o que tinha acontecido com o pai de Havaa e sua casa, entretanto ali a menina se materializou em sua mente de um modo diferente. Ela virou as costas para as ruínas.

A porta do número 38 estava pendurada pela dobradiça superior. Quando Sonja entrou, seu estômago se apertou, como fazia toda vez que ela chegava à sala de cirurgia sabendo que não poderia salvar a vida que estava à sua frente.

Durante seus primeiros nove anos, ela viajara para o apartamento de sua avó materna, em Grozny, nas épocas do Natal e do Ano-Novo. A avó mudara-se de Moscou para Grozny no final dos anos 1940, assim como outros russos étnicos enviados para repovoar a república após a deportação, e levava consigo o colchão de penas de ganso, uma herança de seus pais. Os pais daquela avó, os bisavós de Sonja, mantiveram o colchão de penas de ganso escondido em um palheiro ao longo de anos após a Revolução, quando o preço de possuir tal extravagância teria sido nove gramas de chumbo. Os pais da avó haviam perdido para o estado quase tudo de valor menor do que suas vidas: a terra, a casa da fazenda, quase todos os móveis e roupas, até mesmo o burro a que tinham dado o nome de Vladimir Ilyich. Durante tudo aquilo, o colchão de penas de ganso permaneceu sob o palheiro, que nem os comissários, nem os agentes federais de Cheka tinham pensado em perturbar. Quando se mudaram para Moscou, eles valorizavam seu colchão resgatado como uma lembrança feliz do que a vida fora antes de um grupo de homens furiosos e cheios de pelos faciais terem se dignado a liberá-los. Mesmo no Grande Expurgo, quando deixavam o colchão oculto debaixo da cama e dormiam sobre uma esteira fina de palha, eles o tiravam em aniversários e datas especiais para se recordarem de como a vida já tinha sido um dia. A avó de Sonja foi concebida naquele colchão, nasceu naquele colchão e, sessenta e quatro anos depois, morreu naquele colchão. Por sua longa vida, uma existência que sobreviveu à União Soviética, o colchão manteve o cheiro

úmido do palheiro. Ele marcou os primeiros nove dezeros de Sonja, e agora, em seu trigésimo quinto, ela abriu a porta bamba da casa de Akhmed e lá dentro encontrou o cheiro do colchão de sua avó.

A sala de estar fora violentamente revirada. Uma estante caída estava encostada no divã. No chão havia doze círculos do tamanho de moedas ligados por eixos delgados de luz a doze buracos de bala no teto. Ela chamou por ele, mas a casa não respondeu sequer com um eco. Uma trilha de vidro levava à cozinha, onde a chaleira e duas latas de leite em pó eram os únicos recipientes intactos. No quarto, um corpo descansava sob os lençóis. No chão, ao lado da cama, havia uma agulha hipodérmica. A esposa de Akhmed, deduziu Sonja. Ela abaixou devagar o lençol. Por força do hábito, sentiu-lhe o pulso. O cabelo da mulher tinha cheiro de pera. Suas mãos eram lisas, sem calos, bonitas. Pressionando as pontas dos dedos na testa da mulher, ela se viu, pela primeira vez em muitos anos, diante de um cadáver sem sentir culpa, como alguém de luto, e não uma cirurgiã fracassada. Sonja não sabia qual era a cor ou a comida favorita da mulher nem se ela havia, quando criança, preferido a companhia do pai à da mãe; ela não conhecia o som da voz da mulher, se era baixa como seu corpo sugeria ou muito mais alta, elevando-se enquanto sua carne encolhia. Ela não sabia nem seu nome. Mas sabia que ela possuía um marido e que ele fora um homem decente, sim, *fora*. Akhmed morreu no momento em que ela viu sua esposa na cama. Ele não voltaria. Qualquer um que chegasse àquela casa depois encontraria os efeitos desastrosos do que acontecera ali, o caos, e não veria a maneira como Akhmed tinha vivido; um estranho, um refugiado, descobriria aquele lugar e nunca o homem e a mulher a quem ele pertencera.

A médica encontrou uma vassoura e uma pá de lixo no armário da cozinha e varreu os pratos, potes e xícaras quebrados. Endireitou as estantes da sala e, sem saber como Akhmed ordenava os livros, organizou-os em ordem alfabética. Limpou os resíduos de gesso soltos pelos tiros e pregou uma placa de madeira sobre os furos de bala. Esfregou a sujeira preta da pia com palha de aço. Por mais de duas horas, arrumou a casa. Havia tão pouca coisa nos cômodos que foram rapidamente restaurados, e no início da tarde ela não teve escolha a não ser enfrentar o quarto. A poeira cobria a cômoda, alastrava-se pelo chão, revestia o quadro com a fotografia do casamento deles. Ela puxou um punhado de meias esportivas brancas da gaveta.

— Você se importa se eu pegar isto emprestado? — perguntou, e tomou o silêncio como permissão.

Sonja limpou a cômoda, o chão, o peitoril e as vidraças das janelas. A borda da cama, o aro do lampião e os livros empilhados ao lado da mesa de cabeceira. O *Khadji-Murát* estava entre eles e ela o separou sabendo que dessa única vez quebraria sua política de longa data contra finais tristes. Em uma das gavetas da cômoda, encontrou dezenas de retratos desenhados com carvão da mulher agora morta na cama. Nos desenhos, suas bochechas estavam mais cheias, os olhos, abertos e claros. Em todos, ela sorria.

Quando terminou de limpar a poeira, Sonja voltou sua atenção para a cama.

— Muitas horas depois da morte, o esfíncter e os músculos da bexiga relaxam — disse suavemente. — Não é certo passar a eternidade com roupas íntimas sujas. Vou limpar você, está bem?

Sonja puxou as cobertas e tirou a camisola. Calçando as meias como luvas, lavou as coxas e nádegas da mulher, e depois a vestiu com uma saia bege, um suéter verde e um lenço cor de vinho. Ela parecia um buquê de rosas. Akhmed dissera que sua esposa não andava havia mais de dois anos; então, após calçá-la com o último par de meias limpas, Sonja acomodou os pés da mulher em um par de tênis.

— Agora você pode andar para onde quiser.

Após limpar e vestir a mulher, ela se voltou para o envelope pardo e a pilha de páginas que encontrara escondidos sob o corpo. No envelope estava escrito: *Para K, Estrada da Floresta de Eldár, 56*. Aquele K, fosse quem fosse, morava a apenas algumas casas de distância. Ela separou o envelope e pegou as páginas presas, que pareciam formar uma carta ou o registro de um diário. A primeira frase dizia: *Isto é sobre o seu pai*. Sonja virou para a última página para ler a última frase, como era seu costume, em seguida subiu para o último parágrafo e, depois, para o início da última página:

Há pouca tinta na caneta, até ainda menos energia na minha mão, e chegou a hora. Esta história termina onde você começa. Você nasceu em um hospital. Eu levei sua mãe e seu pai na caminhonete que comprei para o meu filho em seu décimo sexto aniversário. O rosto de sua mãe estava vermelho como a pintura do veículo. Seu pai me dizia para dirigir mais rápido. A maternidade ficava no quarto andar do hospital. Seu pai e eu ajudamos sua mãe a subir as escadas. Quando ela não conseguiu mais andar, nós a carregamos. Ela temia que seus quadris

pudessem esmagar você. Mesmo antes de você nascer, ela se preocupava com você. Era incrível ver seu amor antes de vocês sequer terem se conhecido. Talvez nosso amor mais profundo já esteja inscrito dentro de nós, assim seu objeto não cria uma nova palavra, mas, ao contrário, permite-nos ler aquela já escrita. Por toda a sua vida, mesmo antes de se conhecerem, sua mãe e seu pai guardaram o amor deles por você dentro de seus corações como uma semente guarda uma árvore de carvalho. Você era a chuva e o sol deles, a manhã e a noite.

Na maternidade, a enfermeira acomodou sua mãe em uma cama e eu segurei a mão esquerda dela, enquanto seu pai segurava a direita. O costume diz que um homem não deve estar presente em um nascimento, porém não obedecemos, estávamos lá. Nas janelas de madeira havia desenhos de uma cidade que já não existia. Você nasceu dentro da lembrança de um passado mais amável. Os gritos de sua mãe abriam-lhe tanto a mandíbula que você poderia ter vindo de sua boca. Nunca vi seu pai com tanto medo. Então, você chegou. Estávamos todos lá, esperando por você. A enfermeira segurou você nas mãos. Você não respirava. Prendemos nossa respiração esperando que você encontrasse a sua. E quando sua boca se abriu, e seus pulmões estouraram, sabíamos que eles nunca ficariam vazios. E seu pai, nunca vi um homem mais feliz.

A enfermeira que fez seu parto se chamava Natasha. Após todos esses anos, eu me lembro do nome dela, porque ela se lembrava do meu. Ela havia lido meu livro, Origens da civilização chechena, uma das quatro pessoas que já o leram. Eram dela as primeiras mãos a segurar você. Quando você estava se sufocando, ela lhe ensinou a respirar.

As mãos de sua mãe foram as segundas a segurá-la. Ela olhou para você como se tivesse nascido para você. Entregou você a seu pai. Os cantos dos olhos dele se enrugaram. O coração dele tinha sido a semente. Agora era o carvalho.

Esses foram os primeiros três pares de mãos que seguraram você. Como eu espero que você viva tempo suficiente para que eu nunca conheça os três últimos.

— Qual é o nome dela? — perguntou a enfermeira, enquanto seu pai a segurava contra o peito.

— Havaa. — Ele pronunciou seu nome como o ritmo de um pulso.

Quando o levaram, ele manteve seu nome bem ali em seu peito, e

você estava com ele, mesmo não sabendo. Quando ele chegou ao fim, não morreu. Ele começou a viver em você.

Ela largou a carta. Se seu coração esmagado falou um nome, foi um que ela não reconhecia. Sua irmã havia ajudado no nascimento de centenas de bebês nos sete anos em que trabalhou na maternidade, centenas de Havaas, e eles foram seus pacientes, não seus filhos, nem mais nem menos amados do que as outras vidas que começaram e terminaram, salvas e perdidas, revividas e lamentadas dentro das paredes de granito cinza do Hospital N°6. Mas Sonja não poderia citar os inúmeros outros, não tinha compartilhado com eles um colchão, nem um quarto, nem uma barra de cereais, não reconheceria os rostos na rua, nem no mercado, nem no cemitério, não desejava para eles o que desejava para Havaa, uma necessidade, recém-surgida, de salvar aquela vida específica que sua irmã tinha trazido ao mundo.

Antes de sair, ela inspecionou os cômodos uma última vez. A esposa de Akhmed estava deitada pacificamente, com as mãos ao lado do corpo, os tênis brancos brilhantes prontos para levá-la a qualquer lugar. Sonja apoiou a porta da frente o melhor que pôde e se perguntou quem entraria ali depois dela. A casa vazia se tornaria um paraíso para os refugiados que tinham ouvido falar de um albergue na trigésima quadra da Estrada de Serviço da Floresta de Eldár. Ele nunca mais seria tão limpo quanto na tarde em que Sonja partiu, o que seria de se esperar, uma vez que cerca de três mil pessoas ainda se abrigariam ali.

Sonja dirigiu até o endereço anotado no envelope pardo. Uma caminhonete vermelha estacionada na frente da casa estava mais bem conservada do que qualquer outra na vizinhança. Havia gotas verdes de anticongelante na lama da calçada, cuja neve fora removida pela metade. Ela bateu na porta. Um minuto se passou antes de um homem idoso abrir a porta e olhar pasmo para ela, os olhos atordoados e cheios de tanto espanto que Sonja se perguntou se ele a via como um fantasma.

— Sinto muito por incomodá-lo. Eu e Akhmed somos... — O quê? Chefe e empregado? Colegas? Amantes? Conhecidos de cinco dias? Ela estendeu o envelope pardo. — Amigos. Você é K?

— Khassan — murmurou o velho. Ele pegou o envelope como se não estivesse ali, como se sua mão passasse através do papel, através dela, para a eternidade. — Onde você...

— Na casa dele. Encontrei-o lá. Akhmed foi levado ontem à noite.

— Eu sei. E Ula?

— Ula?

— A mulher dele — disse o velho.

— Ela está lá, mas se foi também.

O velho assentiu com a cabeça, ele mal estava ali. Khassan apertou o envelope pardo e localizou o endereço com o dedo indicador.

— Você está bem? — perguntou Sonja. Parecia que o homem ia cair.

— Obrigado por me trazer isto — murmurou.

Ela estava a meio caminho da caminhonete quando ouviu o envelope sendo aberto com um rasgo. Sua caminhonete estava bem ali, ao lado da picape vermelha, e Sonja só queria ir embora. Aquele envelope continha uma mensagem final, mas não era dela, e ela não queria saber o que dizia. Guardou a carta para Havaa no porta-luvas, entre as cartas de salvo-conduto, sem perceber que estavam faltando duas. Dirigindo para longe, encaixou os lábios ao redor do nome redondo e sonoro. *Ula. U-la*. O nome a fez enrugar os lábios, esperando ser beijada pela resposta. Se tivesse sabido o nome antes, teria vestido a esposa com um vestido e um xale, em vez de uma saia e um suéter, para que ela parecesse para sempre tão elegante quanto o som de seu nome.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Sob as estrelas, sem a interferência de nuvens, vento ou camadas de folhas, o ruído surdo dos motores a diesel murmurou através da janela aberta, onde Khassan esperava e escutava. Quando o relógio da cabeceira marcou meia-noite e quinze, a luz afunilada dos faróis de três caminhões cortou a escuridão. Um minuto depois, na frente da casa de Akhmed, os caminhões estavam estacionados, com os motores em marcha lenta, e os passageiros desembarcaram, os homens das forças de segurança, a quem Khassan, com a cabeça esticada para fora da janela aberta, viu apenas como silhuetas negras iluminadas pelos faróis antes de retornarem à sombra. Era meia-noite e dezesseis. Anos inteiros haviam se passado quando ele tinha tempo suficiente para ignorar a mudança relaxada de um minuto, entretanto agora estava obcecado por cada um deles, este minuto, o próximo, o seguinte, todos eles termos diferentes para a mesma ilusão. À meia-noite e dezessete, as batidas começaram. Khassan não conseguia ver os agentes federais mascarados, primeiro socando e depois chutando a porta de Akhmed, e, àquela distância, as batidas podiam ser confundidas com um ato menos violento, um carpinteiro insone, um casal se aquecendo na cama, no entanto um minuto depois veio o inconfundível estilhaçar da madeira, a torção das dobradiças da porta. Khassan agarrou o peitoril. Não conseguia ver nada, a não ser a pálida luz dos faróis. *Você é um covarde*, disse-lhe Mirza meio século antes, e ele a ouvia como se ela estivesse bem atrás dele. *Você é um covarde*. Mas o que ele poderia fazer? Correr para fora? Argumentar com os homens mascarados que estavam entrando na casa de Akhmed? Na melhor das hipóteses, eles o prenderiam e o levariam para onde quer que estivessem levando Akhmed. Na pior das hipóteses, ambos seriam fuzilados por sua intervenção. E Havaa, o que aconteceria com ela? Seu rosto começou a suar frio e suas mãos se apertaram contra o peitoril. Ele tentou mover os pés para a porta, contudo eles não estavam ouvindo. Nem uma única vez em seus setenta e nove anos, ele havia se sentido mais inútil, mais impotente, com mais medo. *Você é um*

covarde, disse Mirza em seu ouvido, mas ela não sabia o que eles faziam com as pessoas em Landfill. À meia-noite e vinte e um, houve uma rajada de doze tiros, o suficiente para matar doze Akhmeds, todavia nenhuma sombra cruzou aquela ampla faixa de luz dos faróis. Incapaz de ver, incapaz de se mover, ele ajustou o ouvido para a frequência dos ossos de Akhmed se quebrando, sua carne sendo machucada, seus olhos sendo arrancados, seus órgãos sendo rompidos, seus dedos sendo cortados, suas bochechas sendo golpeadas, suas têmporas sendo esmagadas, seu crânio sendo destruído, seus soluços, sua rendição, sua derrota, seus suspiros, seus apelos, suas promessas, suas orações, seus últimos suspiros, suas derradeiras lembranças, do abraço de sua mãe ou da coxa de Ula ou do latido de um cão ou de uma bala correndo através de uma nuvem cor-de-rosa, ao que Akhmed poderia se agarrar enquanto os sussurros cessavam e a ascensão do silêncio começava. A dor de Akhmed seria o único som alto o suficiente para romper o encantamento de Mirza, *você é um covarde, covarde, covarde*, porém Akhmed não deu nenhum grito, não fez nenhum apelo, nenhum pedido de misericórdia que Khassan pudesse ouvir. O único som a escapar da casa foi o do espatifar da louça, os pratos brancos com bordas lascadas, os pequenos pires que Akhmed costumava usar para enganar o estômago, o azul da xícara de chá, aquela com borda vermelha na qual Khassan bebera um chá indiano especial que o cunhado de alguém dera a um deles, e como podia uma xícara de chá se quebrar quando revestida de tantas camadas de recordação, como isso podia estar acontecendo de novo, como Khassan podia estar à mesma janela aberta onde, quatro noites antes, ele havia escutado uma quebradeira idêntica de louças, visto os mesmos faróis que não piscavam, sentido a mesma desgraça rasgá-lo quando Dokka desapareceu? À meia-noite e vinte e sete, sombras se avolumaram em direção ao fluxo dos faróis e entre elas estava uma se debatendo, uma contorção tão fraca que ninguém, a não ser Khassan, reconheceria como Akhmed. Um momento, e a sombra desapareceu mais uma vez na escuridão abençoada, as portas do caminho se fecharam, a acusação de Mirza o prendeu ao peitoril da janela e os faróis puxaram os caminhos de volta ao submundo de onde tinham emergido. Quando o último deles passou pela janela aberta de Khassan, o grito abafado de Akhmed finalmente o alcançou.

O sol já havia nascido quando sua mente se desacelerou o suficiente para se desligar. Khassan cochilou, mas não descansou. Em seus sonhos, vagava pela grama congelada em campos de fitas brancas duras. Ele odiara muito o

Cazaquistão. Nunca imaginou que pudesse se lembrar do exílio como seus anos mais felizes.

Às dez ele acordou, e durante três horas olhou para o teto enquanto reunia coragem para se levantar. A casa estava em silêncio. Ele entrou pelo vão semiaberto da porta de Ramzan, como havia feito dezenas de vezes antes quando tinha algo a dizer ao filho. Ramzan estava deitado na cama, com a boca aberta. Khassan rastejou até a mesa, de cuja gaveta superior retirou o *kinzhal*. Ele o ganhara do pai, e seu pai o recebera do pai de seu pai, e assim foi, um século e meio de pais e filhos. Era a coisa mais antiga que ele já havia possuído, sem contar as árvores no quintal. Perto da alça a lâmina ficara marrom com o sangue de um recruta imperial ou talvez fosse apenas ferrugem. Seu pai lhe ensinara a empurrar a lâmina para a frente e virá-la antes de cortar, no caso de o czar Alexandre II ressuscitar dos mortos para pilhar Eldár.

A borda seguia as ranhuras na palma de sua mão, a linha da vida, a linha do coração. Ele levou o *kinzhal* para a cama e envolveu a lâmina no cobertor para não acordar Ramzan antes da hora. Respirou fundo e o ar o preencheu completamente. A noite anterior era um lugar do qual ele não retornaria. Depois que os faróis se foram, Khassan cruzou e descruzou os dedos, pegou e largou o copo d'água e, em meio àqueles gestos triviais, tinha morrido.

— Você não é nada sem amor, orgulho e família — dissera ele uma vez a Akhmed. Os dois primeiros haviam desaparecido na noite anterior na traseira de um caminhão; ele estava a caminho, manejando a lâmina que logo cortaria o terceiro.

— Já lhe contei a história do filho bêbado do sapateiro? — perguntou, amavelmente. Ramzan não ouvia nada. — Quando eu era criança, nossa vila era atormentada pelo filho de um sapateiro, um rapaz de dezoito anos que causava mais danos materiais do que se poderia esperar de um homem que não conseguia mover os dois pés na mesma direção. O sapateiro era respeitado por toda a vila até que seu filho descobriu os efeitos da *samogon* de beterraba fermentada. A bebida fez de ambos párias, dando razão ao primeiro aforista a afirmar que, assim como o filho herda do pai, o pai herda do filho. Durante anos, o sapateiro apelou ao imã, pediu desculpas aos pais das mulheres que seu filho desonrara e pagou, substituiu ou devolveu bens roubados. Ele se ofereceu para consertar os sapatos de qualquer alma que seu filho houvesse ofendido. Assim foi. Mas chegou um ponto em que a capacidade que o filho tinha de destruir ultrapassou a capacidade que o

sapateiro possuía de restituir. Ele estava em dívida. Metade da vila caminhava sobre sapatos pagos pelas bebedeiras de seu filho. Um dia, o rapaz desapareceu. Ninguém fez nenhuma menção a ele, não houve funeral, nenhuma fofoca de trabalho em uma fazenda coletiva distante, ele apenas sumiu. Um mês depois, meu avô visitou o sapateiro com os anciãos da vila. Levaram-lhe mel e passas e saudaram-no de volta. A mim, ainda menino, foi dito que honrasse e respeitasse o sapateiro, assim como foi dito a todos os moradores, porque ele colocara o bem da nossa pequena sociedade, nosso *teip*, acima do seu próprio. O nome do seu filho tornou-se uma palavra blasfema, apagado da memória coletiva, arrancado até mesmo dos sussurros das mulheres. A história, quando contada, sempre terminava nesse pináculo da honra e do sacrifício. Ela nunca contava como o sapateiro, que não remendou nenhuma outra bota na vida a partir de então, viveu até os noventa e nove anos como um eremita, bebendo até cair todos os dias e noites, sozinho, a não ser pelo fantasma de seu filho, a quem implorava em chamados insuportáveis que eu conseguia ouvir do outro lado da vila. Eles jamais falavam sobre essa parte, sobre quanto tempo se consegue viver com isso. — Khassan segurou os dedos moles de Ramzan. Trinta e dois anos e nove meses haviam se passado desde que ele os sentira pela primeira vez, e eles haviam-no surpreendido, delicados como os pés de um pardal e segurando seu polegar como se este fosse o mais resistente ramo na floresta. — Eles nunca falavam sobre essa parte.

Por dois longos anos, ele odiara a si mesmo por imaginar aquele momento. Desaparecimento após desaparecimento, Khassan computava as vidas que seu filho havia extinguido — e se Ramzan não as tivesse ceifado, ele as espalharia ao vento —, Alman, Musa, Omar, Aslan, Apti, Mansur, Aslan o Hirsuto, Ruslan, Amir, Amir Número Dois, Isa, Khalid e Dokka, adiando essa inevitabilidade até o dia seguinte, até o sumiço seguinte, até que ele viu a sombra de Akhmed espancado eclipsando a luz dos faróis, e soube que o dia seguinte seria o último. Vinte e um anos e cinco meses antes, Ramzan se levantara daquela cama e saíra por aquela porta até a cozinha, sem camisa e com os olhos arregalados de espanto; ele apontava para um único pelo brotando de sua axila, tão emocionado como se tivesse encontrado ali um diamante.

— Você estava certo sobre o toque da trombeta — disse Khassan. O arrependimento já estava lá, uma parede em branco que ele passaria o resto da vida encarando. — Este é o fim dos tempos. Não pode haver nada depois

disso. — Agora que o fim chegara, todo o seu discurso de sacrifícios na montanha parecia absurdo, fantasias grandiosas de um velho confuso. Não havia voz nenhuma no céu.

O peito de Ramzan subia e descia, esquecido da decisão já tomada pela mão que envolvia a sua. Khassan tinha segurado aquele peito quando ele não era maior do que o de um frango, o apertara contra o seu e sentira algo tão terno e precioso passar entre eles que teria feito qualquer coisa por aquele menino. Mas isso? Se o frasco de comprimidos para dormir não estivesse aberto na mesa de cabeceira, ele teria agido com mais presteza. No entanto, considerando as muitas vezes em que havia se apoiado sobre o colchão, ele sabia que os comprimidos manteriam Ramzan em coma até a noite. Ele podia esperar. Agora que tinha, em seu coração, atravessado a fronteira, não importava por quanto tempo cairia antes de chegar ao chão.

— Quero dizer algo a você — murmurou. — Mas não sei o quê. Não sei. — O orgulho não permitiria um pedido de desculpas, nem mesmo agora. — Você é meu filho. Você é meu — sussurrou, como uma mágica, um presente, uma última canção de ninar, uma marca.

A cabeça de Ramzan virou-se suavemente no travesseiro, e quase quebrou Khassan ver aquela faísca de vida. Durma, só mais um pouco, é isso, onde mais você pode ir sem sofrer nem causar sofrimento? Khassan deitou-se na cama e respirou com o filho. Ele seguiu o exemplo de Ramzan. Juntos, aspiraram e expiraram o mesmo ar, sua mão aberta no peito do filho, subindo e descendo naquele silêncio que faziam.

Três batidas acabaram com aquilo. Khassan sentou-se e levou o buraco em seu peito até a porta da frente. Ninguém na vila, nem mesmo Akhmed, tinha visitado a casa desde que o conluio de Ramzan se tornara conhecido. Estariam seus antigos amigos em pé do outro lado, com mel e passas para recebê-lo de volta à sociedade? Vocês estão adiantados, queria gritar. Ainda não fiz nada. Ainda estou subindo para o topo. Ele enxugou a testa com um lenço roxo antes de abrir a porta.

Do outro lado estava uma mulher em primeiro plano contra o céu verde-azulado. Ela usava um casaco acolchoado cinza por cima de um uniforme.

— Sinto muito por incomodá-lo. Eu e Akhmed somos... amigos. Você é K? — Ela entregou-lhe o envelope que ele dera a Akhmed dois dias antes. Seus punhos tremiam quando aceitou; se ele ainda contivesse sua carta para Havaa, ele desistiria. Mas seu endereço estava escrito no envelope pardo com a caligrafia de Akhmed. A correspondência contida era mais fina do que a

sua. — Na casa dele. Encontrei-o lá. Akhmed foi levado ontem à noite.

Aquela sombra se debatendo através da luz para o banco escuro do outro lado. A demência que consumiria sua memória em nove anos deixaria aquela lembrança com ele. Quando tudo mais tivesse desaparecido, os faróis ainda resplandeceriam, eles seriam a luz no fim. Ele mal podia falar, pensar, agir, respirar. O que estava acontecendo? O que era aquilo? Ele descobriu o nome de Ula entre seus lábios. A mulher baixou os olhos e fez um gesto afirmativo com a cabeça, respeitosa, mas firme, talvez acostumada a dar más notícias. Assim que ela se voltou para a estrada, Khassan abriu o envelope pardo com um rasgo, e dentro dele se encontravam duas cartas. Uma fora escrita por um coronel do Serviço Federal de Segurança, a outra, por um comandante de campo rebelde. Cada uma delas dava a ordem de salvo-conduto para seu portador sem nome. A terceira mensagem estava no fundo do envelope, escrita tão levemente em um pedaço de papel que ele quase não a viu. *Perdão*, dizia o bilhete. *Perdão*.

Os cães, cochilando ao lado da casa, esticaram as pernas no chão e se arrastaram atrás de Khassan, Sharik por último, quando ele correu para a casa de Akhmed. Ele segurava o envelope contra o peito, protegendo-o do vento.

A porta da frente estava encostada no batente. Ele passou pelo chão de uma sala de estar limpa, uma estante inexplicavelmente em ordem alfabética, e os cães o seguiram, Sharik por último, porque a porta não fechava, e que importância tinha, eles eram mais limpos do que os últimos animais a entrar ali.

Ula estava completamente vestida sobre a cama desarrumada. Após a última hora assistindo à ascensão e queda do peito de seu filho, Khassan soube de imediato que ela estava morta. Tênis brancos apontavam da barra de sua saia larga, como se na morte ela fosse renascer com boa saúde, receber um novo sistema nervoso e a permissão de uma vida após a morte com maratonas em seu paraíso particular. Ele fechou a porta do quarto, com medo de que os cães pudessem morder o corpo. A batida das garras dos animais fazia tremer as paredes finas. Se ele tivesse que voltar, seria um cão.

Por um momento, parou à porta, surpreso com o cheiro de sabonete. Em seguida, deu um passo adiante. Depois outro. Cruzou as mãos de Ula e pousou-as sobre a barriga. O quarto estava limpo, assim como o corpo, e, embora não pudesse explicar, Khassan não estava surpreso. Um lenço cor de vinho emoldurava o rosto dela. Segurando seu crânio como uma tigela frágil na qual tinha derramado seus bens mais valiosos, colocando os polegares em

suas pálpebras, ele as abriu para a luz morta da tarde. Ela olhou diretamente através dele para os infinitos desdobramentos que finalizavam seus trinta e cinco anos, através dele para o lugar onde logo se encontrariam, quando o sopro do trompetista falhasse, quando ele baixasse as notas da melodia final até o silêncio onde Mirza esperava.

Khassan poderia tê-la envolvido em um lençol branco de malha, o mais próximo de um *kafan*, uma espécie de mortalha, que havia no armário vazio. O corpo costumava ser lavado em água perfumada, mas um mártir era sepultado sujo, com as roupas nas quais morreu. Ele poderia tê-la envolvido em um manto. Ula pesava muito pouco. Até mesmo um homem de sua idade conseguiria levá-la para fora. No quintal, poderia tê-la acomodado em uma almofada de neve. O chão estava congelado. Ele poderia ter fincado a extremidade da pá, entretanto o chão não se quebraria. Khassan não conhecia orações fúnebres, no entanto poderia ter permanecido em silêncio e deixado que os cães, ofegando, marcassem o momento. Ele passara toda a vida enterrando, desenterrando e enterrando novamente os mortos, e poderia ter feito isso mais uma vez. Com a pá rasparia o chão congelado. Uma pá de neve cobrindo seu torso. Três mil anos antes de um império russo existir, tribos indígenas enterravam seus mortos em *kurgans* que se tornaram tão grandes que viraram parte da terra, sobrevivendo à construção e queda de civilizações posteriores. Ele teria pensado nisso enquanto a sepultava. Teria cavado até não aguentar levantar a pá, até o túmulo atingir seu peito, até que abrigasse um monumento que duraria até o degelo da primavera. Mas Khassan não teve energia para fazer mais do que fechar as pálpebras de Ula, afogar o travesseiro debaixo de sua cabeça e virá-la em direção a Meca.

Em casa, ele pegou três conjuntos de roupas. Camadas extras, pesadas, de lã; já não podia contar com o conforto que seu filho proporcionava. Procurou no armário algo para arrumar suas roupas, porém encontrou somente uma sacola de pano. Ele nunca chegou a pensar em substituir a mala marrom depois que a enterrou, não imaginava que deixaria a Chechênia mais uma vez. No centro de sua pequena trouxa de roupas, estava o lenço vermelho-rubi que Mirza desenrolara do pescoço e colocara em suas mãos em uma tarde, havia muito tempo. Na cozinha, ele empacotou as compressas com álcool, as seringas, os frascos de insulina e todos os alimentos que conseguiu encontrar em sacos plásticos murchos. Na mesa da cozinha, as chaves de Ramzan brilhavam no chaveiro e ele as guardou no bolso. Khassan não sabia para onde iria. Tinha viajado pela Polônia, Tchecoslováquia e Alemanha.

Certa vez, dera uma cagada vitoriosa em um vaso sanitário do Palácio do Reichstag. E de lá fora para a estepe cazaque, onde, na linha do horizonte, nada soava mais alto do que o vento. Khassan viajara um quarto do caminho ao redor do mundo sem dar um passo voluntariamente. Aquela era sua casa. Para cada chão de caserna, trincheira enlameada, posto avançado de lona, catre de casamata e campo abandonado em que já dormira, a lembrança da casa era seu único descanso. Ao retornar, em 1956, ele havia jurado nunca mais partir. Seria melhor morrer ali, imaginava, do que suportar outro exílio.

Ele atravessou o corredor até o quarto de Ramzan. Nem o *kinzhal* nem seu menino tinham se movido. Se ele pudesse voltar atrás, abraçaria o filho, o amaria e desataria o nó que sua alma se tornara. Ele encontraria as pontas.

— Por que você é meu pai? — quis saber o garoto em uma tarde de agosto, vinte segundos depois de indagar: — Por que o céu é azul? — e quarenta segundos antes de perguntar: — Por que as pessoas envelhecem? — Eles estavam sentados do lado de fora. Khassan ensinava o filho a comer sementes de girassol sem casca e prendeu a respiração tempo suficiente para a pergunta morrer. — Por que você é meu pai? — indagou novamente o menino.

Isso aconteceu dois anos antes de Ramzan parar de pedir uma bicicleta, cinco anos e três meses antes de parar de pedir qualquer coisa ao pai. Khassan nunca tinha encontrado uma resposta. Se pudesse voltar atrás, criaria uma.

Ele fechou a porta de Ramzan atrás de si. O tempo para respostas havia terminado e a paz da tarde articulava tudo o que queria para o filho. Os sacos de compras, a sacola de pano e as duas cartas de salvo-conduto esperavam na porta da frente, e, quando Khassan os alcançou, uma pergunta o atingiu como uma trombada na parede. Quem era aquela mulher e por que fora entregar-lhe a resposta de Akhmed? Ela sabia que o libertaria do filho? Não importava. Ele sempre se lembraria dela como um anjo vestido de sobretudo e uniforme, enviado para deter sua mão.

Ele trancou a porta e cruzou a neve até a picape vermelha. Os cães o seguiram, farejando o saco plástico com insulina, seringas e coxas de frango. Khassan acomodou as sacolas no banco do passageiro e voltou-se para os cães, seis ao todo, pele e osso, pelo emaranhado, cego, sem pelo.

— Estou partindo — disse. Sua voz falhou com tristeza enquanto os cães inclinavam os focinhos para ele. Matar o filho parecia menos censurável do que abandonar aqueles animais. — Não sei para onde estou indo. Não sei o que vai acontecer.

Lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Dois dos cães correram atrás de um rato ensandecido, enquanto o restante olhou para seu arrasado benfeitor com a mesma incompreensão que havia criado um lar entre as orelhas de Khassan.

— Não posso prometer nada, mas vou tentar cuidar de vocês. Se quiserem vir, eu os levo.

Ele subiu na caminhonete, guardou as duas cartas de salvo-conduto no porta-luvas e ligou o motor. Solto o freio e deixou a picape rodar devagar, esperando para ver o que aconteceria. No retrovisor os cães lambiam-se uns aos outros, caíam no chão e seguiam em um mundo onde ele não estava. O cascalho deu uma rebatida quando Khassan pressionou o acelerador e as orelhas da cadela sem pelo se levantaram, e, no instante em que ela se virou, os outros cães perceberam, e seus focinhos giraram em direção à caminhonete, e eles galoparam como um único animal, um animal com vinte e quatro patas e doze orelhas, correndo para recuperar sua sétima cabeça. Khassan destravou a traseira e, um a um, eles pularam para a caçamba, Sharik por último.

Passando pelos retratos dos desaparecidos, ele os viu como se fosse a primeira vez. Ninguém mais se lembraria do rosto do artista, mas ele, sim. Quando chegou ao fim do quarteirão, continuou dirigindo. Quando chegou ao fim da vila, continuou dirigindo. O vento sacudia as línguas dos cães e eles agitavam maravilhosamente a cabeça. O cume serrilhado das montanhas abria um corte no horizonte, e Khassan dirigiu em direção a ele. Os refugiados que passavam especulavam de modo descontrolado, acreditando em qualquer rumor grande o suficiente para se agarrarem. Ele não sabia o que havia do outro lado. Não sabia que a doença que em nove anos apagaria tudo de sua memória, exceto os faróis, já estava fermentando entre seus neurônios. Não sabia que seu filho viveria sozinho na vila durante três angustiados anos, imaginando o que havia acontecido com o pai e esperando sua volta antes de se mudar para uma aldeia na serra, onde, por mais cinquenta e sete anos, continuaria se perguntando sobre o destino do pai, sem nunca descobrir. Khassan não sabia e dirigia. Ele tinha setenta e nove anos. Estava começando uma nova vida.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

— Se você pudesse voltar atrás, deixaria Londres? — Natasha lhe fizera essa pergunta em uma fria manhã de terça-feira em março de 1998. Elas estavam se dando bem naquele mês, compartilhando as últimas tragadas de um cigarro no estacionamento do hospital enquanto detritos soltos farfalhavam sob um céu de tom muito agradável. — Se você pudesse voltar atrás, deixaria Londres? — Dos milhares de vezes em que havia considerado a questão e ainda a analisaria, aquela tinha sido a única vez em que ela fora articulada como se uma resposta vivesse do outro lado da pergunta. — Se você pudesse voltar... — Houve um tempo em que Sonja se entregava a hipóteses durante horas por dia, traçando o mapa que a levaria até ali. Mas nenhuma vida é uma linha, e a dela era uma órbita irregular em torno de uma estrela negra, uma mariposa circundando uma lâmpada morta, procurando a luz que ela já abrigara.

A visita à casa de Akhmed tinha levado mais tempo do que o previsto, e quando ela estacionou a caminhonete e atravessou o estacionamento, a premonição do desastre iminente a pressionou. Mas a respiração pesada do cochilo de Deshi era o único som na sala de espera. Sonja balançou sua cadeira. As agulhas de tricô começaram a trabalhar em suas mãos antes de Deshi abrir os olhos.

— Alguma coisa? — perguntou Sonja.

— Não, semana calma. O irmão do homem da mina terrestre o levou embora, nosso único visitante.

— Só isso? Nada mais? — Ela segurou a beirada do balcão de registro, onde uma caneta, com a tinta seca havia muito tempo, permanecia amarrada por uma fina corrente de metal. Como que naquele dia, entre todos os dias, as emergências de Deus e do homem podiam ter cessado?

— Nada mais — disse Deshi, sem levantar o olhar da ponta das agulhas. — Nem um único paciente no hospital.

— Poderíamos fechá-lo.

Deshi sorriu, não se passava um dia sem que ela se arrependesse de ter pedido a Maali que buscasse lençóis limpos, não se passava um dia sem que abraçasse Maali em meio aos escombros do quarto andar que ruía, segurando-a como fez na ocasião em que a irmã caiu de um balanço, quatro anos antes das deportações, quando Maali estava chorando e Deshi era a única que sabia como consolá-la.

— Para onde iria? — perguntou Deshi.

— Férias.

— Toda essa instrução e ela, finalmente, diz algo inteligente.

— Não consigo me lembrar da última vez que o hospital ficou vazio.

— Eu também não.

— Isso não vai durar — previu Sonja.

Deshi fez um aceno negativo com a cabeça.

— Por que estragar uma tarde tão linda com uma conversa dessas?

— Só estou sendo realista.

— Aposto que seria realista em um dia de verão também — retrucou Deshi.

— Pensei que você tinha parado de apostar.

— Eu teria gostado de jogar cartas com Akhmed. Arrancaria as calças dele. Acolhendo a pequena alegria daquela conquista, Sonja sorriu.

— Eu teria gostado de ver isso.

— Não acho que o veremos de novo, veremos?

— Não, acho que não.

— É uma pena — disse Deshi. Esse simples epitáfio seria a última coisa que diriam sobre Akhmed. Um dedo se materializava na ponta das agulhas da enfermeira.

— Para quem você está tricotando isto? — perguntou Sonja.

— Nossa jovem amiga. Ela ficou com as mãos enroladas nas mangas a semana toda.

A menina. Sonja não avaliara o que o desaparecimento de Akhmed significava para a garota, que tinha, em menos de uma semana, perdido tudo o que havia conhecido. O dia poupava pernas de explodir em minas terrestres e corações de perecer com infartos, mas não a poupava.

— Onde ela está?

— Eu me aposentei há dez anos — disse Deshi. Outros dez se passariam antes que ela fizesse isso. E depois de mais três, Deshi morreria de câncer na garganta, contudo não antes de se apaixonar por seu oncologista. — Vá

encontrá-la você mesma.

Por fim, Sonja encontrou a menina no quarto andar, com as pernas cruzadas no vão da porta que emoldurava a tela carbonizada da cidade. Sonja sentou-se ao seu lado.

— Sinto muito.

— Ele vai voltar?

— Não sei — respondeu ela, e se arrependeu de imediato, sabendo quanto de falsa esperança se pode cultivar no solo dessas duas palavras. — Provavelmente não.

A menina acenou para a cidade.

— É difícil, Havaa, eu sei. A mesma coisa aconteceu com minha irmã. — Mas aquilo era mentira, não era? Ela falava de Natasha como se a irmã fosse um dos desaparecidos. Sonja queria uma parte do sofrimento nacional, culpar os agentes federais pelo fato de a irmã não amá-la o suficiente para dizer-lhe adeus. Havia, no fundo, uma escuridão inominável em torno da qual ela rondava, mas que não podia tocar. — Não sei onde ela está. Não sei se está viva ou morta. Não sei nada.

— Como fazemos para encontrá-los? — perguntou a menina. Ela levantou o olhar para Sonja como se estivesse oscilando à beira do precipício.

— Não sei, Havaa. Sinto muito. Não sei. Talvez tentando encontrá-los em outras pessoas. Na bondade e na generosidade; essas coisas não desaparecem.

Havaa deu um profundo suspiro cheio de muco. A resposta não era a que desejava, no entanto Sonja tinha aprendido a ser realista quando se tratava de discutir a morte. Ainda que a resposta não distanciasse a menina do buraco que a guerra abria dentro dela, Sonja esperava que fosse suficiente para mantê-la firme.

A garota fez um movimento em direção à mão de Sonja e, sem pensar, a médica sentiu seu pulso. A artéria radial se levantou e se abaixou contra o dedo de Sonja como um lembrete. Ela pressionou a mão na testa de Havaa.

— Estou doente? — perguntou a menina.

— Não, você está com a saúde perfeita. — E quando disse as palavras, elas pareceram um pequeno milagre.

Sonja segurou o punho de Havaa, dobrando a articulação para a frente e para trás. Através do moletom azul desbotado, sentiu a forma dos joelhos e das panturrilhas da menina. Aquelas pernas ficariam de pé e caminhariam e correriam. Aqueles braços se levantariam, abraçariam e soltariam. Aquela pessoa cresceria, se adaptaria e viveria; Sonja tinha certeza disso.

— Sua família não é uma escolha sua — dissera seu pai, para acabar com uma birra muitos anos antes, e sem querer ela continuava descobrindo o que ele queria dizer.

— O que você está fazendo? — perguntou Havaa.

Carretéis de gratidão se desenrolavam de Sonja. Ela era uma idiota por estar tão impressionada com pernas que andavam, punhos que se dobravam, mãos que seguravam. Em vez de explicar, ela se concentrou na sensação de boa sorte, de inegável bênção, para que pudesse retornar depois para aquela lembrança e se maravilhar com o corpo da menina, como aquilo era notável, aquela matéria humana.

— Não tenho ideia do que estou fazendo — respondeu Sonja, e ajudou a garota a se levantar. — Você deixou a mala arrumada para o caso de precisar partir de novo, certo?

Havaa assentiu com a cabeça.

* * *

Meia hora depois, elas deixaram o hospital. Um após o outro, os quarteirões passavam inalterados, exceto pela localização das crateras, da dispersão dos tijolos. Um sinal de mão única apontava para o céu. Três cães negros magros observavam-nas do outro lado do cânion de um porão de supermercado, mas felizmente não as seguiram. Em meio a tudo aquilo a cabeça de Sonja cantarolava. Ela segurava a mala da menina com uma das mãos e a mão dela com a outra. Tentou se lembrar do nome da rua em que morava.

Aquilo era tudo. Marcas chamuscadas espalhadas como enormes conchas pelo chão. Nuvens se aglomerando no horizonte. A terra desnivelada. O pequeno calor que ela segurava na mão. A mão que é sua mão segurando a mão que é a mão da menina. Era isso.

De alguma forma, seus pés se lembravam do que ela havia se esquecido. Eles a conduziram. Seu prédio não caíra. Os tremores das explosões haviam arrebatado as janelas, mas o edifício estava de pé. Elas subiram as escadas.

— Uma boa mulher vive aqui — disse Sonja enquanto passavam pelo andar de Laina. — Talvez você possa ficar um tempo com ela enquanto eu estiver no hospital.

A menina assentiu com a cabeça. Elas pararam diante da porta da frente.

— Não venho aqui há muitos meses — disse Sonja.

Ela abriu a porta. A poeira cobria tudo, menos o teto. Lidaria com aquilo no dia seguinte ou no outro, já limpava o suficiente para um dia. Não se via sinal de arrombamento na entrada. Os saqueadores tinham emigrado havia muito tempo. Sonja acendeu uma vela.

Para o jantar Havaa descascou duas batatas e cortou seus brotos enquanto Sonja encontrou uma bateria de carro com líquido suficiente para ferver uma panela com água e arroz na chapa quente. Enquanto comiam, Sonja descreveu os pauzinhos que as pessoas na Ásia usam para comer arroz. A menina tentou com dois lápis, e, depois de cinco minutos de fracasso, declarou que a Ásia era uma invenção da imaginação de Sonja. Quando terminaram, Sonja a levou para o quarto de Natasha. Por força do hábito, bateu antes de abrir a porta. A cama ainda estava feita. A cadeira repousava em um canto, como se sua dona fosse retornar a qualquer momento para escrever um bilhete, uma carta, uma explicação ou uma desculpa.

— Este é o lugar onde você vai dormir — disse Sonja.

Ela acomodou a mala na beirada da cama e esvaziou a gaveta inferior, onde estavam as calças *jeans* e os suéteres da irmã. Natasha havia levado o suéter cor de vinho que Sonja lhe dera em seu aniversário de dezoito anos, o que ela odiava e nunca usava, e onde quer que estivesse, Sonja esperava que a temperatura caísse o suficiente para que ela o experimentasse.

— Você pode guardar suas coisas aqui.

— Vou morar aqui?

Sonja não tinha pensado tão longe.

— Você quer?

A menina examinou o quarto, inspecionou o armário, olhou debaixo da cama.

— Fico com o quarto todo?

— O quarto todo.

— E não tenho que dividir?

— Ele é todo seu.

Havaa assentiu lentamente com um gesto de cabeça e se inclinou para Sonja, ouvindo o murmúrio de seus órgãos, essas coisas maravilhosas que ignoramos, das quais nos esquecemos e damos por garantidas.

— Vamos lá — disse Sonja. — Você tem que desfazer a mala antes que qualquer uma de nós mude de ideia.

Havaa destravou a mala e tirou pilhas de meias cinza, uma camisola, uma saia, dois lenços, uma calcinha branca estampada com pequenos arcos cor-

de-rosa. Depois, vieram os objetos estranhos e maravilhosos. A certidão de casamento de 1942, dada por um homem e uma mulher que estavam juntos havia sessenta e um anos e já não precisavam do documento. Uma fotografia de um homem magro vestido com um casaco que agora estava pendurado em um armário na Arábia Saudita. O octogésimo primeiro rascunho de uma carta de amor. O selo não carimbado que teria enviado o octogésimo segundo rascunho não escrito. Um livro de orações aberto por duzentas e seis mãos ansiosas.

— O que é tudo isto? — perguntou Sonja.

Em três semanas, quando ajudasse Havaa a construir um estojo para exibir aqueles tesouros, a médica, pela primeira vez, usaria a serra cirúrgica para criar algo.

— Meus suvenires — respondeu Havaa. Ela os acomodou por toda a gaveta com mais reverência do que tinha mostrado por suas roupas. — Dos refugiados que ficaram em nossa casa.

Havia um anel de prata, que tinha feito uma mãe de dois filhos, de trinta e oito anos de idade, se sentir a mulher mais glamorosa em Grozny. Um livro de endereços, que um marido infiel dera a Havaa para que o fantasma de sua esposa não o encontrasse entre seus pertences. Um cavalo-marinho seco, que um pai dera à filha de seis anos em lugar de um pônei. Um chaveiro do Taj Mahal, que um refugiado no sul da Rússia se arrependeu de dar. Um prendedor de gravata, que um cosmonauta levou ao espaço e trouxe de volta. E um quebrador de nozes de um guarda do Palácio de Buckingham.

— O que é isto? — Sonja mal conseguiu perguntar.

— Este é Alu — respondeu a menina. Em três semanas e um dia, com a palma da mão doendo maravilhosamente por serrar madeira, Sonja lhe contaria sobre o Palácio de Buckingham. — Ele é um idiota.

— Quem lhe deu Alu?

— Uma das mulheres que ficaram em nossa casa.

— Uma das refugiadas? — perguntou Sonja. Dali a oito meses, ela começaria a contar sobre Natasha para a menina, e levaria o resto da vida para concluir a história.

— Eu a apresentei a Akim — disse Havaa. — Ela era legal.

— Como era o nome dela?

— Não me lembro. Muita gente ficou em nossa casa.

— Mas você se lembra do nome de Alu.

Em oito anos e meio, ela já teria ensinado à menina cada lição que havia

rabiscado em seus cadernos do ensino secundário. Em dez anos e nove meses, a menina, então uma estudante do primeiro ano de biologia da recém-construída Universidade Estadual de Volchansk, começaria a ensiná-la.

— Alu não foi embora.

— Mas como ela era?

— Lembro que tinha todos os dedos.

— O que mais? O que mais?

Dali a doze anos e três meses, a menina, então uma mulher, acompanharia Sonja em uma viagem de cinco dias a Londres. Quando o porteiro da noite perguntou:

— Sua filha gostaria de um chá de ervas?

Não passou pela cabeça de Sonja corrigi-lo; aquilo não passava por sua cabeça havia algum tempo. Ao fim de cinco dias, elas deixariam Londres. Sonja nunca veria novamente a cidade. Havaa, sim.

— Ela era muito bonita. Eu estava nervosa pois ela poderia não me achar bonita.

— Ela estava feliz?

— Não sei.

— Aonde ela estava indo?

Quando a menina, ela sempre seria a menina para Sonja, fosse para o lago Baikal, onde permaneceria por dois anos para escrever sua dissertação sobre os efeitos da mudança climática nos microrganismos de água doce, Sonja consideraria brevemente a ideia de dormir no hospital. Mas o mundo tinha parado de tremer havia muito tempo, e ninguém toleraria tal excentricidade, nem mesmo da distinta chefe dos cirurgiões.

— Provavelmente para um campo de refugiados.

— Mas onde, qual campo?

— Não sei.

— Pense bem. Onde?

Vinte anos depois, Sonja encontraria o nome de Natasha ao lado do seu, na última frase dos agradecimentos na dissertação de Havaa. A dissertação seria publicada e elogiada; e, em estantes empoeiradas de universidades em meia dúzia de países, as duas irmãs compartilhariam uma vida após a morte naquela última frase, a uma vírgula de distância de Akhmed e Dokka.

— Não sei.

— Ela estava sozinha?

— Sim, estava sozinha.

Dali a vinte e oito anos e sete meses, em uma conferência de limnologia em Colônia, a menina encontraria o homem com quem se casaria nove anos depois. Aos quarenta e seis anos, teria seu único filho na mesma maternidade em que nasceu, um menino para levar adiante o nome do pai de Havaa; dela seriam as segundas mãos a segurá-lo. Aos sessenta e oito anos, carregaria seu primeiro neto, que também ganharia o nome de Dokka; suas mãos seriam as terceiras a segurá-lo.

— E ela foi embora da sua casa?

— Eu disse adeus e ela foi embora.

— Em que direção, então? Em que direção ela foi?

— Estrada abaixo. Só existe uma direção na qual se pode ir.

A menina sobreviveria ao marido, ao filho, a um neto e a cada alma que havia conhecido antes dos onze anos de idade. Viveria mais do que vinte e três de seus dentes, três de seus dedos do pé, um de seus rins e todo o castanho de seu cabelo.

— Então onde ela está?

— Não sei.

— Mas você a viu.

Ela morreria aos cento e três anos, na ala de geriatria do Hospital N°6, em uma sala que fora o escritório do diretor, depois o quarto de Sonja e, finalmente, um quarto comum de hospital, um quarto do qual Havaa se lembraria como muitos milhares de refugiados se lembravam do próprio quarto de infância, um quarto que estava lá quando foi necessário.

— Onde ela está? Por favor, Havaa. Por favor.

A menina entrelaçou seus dedos aos de Sonja. Ela olhou para cima. Seus olhos eram verdes.

— Não sabemos aonde ela foi — respondeu.

Elas nunca saberiam.

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Os homens do Poço B se lembrariam dele como um homem calado, se é que se lembrariam dele. Iriam se recordar de como ele abotoava a camisa com os dedos dos pés, de como aprendera a viver sem os dedos. Ele estava ansioso, com fome e com medo, mas todos estavam. À noite, eles dormiam na neve marrom em pedaços de tapete, placas de madeira compensada, em tudo o que conseguissem encontrar. Embora todos tivessem pesadelos, alguns se lembrariam de como o homem sem dedos repetia *ela está... ela está... ela está... ela está...* antes que outro o chacoalhasse até acordá-lo.

Quatro noites após a chegada do homem sem dedos, outro homem desceu do sexagésimo primeiro degrau. Ele se encolheu próximo ao lado da parede e dormiu. De manhã, o recém-chegado vasculhou os prisioneiros. Seus olhos encontraram os do homem sem dedos no meio da pequena multidão. Ficou claro que eles haviam se conhecido em suas vidas anteriores no sexagésimo primeiro degrau, mas se eram irmãos, amigos, rivais ou inimigos, ninguém poderia dizer. Os homens, os que estavam ali havia meses, tinham visto como Landfill podia distorcer o senso de honra e obrigação de alguém, como naquele submundo até mesmo um rosto odiado era bem-vindo.

O recém-chegado examinou as feridas dos homens, e, embora não fizesse um trabalho muito bom, eles o chamavam de o médico. Era silencioso. À noite, não gritava nem roncava e, durante o dia, era raro responder às perguntas com mais do que um aceno de cabeça. Quando comentaram sobre sua reticência, ele disse que estava praticando para seu interrogatório. Os homens, aqueles que saíam sem os dedos, sem a saúde mental e sem parte de suas almas, mas saíam, conseguiriam se lembrar dos epitáfios esculpidos na parede de barro. Embora surpreendentemente autossuficiente, o homem sem dedos foi incapaz de escrever seu nome. O médico o ajudou. Os dois epitáfios foram esculpidos tão juntos que pareciam um.

Poucos dias depois, o homem sem dedos e o médico foram convocados para o sexagésimo primeiro degrau. O homem sem dedos teve dificuldade

para subir. O médico o ajudou. No dia e na noite seguintes os homens que estavam no fundo do Poço B, aqueles que sobreviveriam e os que não, rezaram no epitáfio do homem sem dedos e do médico. Vinte e quatro horas depois de os dois subirem ao sexagésimo primeiro degrau, os homens do Poço B, aqueles que sucumbiriam e os que não, amontoaram um punhado de barro na parede. Suas mãos estavam molhadas e frias, e eles foram solenes. Quando os nomes dos dois homens foram enterrados, todos sabiam que eles finalmente tinham partido.

Contudo, se eles fossem se lembrar de algo sobre o homem sem dedos e o médico, recordariam-se da conversa inicial, quando ninguém sabia o que os dois significavam um para o outro. O médico se aproximou do homem sem dedos. Por um momento, eles ficaram afastados, um incerto sobre o outro. Então o homem sem dedos abriu os braços, e o médico caminhou até ele, e os dois homens se balançaram enquanto se abraçavam, girando em um *zikr* particular que só eles compreendiam. Ninguém sabia o que fazer com aqueles dois homens que haviam se encontrado na lama de Landfill e começado a dançar. Ninguém nunca vira nada parecido. O médico sussurrou, cauteloso com os outros homens, e ninguém poderia dizer o que se passou entre os dois quando se uniram, se uma confissão, uma história ou um pedido de desculpas. Alguém disse ter ouvido o médico repetir *ela está segura* três vezes, porém o homem que ouviu isso recebia visitas frequentes de seus falecidos sogros e já não confiava mais em seus sentidos. Mas houve algo que todos ouviram e de que todos se lembravam: do homem sem dedos recostando-se nos braços do médico, levantando o rosto e rindo, um som que nenhum deles tinha ouvido em muitos dias, as bochechas molhadas enquanto ele gritava um nome — *Havaa, Havaa, Havaa* —, e aqueles que testemunharam se lembrariam de como ali, no Poço B, um homem que perdera a liberdade e os dedos, e que logo perderia a vida, encontrara naquele nome uma imensa e rodopiante alegria.

Ao escrever este livro usei as fontes relacionadas a seguir, e gostaria de recomendá-las como leituras a todos os interessados na Chechênia ou na Rússia moderna.

Para ter uma noção da vida cotidiana de um cirurgião checheno em tempos de guerra, confiei no magnífico livro de memórias de Khassan Baiev, *The Oath: A Surgeon Under Fire*. O assombroso e angustiante *A Small Corner of Hell: Dispatches from Chechnya*, de Anna Politkovskaya, esteve sempre à mão, e incluí várias de suas historietas em formas alteradas. Baiev e Politkovskaya são dois dos poucos heróis do conflito checheno, e seus escritos são testemunhos essenciais e corajosos.

Para obter descrições e entendimento da Grozny nos tempos de guerra, das deportações e da indústria de petróleo do Cáucaso, recorri a *Crianças de Grozny: um retrato dos órfãos da Chechênia*, de Åsne Seierstad, e a *Allah's Mountains: The Battle for Chechnya*, de Sebastian Smith. Em meu capítulo 12, uma série de descrições da Chechênia entre o colapso da União Soviética e a primeira guerra chechena é retirada das reportagens de Smith; além disso, a tentativa de Sonja de recriar para Akhmed uma praça na Grozny destruída é baseada no relato de Smith sobre uma mulher chechena que fez o mesmo para ele. Tanto Smith quanto Seierstad passaram bastante tempo realizando reportagens na Chechênia e, juntos, seus livros formam um panorama das duas últimas décadas na região norte do Cáucaso.

Ao escrever sobre a *zachistka* me baseei na descrição feita por Andrew Meier do ataque dos aliados russos a Aldy em seu vasto e poderoso *Terra negra: uma viagem pela Rússia pós-comunista*. Enquanto pesquisava para seu livro, Meier viajou da Chechênia ao Ártico, do oceano Pacífico ao golfo da Finlândia, e criou o mais abrangente relato de volume único da Rússia pós-soviética que já li.

Para a jornada de Natasha através das terras devastadas e na Europa Ocidental, utilizei *The Natashas: Inside the New Global Sex Trade*, de Victor Malarek, e *Sex Trafficking: The Global Market in Women and Children*, de Kathryn Farr. Forneceram um valioso contexto histórico e cultural os livros *One Soldier's War*, de Arkady Babchenko, *Towers of Stone: The Battle of*

Wills in Chechnya, de Wojciech Jagielski, *The Chechens: A Handbook*, de Amjad Jaimoukha, e *I Am a Chechen!*, de German Sadulaev. Joseph Barnard Davis e seus 1.474 crânios vieram de *Human Remains: Dissection and Its Histories*, de Helen MacDonald. Tenho dívidas de influência e inspiração com obras de ficção que tratam de desaparecimentos políticos, sobretudo *Rádio cidade perdida*, de Daniel Alarcón, e *Bandeiras pálidas*, de Michael Ondaatje — os dois romances contêm passagens de artistas que criam imagens dos desaparecidos, o que inspirou os retratos de Akhmed. A cena de Sonja com Ula tem uma dívida com “Old Boys, Old Girls”, de Edward P. Jones. O eixo sobre o qual esse romance se apoia deriva de duas narrativas compartilhadas pelas tradições islâmica e cristã — a de um pai a quem foi pedido que sacrificasse um filho, e a de um órfão entregue à família responsável por sua orfandade —, e ao pensar nelas sou grato à elegante tradução do Alcorão feita por N. J. Dawood e a *The New Oxford Annotated Bible*. Finalmente, *Khadji-Murát*, o último e um dos mais poderosos romances de Tolstoi, na bela tradução de Richard Pevear e Larissa Volokhonsky em *The Death of Ivan Ilyich and Other Stories*.

Minha gratidão ao Programa de Escrita Criativa de Stanford, ao Iowa Writers' Workshop, ao Fundo de Literatura Truman Capote e à Bolsa Patricia Rowe Willrich por apoiarem este romance, e às associações de escritores de Bread Loaf e Sun Valley por seus votos de confiança.

Este livro não poderia ter encontrado um editor e advogado mais fenomenal do que Lindsay Sagnette. Meus agradecimentos a ela, Becky Hardie, no Reino Unido, Anne Collins, no Canadá, Molly Stern, Christine Kopprasch, Rachel Rokicki e a todos os outros na Crown. Sou grato a Tom Jenks, Carol Edgarian e Josh Clark da revista *Narrative*, onde Sonja, Akhmed e Havaa apareceram pela primeira vez, e a Olga Zilberbourg, por esclarecer minhas muitas perguntas relacionadas ao russo. E um grande obrigado a Austin Ratner e Christina Minami, brilhantes romancistas e médicos, por apontar minhas muitas imprecisões médicas.

A Chechênia foi totalmente transformada na última década, em grande parte graças aos esforços de uma geração mais jovem determinada a reconstruir a república. Meus agradecimentos a todos aqueles cuja ajuda e hospitalidade possibilitaram minhas viagens à Chechênia. Todas estas páginas não são suficientes para expressar meu apreço e respeito.

Em Stanford, sou grato pelo apoio e comentários de Eavan Boland, Adam Johnson, Elizabeth Tallent e Tobias Wolff, e aos da Stegner Workshop que leram longos trechos deste romance: Josh Foster, Helen Hooper, David Kim, Dana Kletter, Justin Perry, Shannon Pufahl, Nina Schloesser, Justin Torres e Juliana Xuan Wang. E em Iowa: Erika Jo Brown, Scott Butterfield, Ethan Canin, Andres Carlstein, Lan Samathna Chang, Patrick Haas, Michelle Huneven, Allan Gurganus, Alexander Maksik e Elizabeth McCracken. A Jay Muranaka por sua amizade. A Christina Ablaza, aos irmãos Connie, Krystal Griffiths, Deb West e Jan Zenisek por terem as respostas para quase tudo.

À minha família, aos meus amigos de Washington e às pessoas que ainda me conhecem como Hal: obrigado.

Peter Orner, meu orientador de tese, foi a terceira pessoa a ler este romance.

Janet Silver, cujas compreensão e generosidade são sentidas em cada

página, foi a segunda pessoa.

Margaret Reges, a heroína da minha própria história, foi a primeira.

SOBRE O AUTOR

© Smeeta Mahanti



ANTHONY MARRA ganhou o Pushcart Prize, o Narrative Prize (ambos em 2010) e o Whiting Award (2012). Em 2014 recebeu o prêmio John Leonard oferecido pelo National Book Critics Circle, além de ter sido finalista em 2013 do National Book Award e do Flaherty-Dunnan First Novel Prize. Marra tem um MFA do Iowa Writer's Workshop e recebeu uma bolsa Stegner da Universidade de Stanford, onde é professor. Viveu e estudou no Leste Europeu e atualmente reside em Oakland, Califórnia.

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[O primeiro e o segundo dias](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[O terceiro dia](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[O quarto e o quinto dias](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Nota do autor](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)